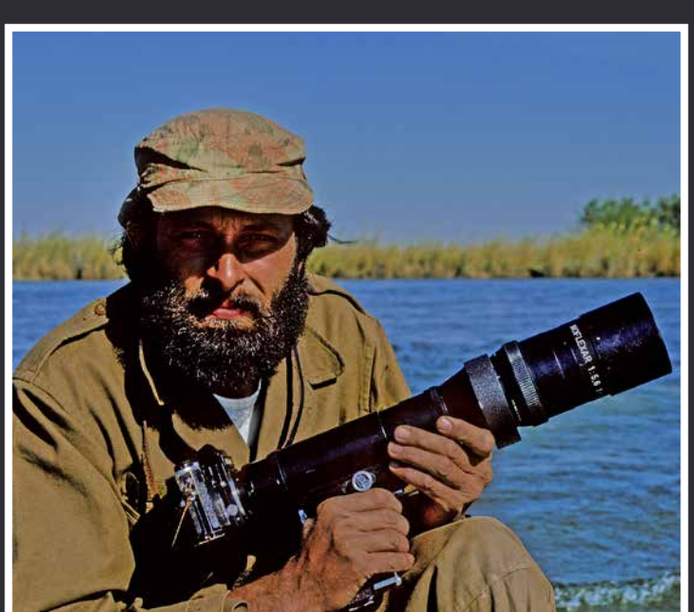
ANGOLA 6

Dever de memória

FOTOGRAFIA

JEAN-CHARLES E
CHRISTINE PINHEIRA

CUBANGO / CUNENE



NO INTERESSE DO LEITOR

Se a algum leitor interessar uma imagem ou um livro completo, terei o prazer de enviar, pela internet o que me for solicitado. É oferta, sem Direitos Autorais, pois o meu interesse é divulgar o que fotografei em Angola entre 1970 e 1975.

Não existe edição em papel – só em digital.

Por estas imagens estarem registadas no COPYRIGHT© qualquer publicação em suporte papel ou na Internet, com intuitos comerciais, está sujeita ao pagamento dos respectivos DIREITOS AUTORAIS.

Jean Charles Pinheira

ANGOLA 6

CUBANGO/CUNENE

TEXTO E LEGENDAS
JEAN CHARLES PINHEIRA
HELDER FREIRE

FOTOGRAFIA
CUBANGO
OLIVIER E JEAN CHARLES PINHEIRA

CUNENE
OLIVIER, CHRISTINE
E JEAN CHARLES PINHEIRA

EDITORA
PALANCANEGRA

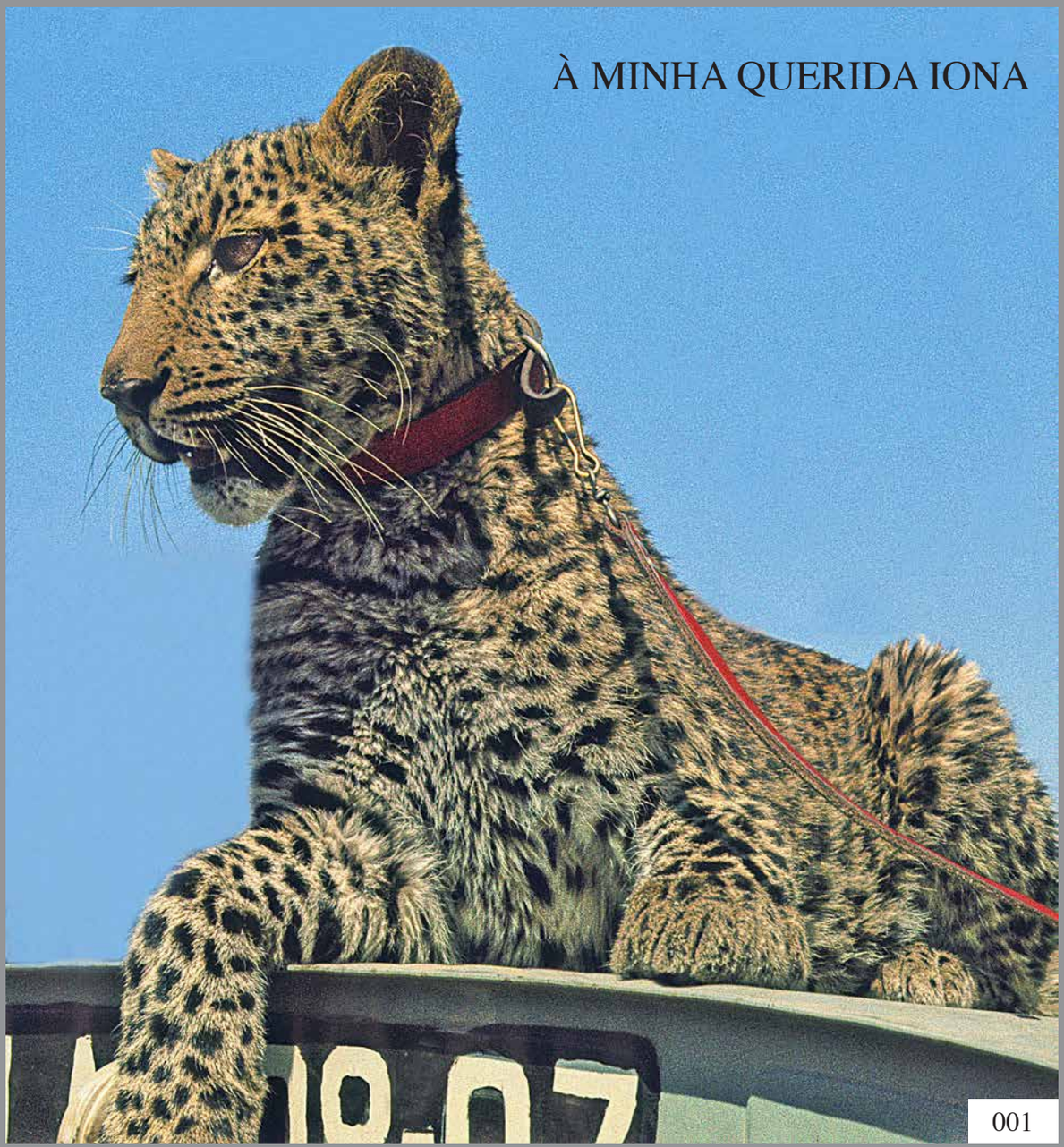
Indice

CUBANGO

006 Texto de Hélder Freire
014 Preparativos para a Viagem
024 O começo da Aventura
040 As primeiras dificuldades
066 Brincadeira com a Iona
090 Encontro com os Flechas
164 Encontro com as populações ribeirinhas
176 Do outro lado do Rio
208 As maravilhosas paisagens do Cubango
236 Acampamentos à noite
290 Pôr do Sol
314 Encontro com os hipopotamos
358 Últimas fotos do Cubango
388 O Adeus ao Cubango

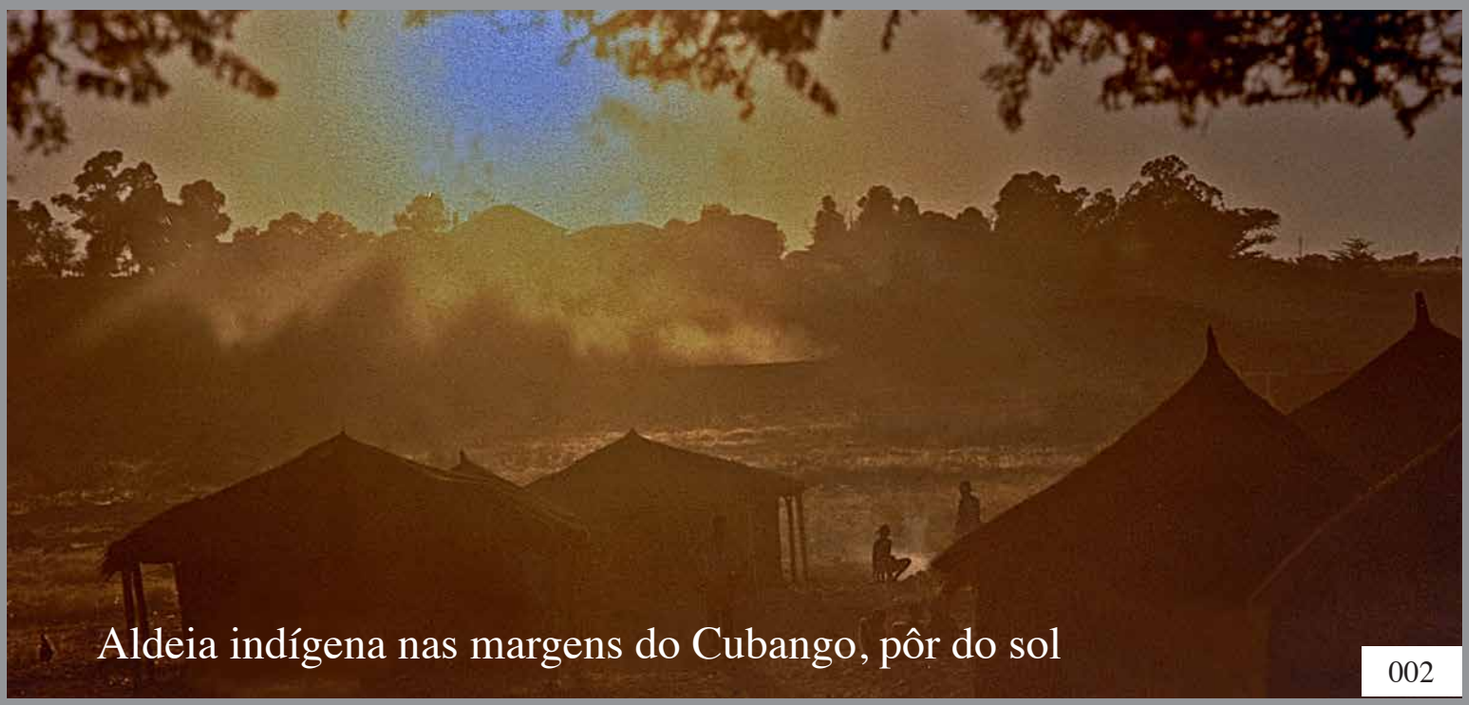
CUNENE

410 Comemeração do evento da descida do Cunene
420 O começo dos problemas
442 A navegação fácil
522 Acampamentos
534 Paisagens do Cunene
552 Quedas do Ruacaná
560 Barragem do Calueque
570 Encontro com os pescadores indígenas
608 Problemas com os botes
616 O Grande Acampamento
632 O Pesadelo
638 Paisagens do Cunene
664 WO Adeus ao Cunene
676 O Rio Cunene na época das chuvas
696 Mise au Point



RIO CUBANGO E AS TERRAS DO FIM DO MUNDO

ANGOLA AGOSTO 1972



Aldeia indígena nas margens do Cubango, pôr do sol

002

CUBANGO ABAIXO AO ENCONTRO DA AVENTURA

PROVÍNCIA DE ANGOLA DO 20-8-1972 Texto de Hélder Freire

É demasiado fácil admitir, que por detrás de uma aventura, esteja o desejo de conhecer outras terras, outras gentes. No entanto é uma forma bastante acomodatícia de o fazer. «Fulano lá vai de sacola às costas, correr mundo» essa a sua enorme ânsia de conhecer pessoas e coisas.

No fundo, quase sempre esta teoria carece de consistência válida. Que fará correr os homens?

Antes de mais, pensamos que é uma forma de estar no mundo; ou de não, como se queira.

A necessidade de se estar onde não se está, é bem mais forte, que a importância que poderão ter as pessoas deste ou daquele continente, as belezas desta ou daquela terra. Não estar, é o que importa. Tratar–se, em última análise, de uma moderna arte de aventurar, motivada por um tédio

Rio abaixo, com um lindo pôr do sol

003

profundo de tudo e de todos, de quem nada mais espera da vida a não ser o mais difícil. Situamos nessa linha de rumo Jean Charles Pinheira.

Muitos o conhecem. Veio até nós integrado na expedição «AUSTRALE 70» e por cá ficou, pelo menos até agora, precisamente quando está de malas aviadas para regressar a França.

Fotógrafo de profissão e de alta qualidade, as suas objectivas devassaram todos os segredos desta Angola imensa. Provavelmente, Jean Charles Pinheira terá nesta altura, a maior colecção de fotografias e slides de sempre sobre Angola. Podemos mesmo acrescentar, que só slides possui cerca de quarenta mil.

UMA ESTRANHA FAMÍLIA

Impregnado de Europa, resolveu visitar a África grudandora indelevelmente na fotografia, através de todo o seu real talento de fotógrafo sensível e de artista nato.
Atrás de si, deixou uma vida calma de homem-de-todos-os-dias. Mas Jean Charles Pinheira, não é um homem-de-todos-os-dias. É fácil identificá-lo nas ruas de Luanda, com o filho Olivier e a "filha" adoptiva Iona, um leopardo fêmea, apanhado numa das suas digressões exactamente no deserto do Iona. E aí está a família completa.
Terminado o trabalho da "AUSTRAL-70" os seus componentes regressaram à calma dos laboratórios da França ou da Suíça. Jean Charles, porém, ficou. Não queria regressar á Europa sem satisfazer o seu desejo maior, descer o rio Cubango, registando no celulóide todos os seus aspectos mais significativos. Formada uma equipa de entusiastas em Luanda, depressa ela se desfez, assim que soou a hora da partida. Até certo ponto, compreendemos que não é um homem comum, que se decide a realizar uma viagem daquelas, sem que se pudessem prever as consequências.
E os homens comuns, desistiram também.
As ajudas, que ao princípio prometiam ser muitas, eclipsaram – se na hora da verdade.
Mesmo as sim Jean Charles Pinheira, não é homem que desista por um preço irrisório. Do que foi a odisseia do Cubango, dare-mos uma síntese a seguir.

OS PREPARATIVOS

Descer um rio sinuoso como o Cubango, não é tarefa para amadores, ainda para mais quando toda a experiência não vai além de umas voltas pela baía do Lobito.
Mas para descer um rio também o importante é o barco, que a experiência vem depois, à mistura com uma pequena dose de loucura. Foi com estes condimentos, que a Família Pinheira, Jean Charles, Olivier e Iona, se meteram ao caminho. Da Itália, vieram os barcos "Pirelli" – magníficos, segundo a sua opinião – a FINA forneceu a gasolina, a UNIÂO os motores: uma sacola cheia de vontade foi o complemento. e nem a desistência da equipa, abrandou a coragem dos expedicionários: um homem, uma criança e um leopardo.
Chegados a Serpa Pinto, tiveram a sorte de se quererem incorporar no grupo, dois militares Isidro Alves e Nuno Oliveira, que na altura tinham um mês de férias e resolveram passá-lo na aventura do Cubango. Ia começar a viagem maravilhosa.

O RISCO COMO PROFISSÃO

Quatro nativos, seguiam nos barcos, a título de guias e ajudantes nas montagens e desmontagens das tendas de campanha onde todos dormiam.
A verdade é que, se não estavam muito habituados a montar tendas de campanha, muito menos estavam a sevir de guias num rio daqueles.

Por terra, conheciam bem os caminhos do mato e da selva, mas por rio, tudo era diferente.
O perigo espreitava a cada curva, a corrente, os rápidos, os crocodilos e os hipopótamos, eram uma ameaça permanente, que não deixou de se manisfestar aqui e ali, durante quase toda a viagem.
Mas o risco faz parte da profissão de Jean Charles Pinheira. Ora ao leme, ora em difíceis posições, fotografando com três e quatro máquinas de cada vez, ou montando as tendas e tratando das refeições, tudo fazia parte da aventura maravilhosa em que decidira meter-se e queria, a todo o custo, chegar ao fim. Meteram-se os barcos à água num local perto do Caiundo. Cada bote levava cerca de 600 quilos de material, equipamento e passageiros. O primeiro dia decorreu normalmente, com uma navegação fácil e sem problemas. O primeiro, surgiu precisamente quando a noite se abateu sobre o Cubango, com um frio de respeito, e nem o facto de terem dormido na loja de um comerciante, em cima de sacos de milho e tapados com mantas, impediu que tiritassem toda a noite.

OS PRIMEIROS PROBLEMAS

No dia seguinte, a viagem continuou, desta vez por uns rápidos de alta velocidade, que tiveram de ser vencidos com os barcos amarrados com cordas e encostados à margem. O perigo de embater nos escolhos, esteve sempre presente no espírito de todos. Vencido este

obstáculo primeiro, entraram num outro troço do rio, onde nadavam dezenas de hipopótamos, que mergulhavam à passagem dos barcos, para surgirem mais adiante. Aí houve que segurar o leopardo fêmea, a Iona, que se queria atirar à água, sabe-se lá com que intensões.
Mais adiante, um enorme crocodilo, acabava de saborear os restos de um boi apanhado na véspera quando distraído se dessedentava nas margens tranquilas do Cubango. Imediatamente fervilharam os «clicks» das máquinas fotográficas, gravando todo o fascínio de um rio maravilhoso, com os seus estranhos habitantes e os homens que ousaram arrostar com os perigos que guarda no ventre.

UM ESPECTÁCULO INESQUECIVEL

Ao cair de mais uma noite e antes de ancorarem à margem onde dormiriam, a natureza prodigiosa presenteou-os com um pôr-do sol inesquecivel, de um forte acobreado debroado a ouro, que se espalhava para lá do horizonte, emprestando à paisagem um aspecto de lenda e mistério. Era a África, o território maravilhoso, que se revelava numa das suas mais belas e fascinantes facetas. Em cada manhã, surgia uma nova revelação, ora no recorte das margens, no espectáculo da vegetação exuberante, ou ainda no colorido de uma ave assustada que vinha espreitar quem devassava os seus domínios.

AGORA TAMBÉM A FOME

Se tudo corresse como o previsto, esta expedição deveria ter encontrado no Savate – onde chegaram numa tarde de Domingo – gasolina para os barcos e alimentação para mais alguns dias de viagem.
Só que todos nós sabemos como são difíceis e imprevistos os caminhos do mato, por essa imensa Angola fora. Claro que não estava lá nada.
A partir daí, sempre a verificar o nível da gasolina e com alguma emprestada pelo administrador do Savate, lá seguiram viagem, agora à base de latas de conserva – uma por dia – até ao próximo posto de abastecimento. Quem não gostou muito da brincadeira, foi a Iona, que peixe não é lá muito o seu forte. Porém, como em tempo de guerra não se limpam armas, à falta de melhor, lá marchavam as sardinhas com molho de escabeche, que até sabiam a boi assado na brasa.

QUASE TUDO TERMINARA ALI

Em dada altura do percurso, uma enorme manada de hipopótamos, andava pachorrenta impedindo por completo o caminho.
Parado os barcos, fotografou-se à vontade os que emergiam, lentamente. Porém, o «bichinho» do repórter exigia mais, maior naturalidade, mais vida para a reportagem. Isso levou Jean Charles a aproximar o seu barco e a internar-se no seio da manada.

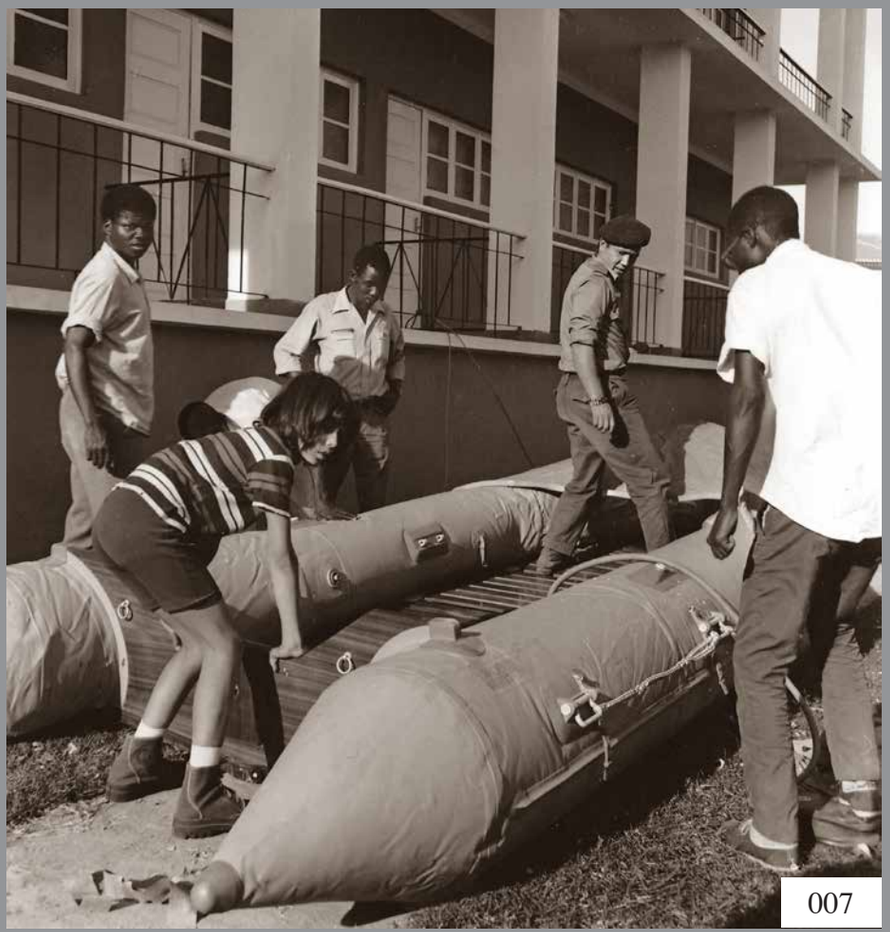
À medida que o barco vogava por entre os animais, estes mergulhavavam assustados com o ruído do motor.
Por isso Jean Charles imobilizou o barco, mesmo por cima do local onde os hipopótamos tinham mergulhado. No meio do silêncio que então se fez, os animais voltaram à superfície, raspando sinistramente com o dorso no fundo de borracha dos botes. Daí até à fuga rápida do local, foi obra de um momento. Mesmo assim, o risco esteve bem presente e só por pouco não foram todos atirados à água, com as consequências que facilmente se poderão adivinhar. O resto da viagem, decorreu sem precalços de maior, entre a maravilha deslumbrante da natureza e o desejo incontido de aventura.
O frio, foi o pior inimigo dos expedicionários. Noites houve em que fez vários graus abaixo de zero.
A África pujante de força e beleza, estava ali representada, em toda a magnitude da paisagem e na beleza selvagem dos animais que atravessavam os matagais em correrias loucas. Sintetizar em meia dúzia de linhas o que foi a «viagem maravilhosa», a satisfação do desejo maior de Jean Charles Pinheira, seria pura estultícia. O diário de bordo, dá e sobra para um romance cheio de garra e emocionado deslumbramento.
Sobra-nos entretanto para meditar, o trabalho impecável do repórter; todo um precioso documento impresso no celulóide. Quarenta mil slides, que representam alguns milhares de contos. Exactamente a obra ímpar de que Angola necessita, para mostrar ao mundo, quem somos e porque estamos.

H. FREIRE

004

004/009 – Na Cidade de Serpa Pinto, Jean Charles e Olivier, com a ajuda de passantes e de Militares, monta os botes de borracha, para um ensaio no rio Cuebe.

005



007

006

008

009

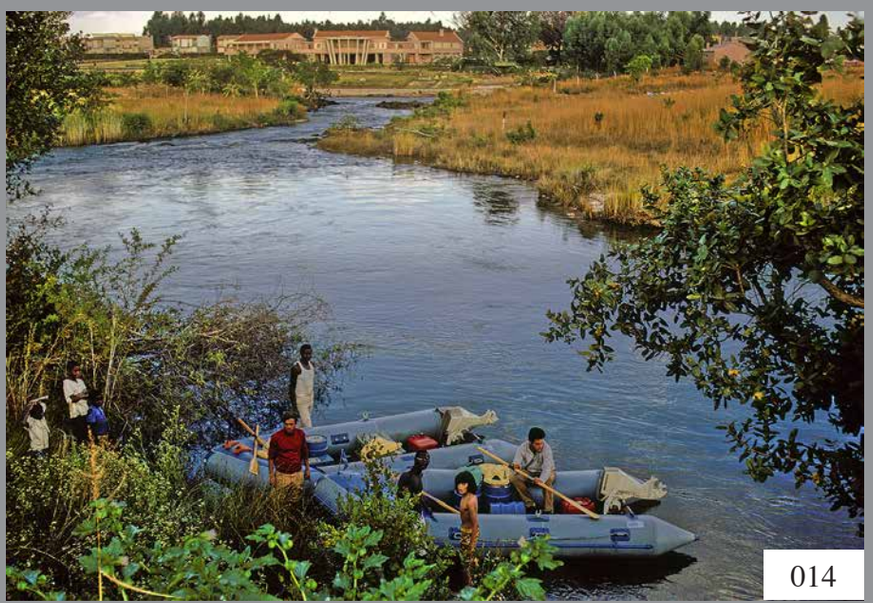
010 – Carregamento da gasolina para a viagem.

010

012

011

013



014

015

011/016 – Já no rio, abastecimento de gasolina em bidons de 50 litros, e outros artigos de primeira necessidade, para testar a estabilidade dos barcos .
A Equipa de 6 pessoas e uma pantera está completa.

Várias fotos do carregamento dos 2 barcos em companhia da miudagem,
o que para eles era um evento raro. Ao fundo casas da cidade de Serpa Pinto.

017

018

017/018 – Rápidos do Maculungungo, perto da Vila de Caiundo,
onde os barcos foram metidos à água, depois de uma viagem em camião,
a partir da cidade de Serpa Pinto.

019

019/020 – Os primeiros dias de navegação. Nesta região o Cubango já é bastante largo e fácil de navegar.

020

022

021/029 – Visita à primeira aldeia indígena nas margens do rio.
Vários trabalhos do dia a dia, principalmente feito pelas mulheres.

021

024

025

023

026

027

028

029

030/032 – Mais longe, demos com um grupo de indígenas que destilavam álcool a partir de frutas selvagens, o que era proíbido pelas autoridades.

031

032

033

Lição - DEUS PROMETE O SAL
Depois do pecado de Adão e Eva
já ninguém podia ir para o Céu.
Mas Deus é tão bom,
que prometeu enviar ao Mundo um Salv
-para nos ensinar a conhecê-
obedecer-Lhe,
-para nos perdoar os pecad
-e para nos guiar até ao Céu
Deus quer salvar-nos a todos.
FEIO VOSSO GRANDE AMOR,
BENDITO SEJAIS, SENHOR!
ovelha
o ve lha
ovelha
coelhos
co e lhos
coelhos
curral
cu rral
curral
lavrador
la vra dor
lavrador
selha
se lha
selha
beber
enxada
en xa da
enxada
feixe
fei xe

034

035

036 – Esta moça dava lições aqueles que queriam aprender,
era filha do comerciante local.

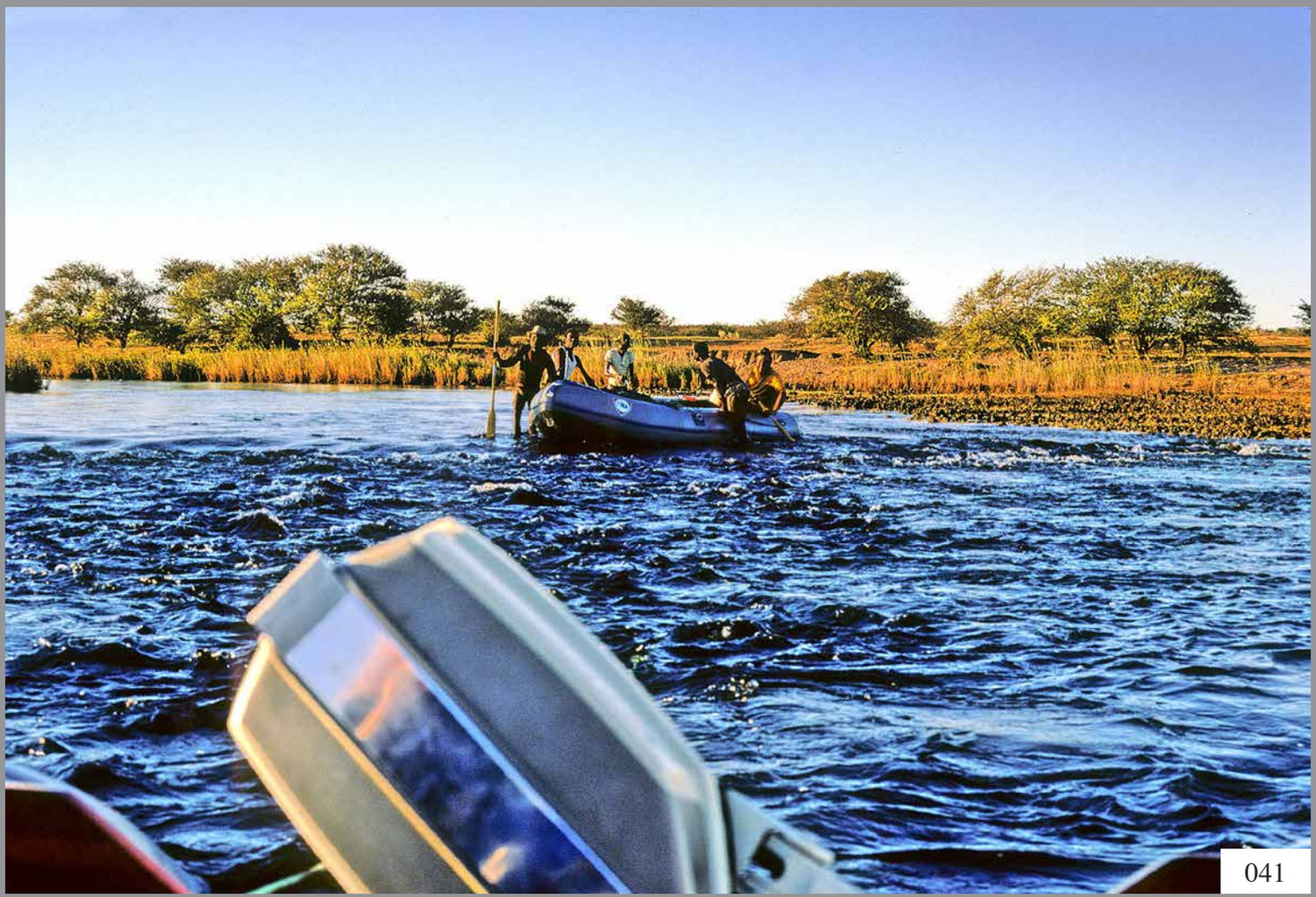
036

037

037/038 – Era a hora do seu biberão matinal e por nada poderia faltar!

039

040



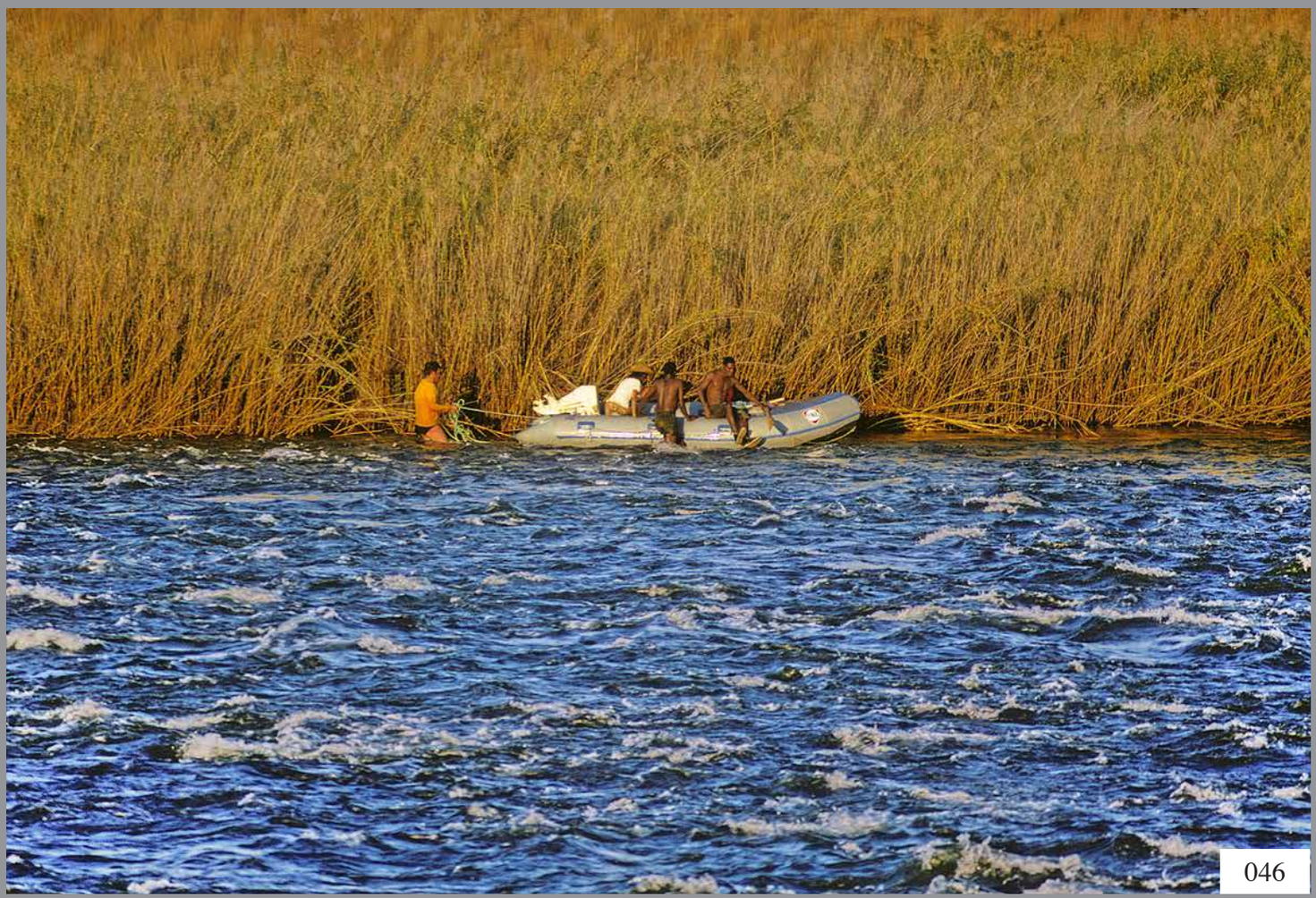
041

042

043

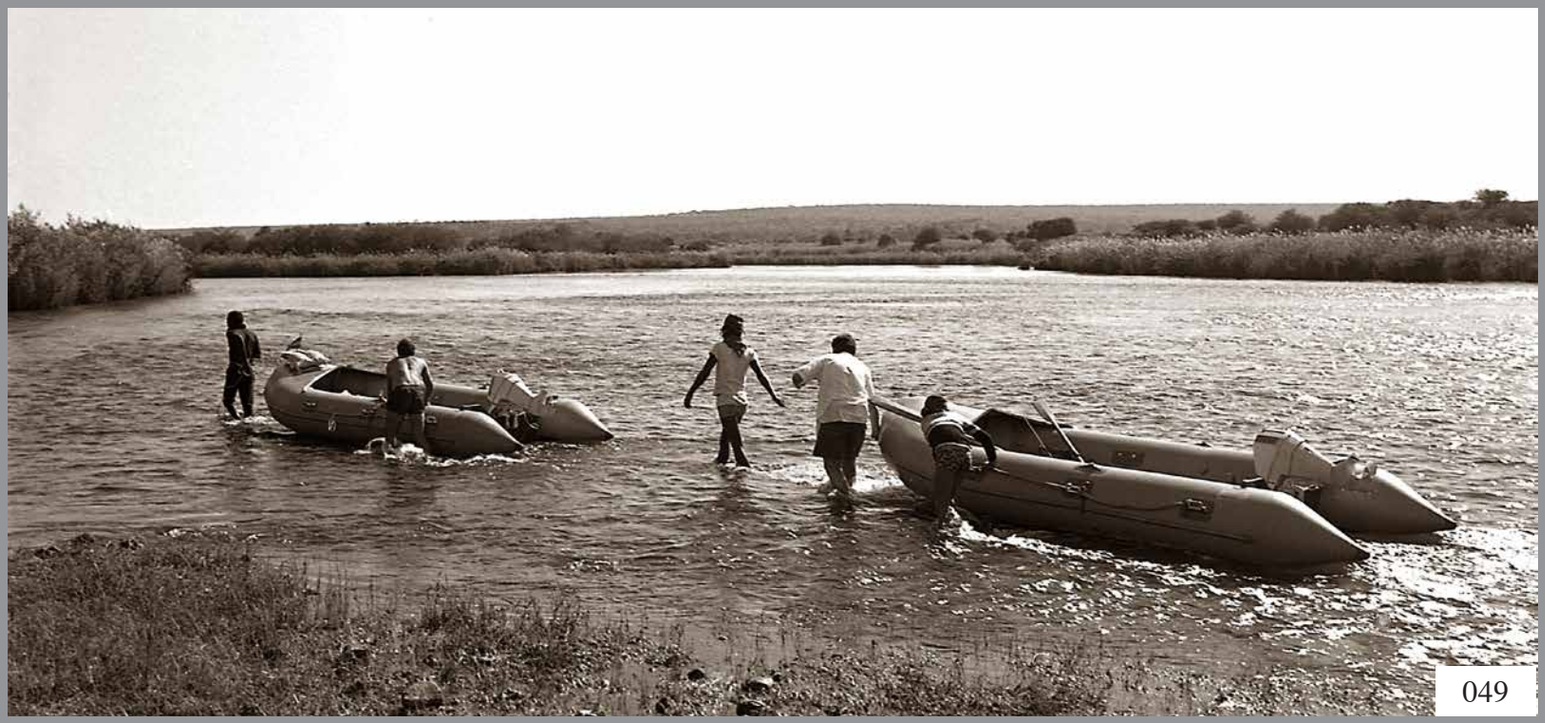
044

045



046

047

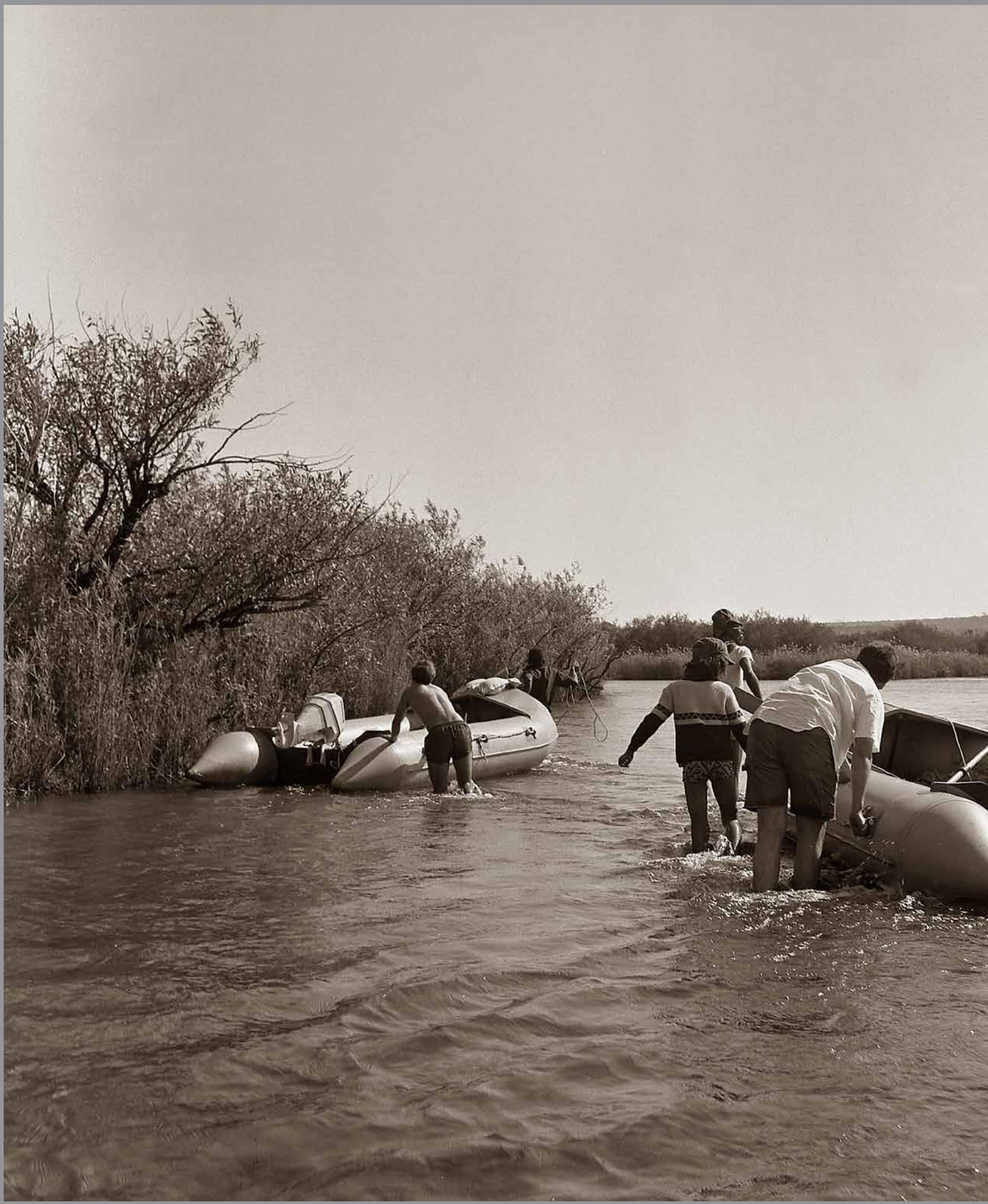


049

048

050

051



039/054 – Começaram a aparecer os primeiros rápidos. Estavamos no tempo seco e o rio levava menos água, o que fazia aparecer rochas.

052

053

054

055

A corrente era forte e era preciso muito cuidado para não rasgar o fundo dos barcos.

056

057

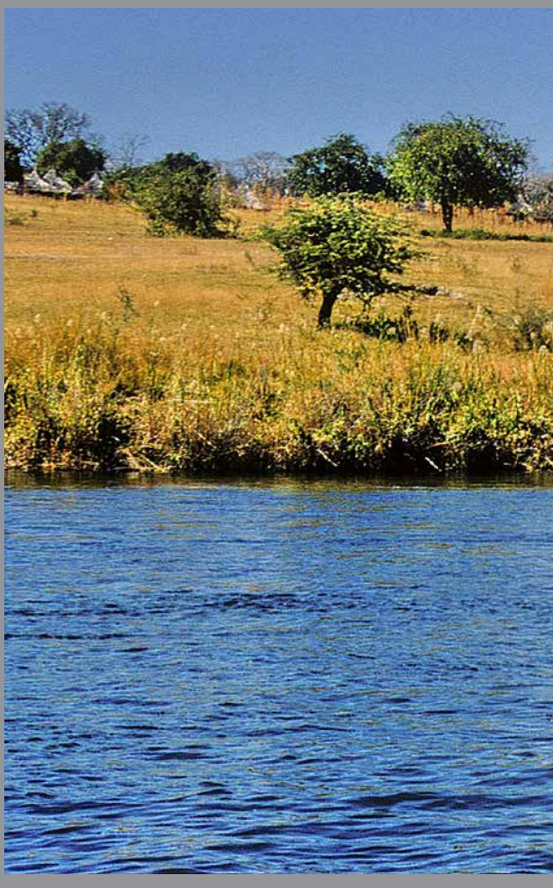
055/061 – Em águas mais calmas a navegação era fácil.

058

059

060

061



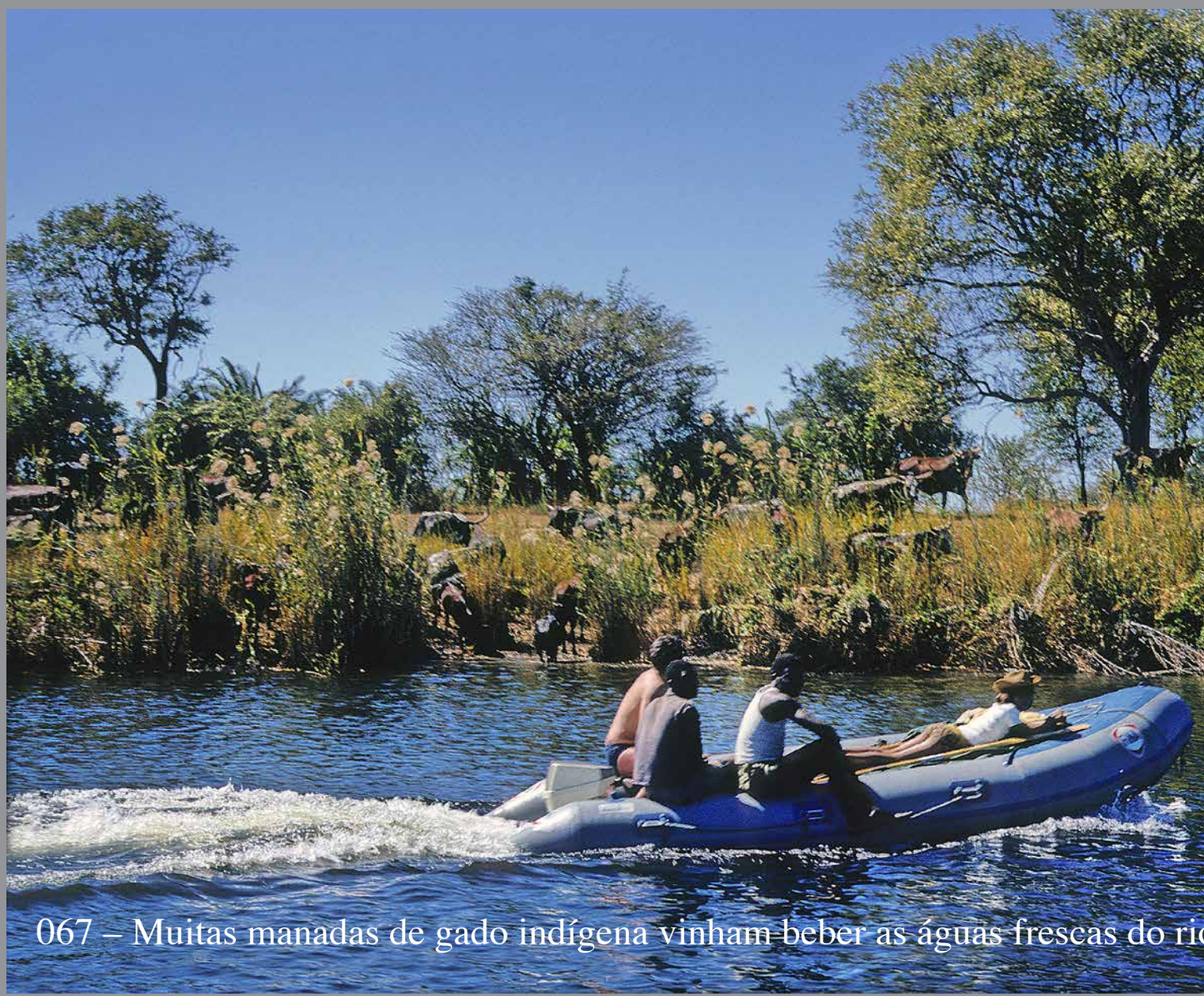
062

063

064

062/066 – Várias aldeias às margens do Cubango.

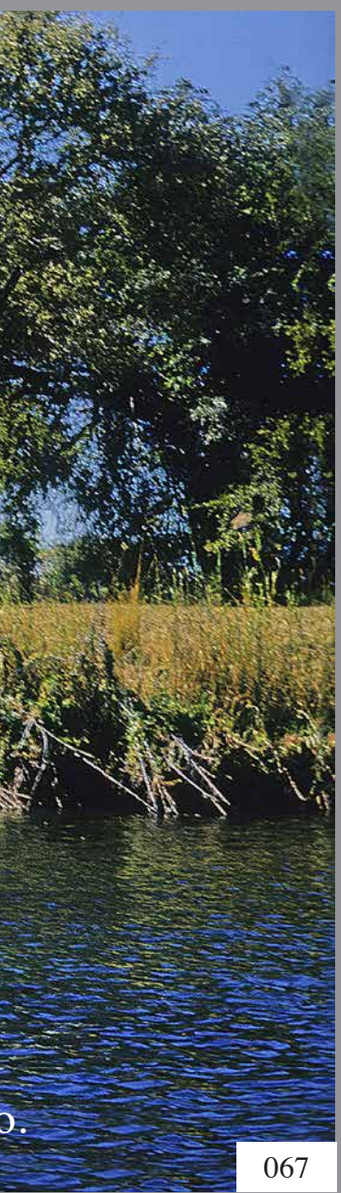
065



067 – Muitas manadas de gado indígena vinham beber as águas frescas do ri

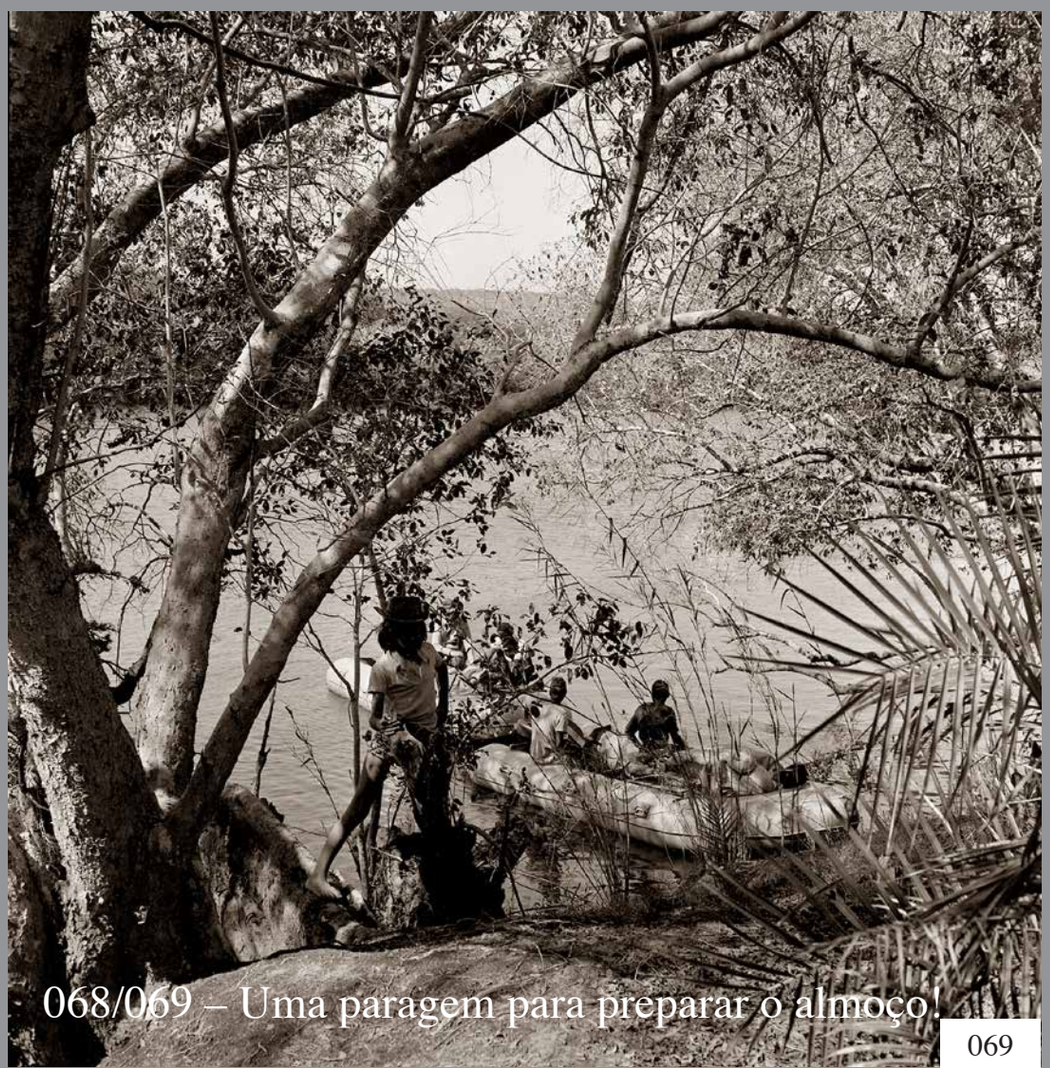
066

068



o.

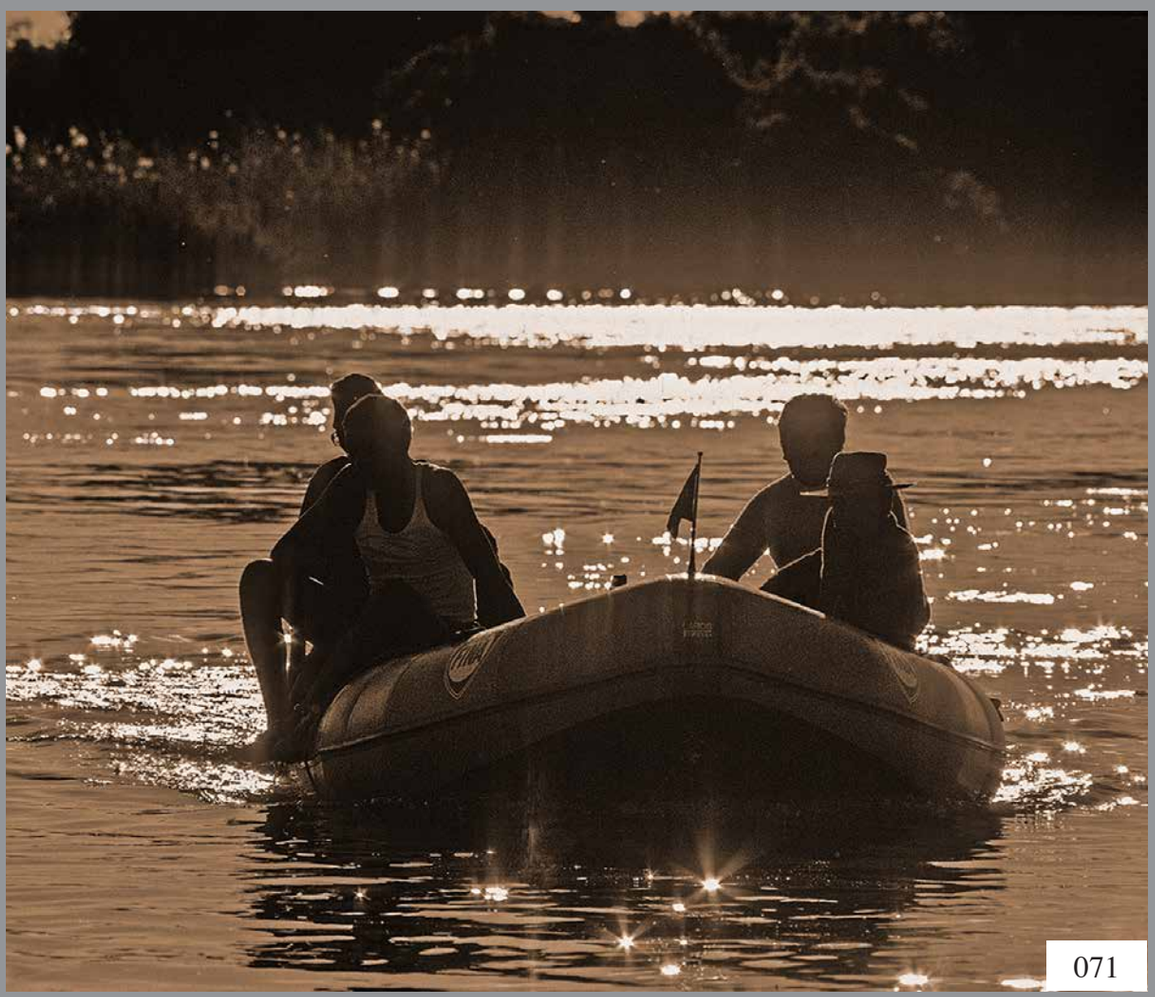
067



068/069 – Uma paragem para preparar o almoço!

069

070



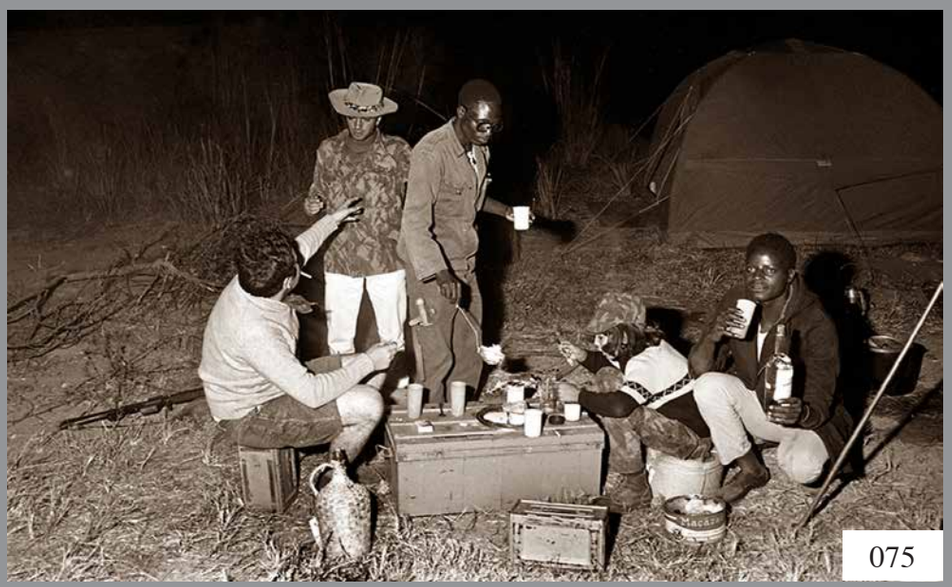
071

070/073 – Maravilhoso pôr do sol.

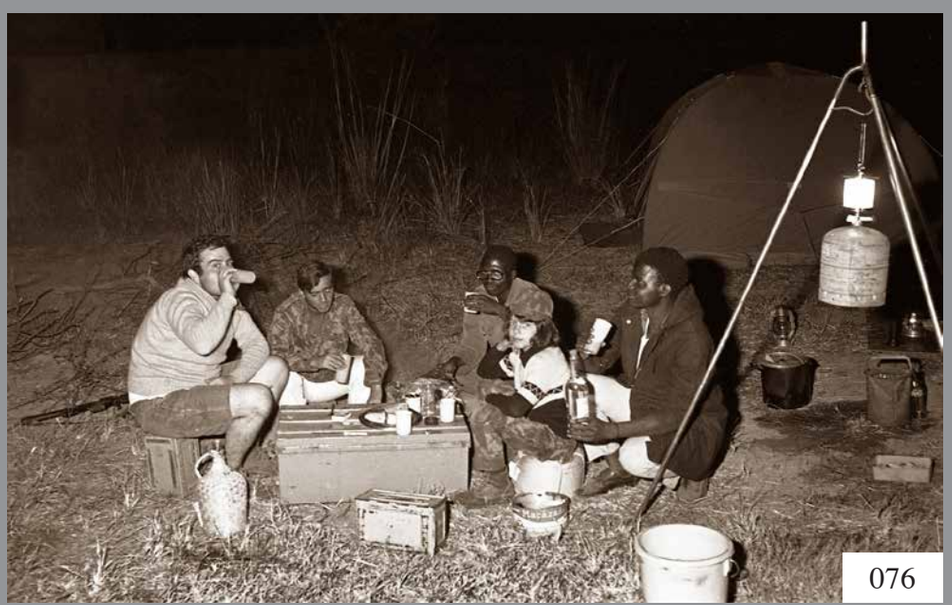
073

074/077 – Novo acampamento para passar a noite, e como sempre o frio é muito forte. Depois do jantar uma bebida quente é sempre bem vinda!

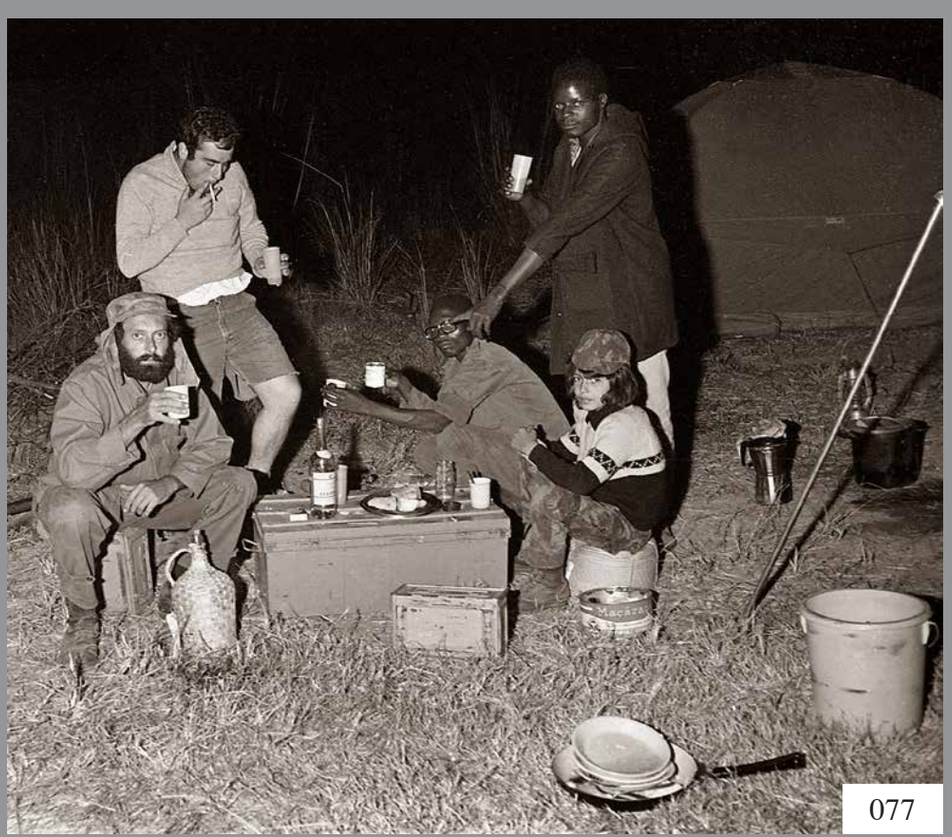
074



075



076



077

078

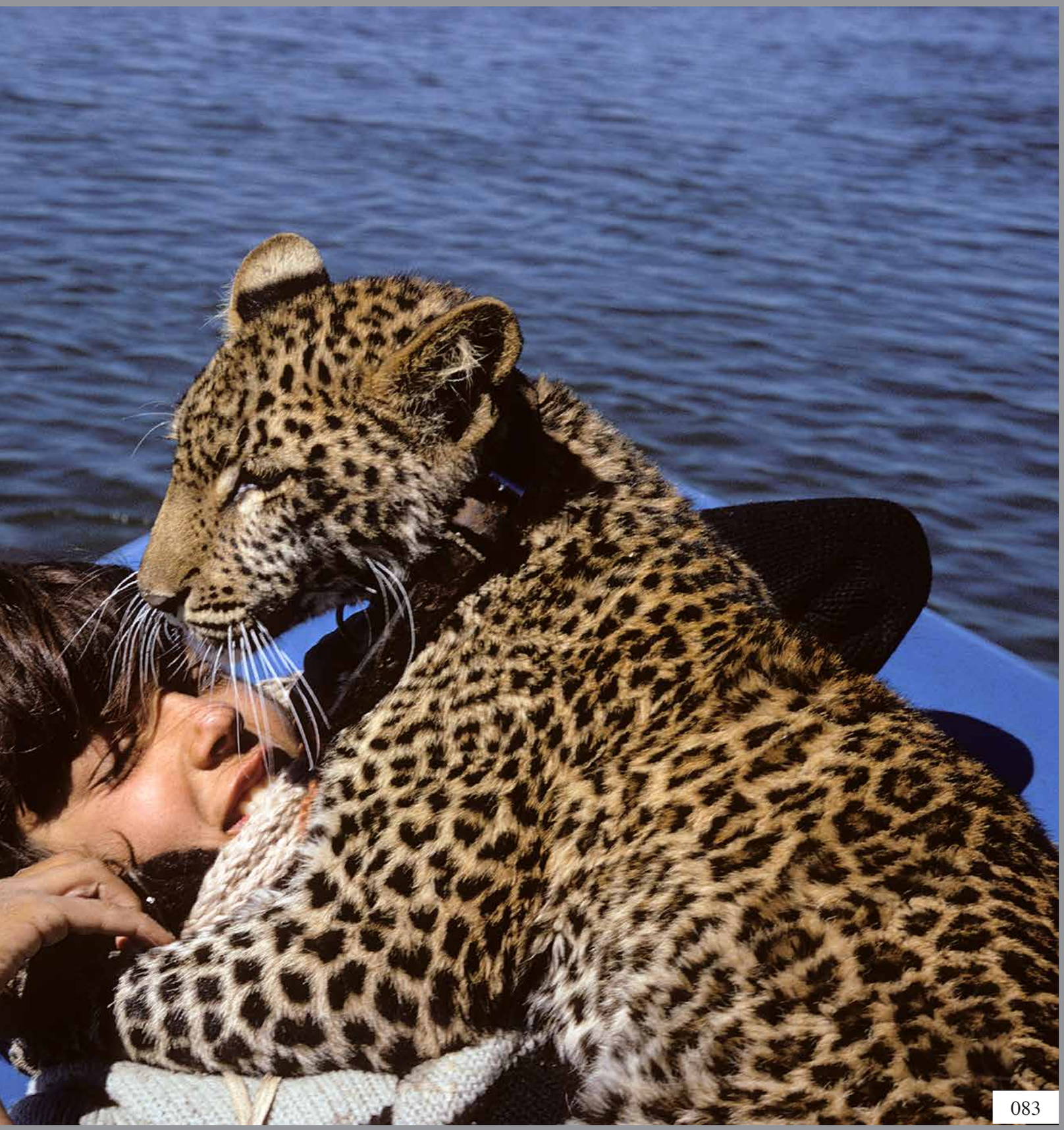
078/079 – Quando o sol se levanta toda a natureza aquece e um bom banho é sempre agradavel nas águas cristalinas do Cubango!

079

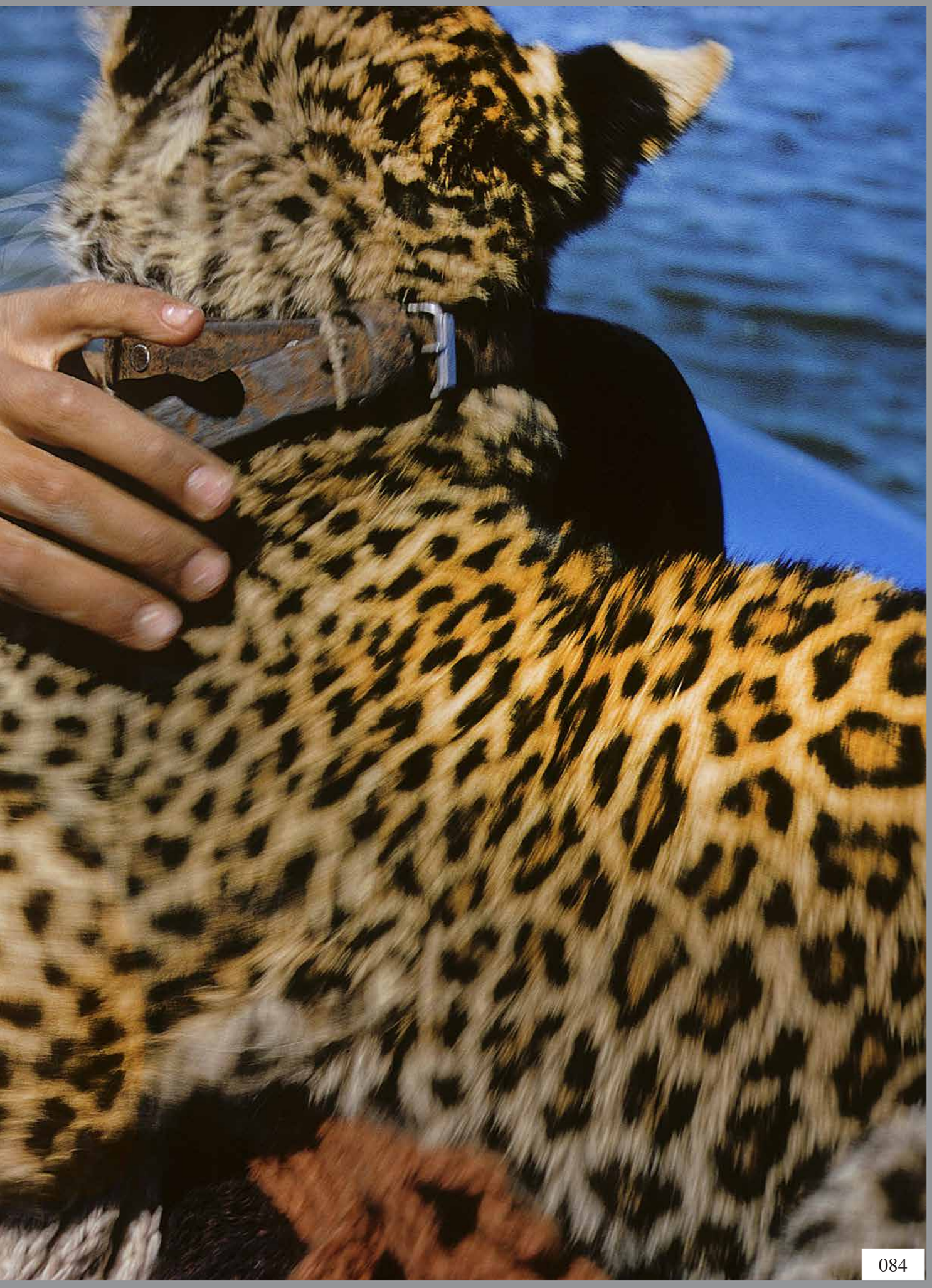
080 – A seguir é só carregar os barcos e zarpar.

080

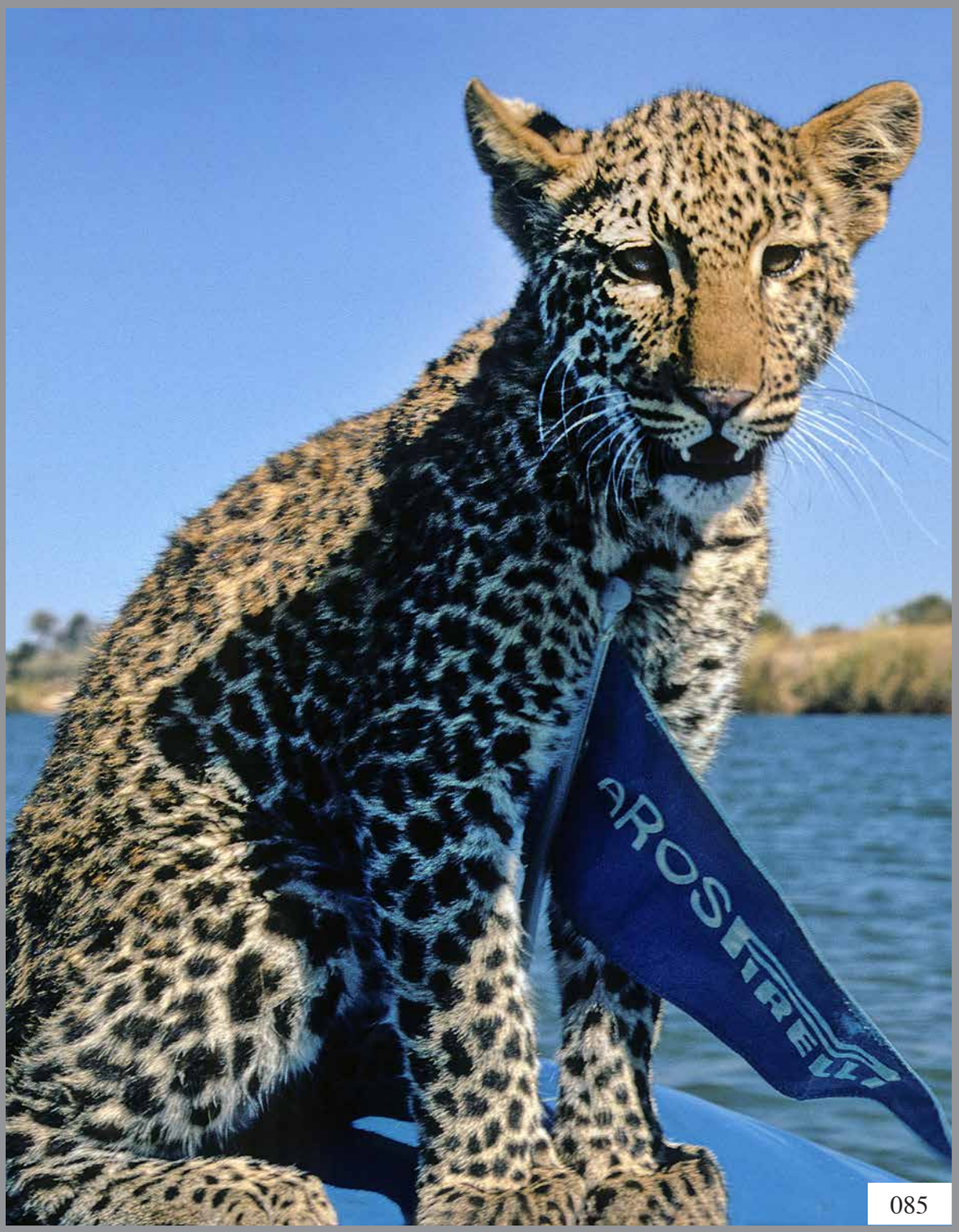
081/090 – Brincadeiras com a Iona é todos os dias, e temos que economizar a película a cores que é pouca!



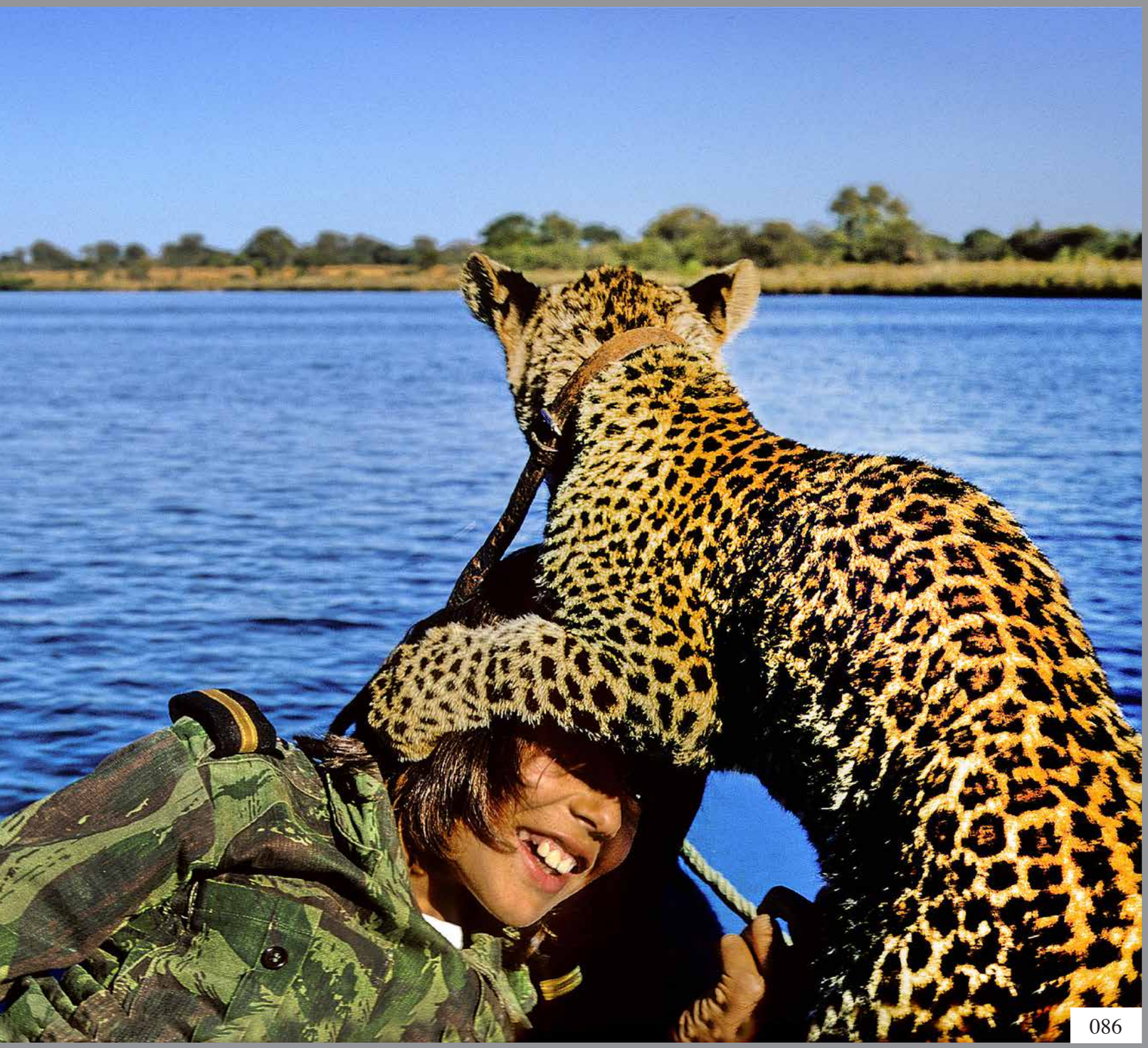
083



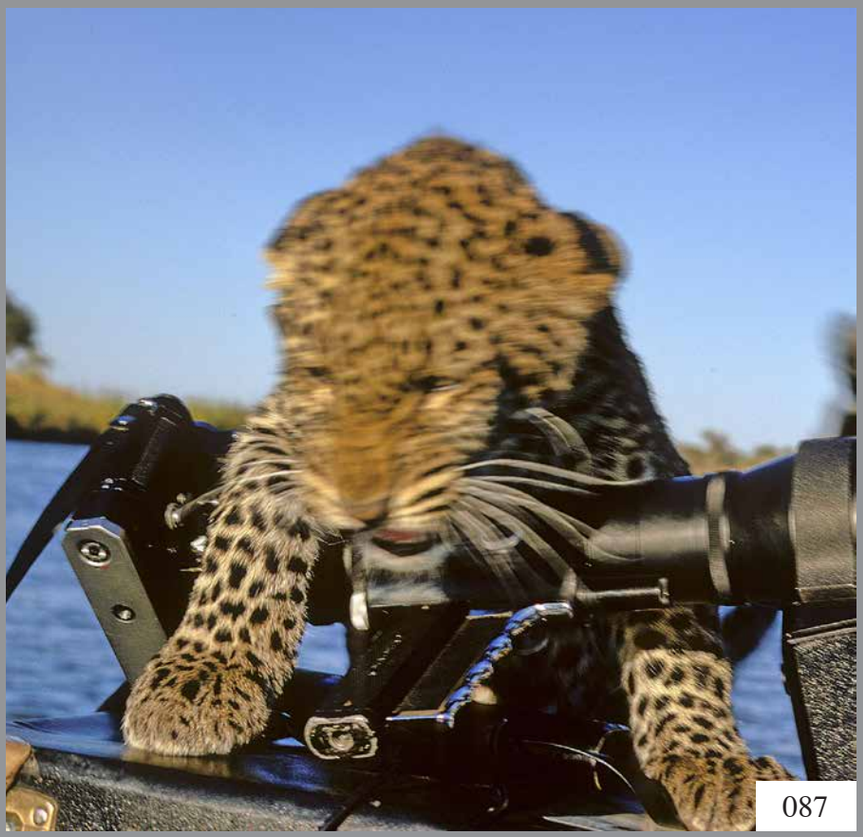
084



085

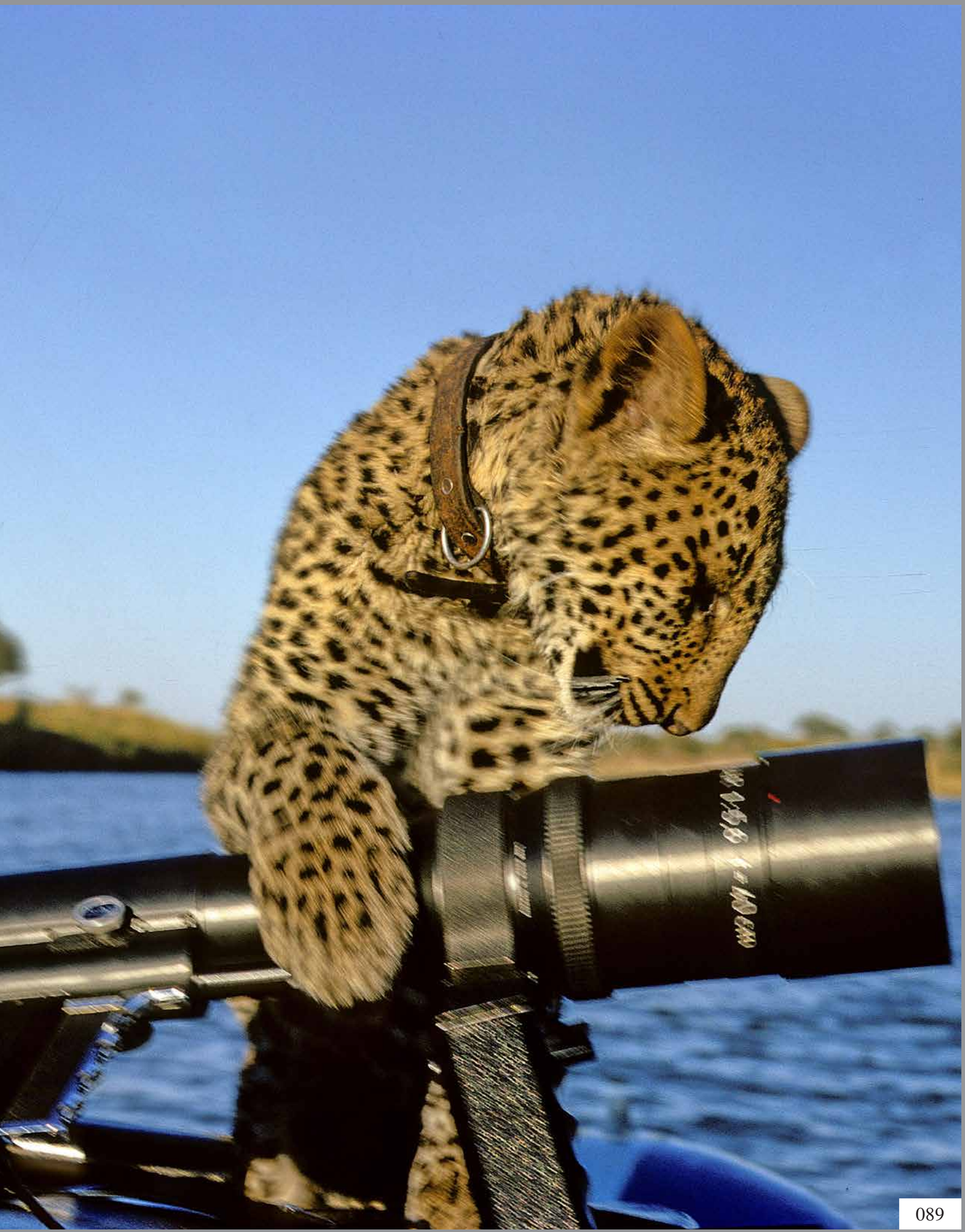


086

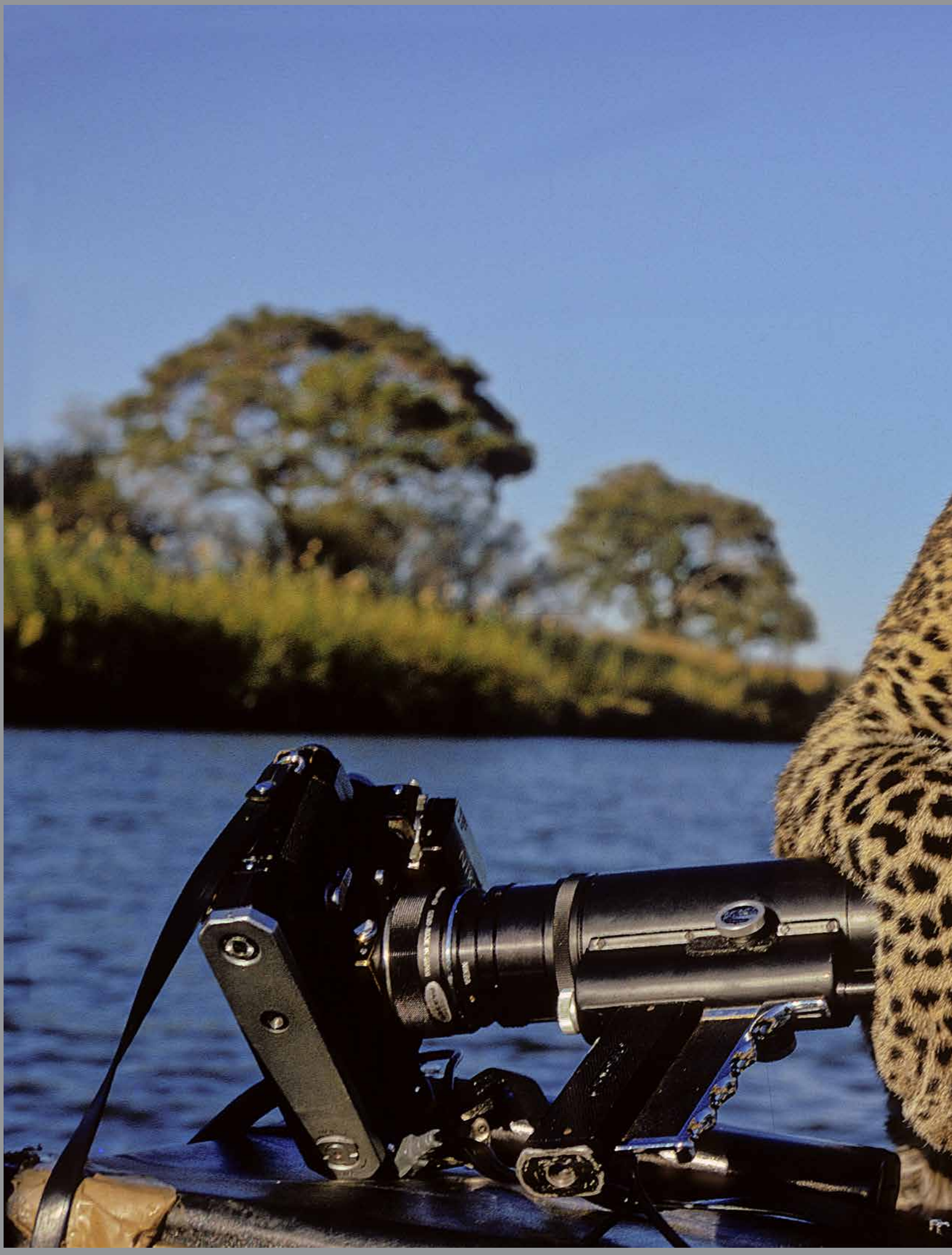


087

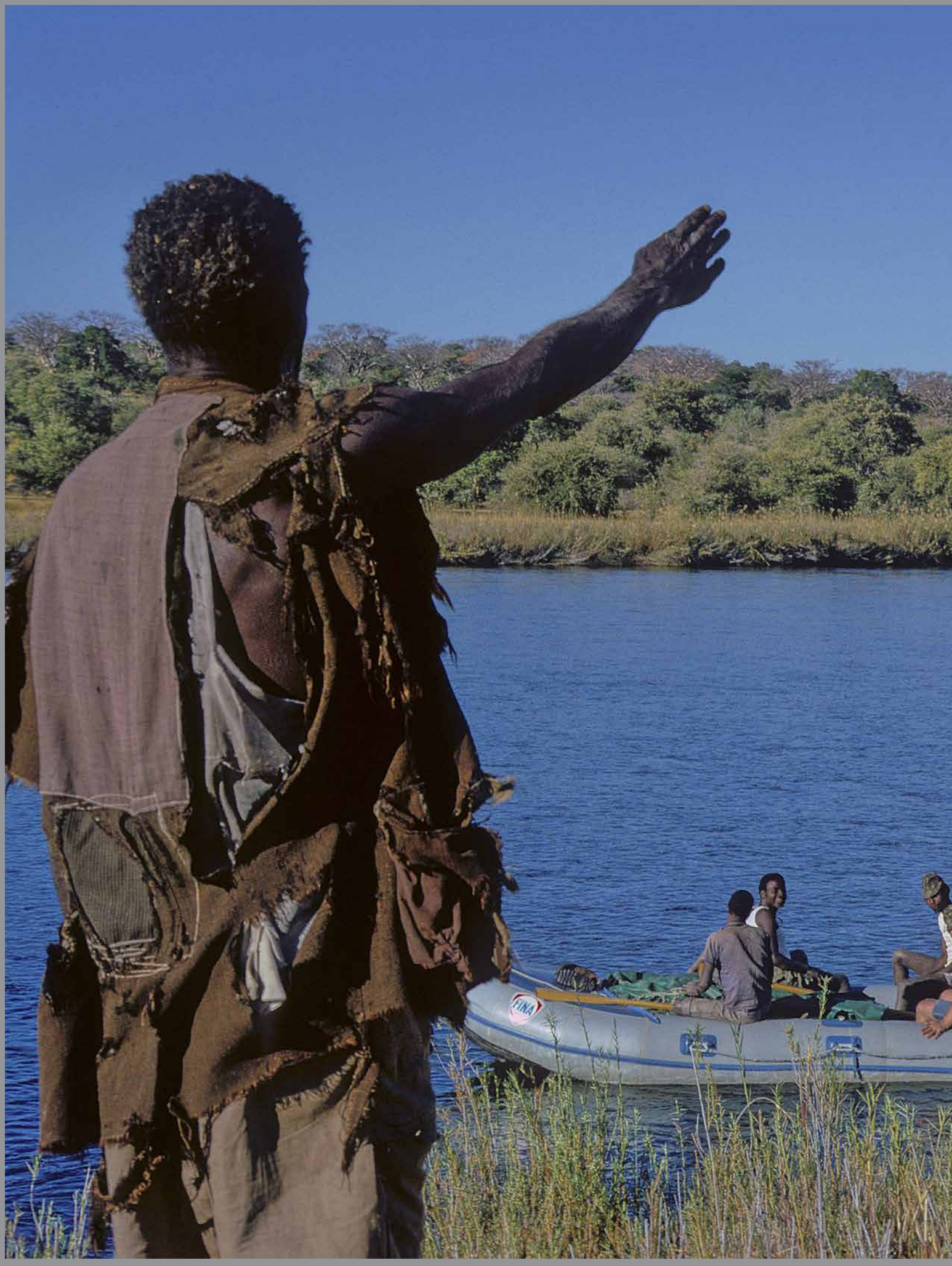
088



089



090


FINA

Este velhote indica-nos o caminho: «sempre em frente!»

091

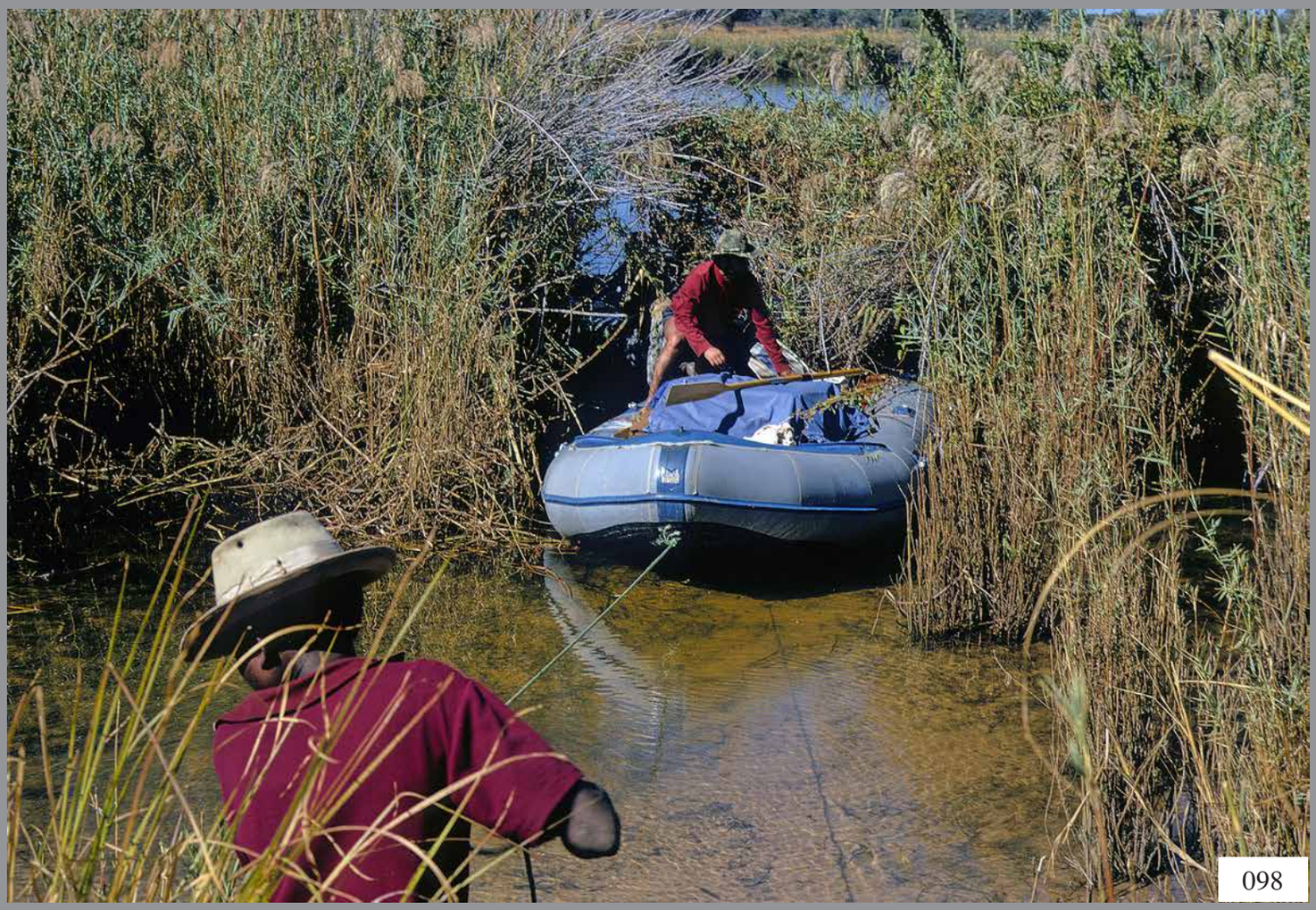
092

093

092/095 – Nesta zona as margens eram difíceis de acostar por causa dos caniços.

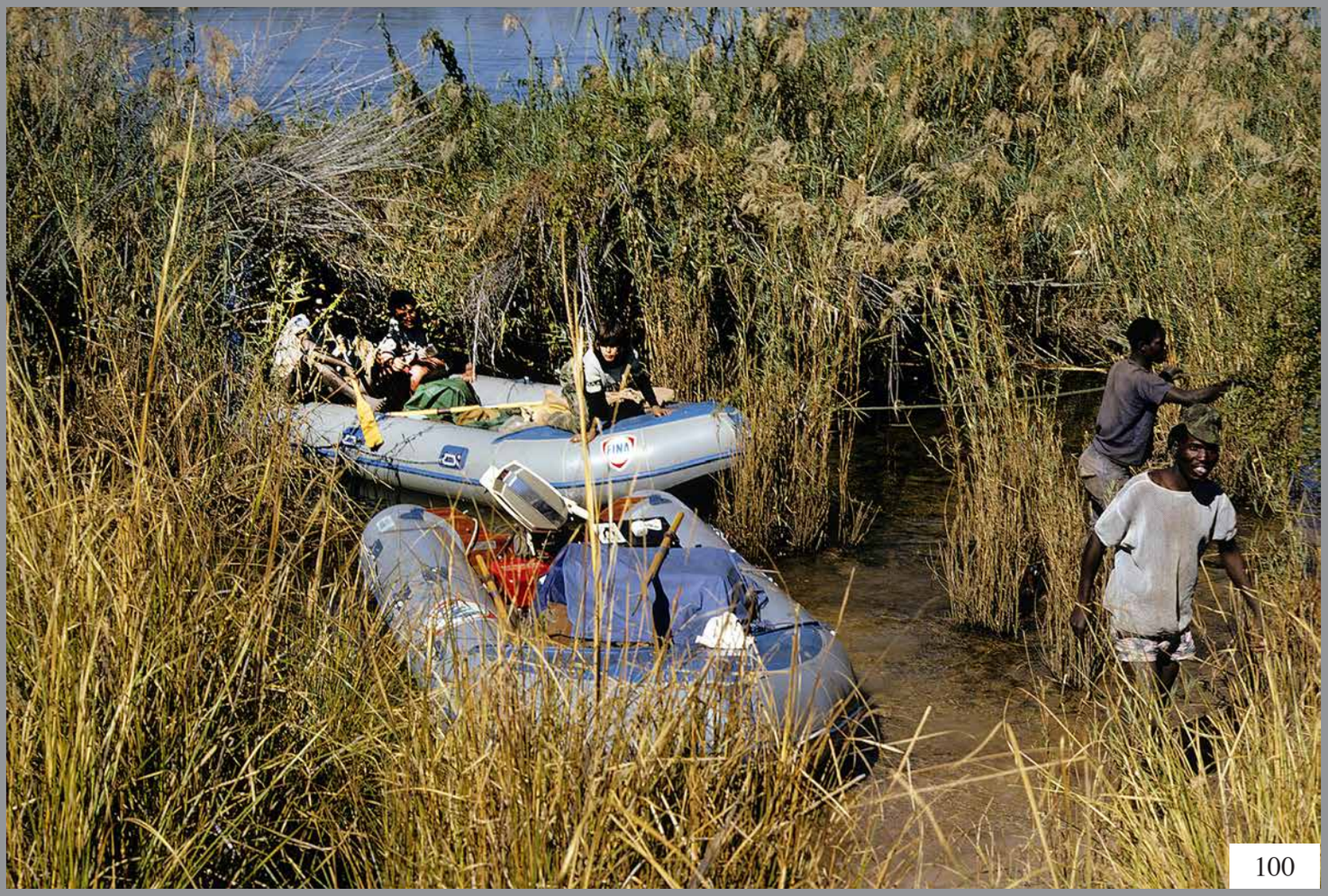
096

097



098

099



100

101

096/106 – Nestas imagens ve-se as dificuldades que deparamos para acostar!

103

104

105

106

Um acampamento , numa posição elevada
e as correrias do Olivier e da Iona.

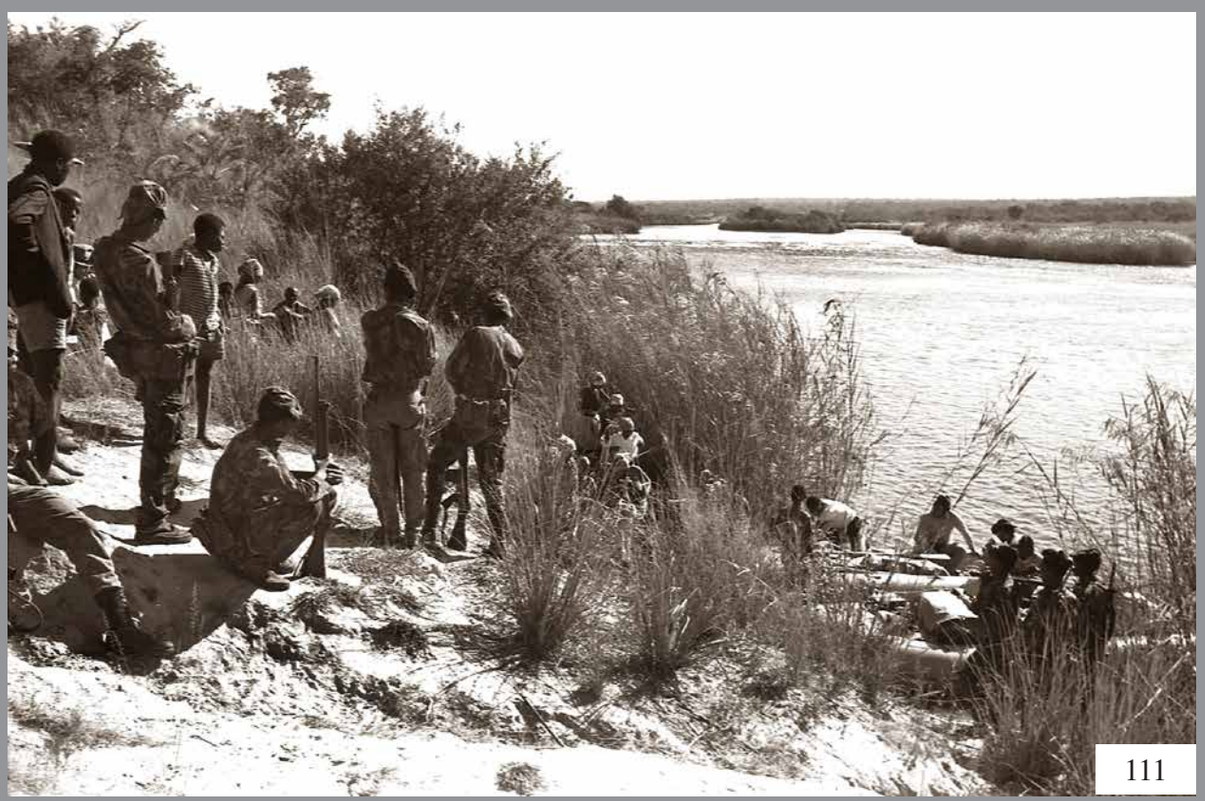
107

FLECHA

108

109

110



111

108/116 – Chegamos a um acampamento dos Flechas,
o acolhimento da população bosquímane foi muito amistoso!

113

114

115

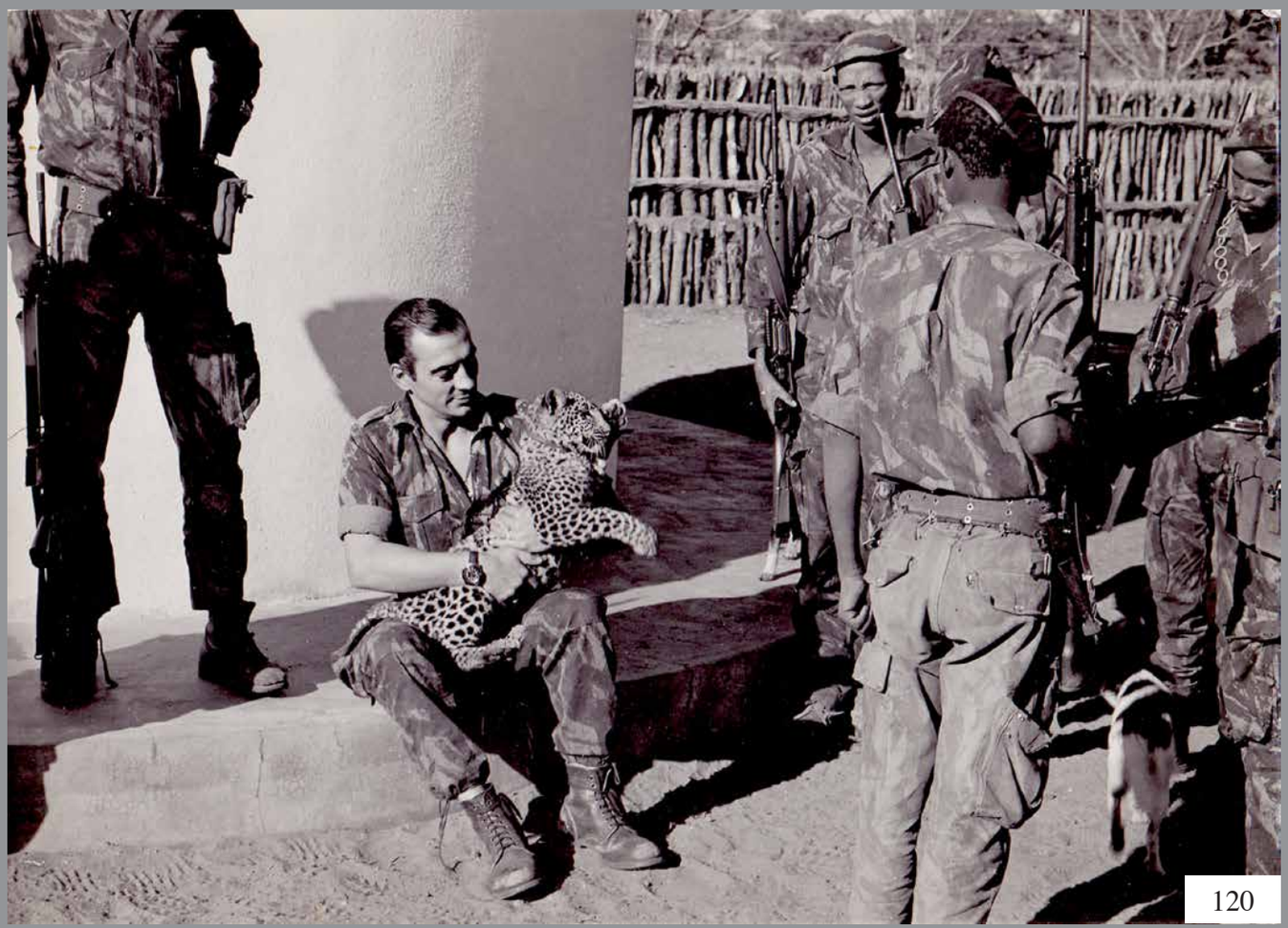
116

117/118 – Imagens de um grande chefe e da esposa.

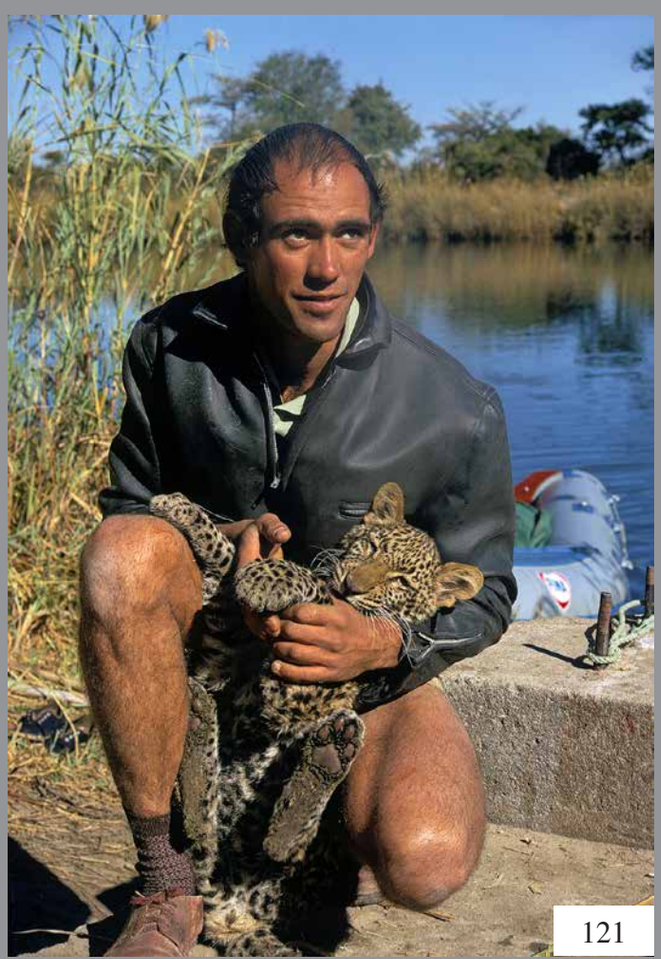
118

119

119/122 – O comandante Óscar Cardoso e toda a população do local tiveram que fazer fotos com a Iona!

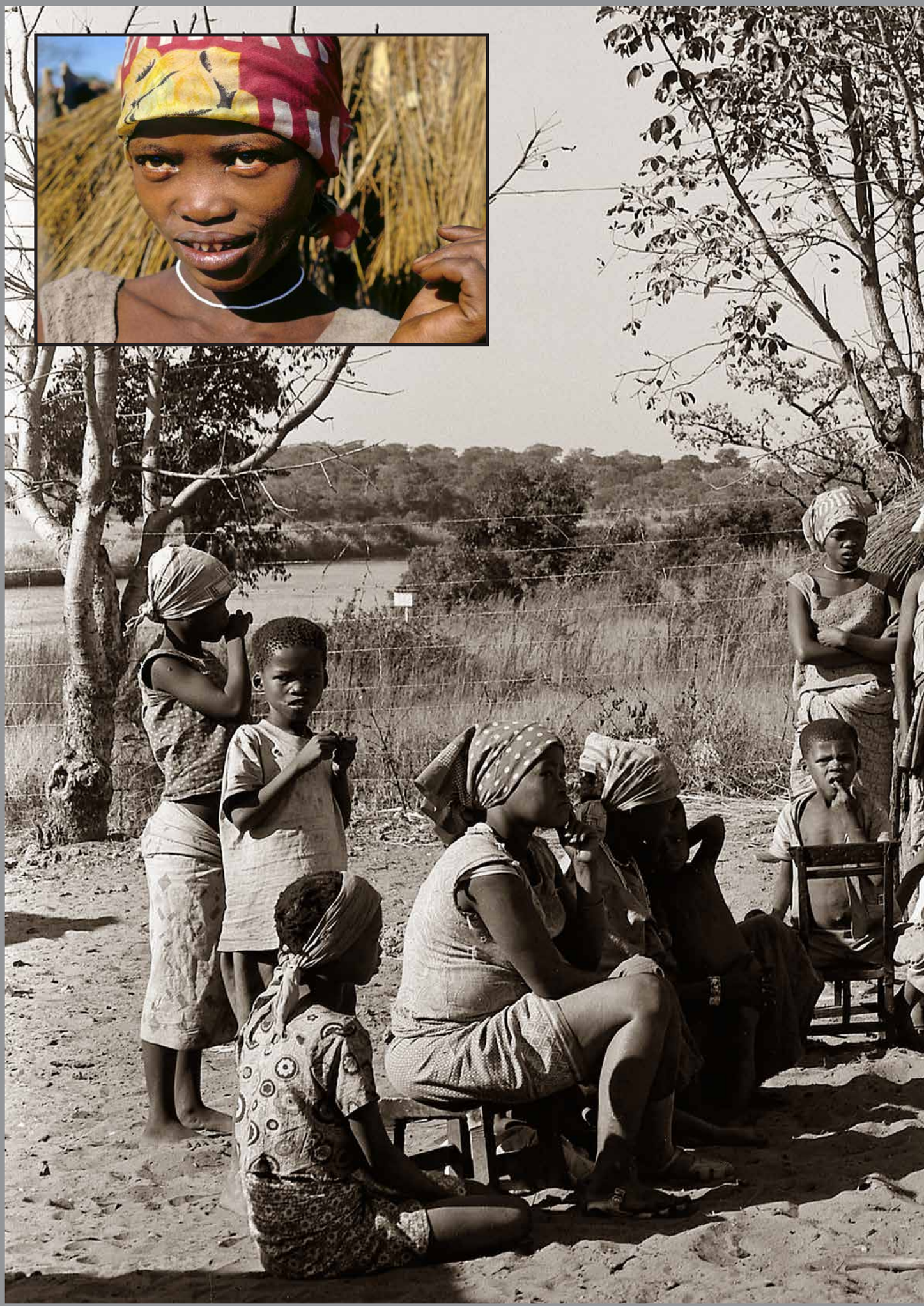


120



121

122



124

125

126

127

123/127 – Mulheres e crianças, familiares dos Flechas de origem bosquímanes.

Grupo de Flechas posam no interior do recinto da aldeia e a Iona também faz parte do grupo.

128

129

130

130 – Grupo de mulheres.
131/132 – Casal de Flechas de origem bosquímane.

131

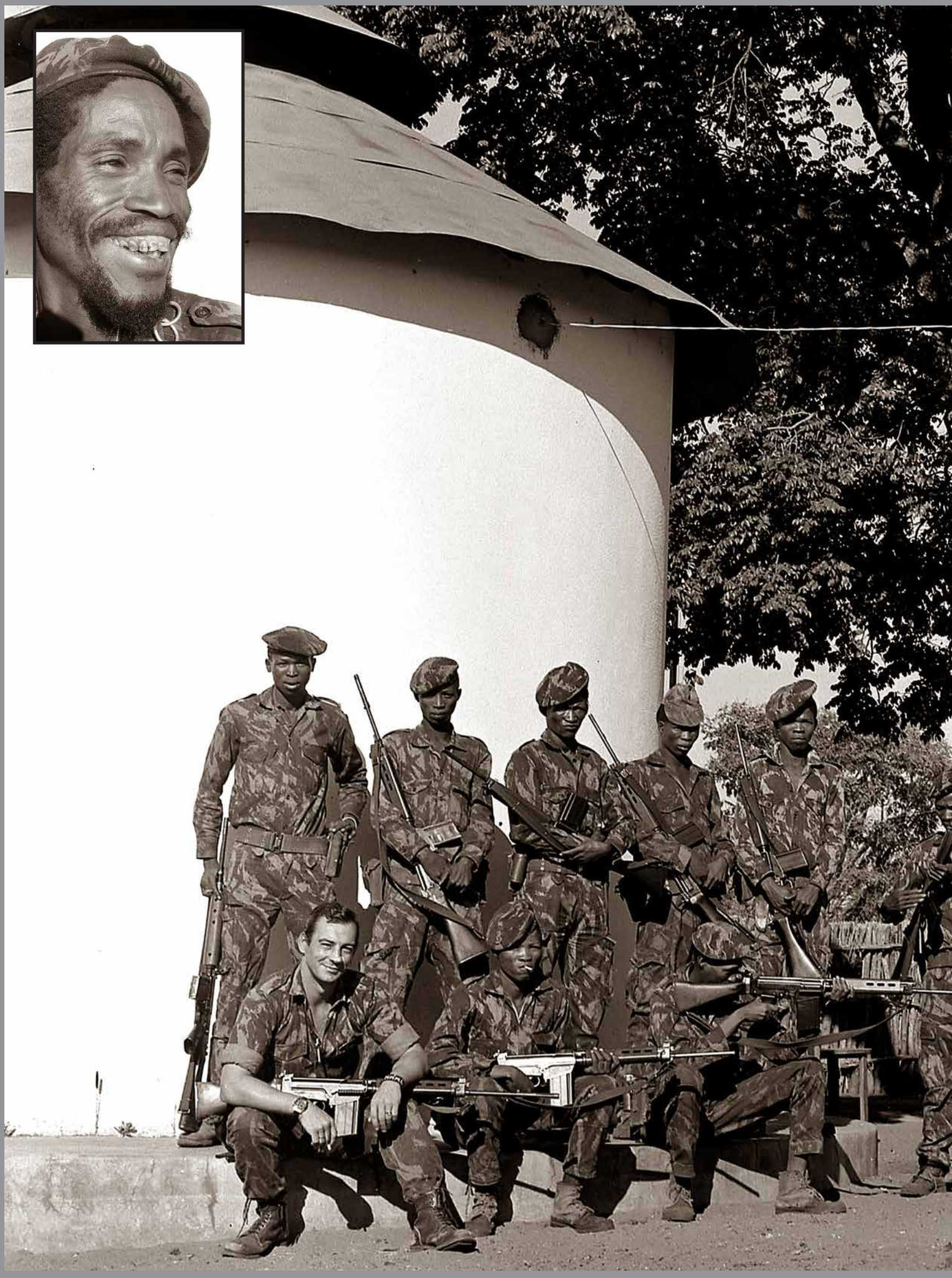
132

133

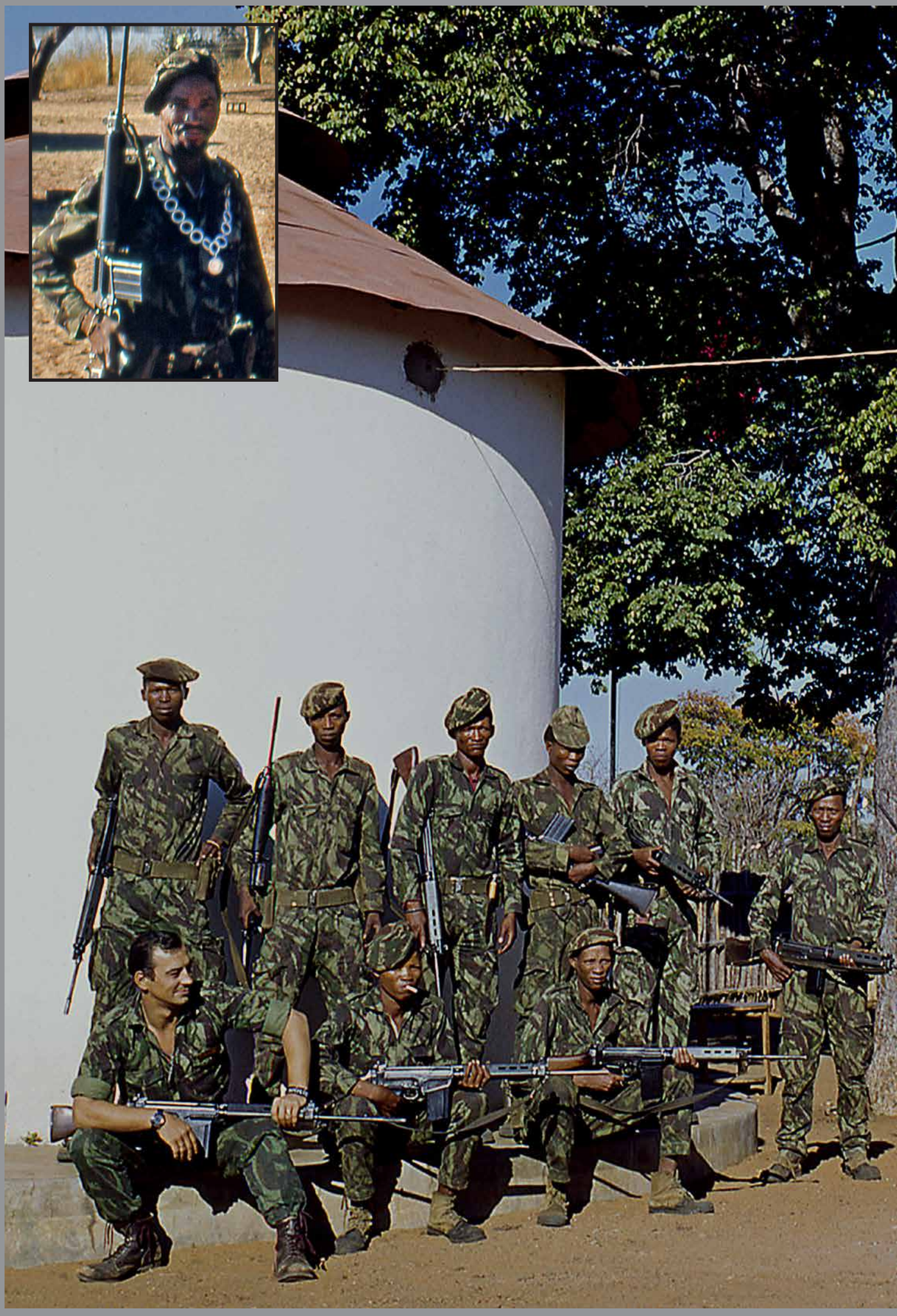
Grande chefe Flecha com a família, note–se a alta condecoração por feitos ao combate. (Desconheço o nome deste herói mas creio que vive actualmente em Portugal).

Mulheres e crianças assist
do ao trabalho do fotógrafo!

134



136



138

135/140 – À entrada da base dos flechas um grupo posa com o comandante Óscar Cardoso.

139

140

141

142

143

144

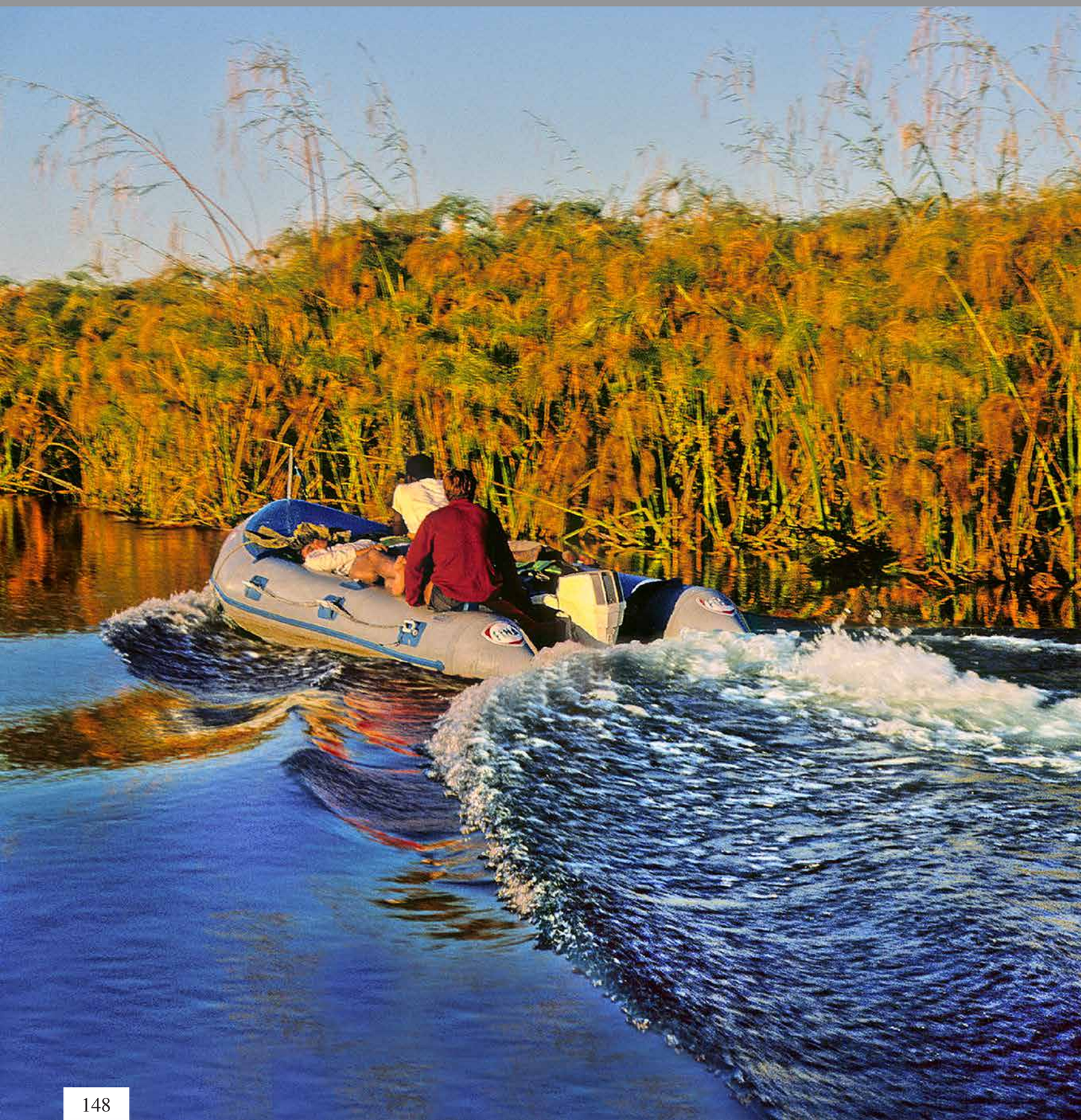
141/144 – Em posição de sentido para o arrear da bandeira, no fim da tarde!

145

146

A viagem continua, nas águas , de um puro azul, as imagens dos companheiros, refletem tão nitidas, como se fossem espelhos! Simplesmente maravilhoso...

147



148

149

150

151

152

153

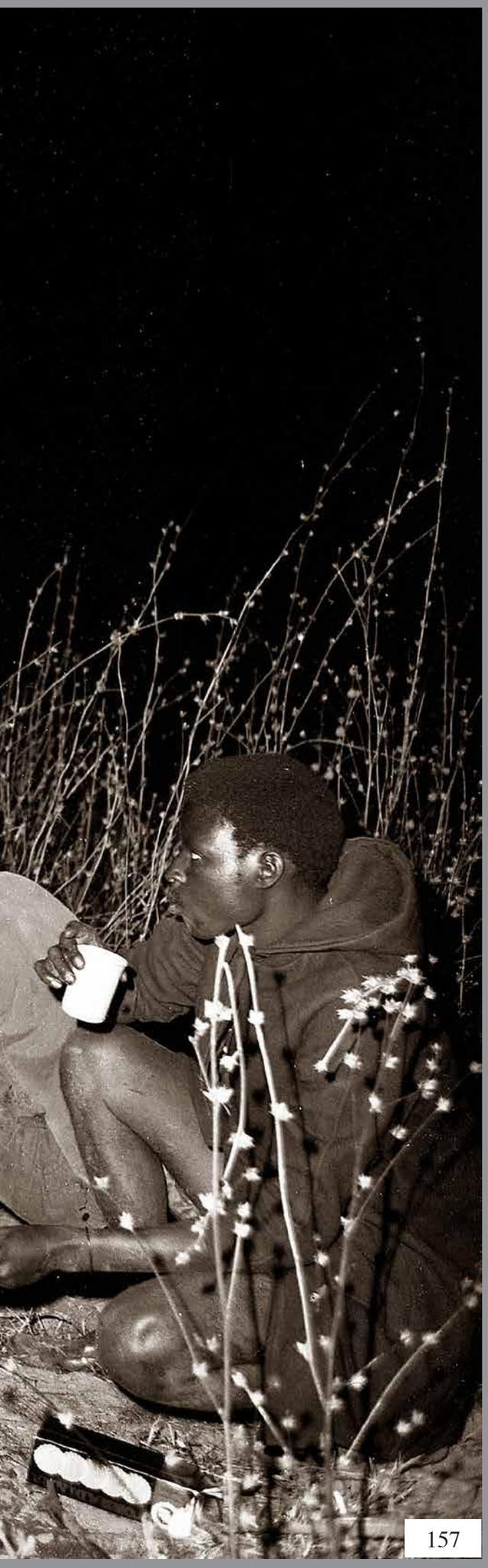
154

155

152/156 – Mais um pôr do Sol.

156

DE MANHÃ QUANDO O FRIO APERTA UM CAFÉZINHO É SEMPRE BENVINDO...

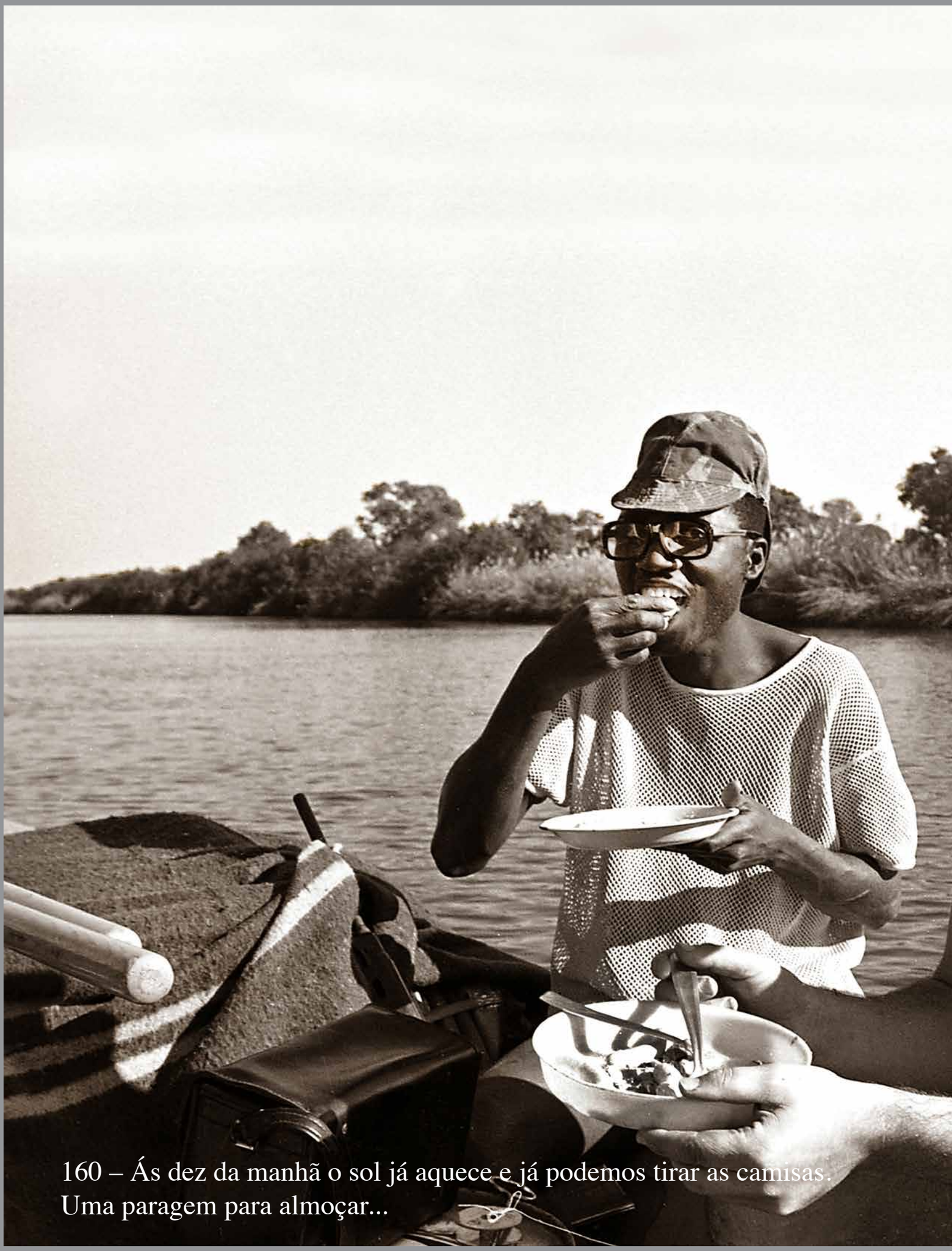


157

158

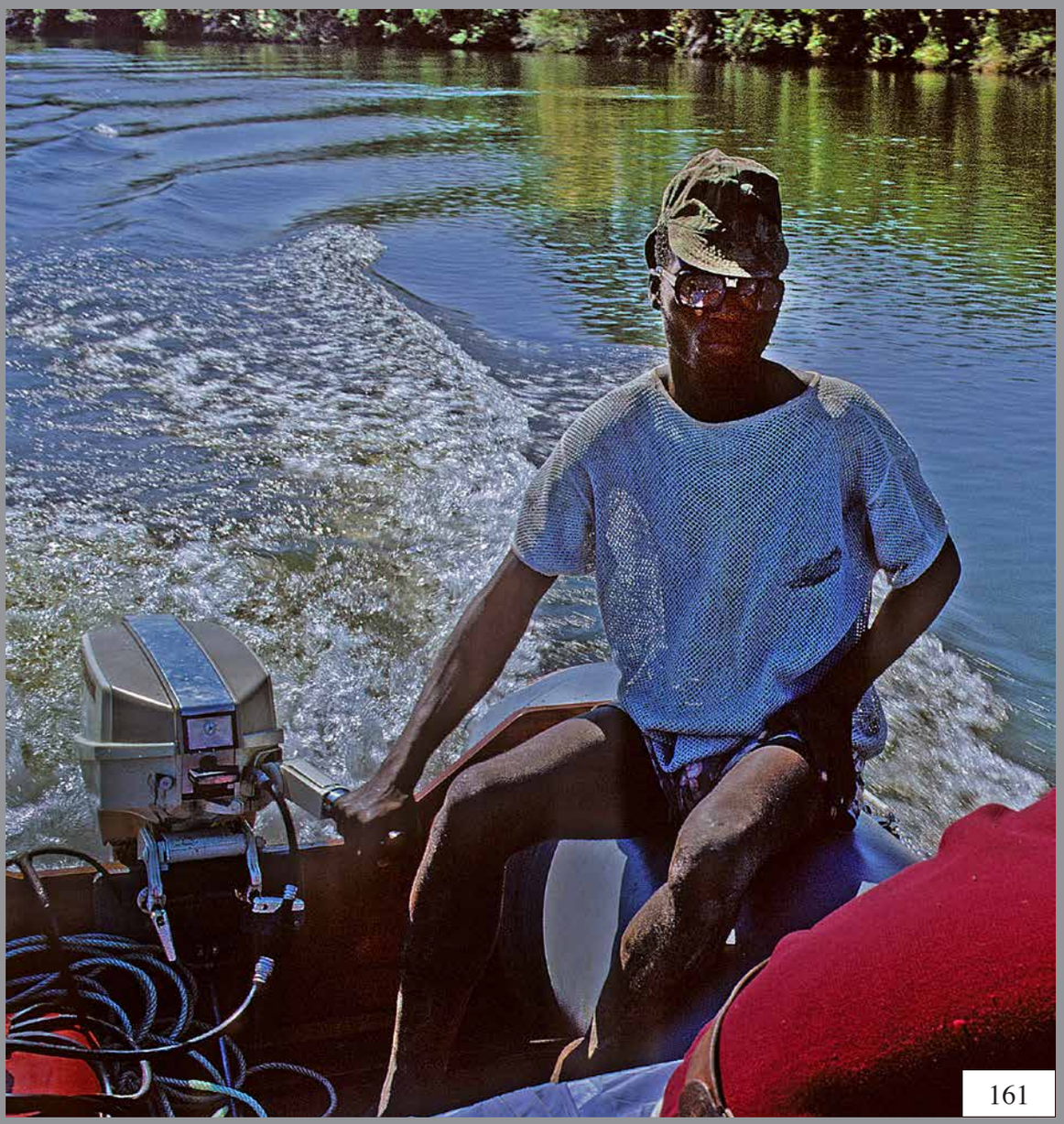
159

157/159 – Mais uma pernoita, o frio é imenso, abaixo de zero graus, mesmo a fogueira não consegue aquecer...



160 – Ás dez da manhã o sol já aquece e já podemos tirar as camisas. Uma paragem para almoçar...

160



161

162

161/164 – Novos escolhos aparecem e é preciso cuidado...

165

166

167

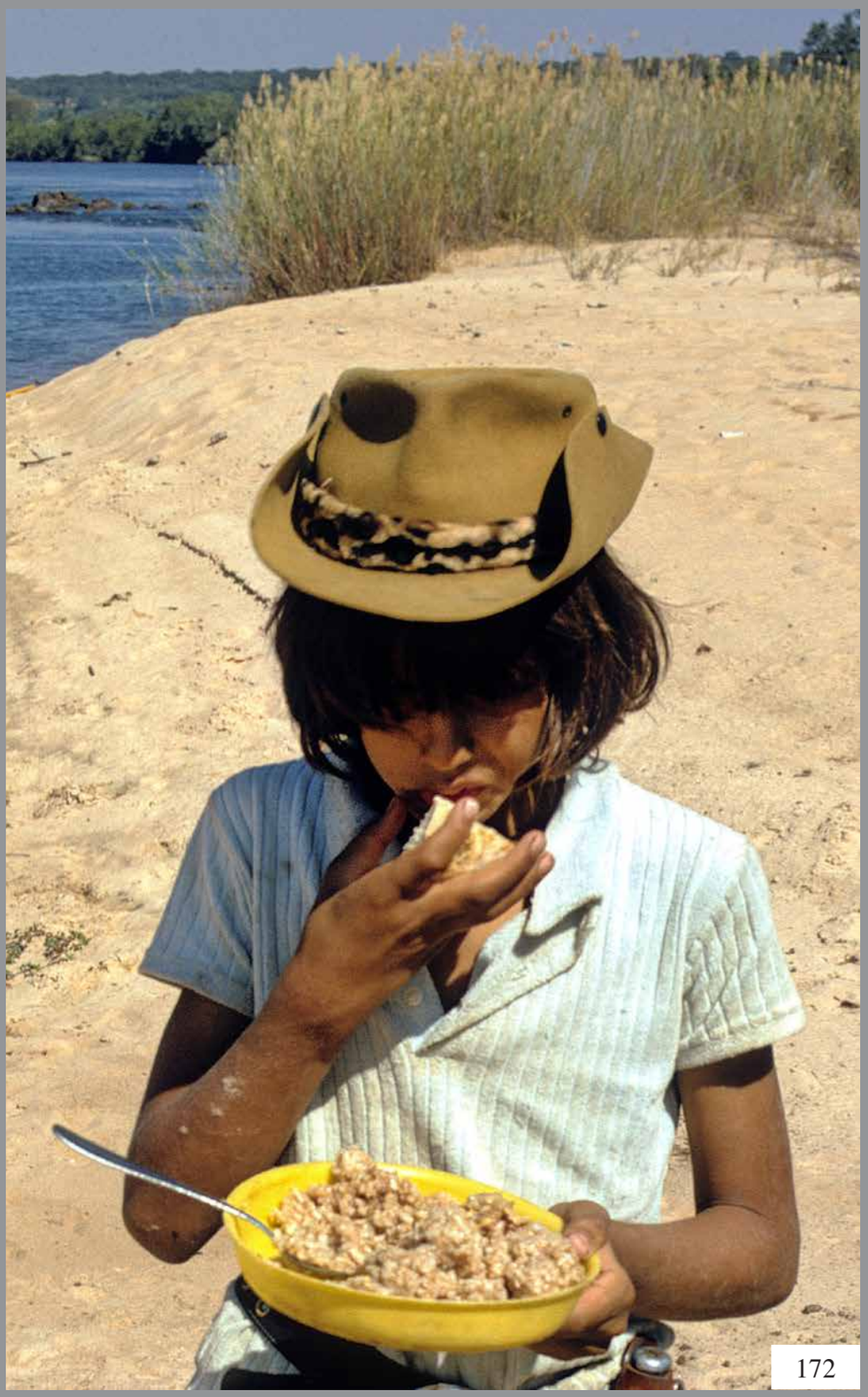
168

169

170

165/184 – Dias depois encontramos uma ilha de areia muito fina, um óptimo local para uma pausa. O calor aperta e mesmo a Iona toma banho...
Depois vêm as eternas brincadeiras.

171

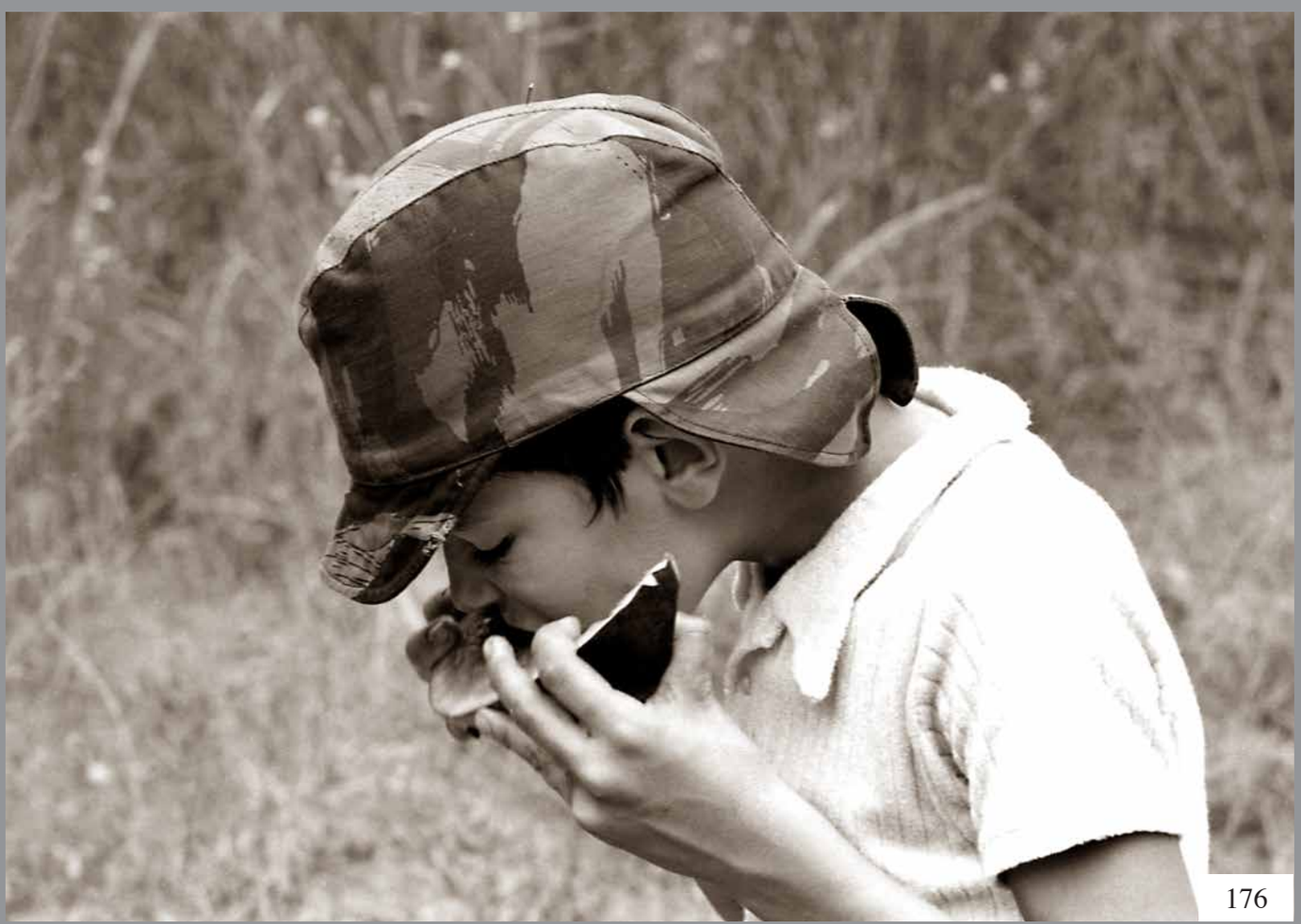


172

173

174

175

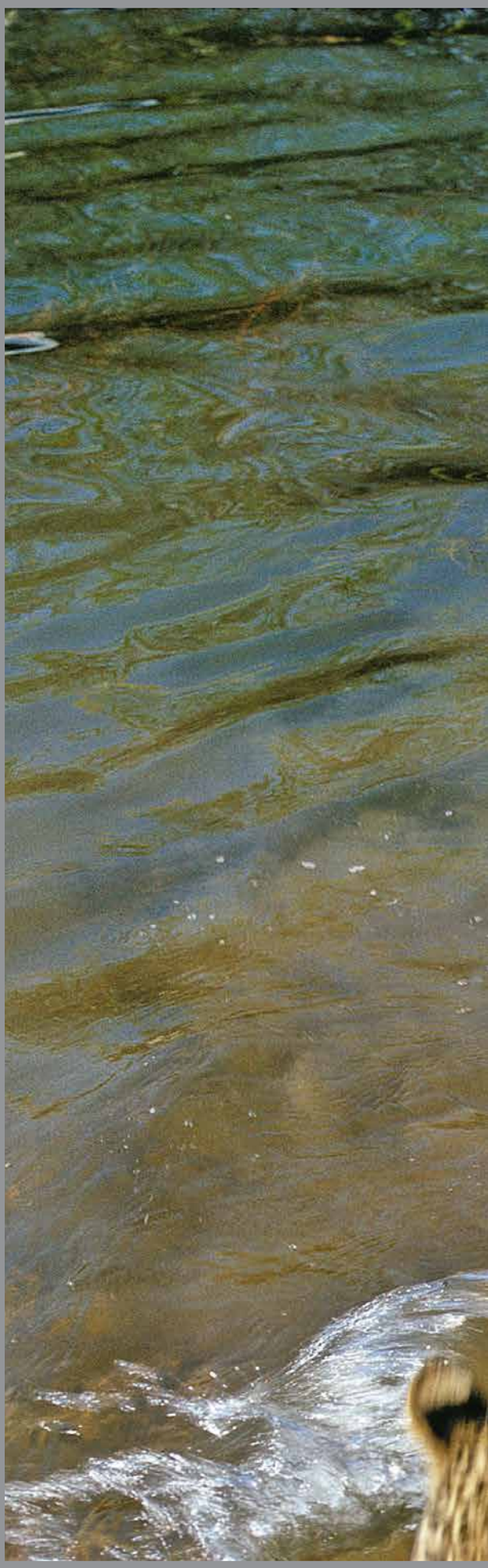


176

177

178

179



180

181

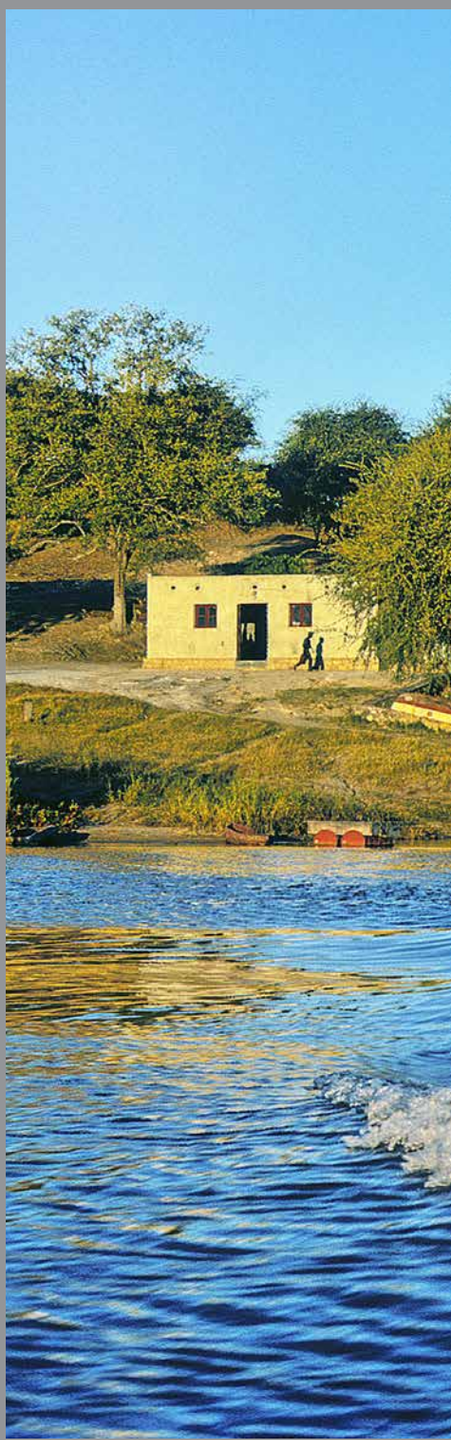
182

183

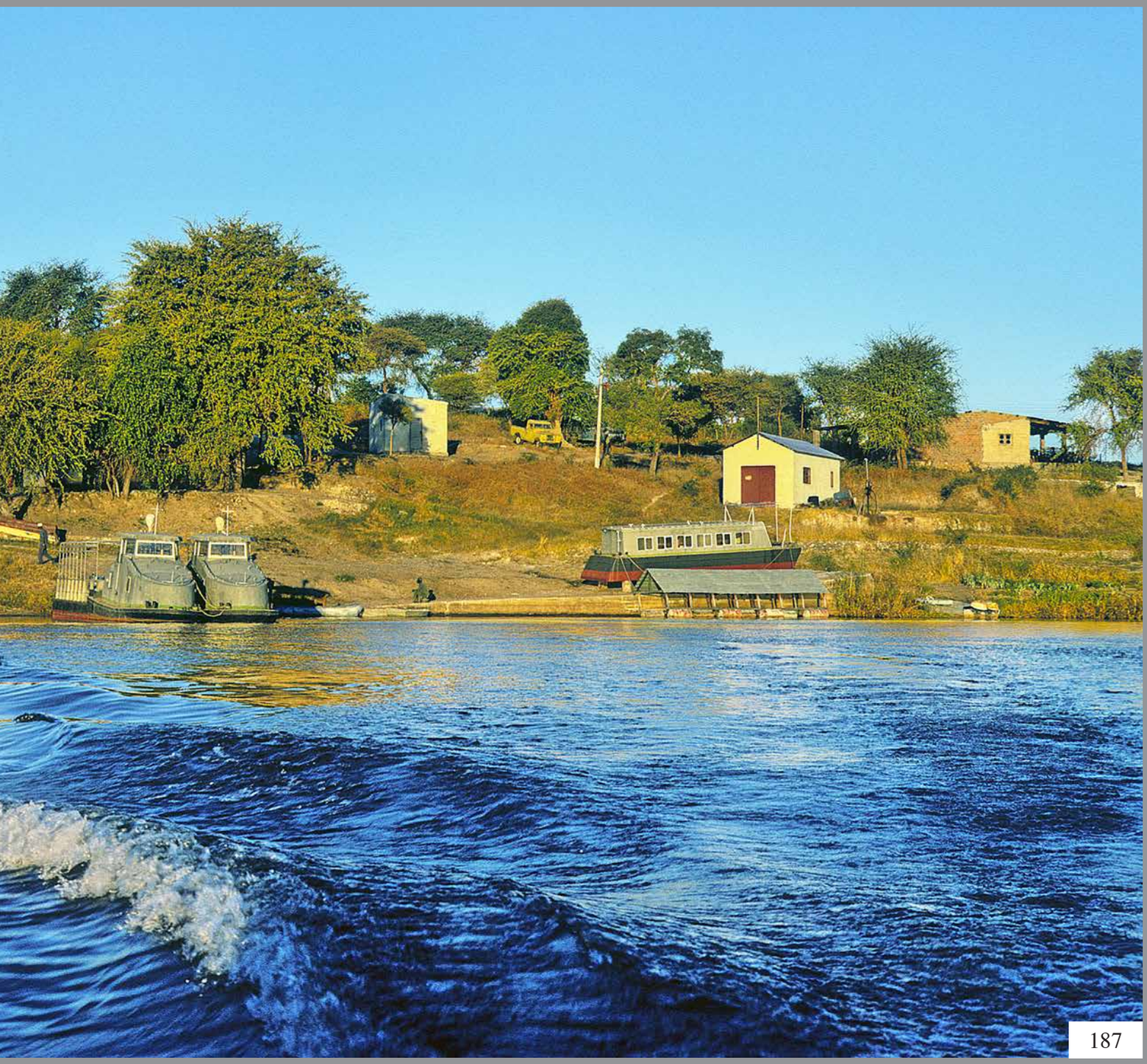
184

185

186



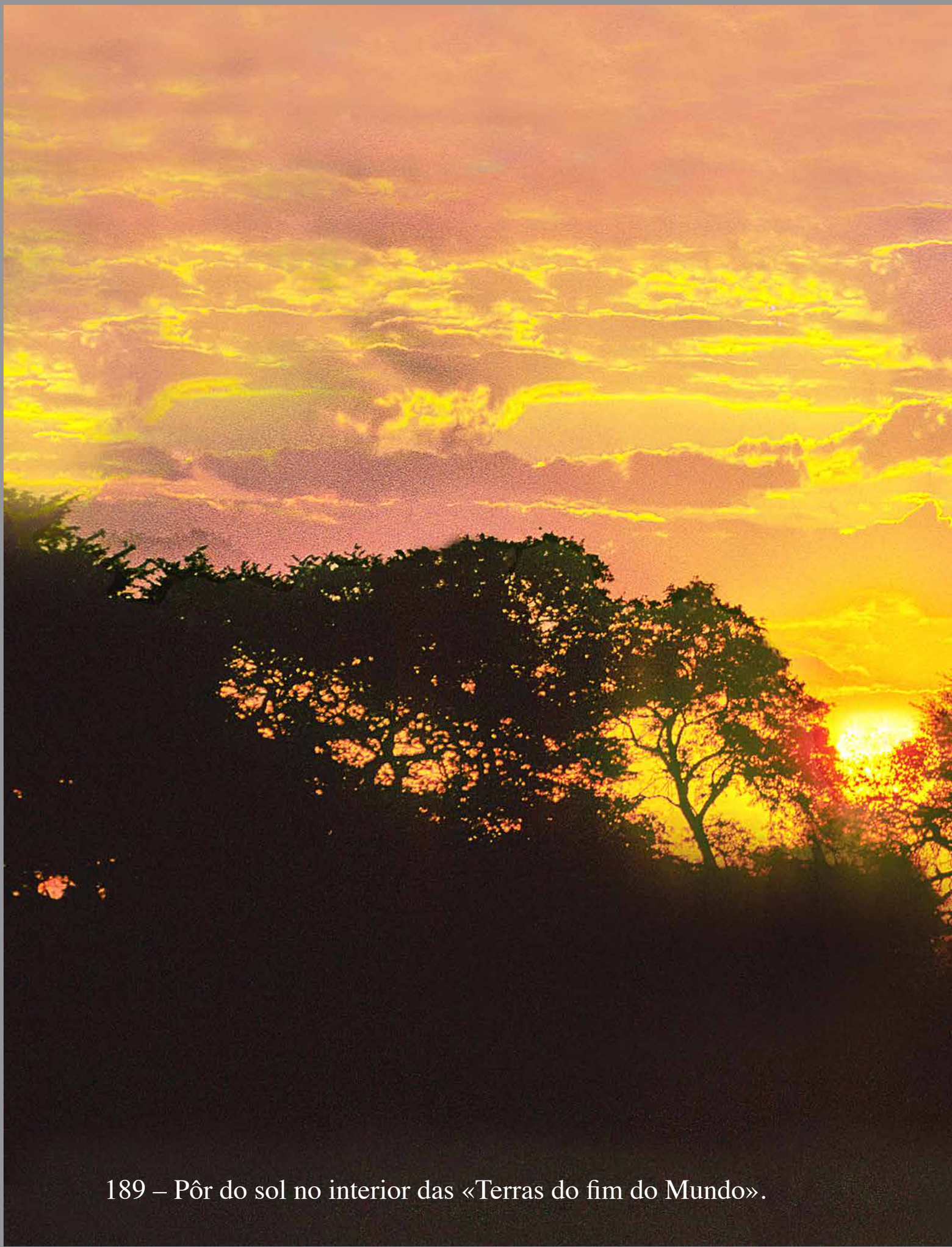
185/187 – No fim de um dia de navegação e subindo o rio Cuito chegámos ao Dirico. Pode-se ver algumas barcaças que navegam nos rios Cuito e Cubango na altura das chuvas onde o caudal é maximo, e isto durante algumas centenas de kms, transportando carga e passageiros. Esta opção é muito prática pois com a chuva a maioria das estradas estão impraticáveis.



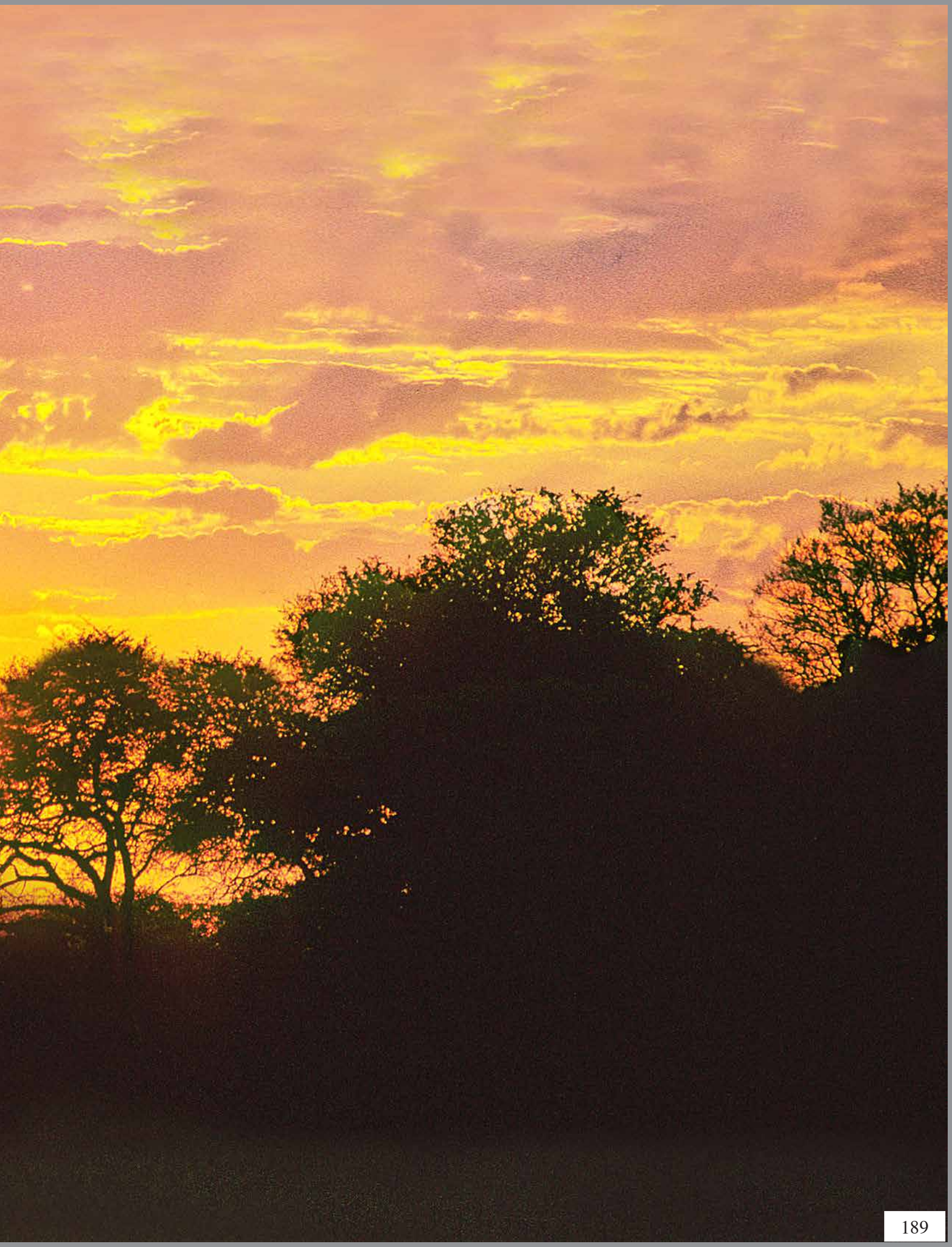
187

188 – Nas águas azuis, estranhos refletos originam desenhos mágicos...

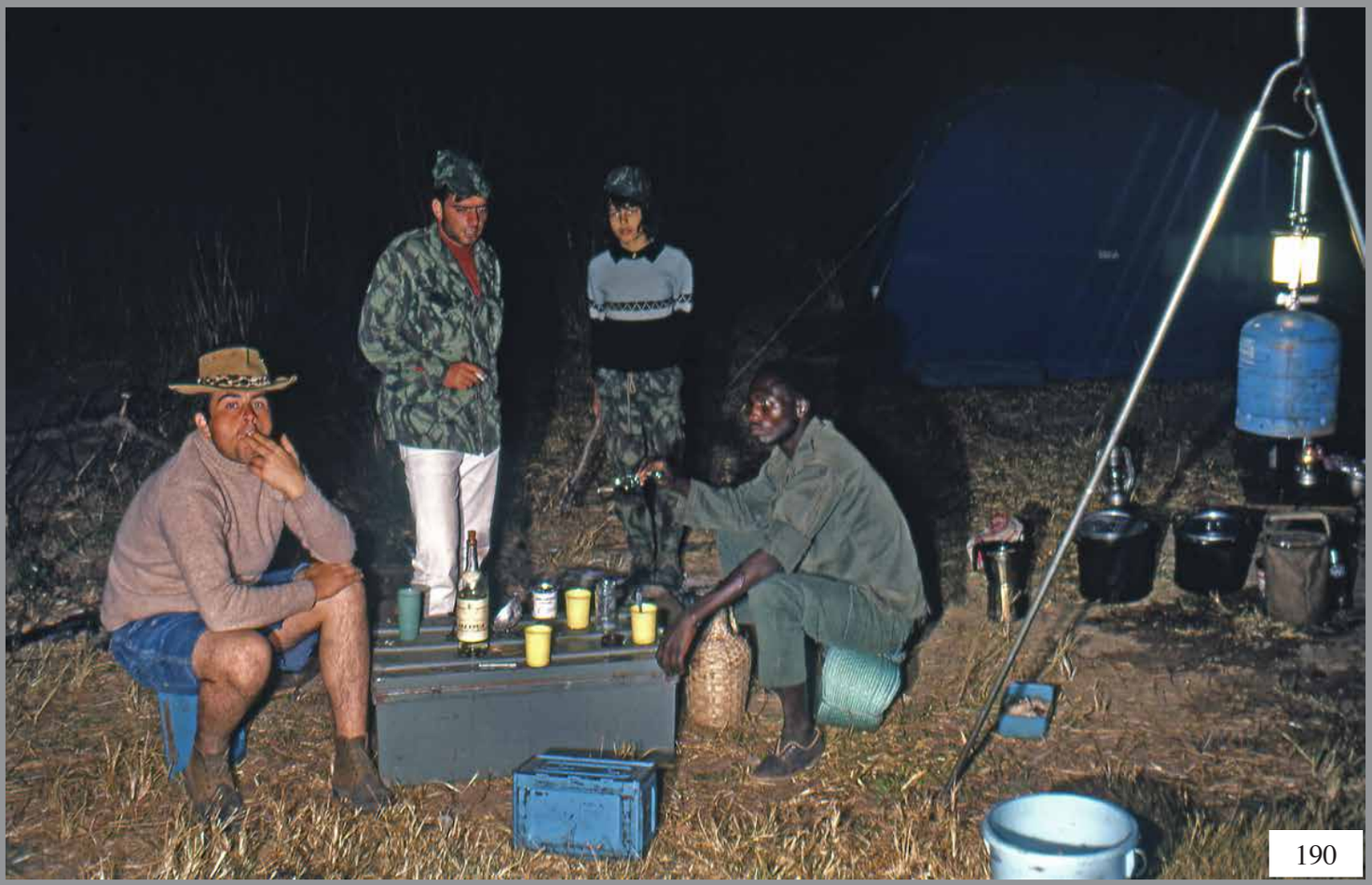
188

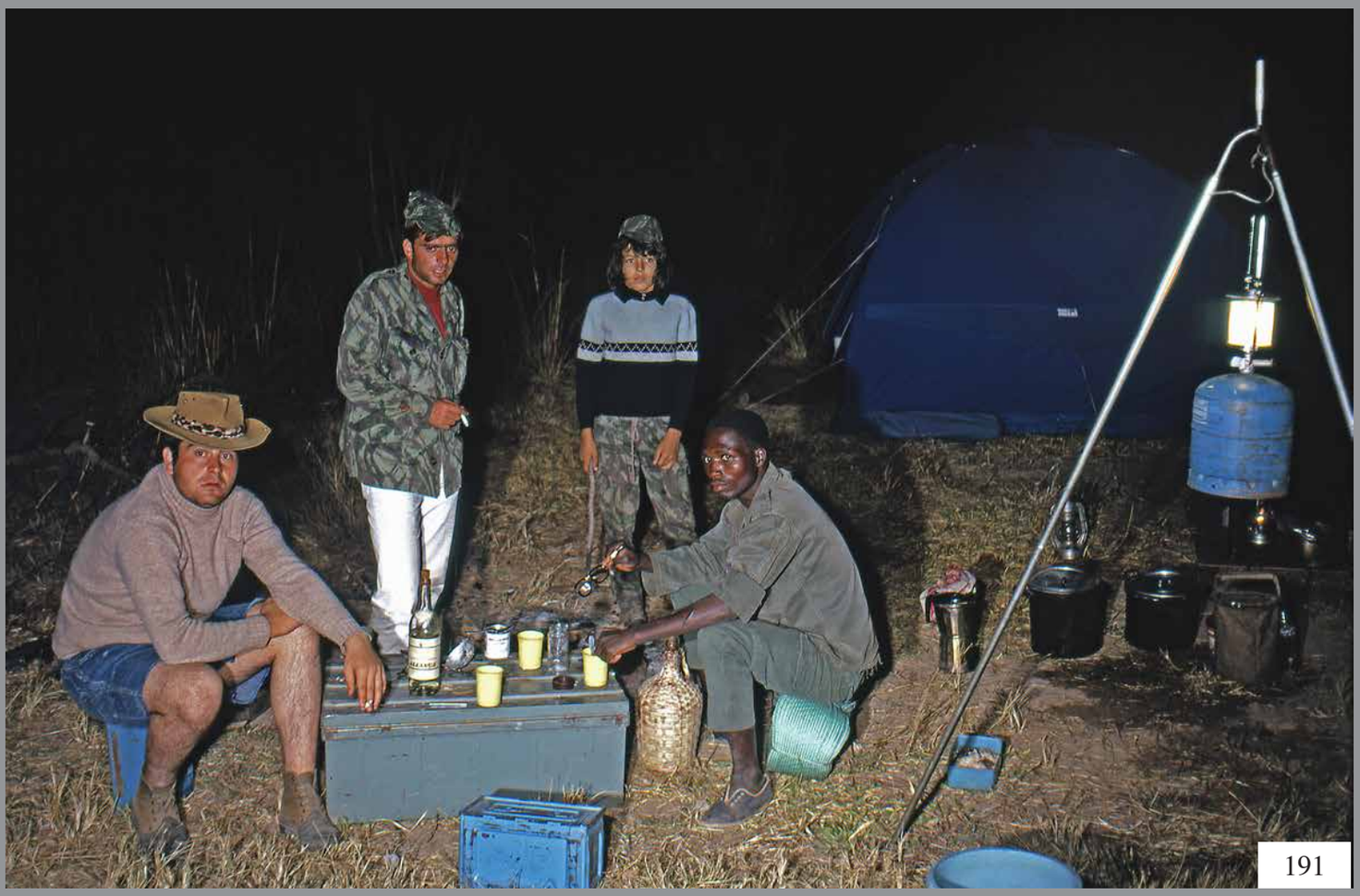


189 – Pôr do sol no interior das «Terras do fim do Mundo».



189





190/191 – Outro acampamento para passar a noite.

192

193

192/193 – Limpeza das hélices dos motores fora de borda.

194

195

196

197

198

199

194/202 – Uma paragem para reparar o fundo dos botes que sofreram com os escolhos na passagem dos rápidos.

200

201

202

203

203 – Ao lado de uma aldeia indigena, instalámos as nossas tendas para um dia de descanso.

204

205

206

204/209 – Várias fotos
com o seu «Canhão de 6

de detalhes e auto-retrato de Jean Charles
640 m/m».

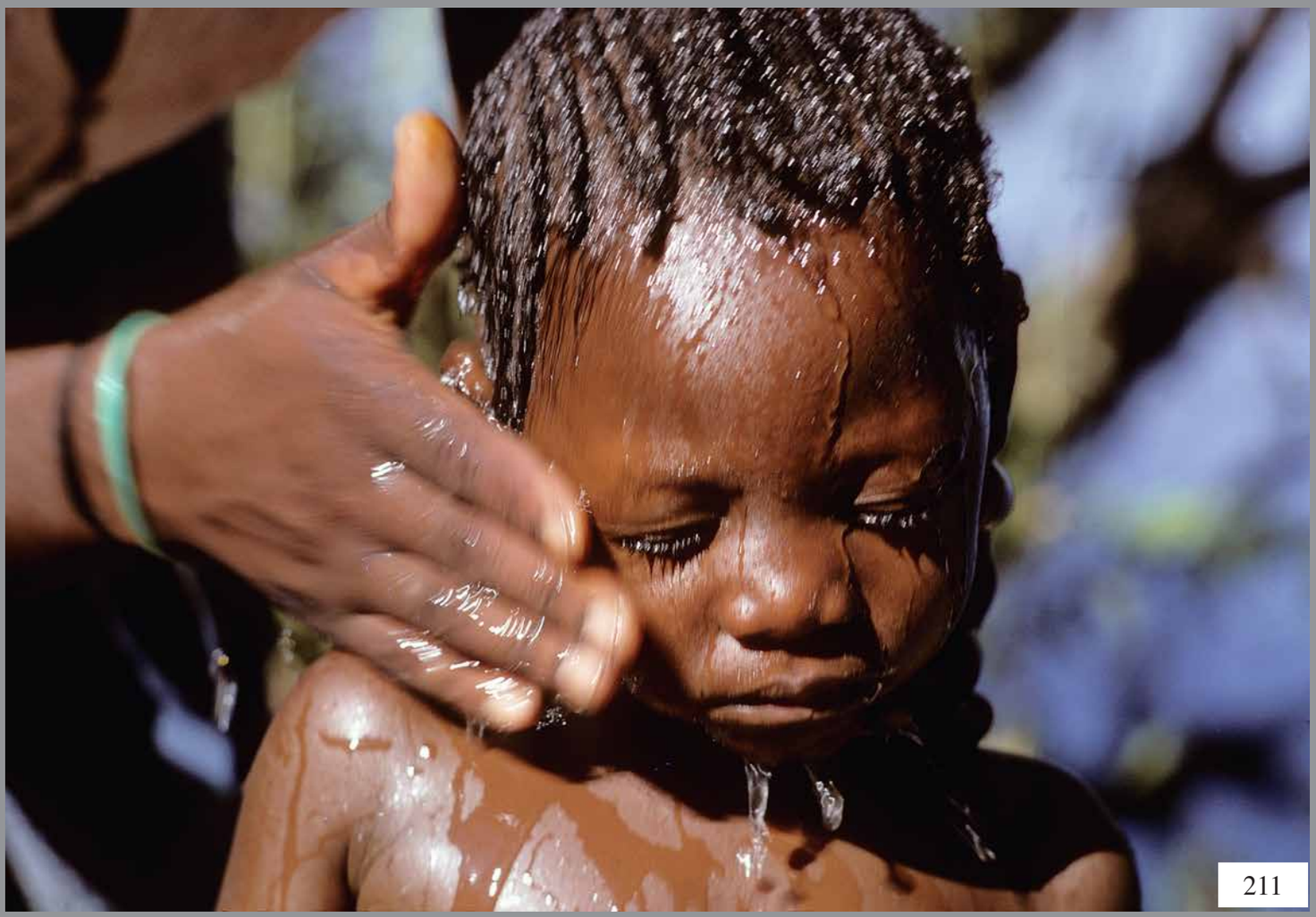
207

208

209

210/211 - Um Pai dá banho á sua pequenina.

210



211

212

212 – Esta criança imita a Mãe com uma lata na cabeça...

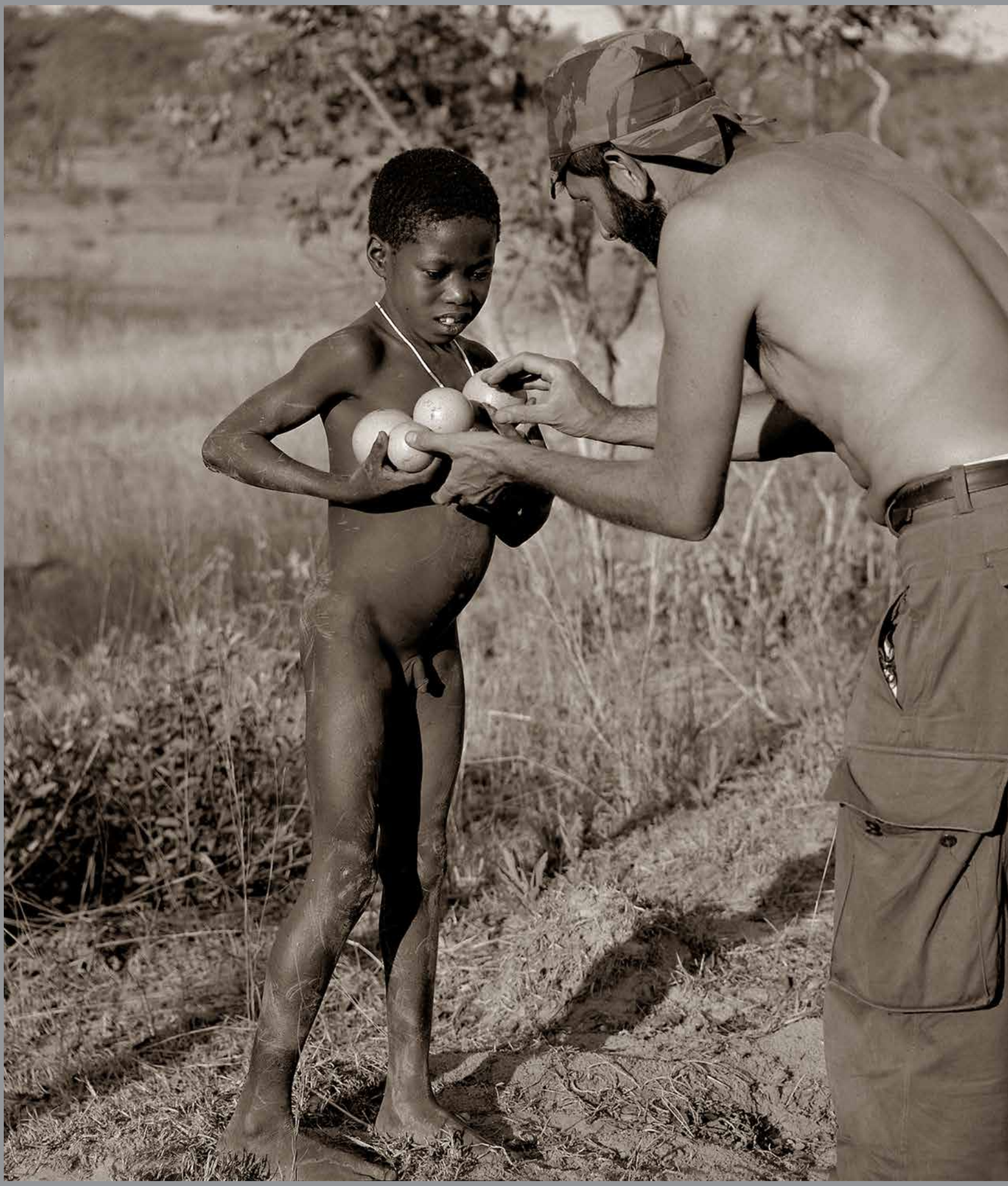
213/214 – Outra criança depois do banho e a «Sereia» do Cubango...

214

215

216

215/216 – Bonitos sorrisos destas duas crianças...



217 – Jean Charles prepara este rapazito, que veio colher alguns frutos da mata, para lhe tirar o retrato.

217

218

219

218/219 – Dois rostos típicos de habitantes do Cubango.

220

221

222

220/226 – Mais rápidos e navegação com todo o cuidado.
223

224

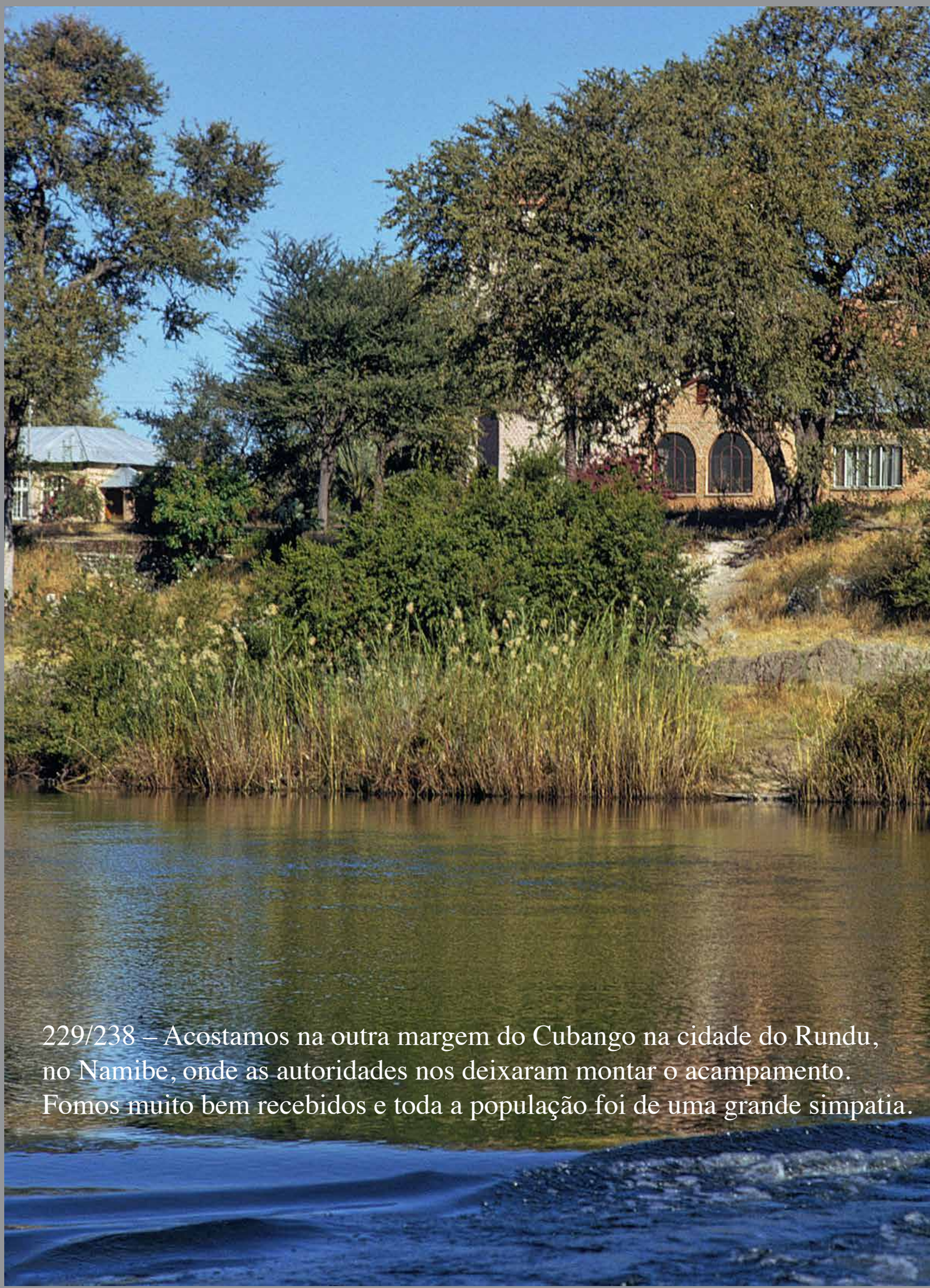
225

226

227

227/228 – Perto de um "Quimbo" gado e população indígena.

228



229/238 – Acostamos na outra margem do Cubango na cidade do Rundu, no Namibe, onde as autoridades nos deixaram montar o acampamento. Fomos muito bem recebidos e toda a população foi de uma grande simpatia.

229

230

231

232

233

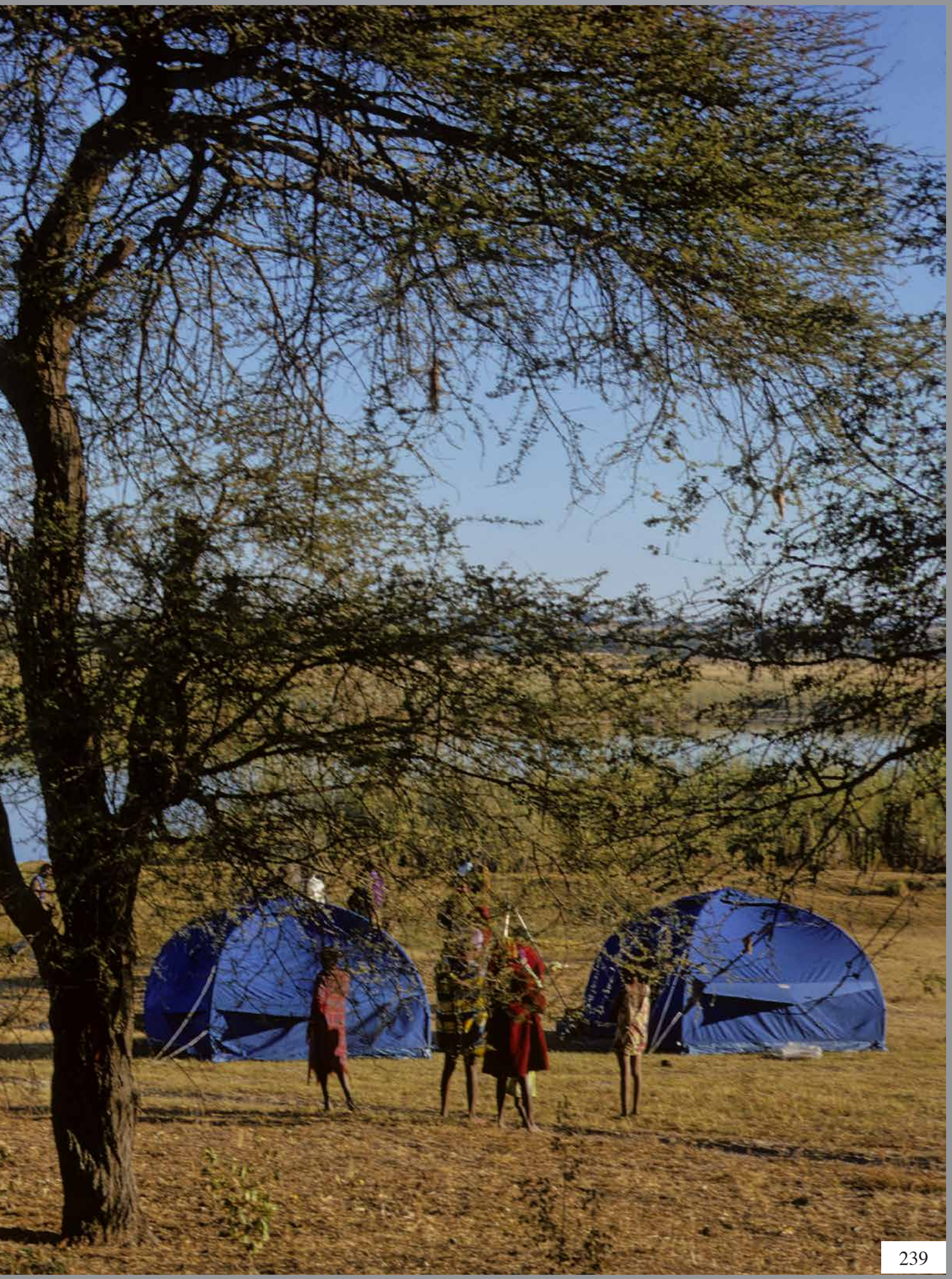
234

236

237

238

239 – As nossas 2 barracas «Igloo» montadas nas margens do Cubango.



239

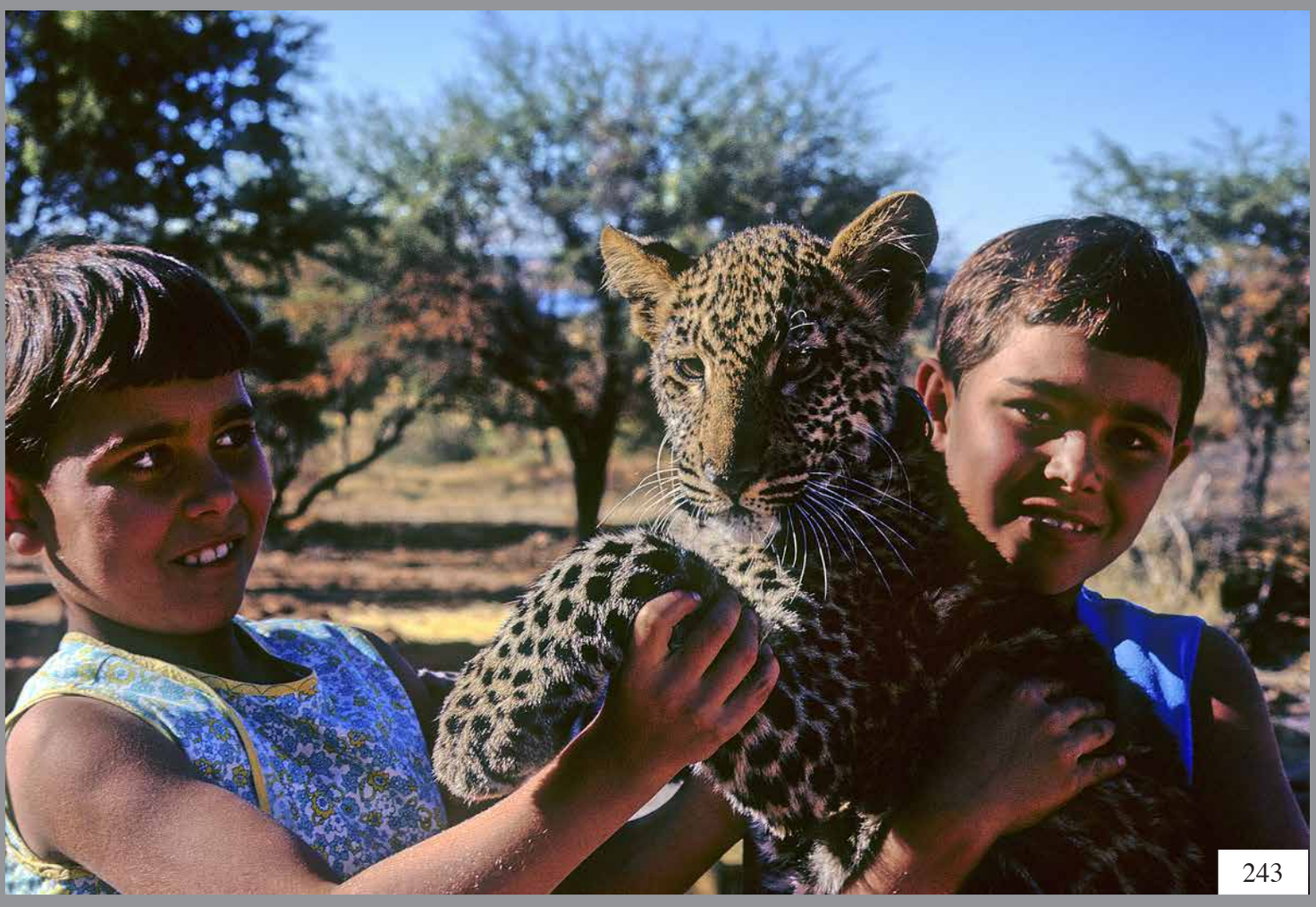
240 – A toilette matinal…

240

241

241/243 – A Iona foia a primeira da Festa pois, crianças e adultos, todos queriam posar com ela.

242



243

244 – Bonito retrato destas duas crianças.

244

245/249 – Crianças e adultos à saída de uma escola.

245

246

247

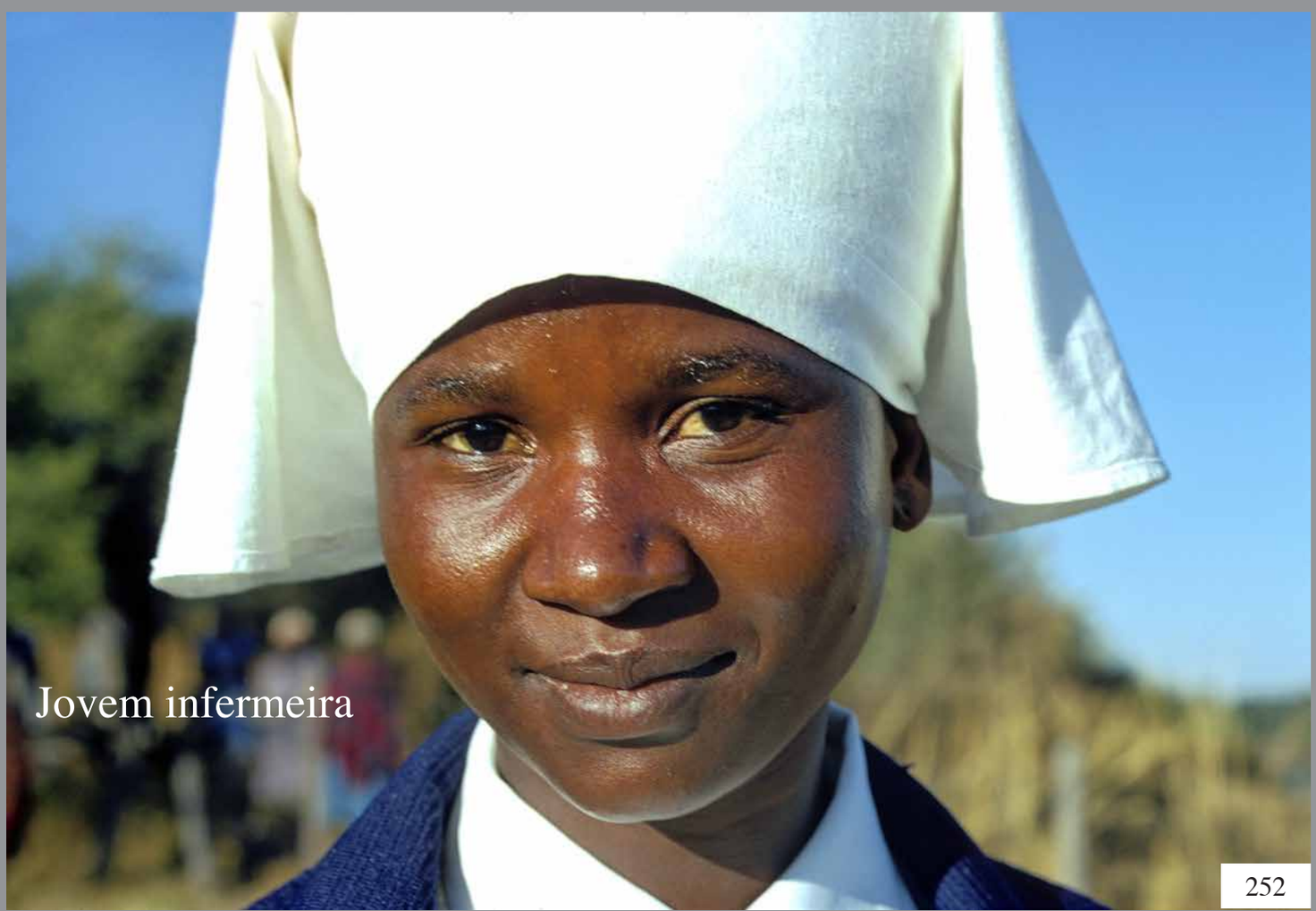
248

250/251 – Exterior e interior de uma Igreja.

249

250

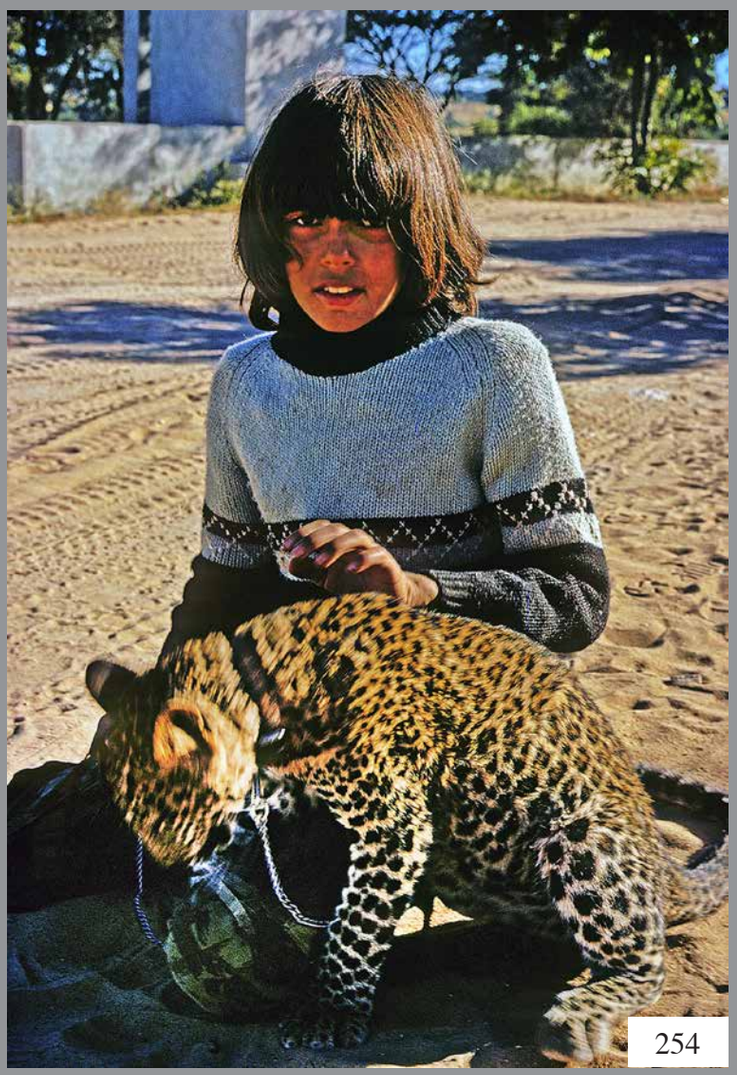
251



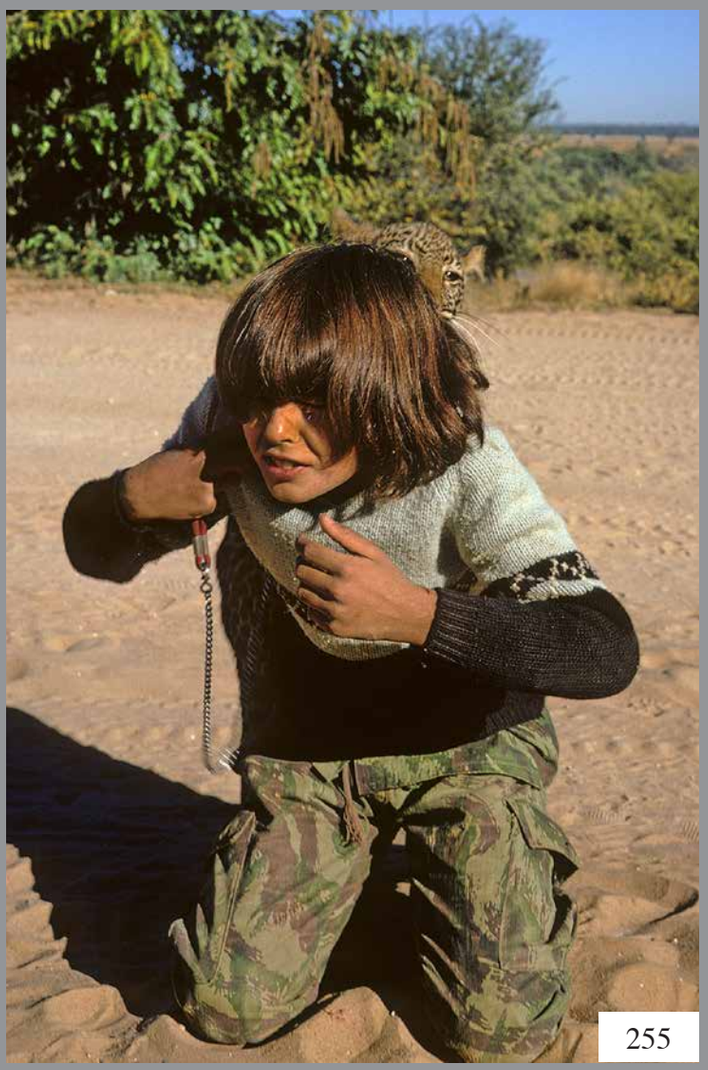
Jovem infermeira

252

253/255 – O Olivier admira uma enorme avestruz domesticada e continua com as brincadeira da Iona.



254



255

256 – Que regalo estas coca–colas bem fresquinhas!

256

257

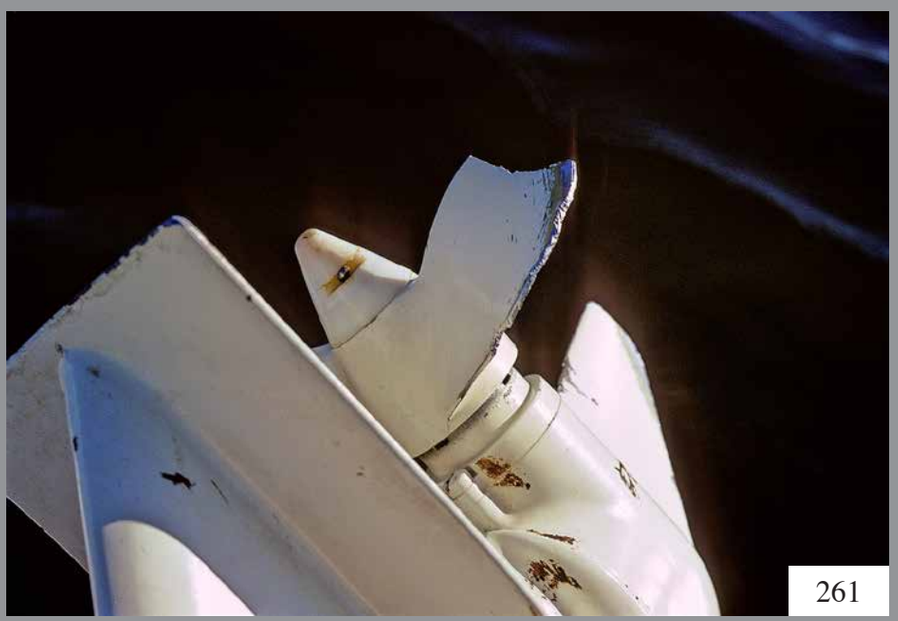
257 – Um militar S.A.aproveitando o momento, espera que o peixe morda. A arma esta ao lado dentro de un saco...

O Olivier passeando de canoa em companhia do "marinheiro", nosso novo guia, que conhece todos os meandros do Cubango, o que nos foi muito útil para o resto da viagem.

259/262 – Paragem ao lado de uma jangada, afim de reparar uma hélice que se partiu num embate com um rochedo.

259

260



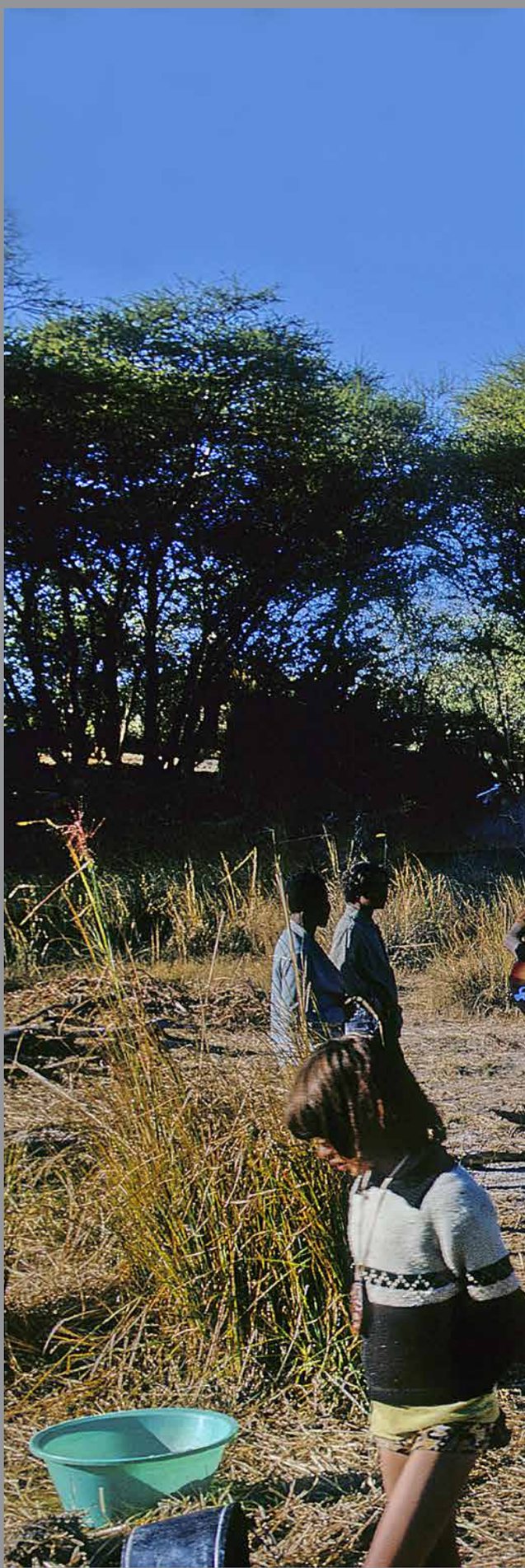
261

262

263

264

265



263/266 – De tempos a tempos uma paragem para confraternizar com a população.

266

267

267/270 – Transbordo de gasolina para um vasilhame mais pequeno.

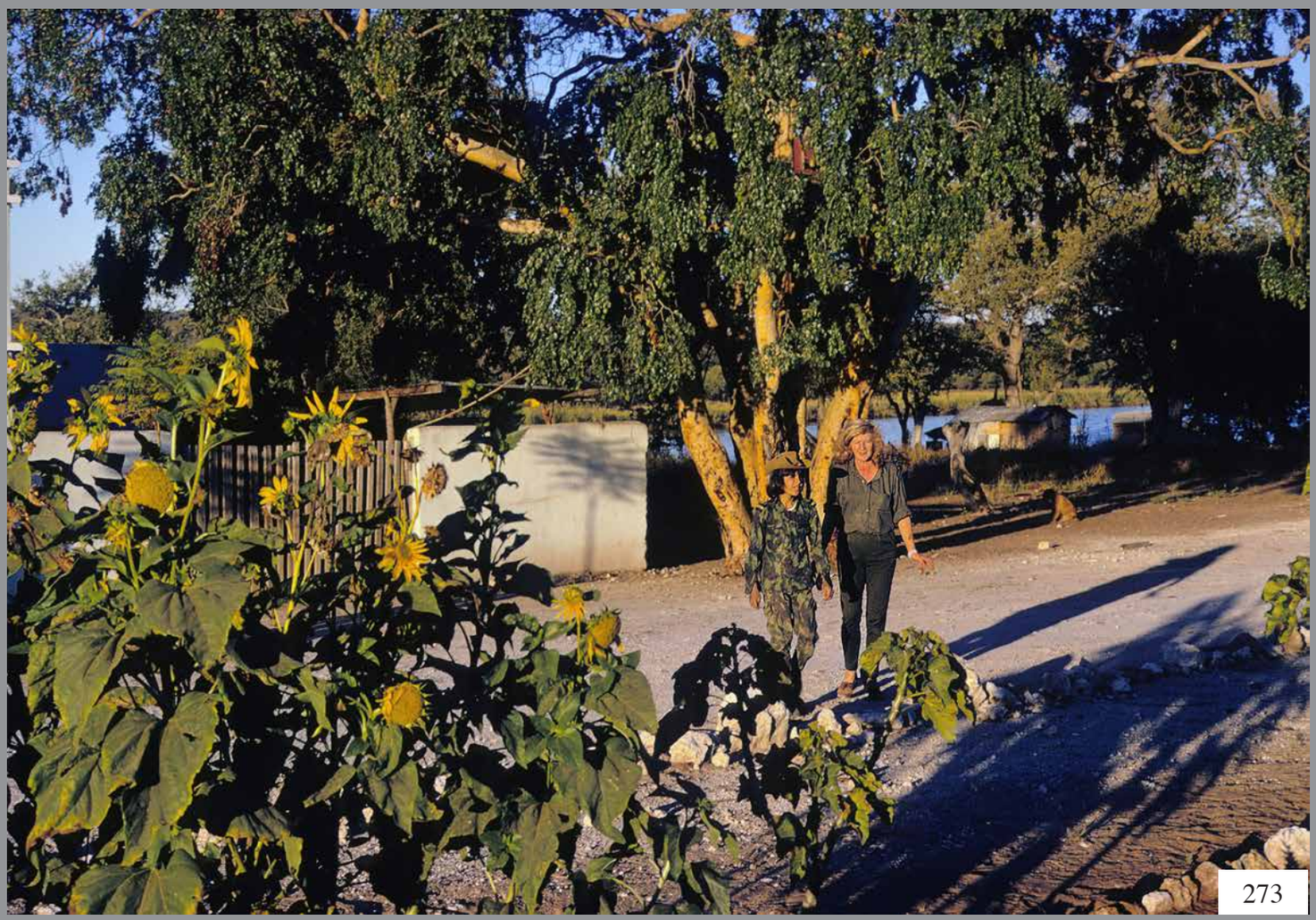
268

269

270

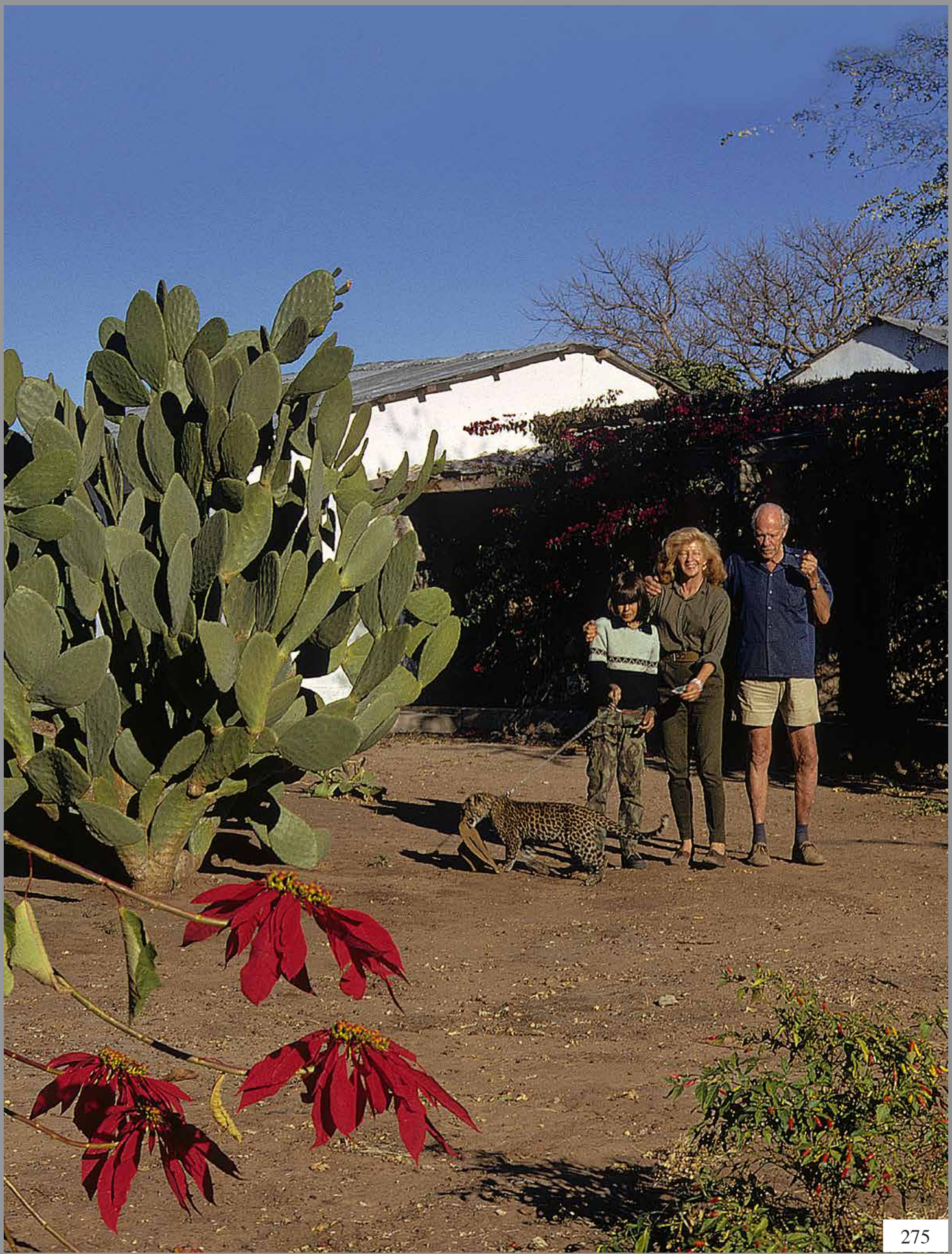
271

272

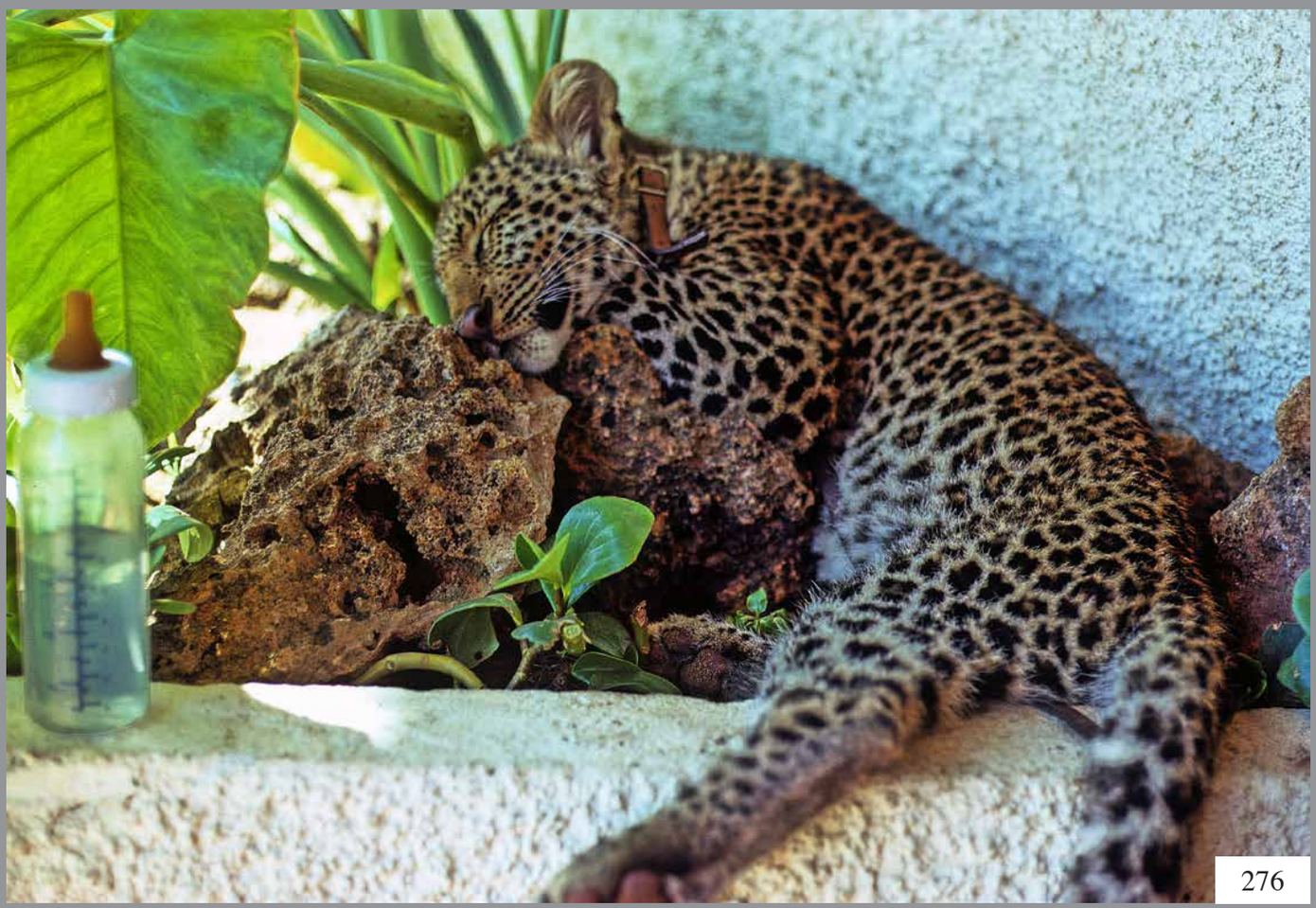


273

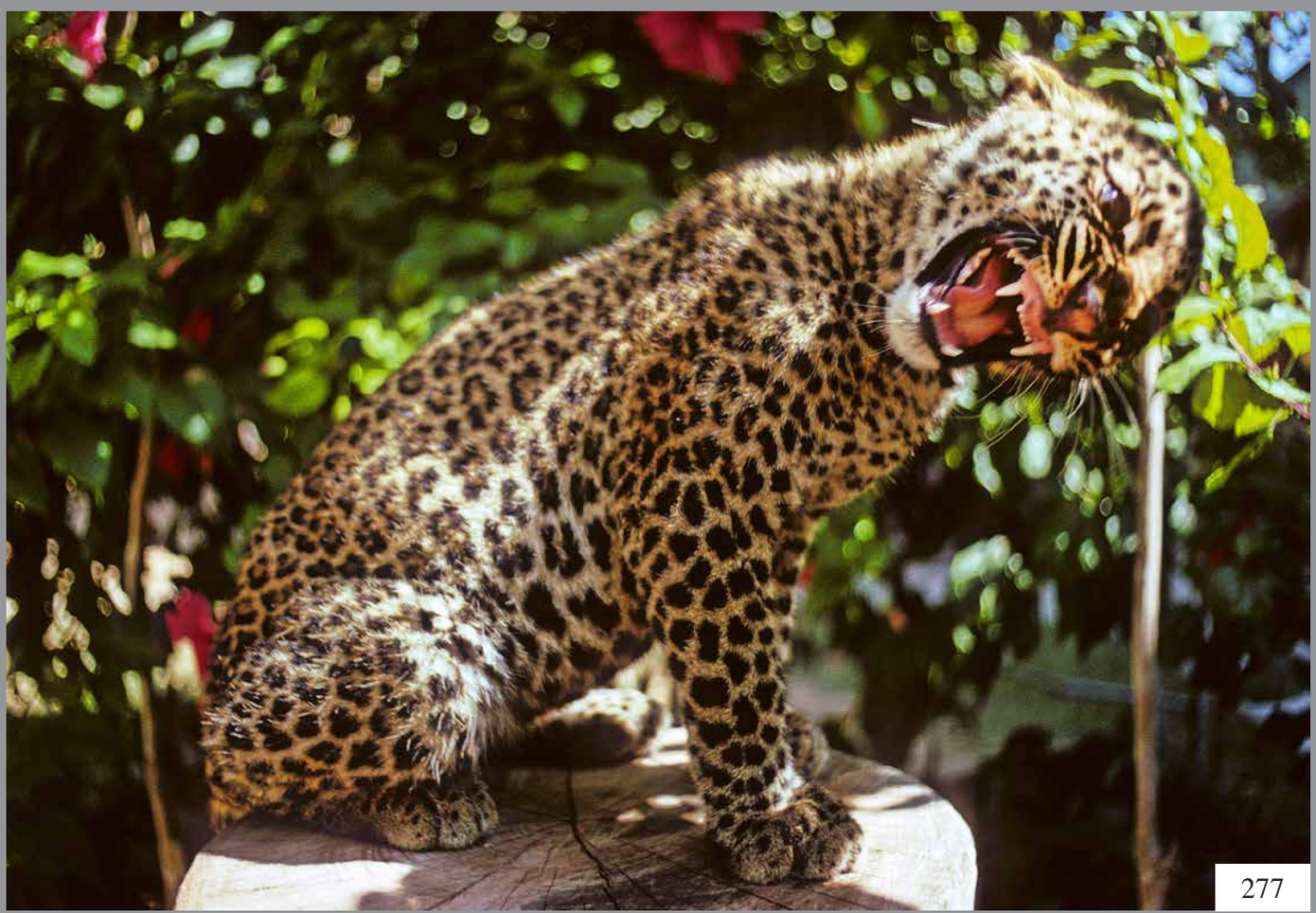
274



271/275 – Algures em companhia de um casal amigo. A Iona adorava rasgar chapéus.



276



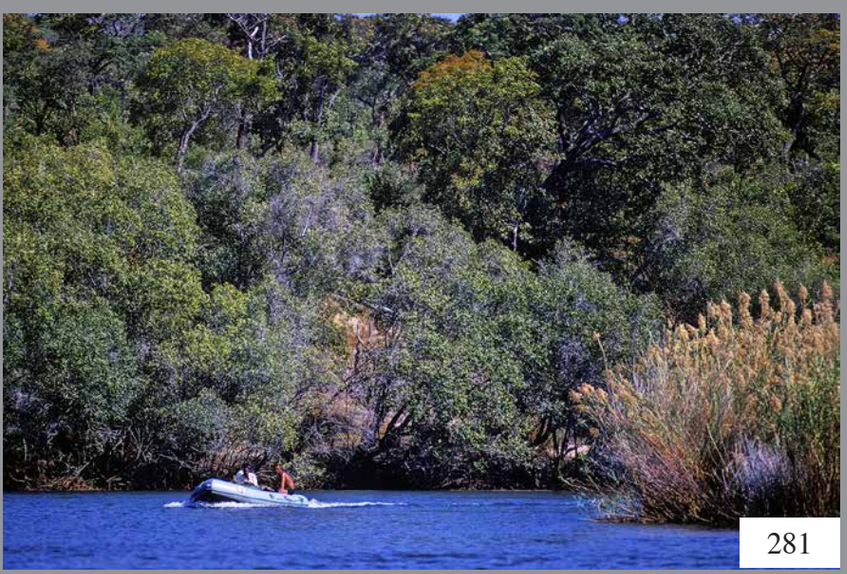
277

276/277 – A Iona não gostava que perturbassem a sua sesta, ficava toda assanhada...

278

279

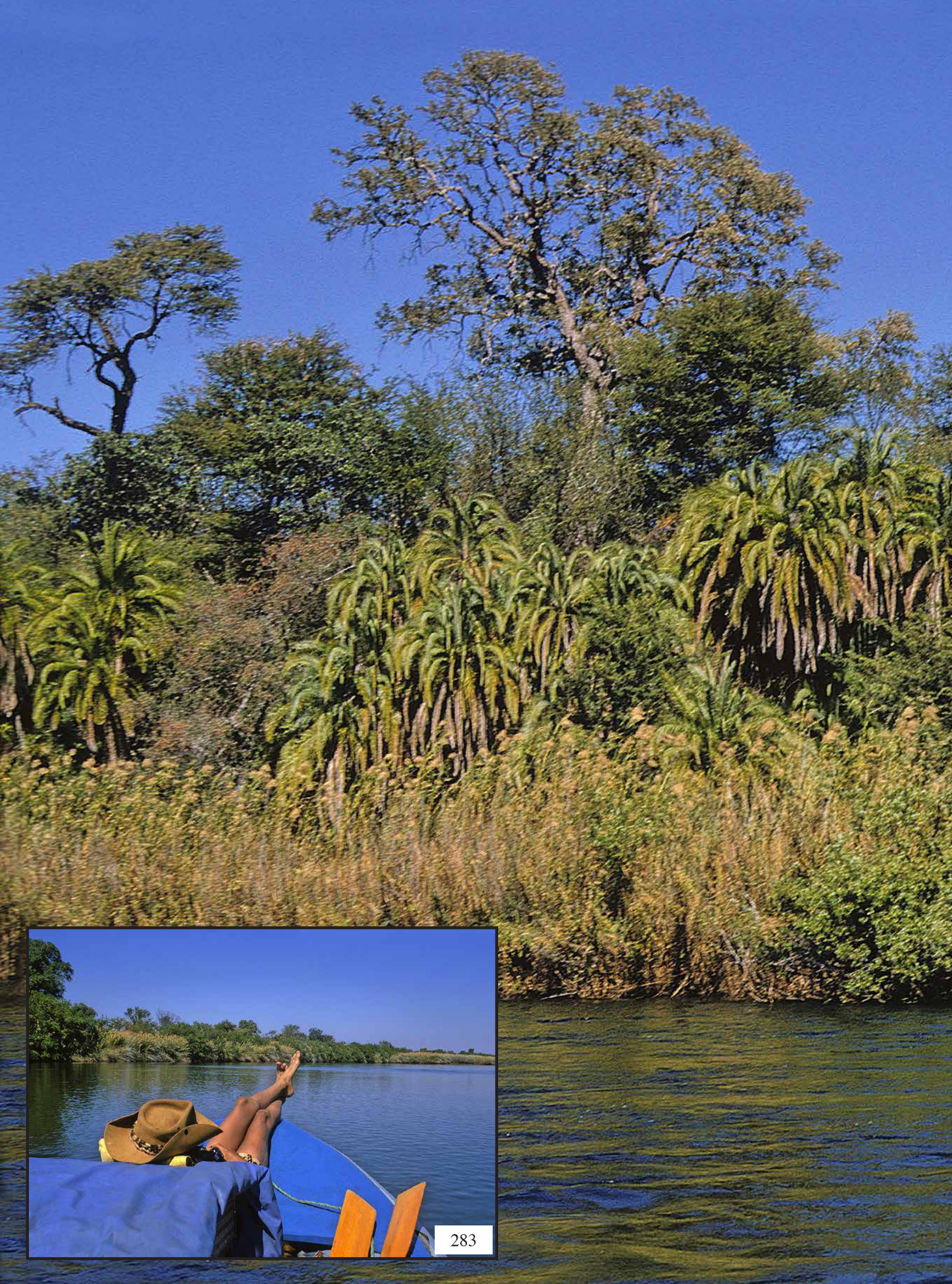
280



281

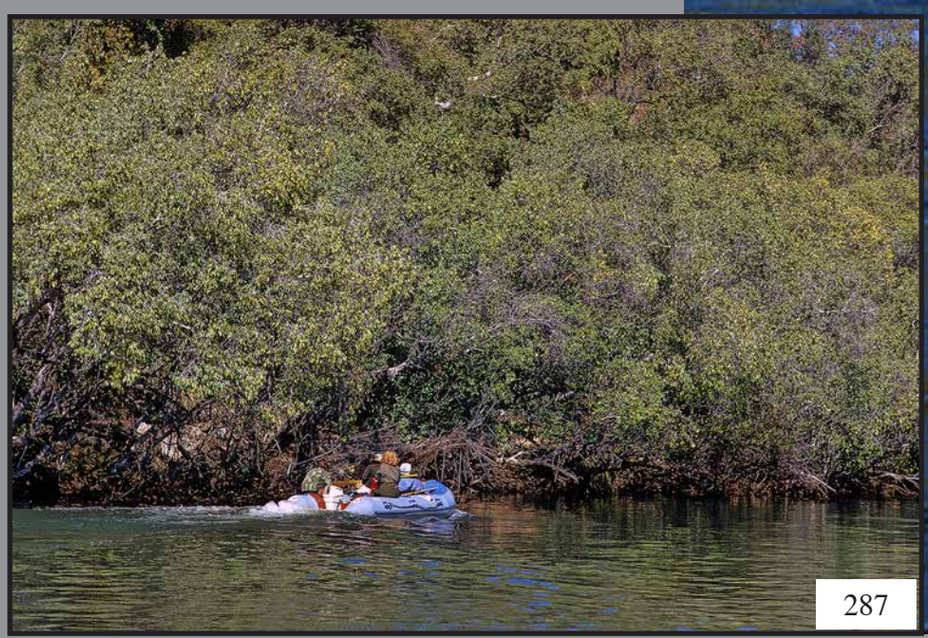
278/290 – Em companhia da Senhora, cujo nome esqueci, alguns passeios para admirar as maravilhosas paisagens do Cubango.

282



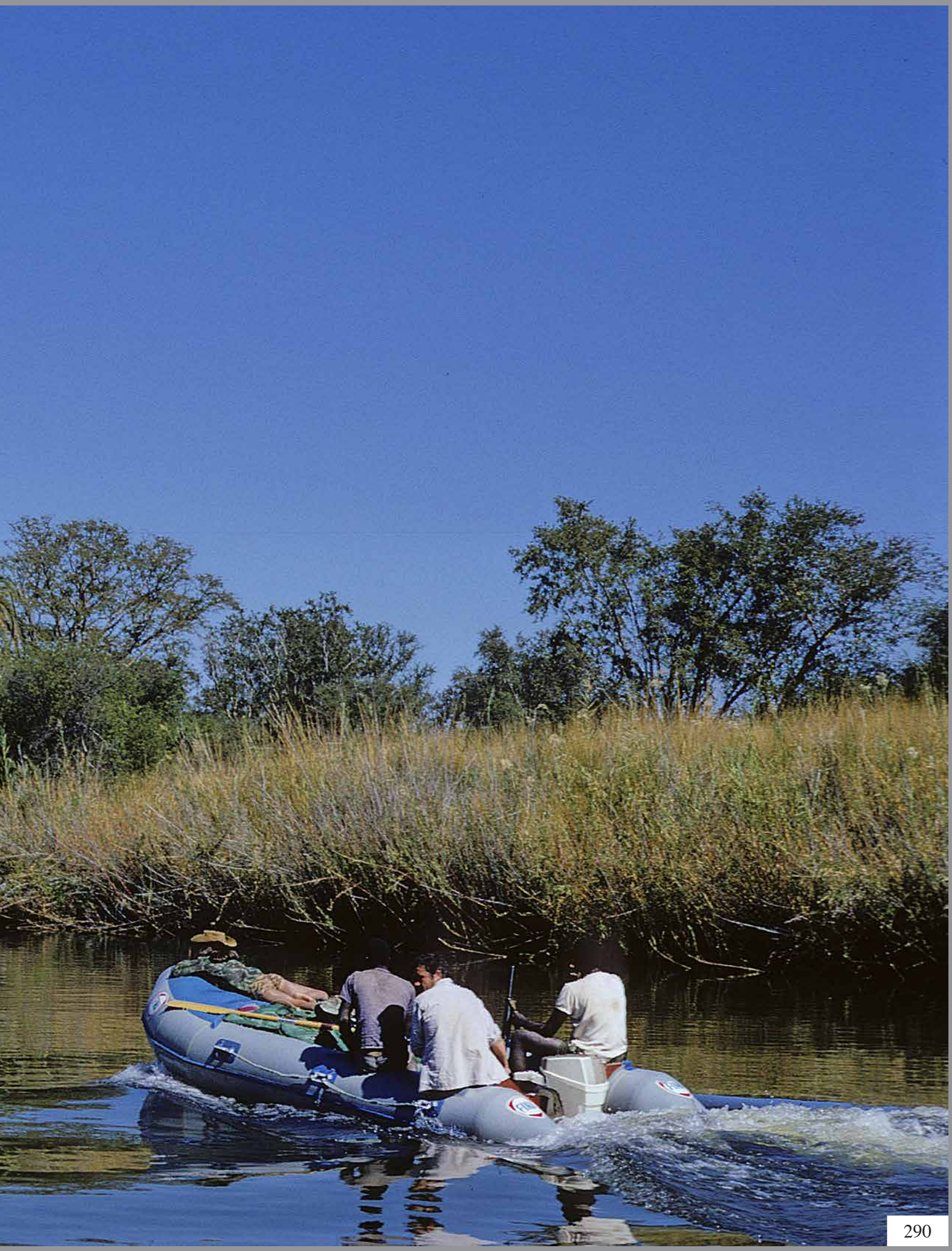
285

286



287

288



290

FINA

O almoço preparado pela nossa Amiga estava um regalo...

291

292

293

294

295

296

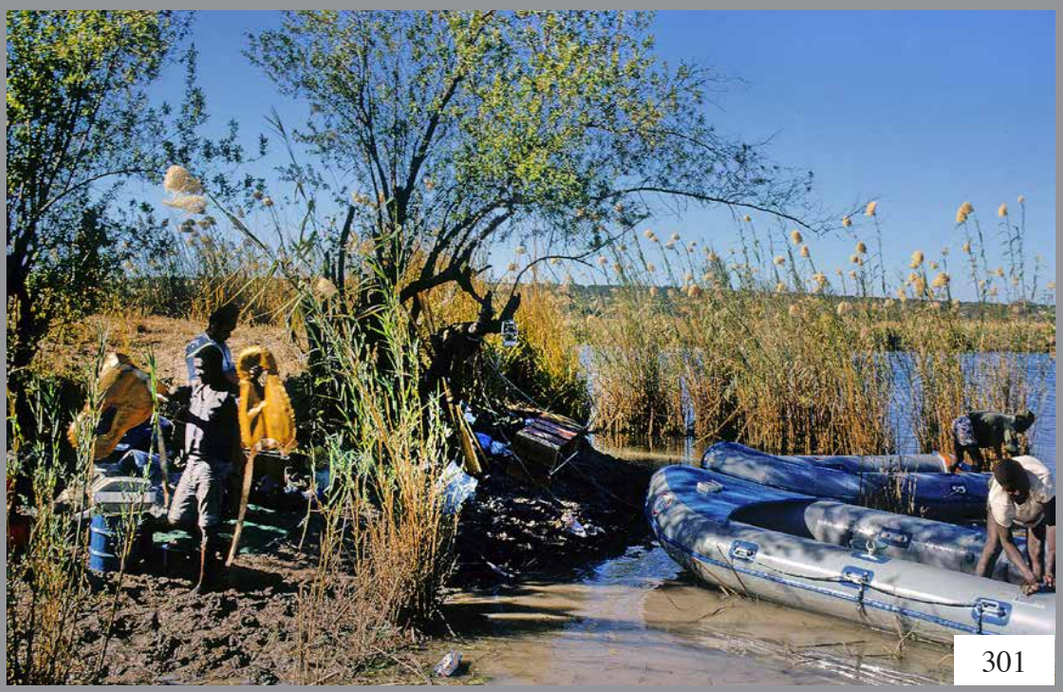
292/299 – A viagem continua...

297

298

299

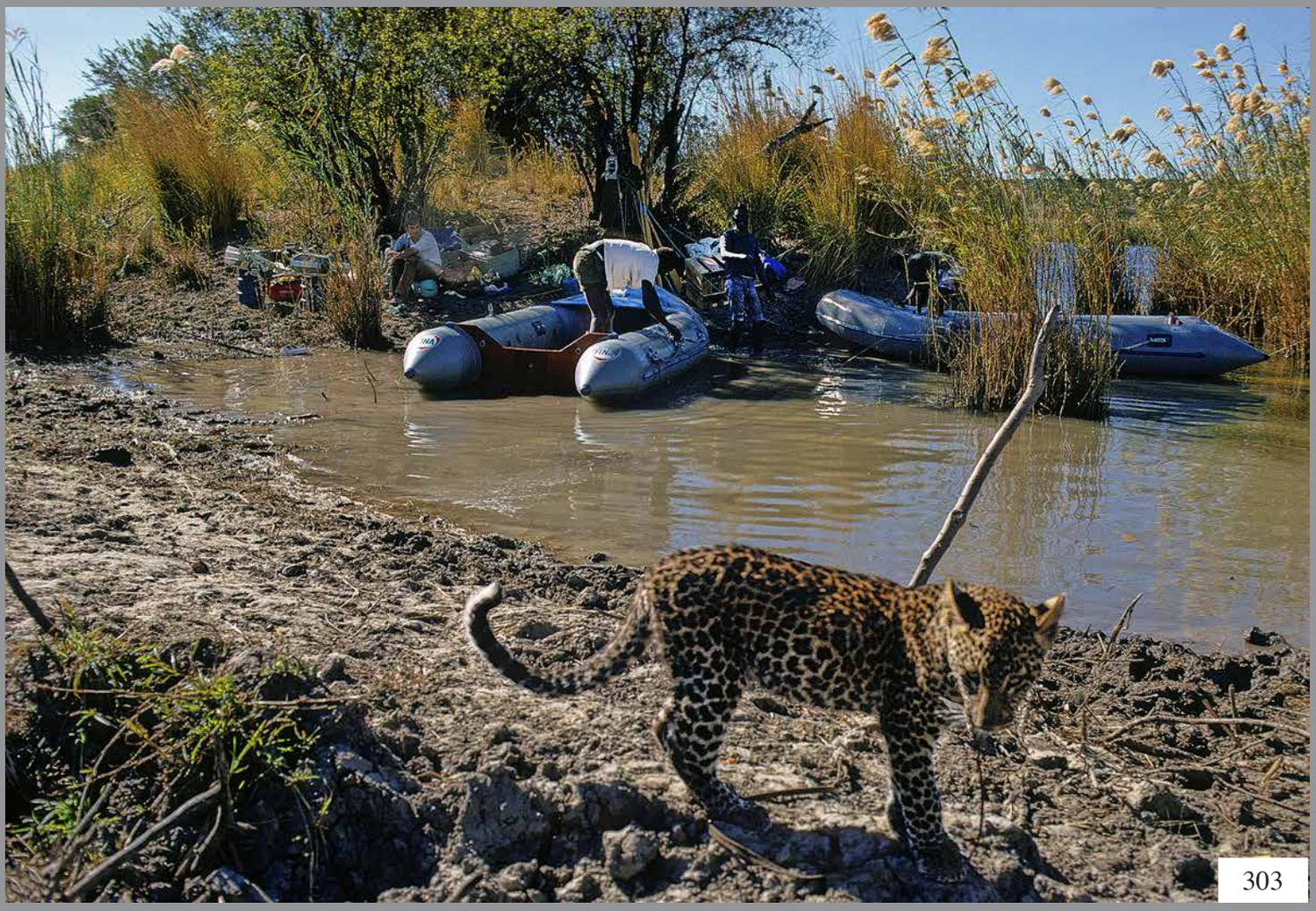
300



301

301/304 – Outra paragem para controlo do material.

302



303

304

305/309 – Nas regiões mais habitadas, havia dias de simpáticos encontros....

305

306

307

308

309

310/312 – Em certas regiões as margens do Cubango eram bastantes povoadas por indígenas e europeus.

310

311

312

313/316 – Ao entardecer à procura de um local para montar as tendas...

314

315

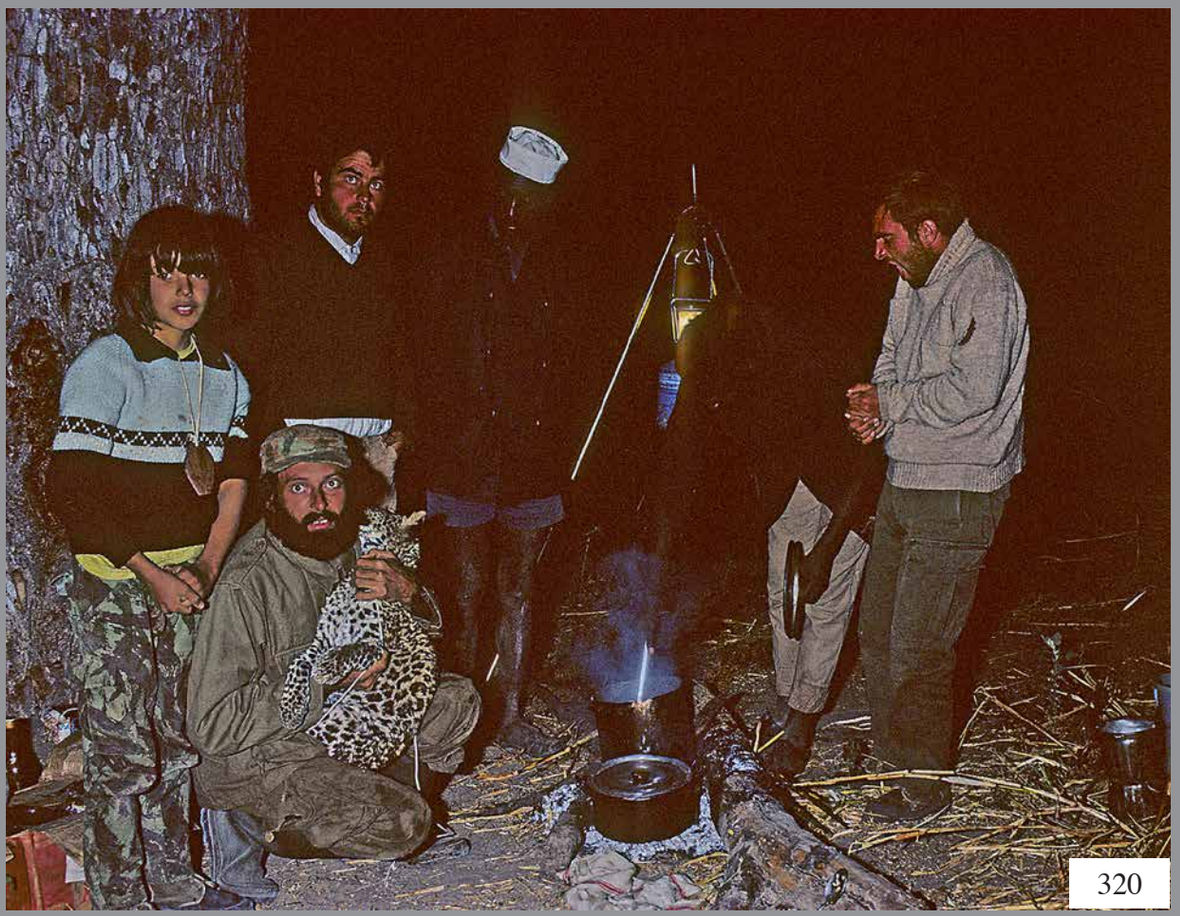
316

317/321 – À volta da fogueira, para aquecer–mos e para preparar o jantar que foi feito pelo «marinheiro, que era um óptimo cosinheiro.
Uma garrafa de «pinga»para o moral, não era demais...

317

318

319



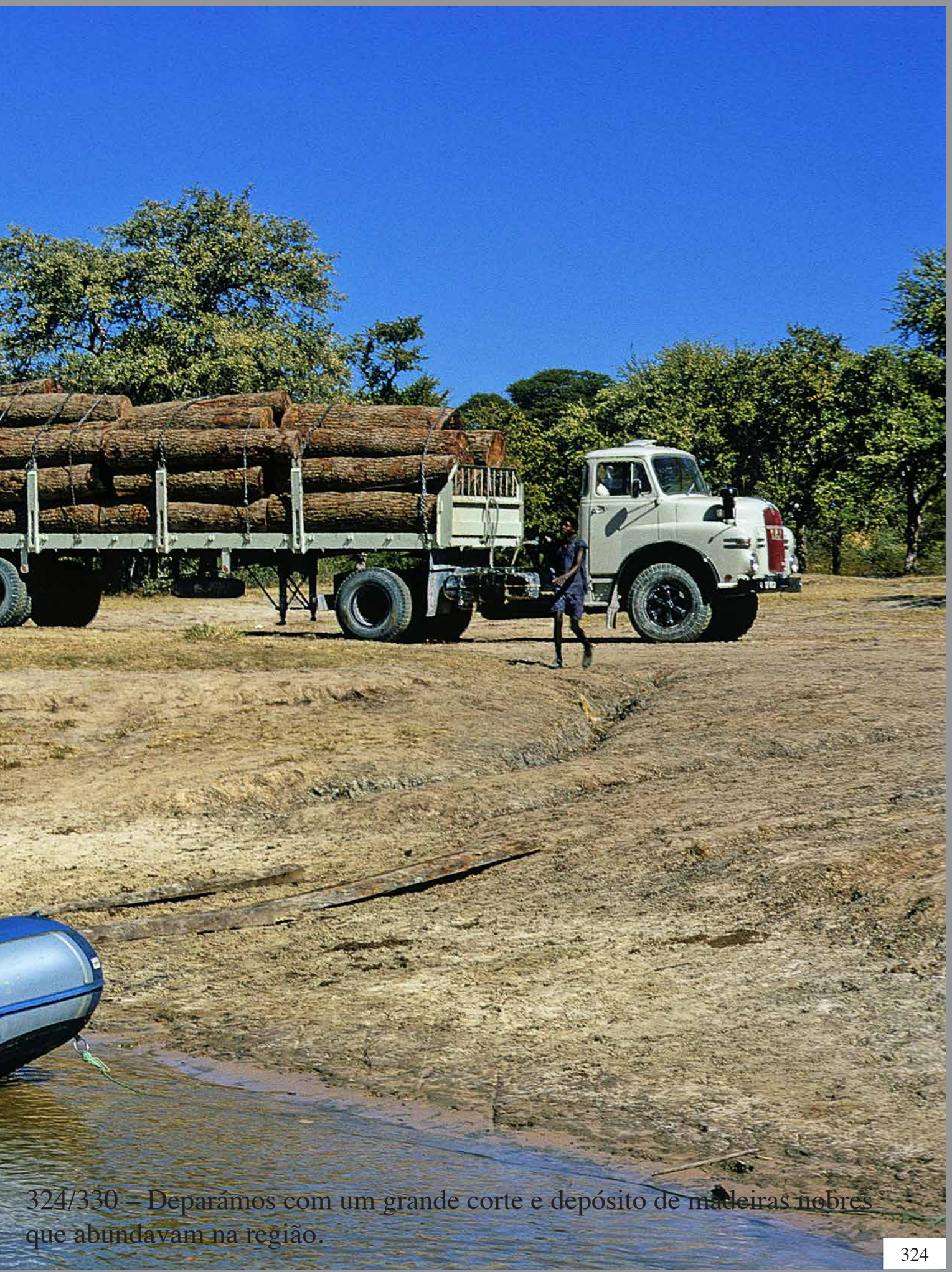
320

321

322/323 – Havia sempre grupos de indígenas que se juntavam nas margens do Cubango para nos cumprimentar.

323

FINA



324/330 – Deparámos com um grande corte e depósito de madeiras nobres que abundavam na região.

324

325

326

327

328

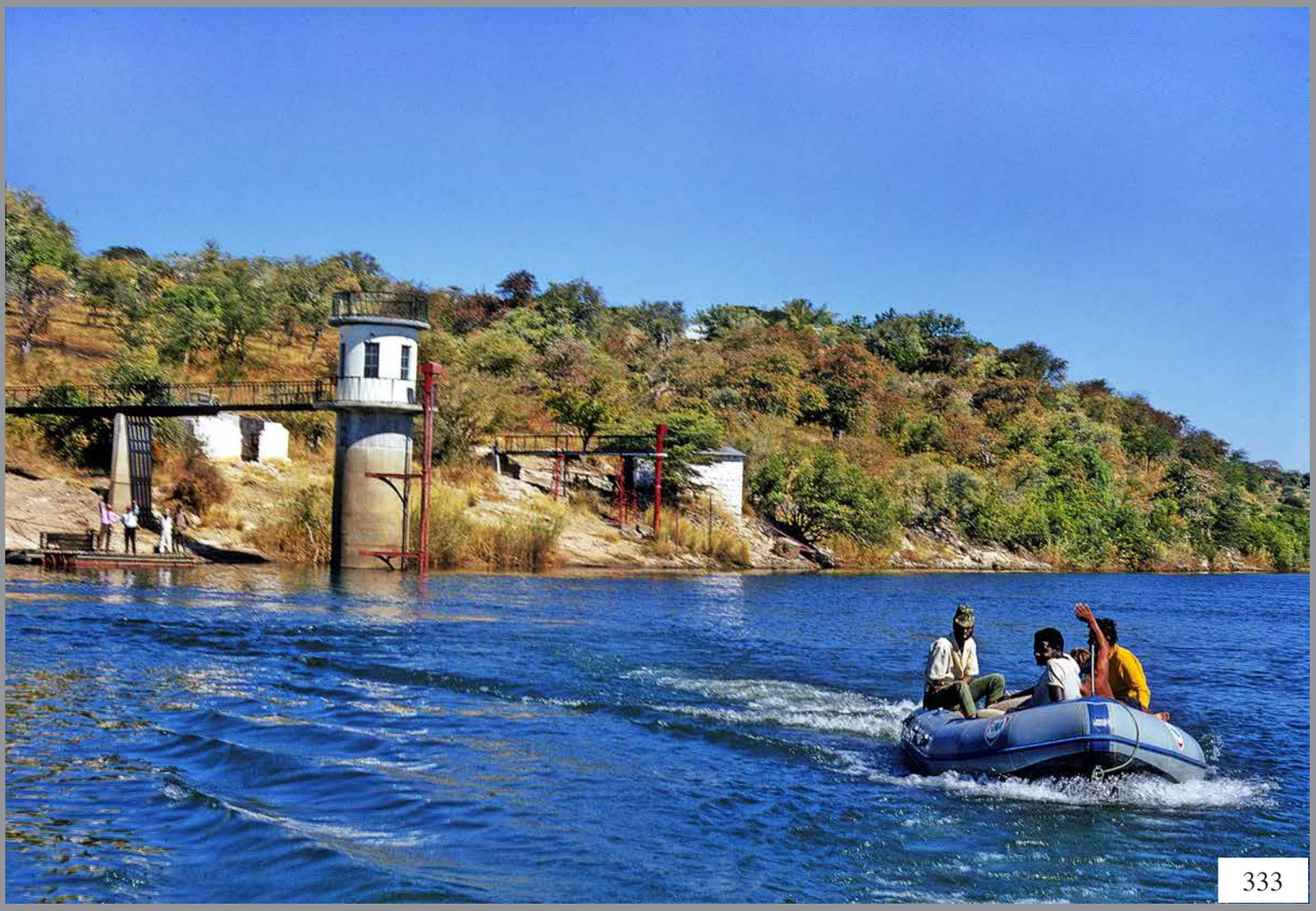
329

330

331

331/336 – A viagem continua...

332



333

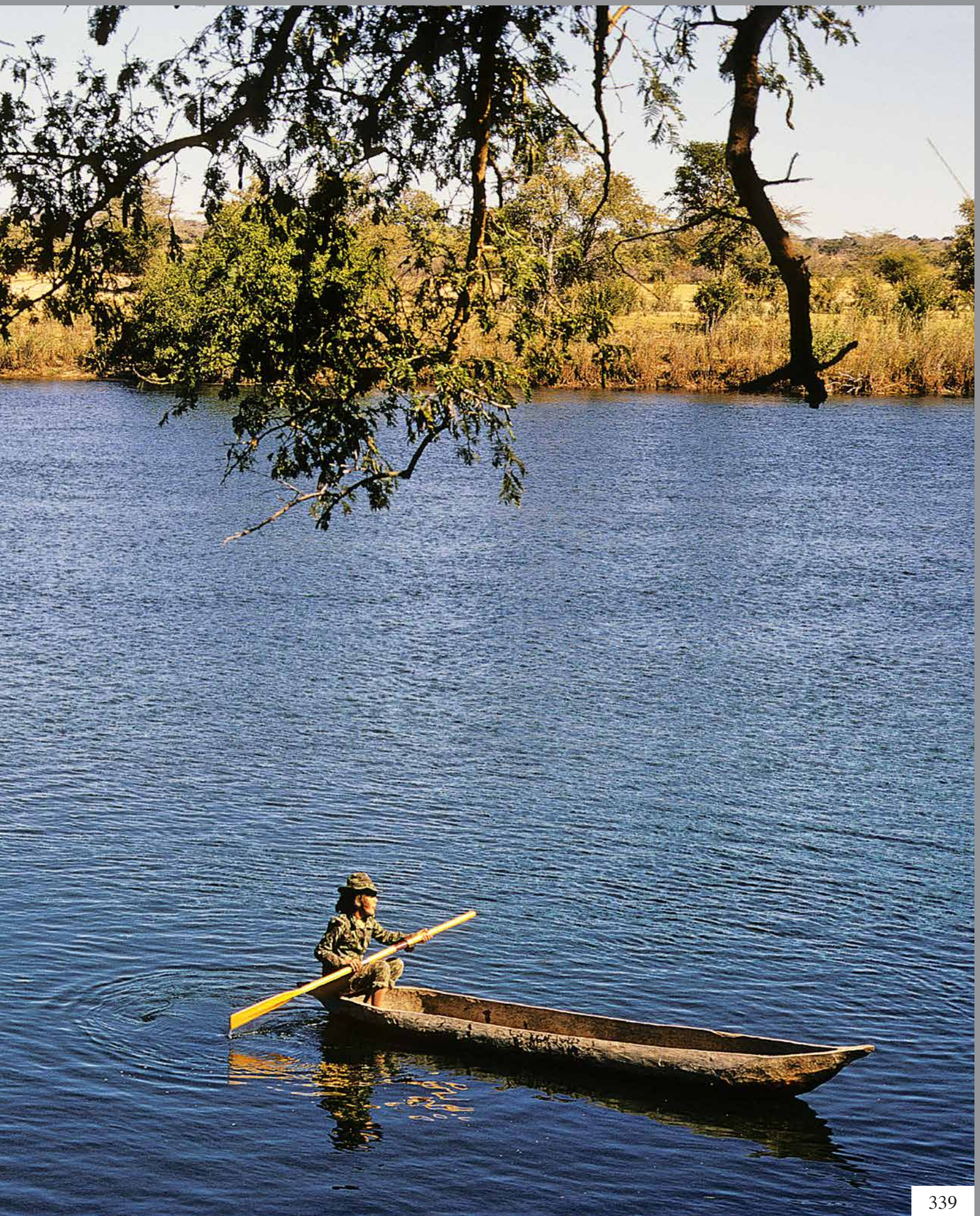
334

335

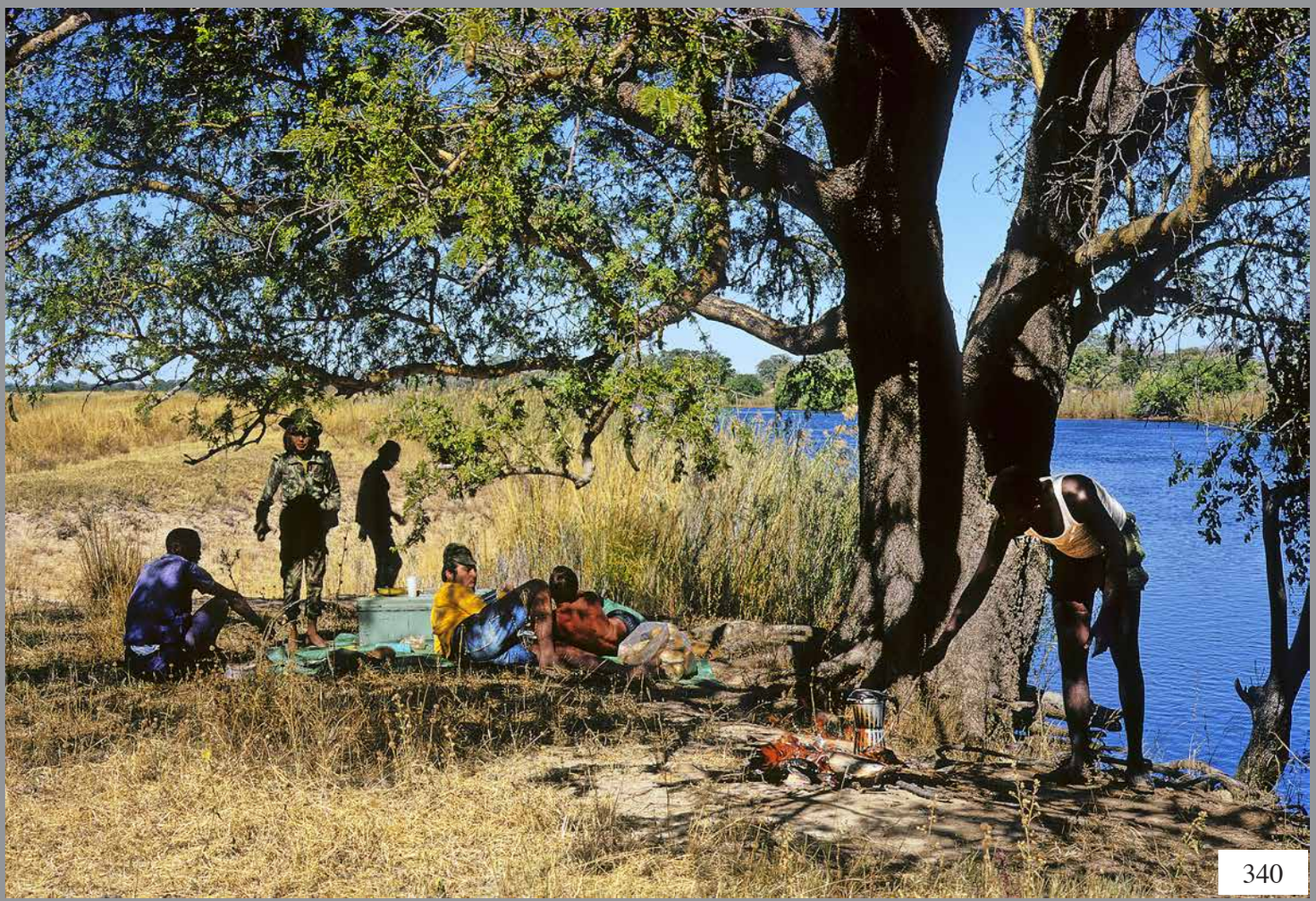
336

337

338



337/341 – Outra paragem para preparar o almoço. O Olivier, quando podia, dava sempre umas voltinhas com as canoas indígenas.



340

341

342/343 – O Olivier estudando um mapa do rio.

342

343

344

345

344/347 – Nesta região o Cubango corria por entre altas margens.

346

347

348 – Mais brincadeiras com a Iona.

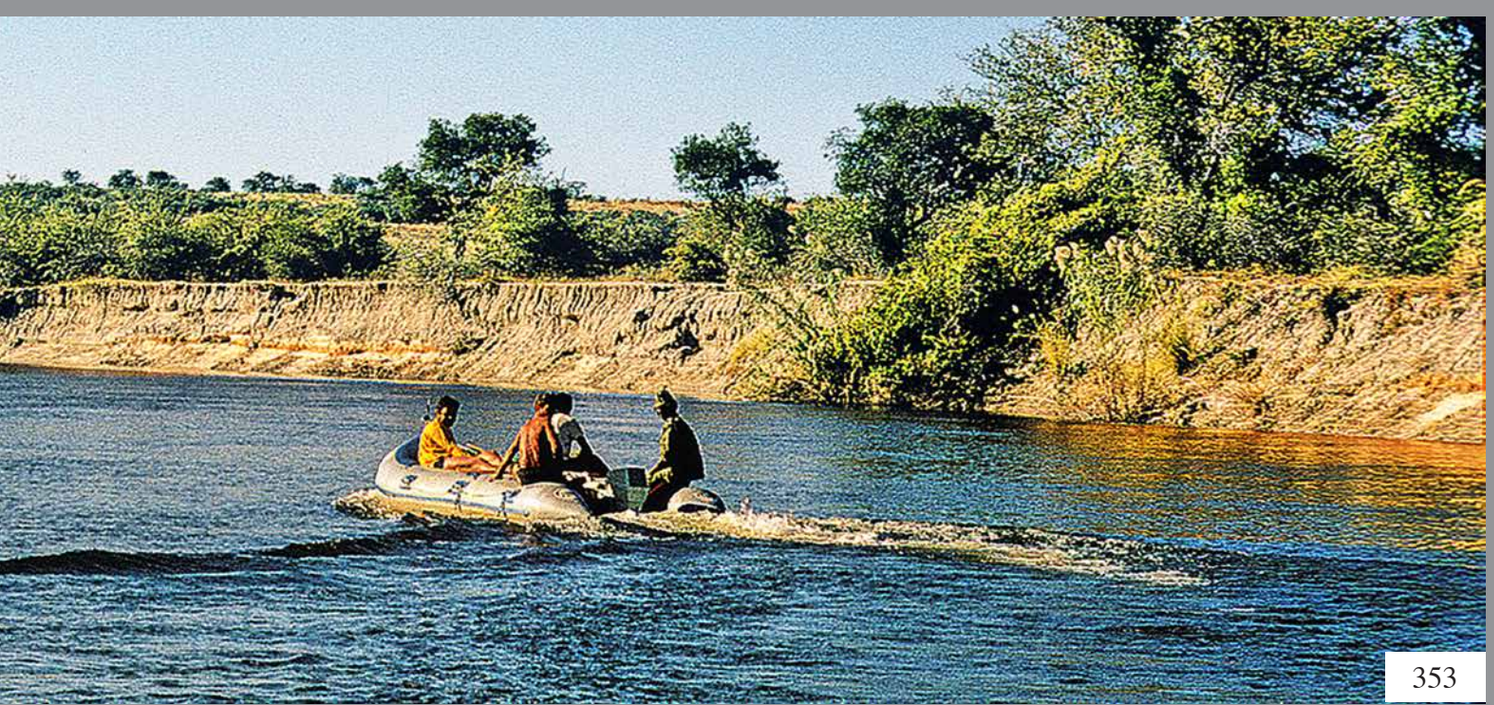
348

349/354 – Quanto mais avançávamos para Leste mais encontros faziamos.

350

351

352



353

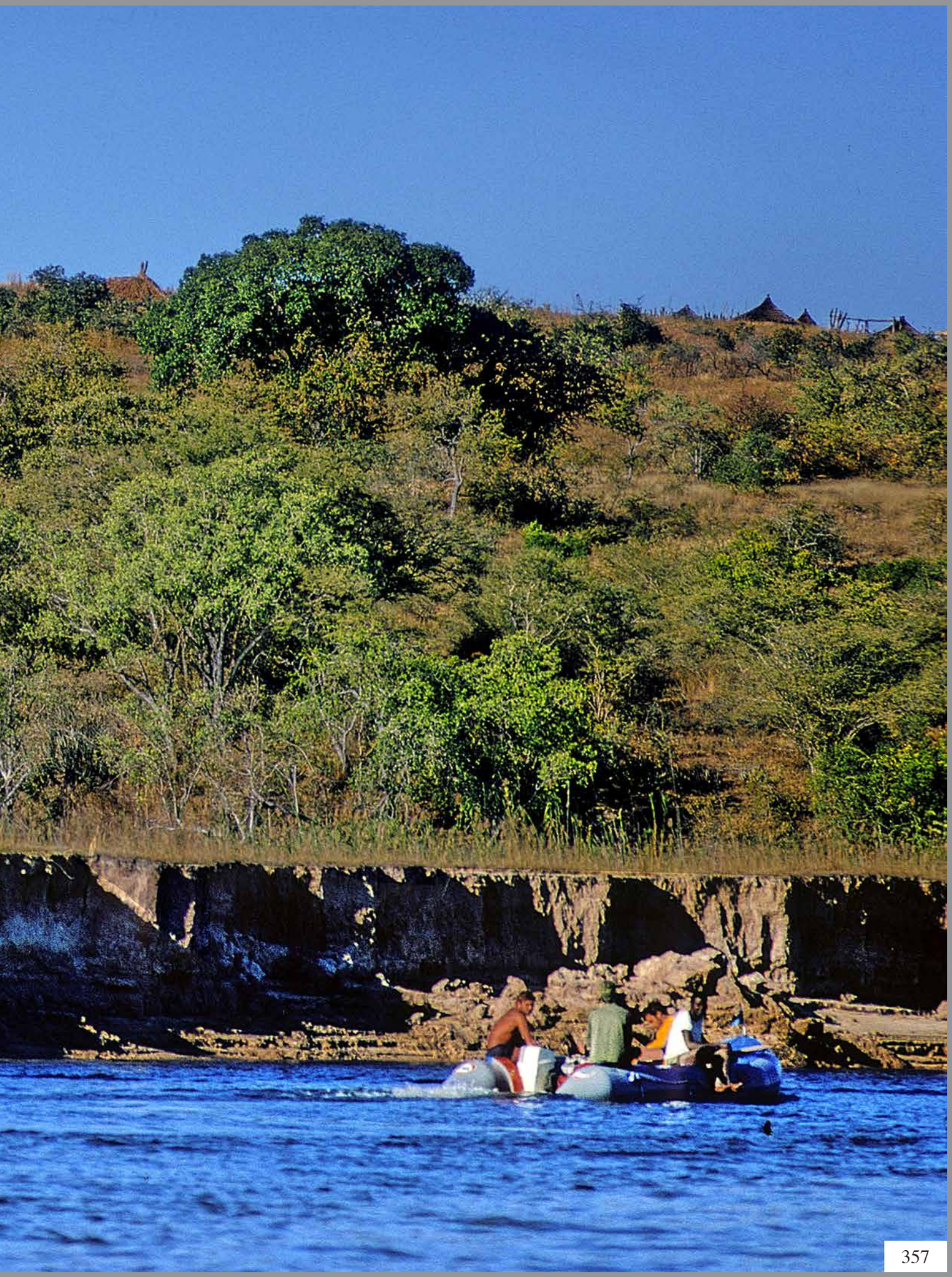
354

355

356

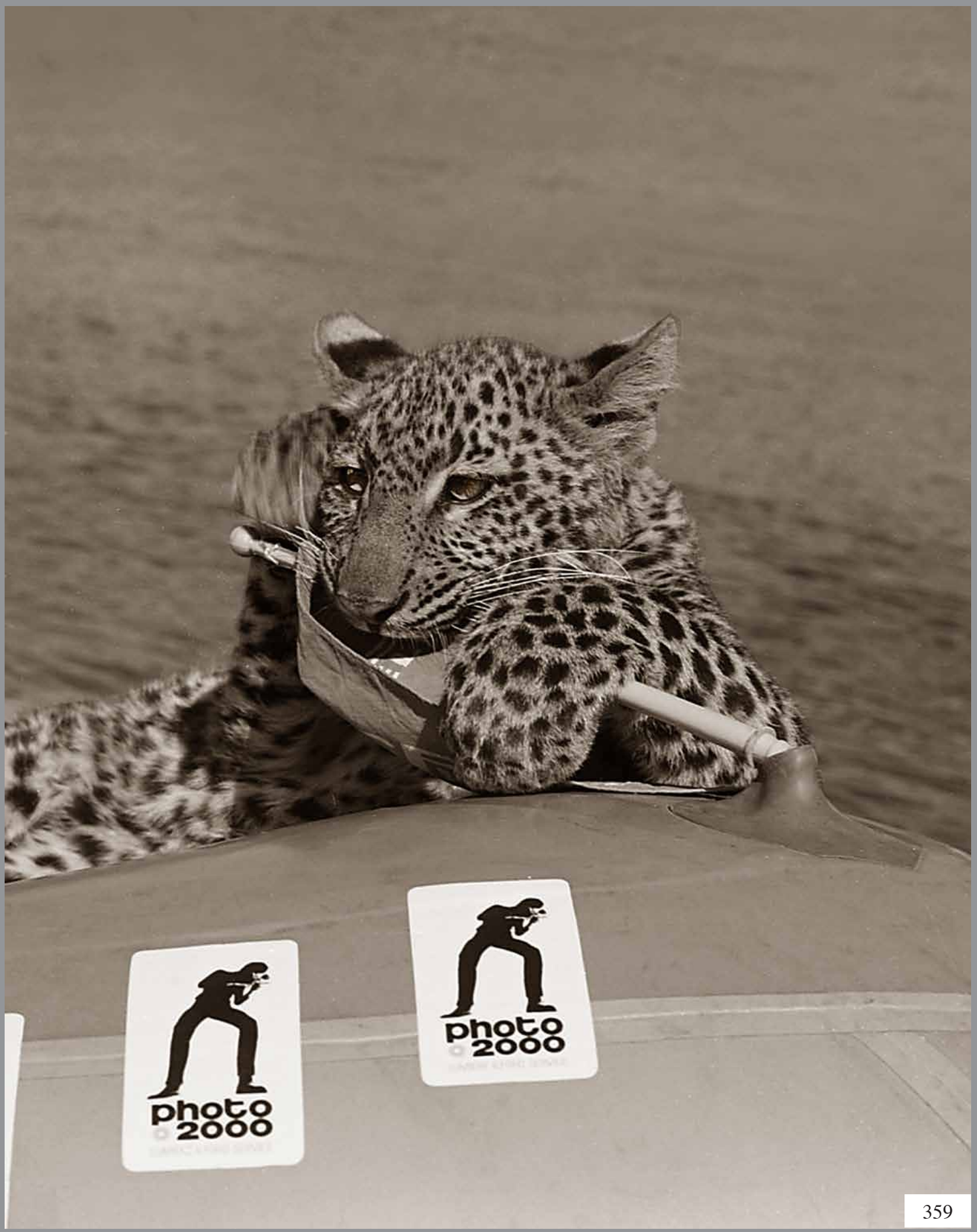
O dia a dia dos habitantes destas paragens. Carregando bidons de água com a ajuda de uma junta de bois. Gado indígena bebendo a água fresca do Cubago.

Nesta foto nota–se como o nível das águas do Cubango estavam baixas. No alto da falésia uma aldeia.



357

358 – De manhã cedo o frio era muito.



359

photo
2000
photo
2000
photo
2000

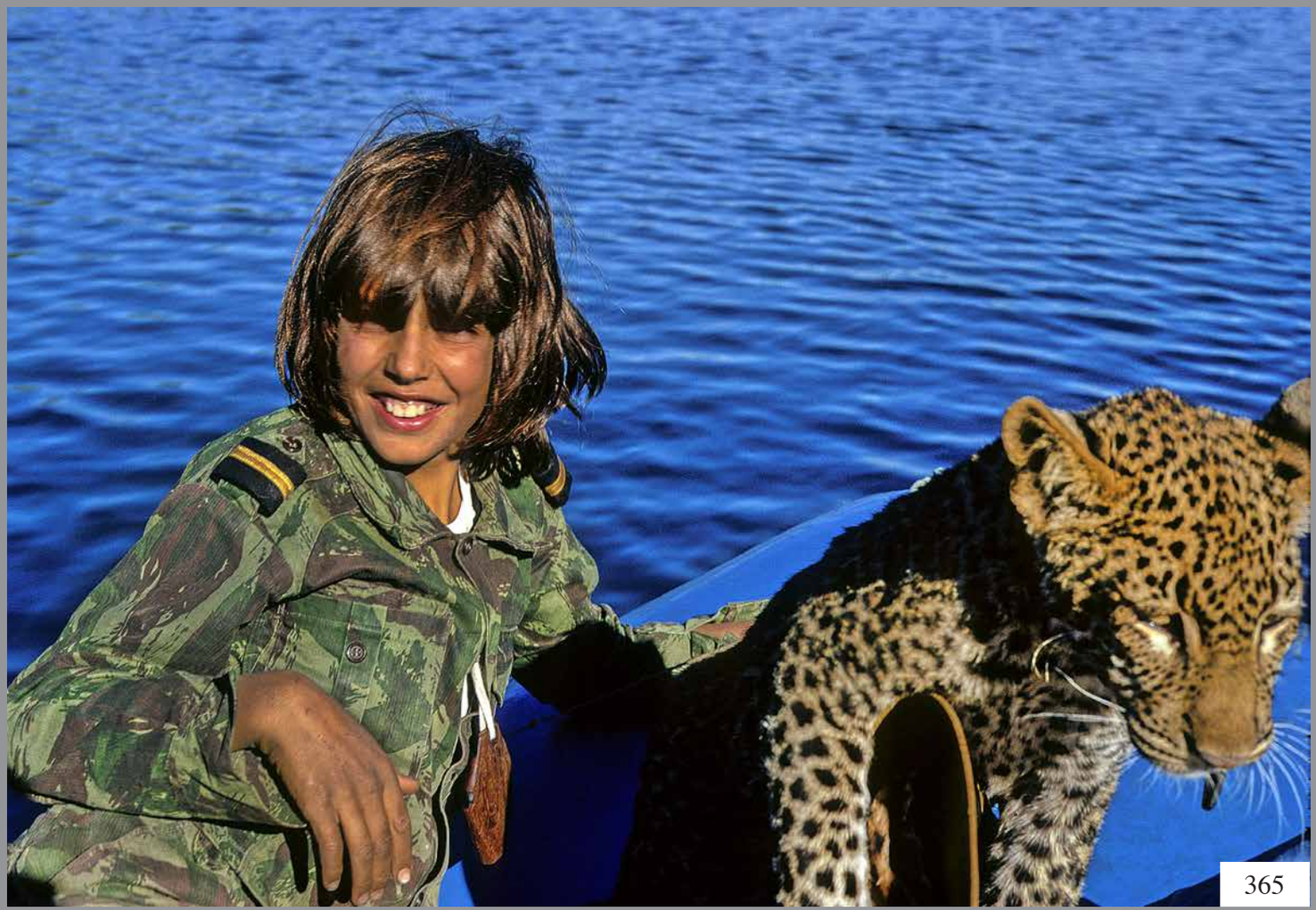
360

361

362

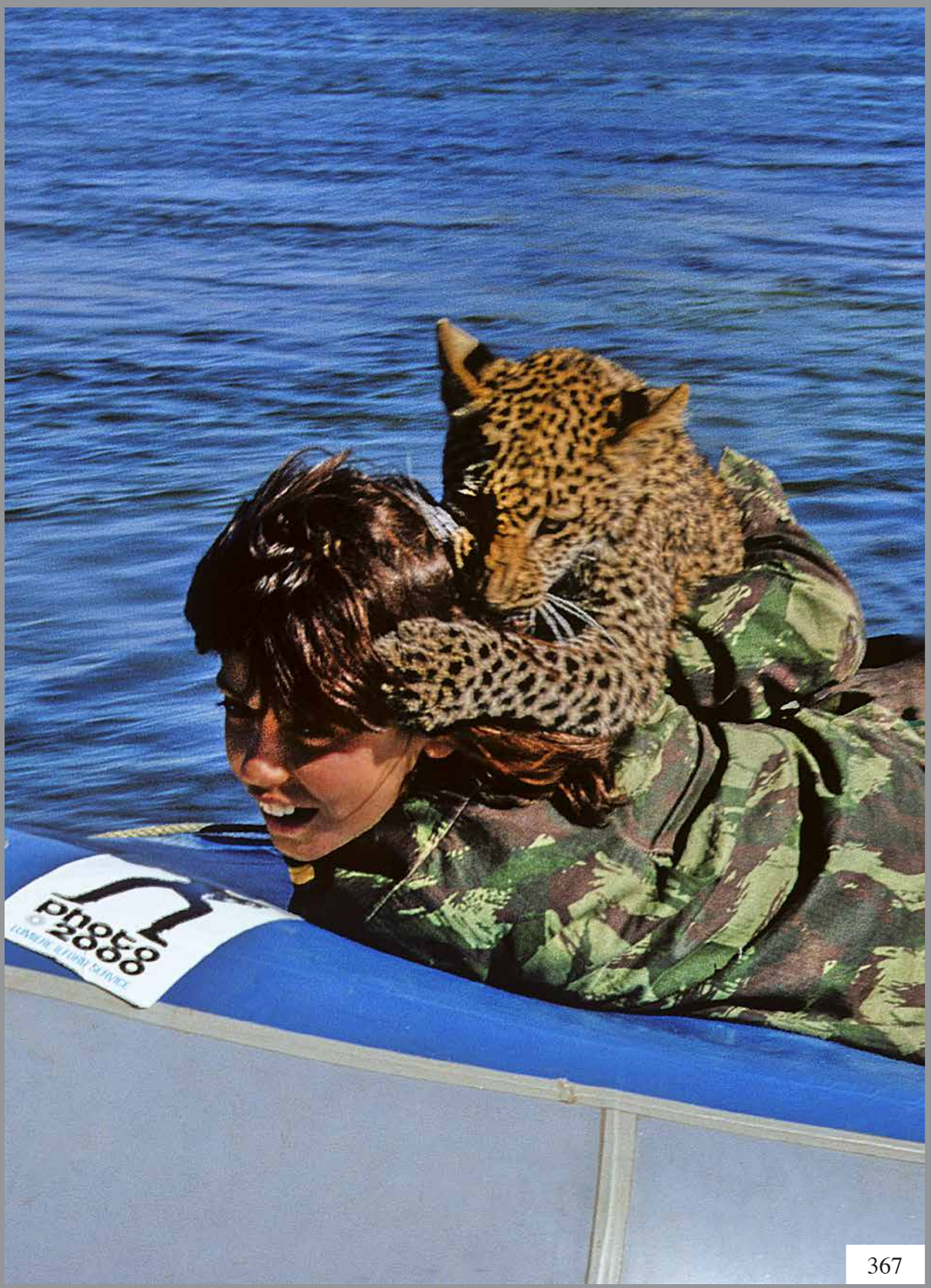
363

364



365

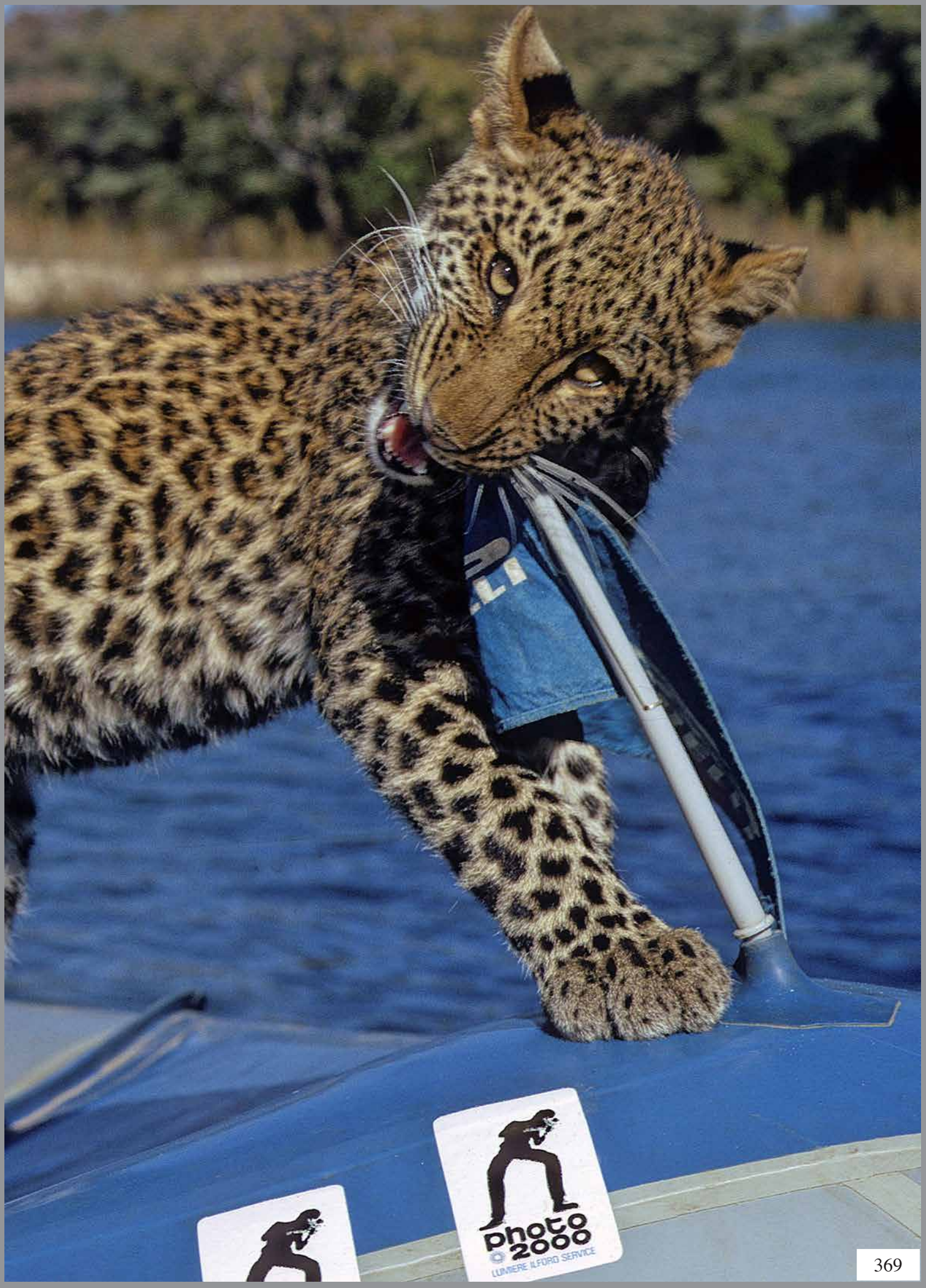
366



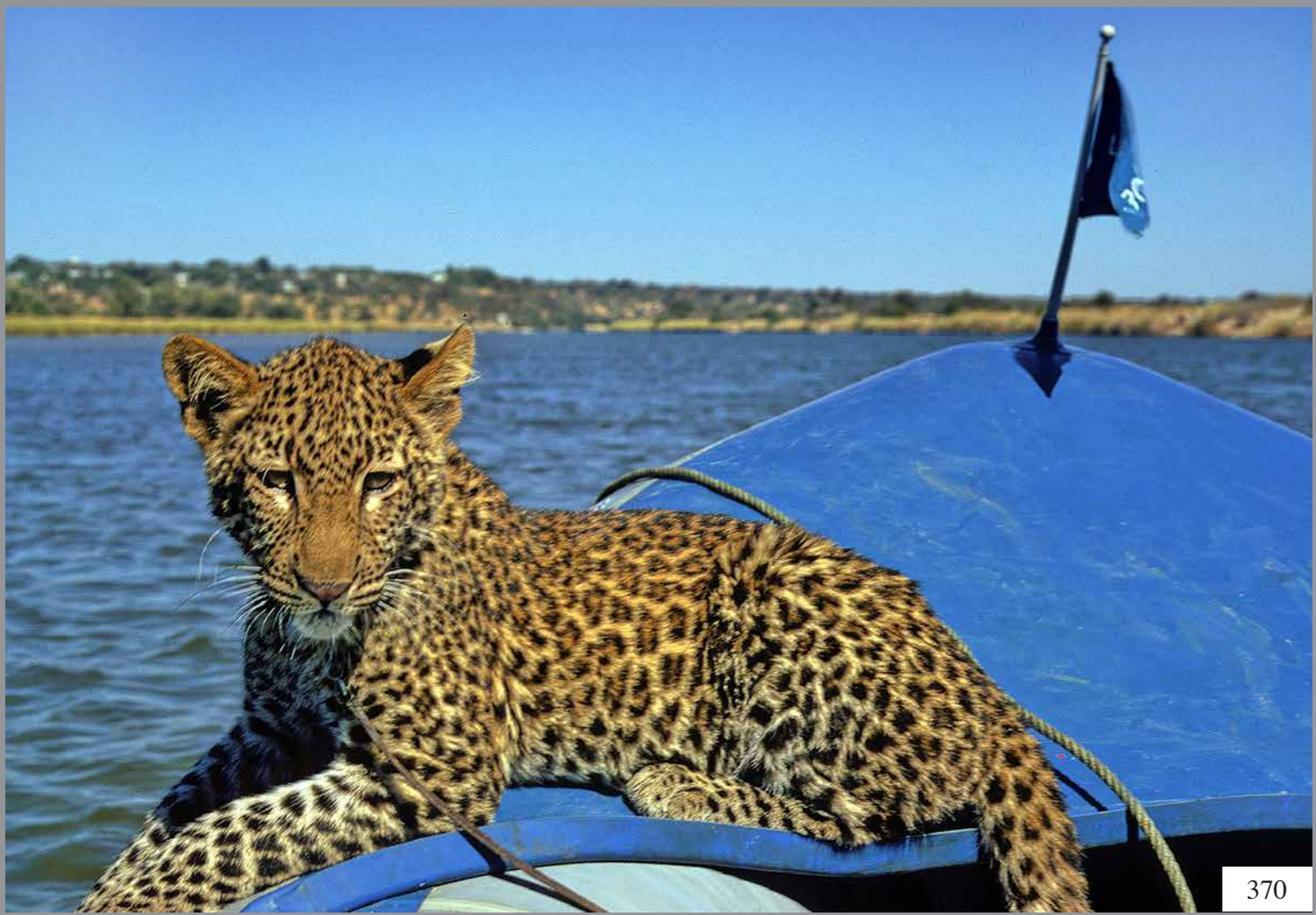
367

359–375 – Nesta série de fotos as brincadeiras da Iona e do Olivier...

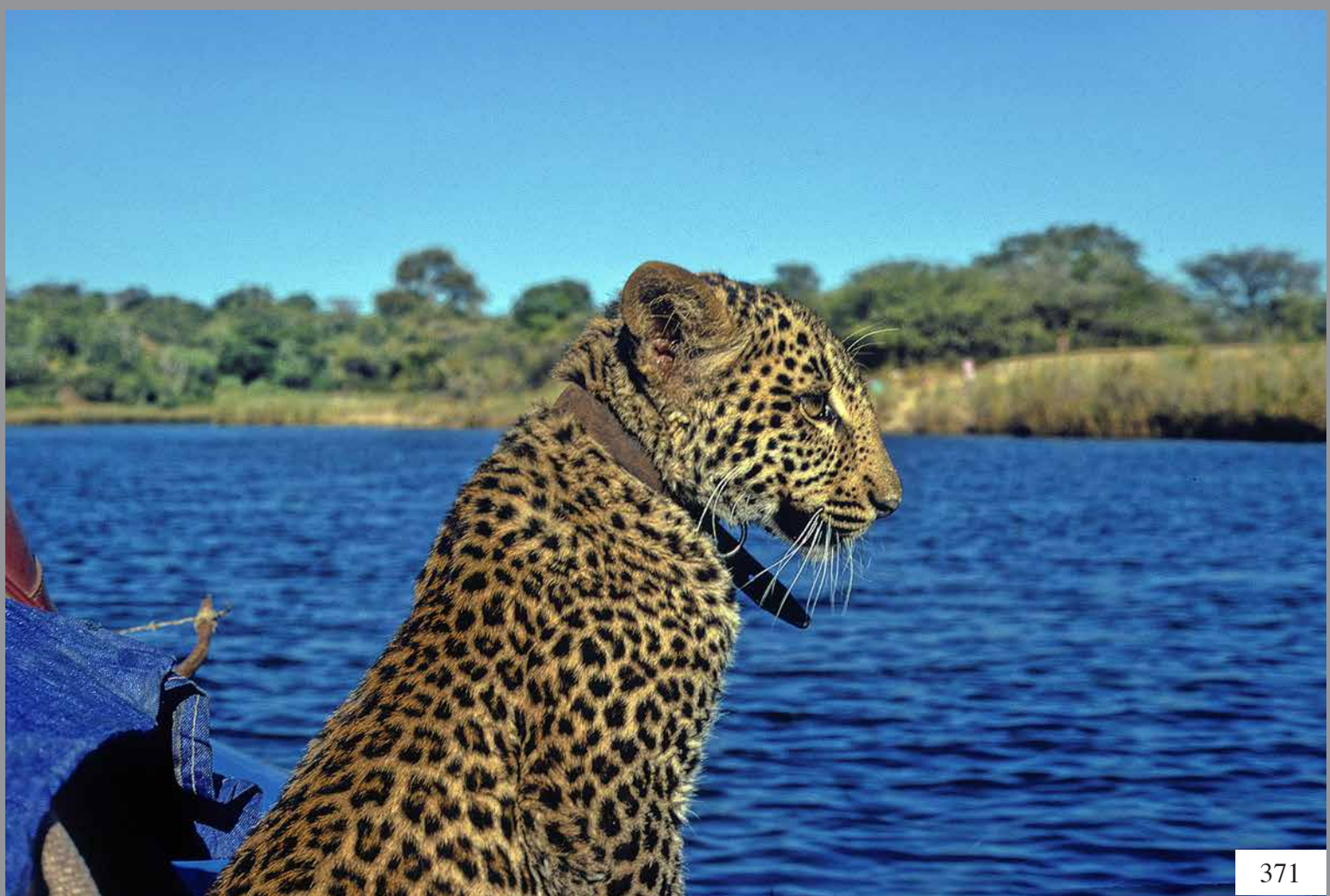
368



369

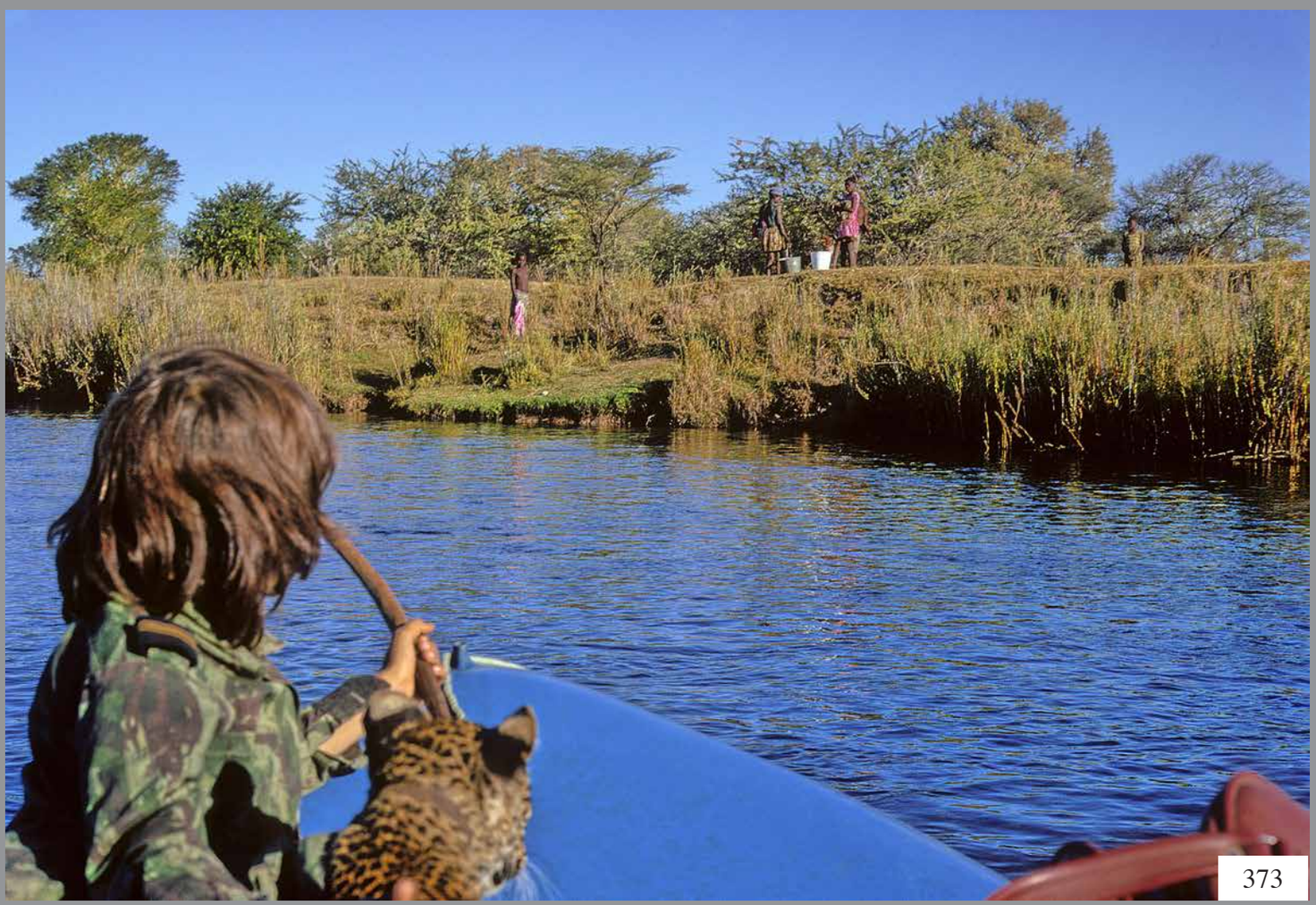


370

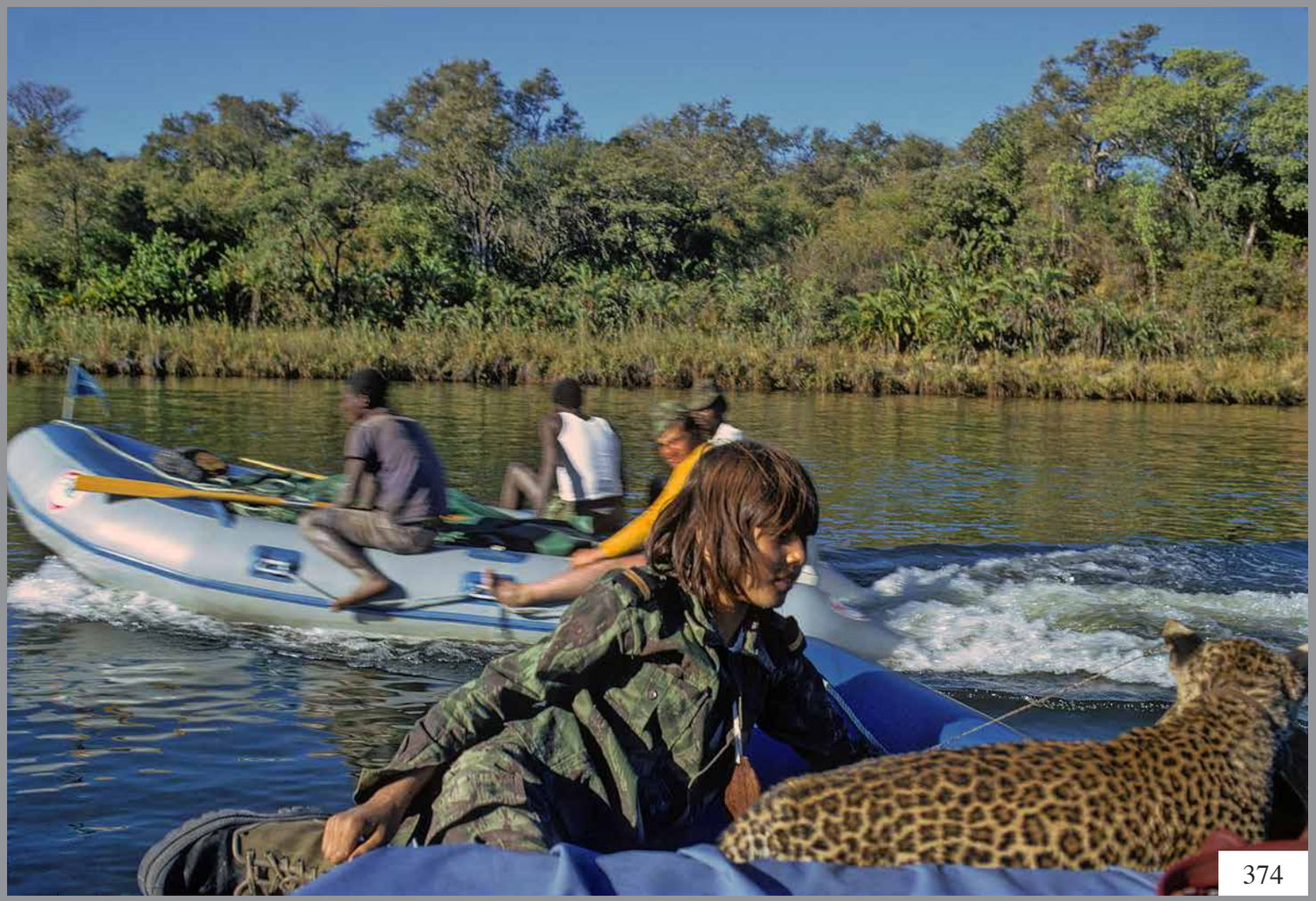


371

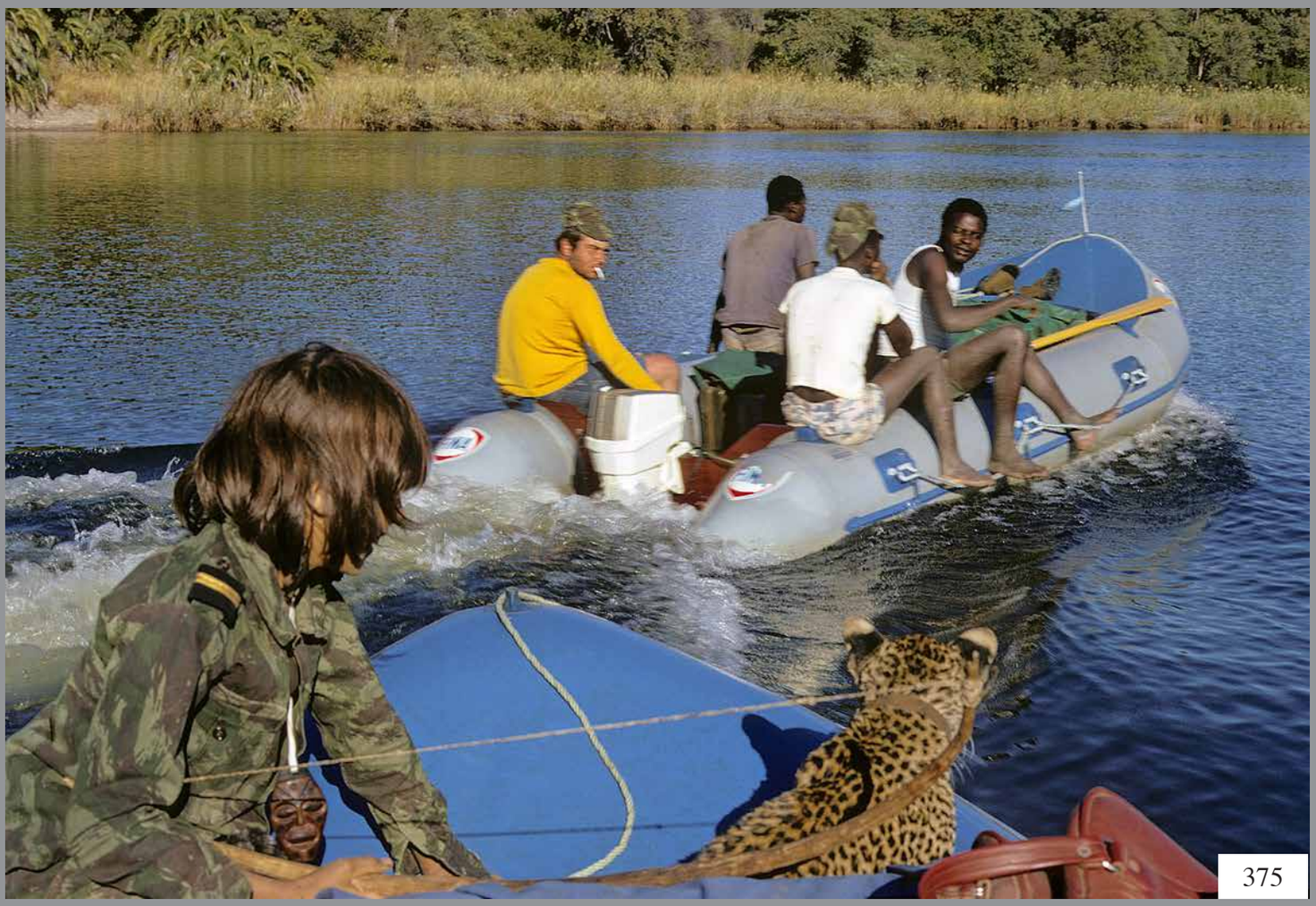
372



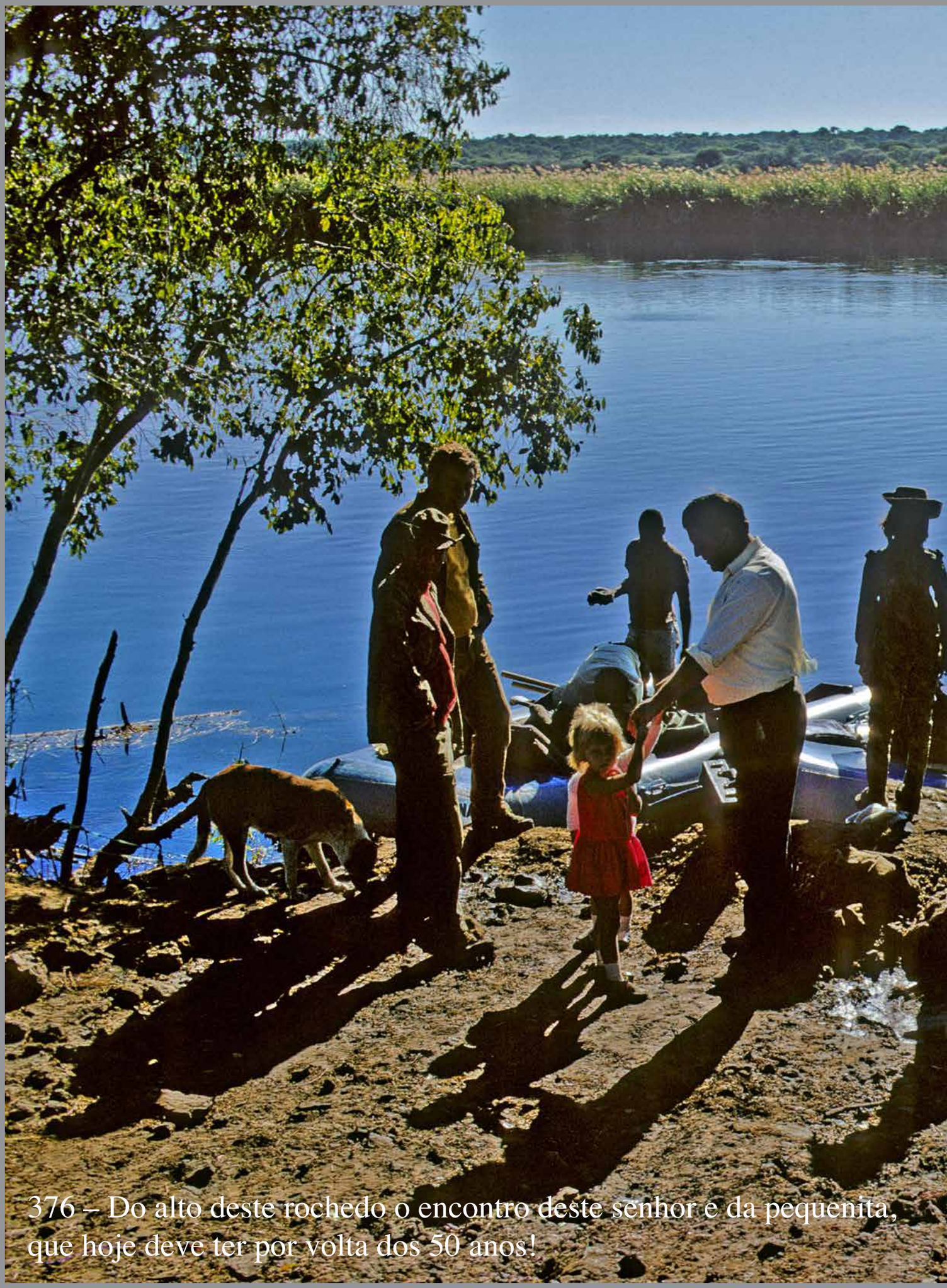
373



374

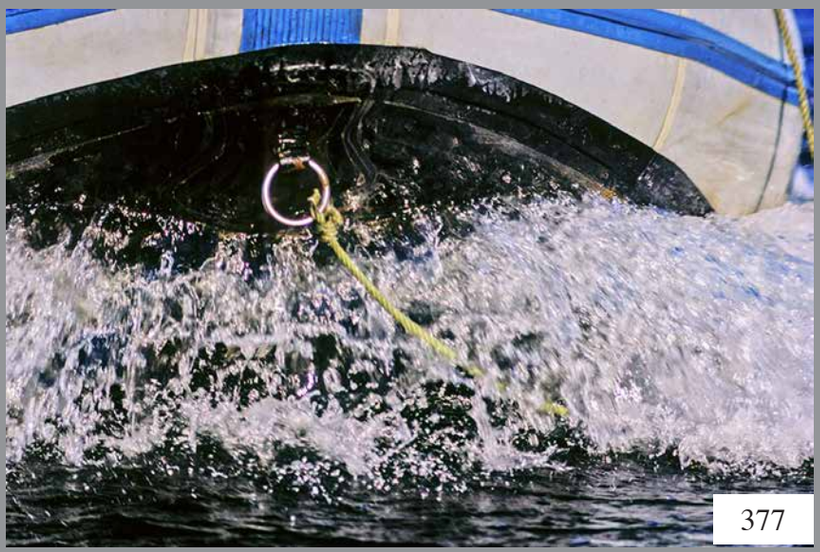


375



376 – Do alto deste rochedo o encontro deste senhor e da pequenita, que hoje deve ter por volta dos 50 anos!

376

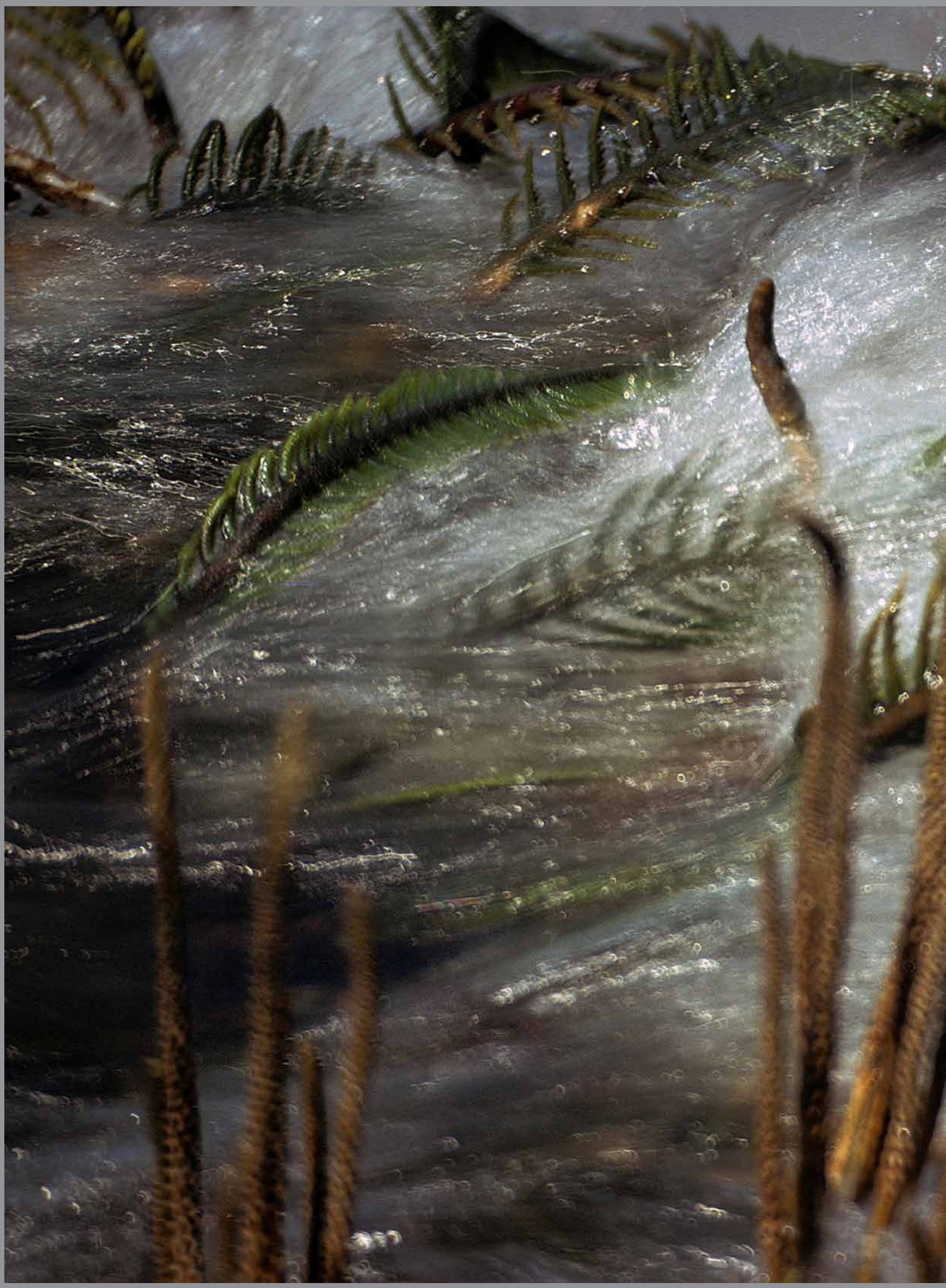


377

378

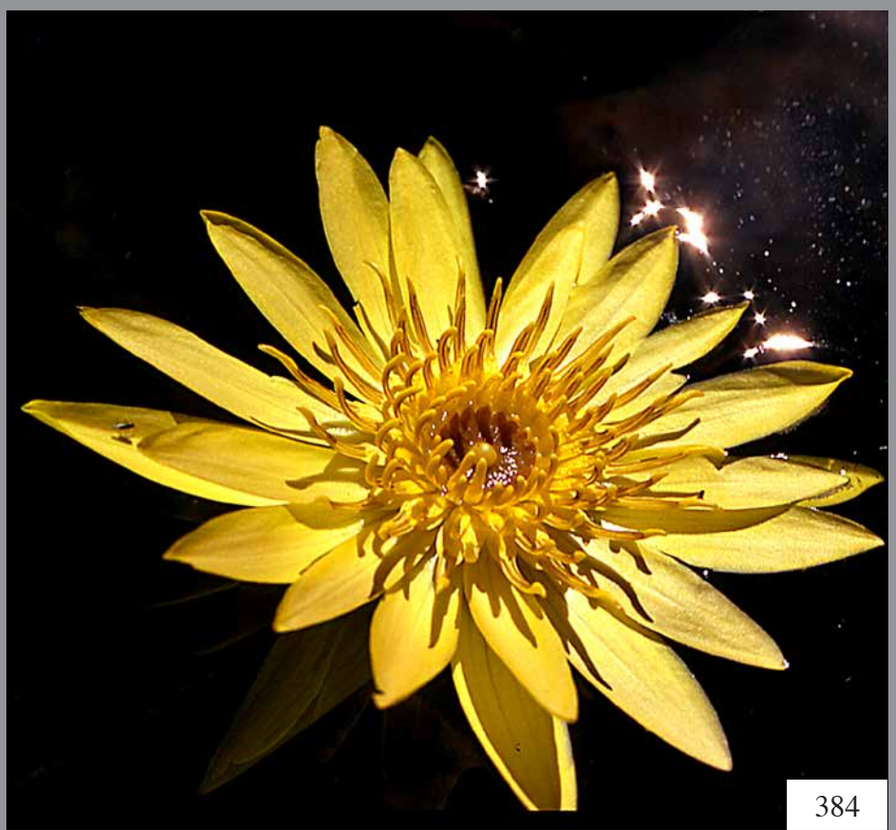
379

380

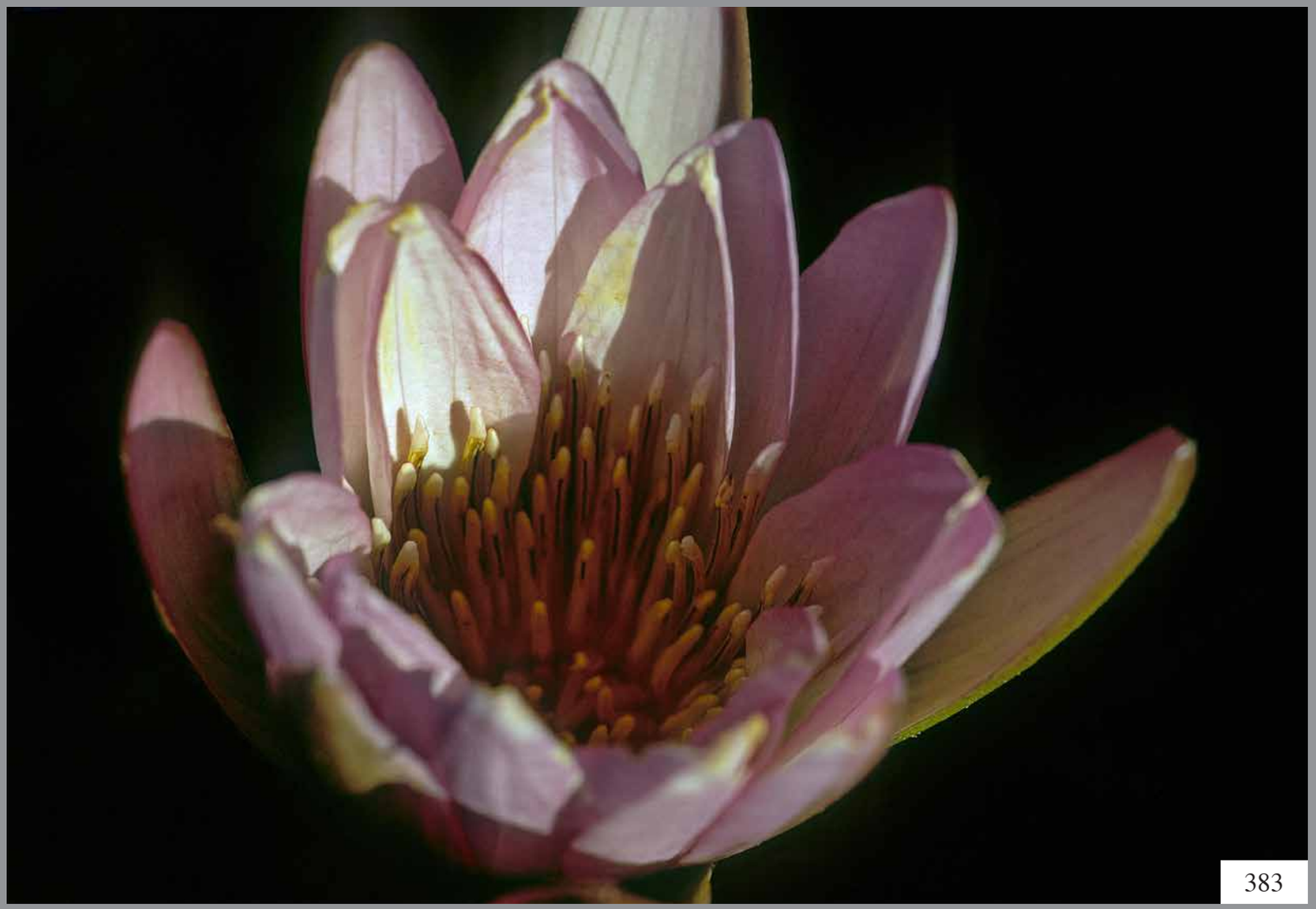


381

382



384

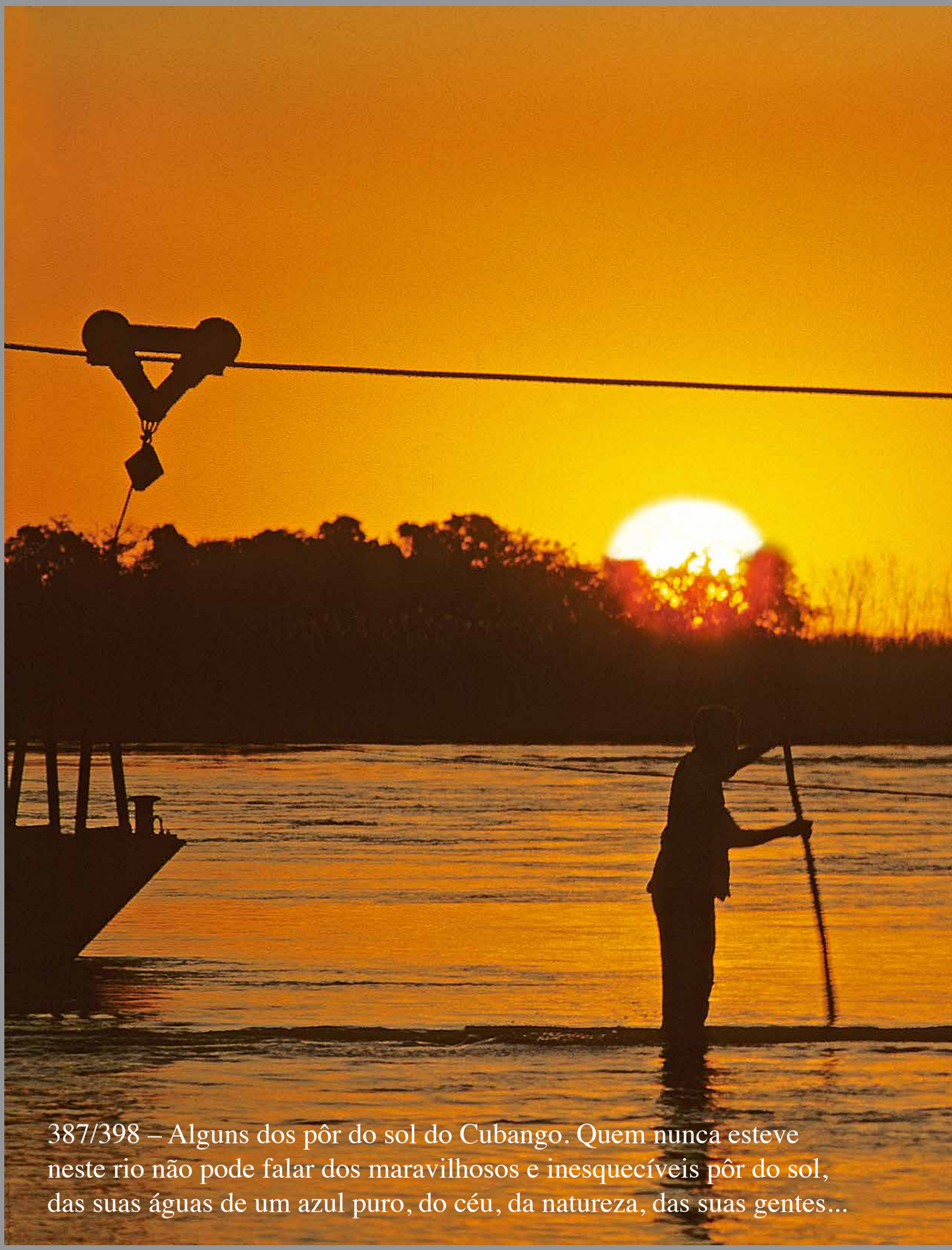


383

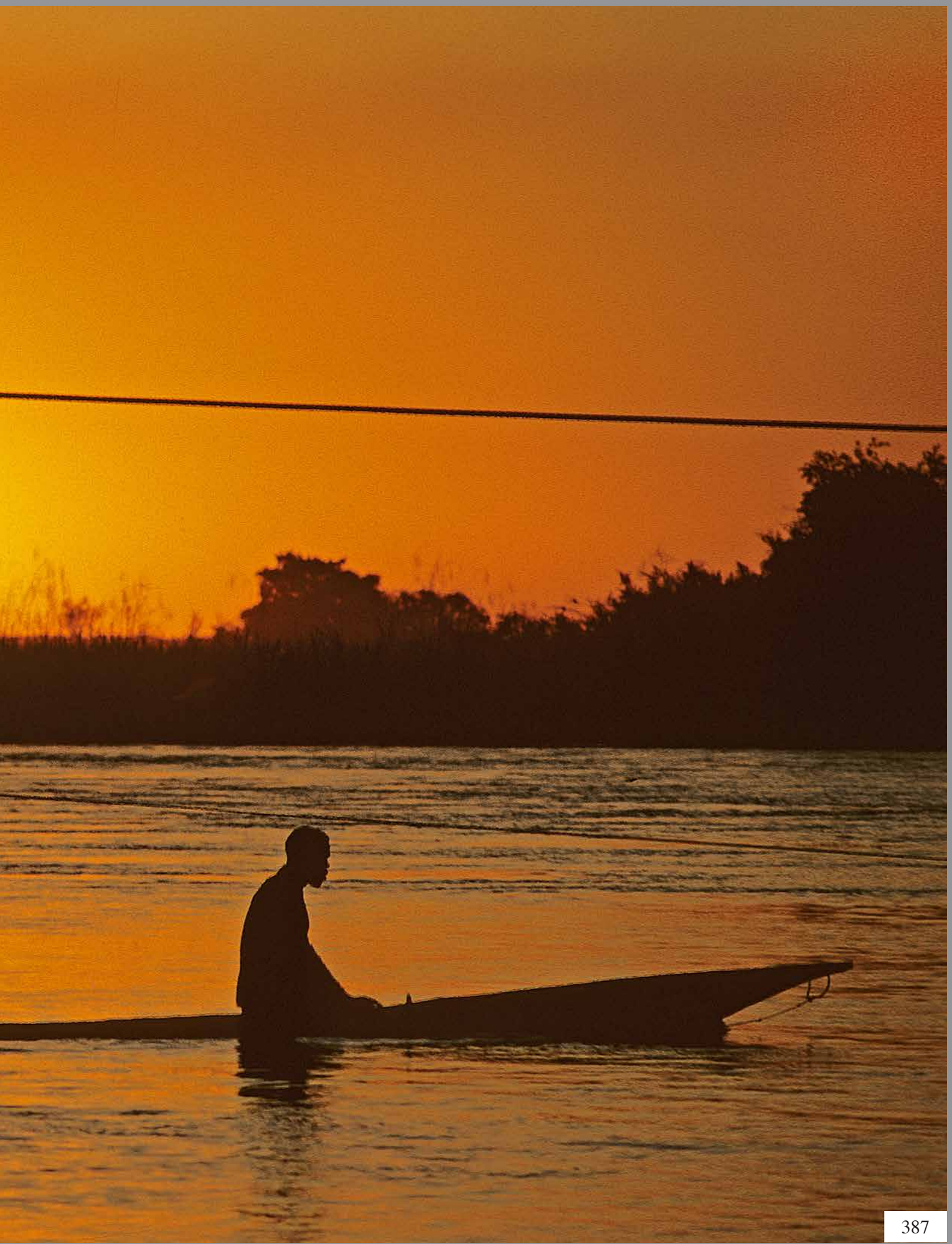
385

386

381/386 – Flores e planta do rio Cubango.



387/398 – Alguns dos pôr do sol do Cubango. Quem nunca esteve neste rio não pode falar dos maravilhosos e inesquecíveis pôr do sol, das suas águas de um azul puro, do céu, da natureza, das suas gentes...



387

388

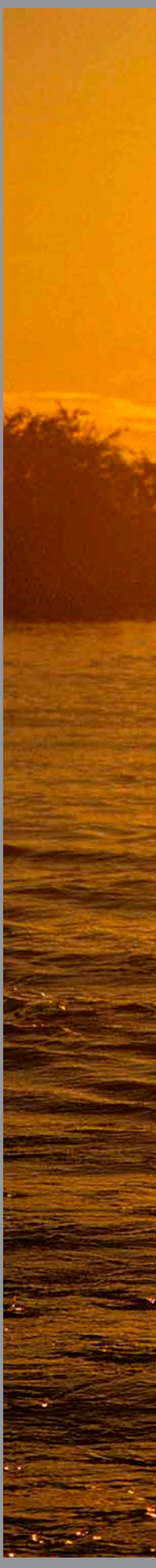
389

390

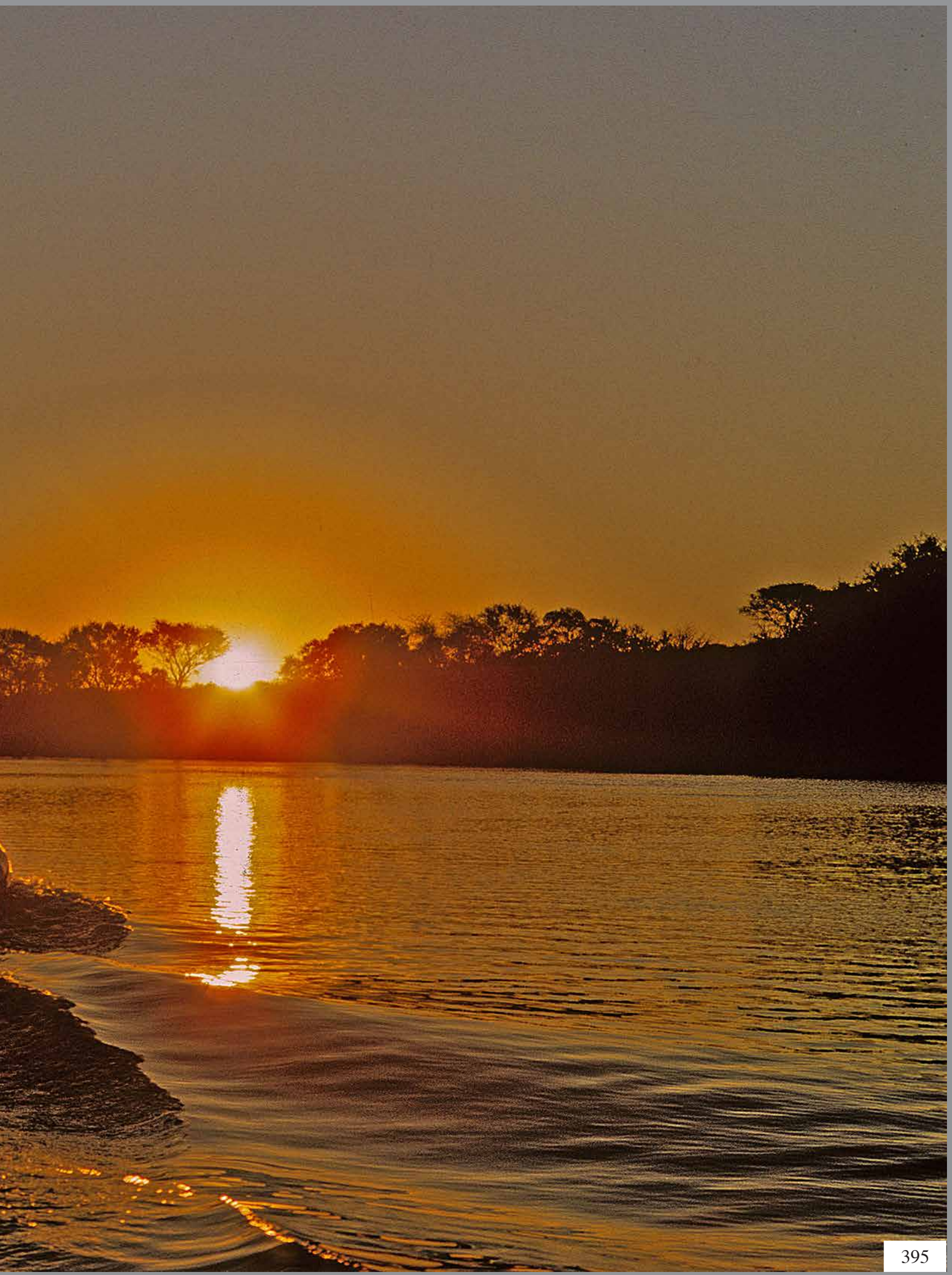
391

392

393



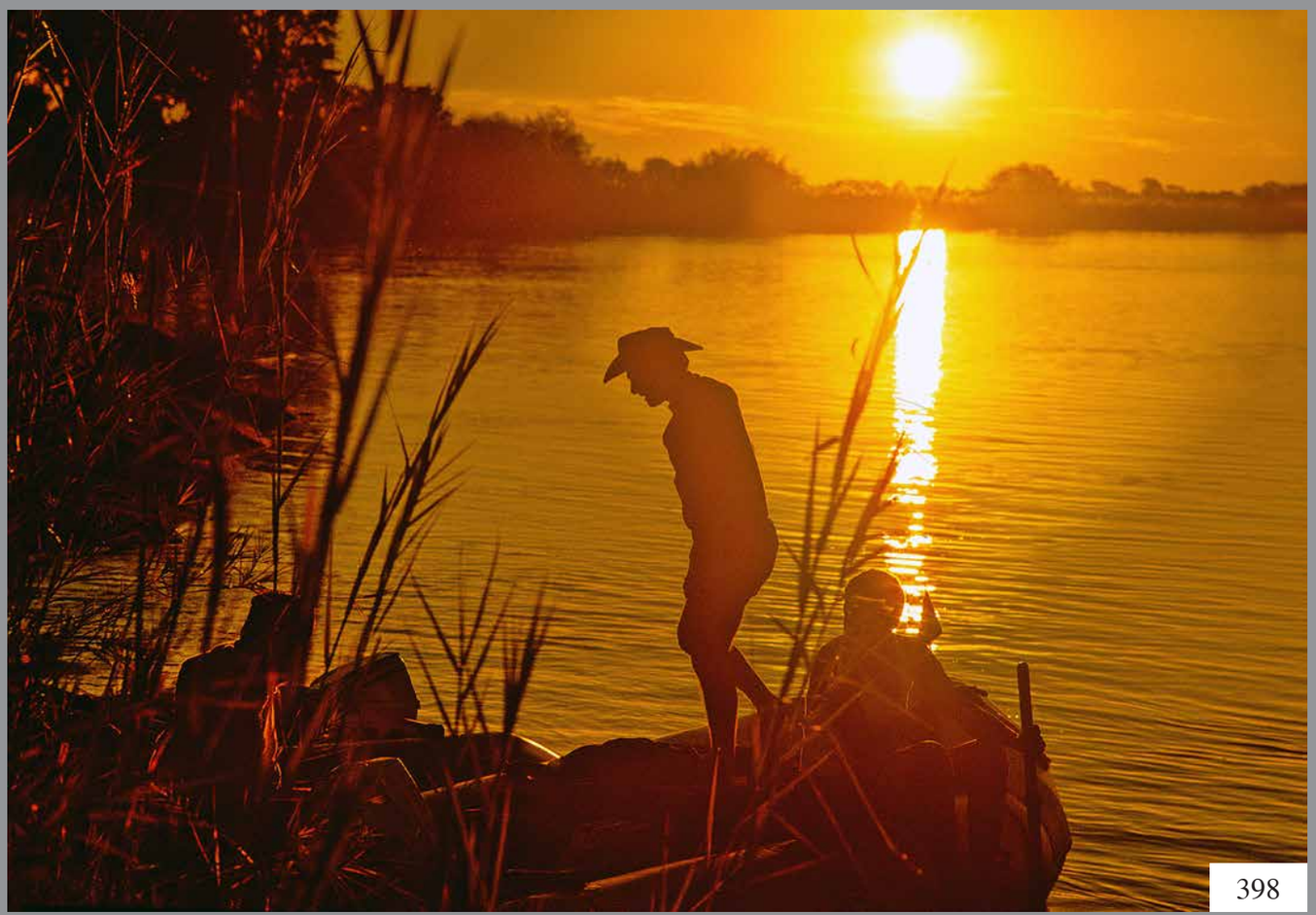
394



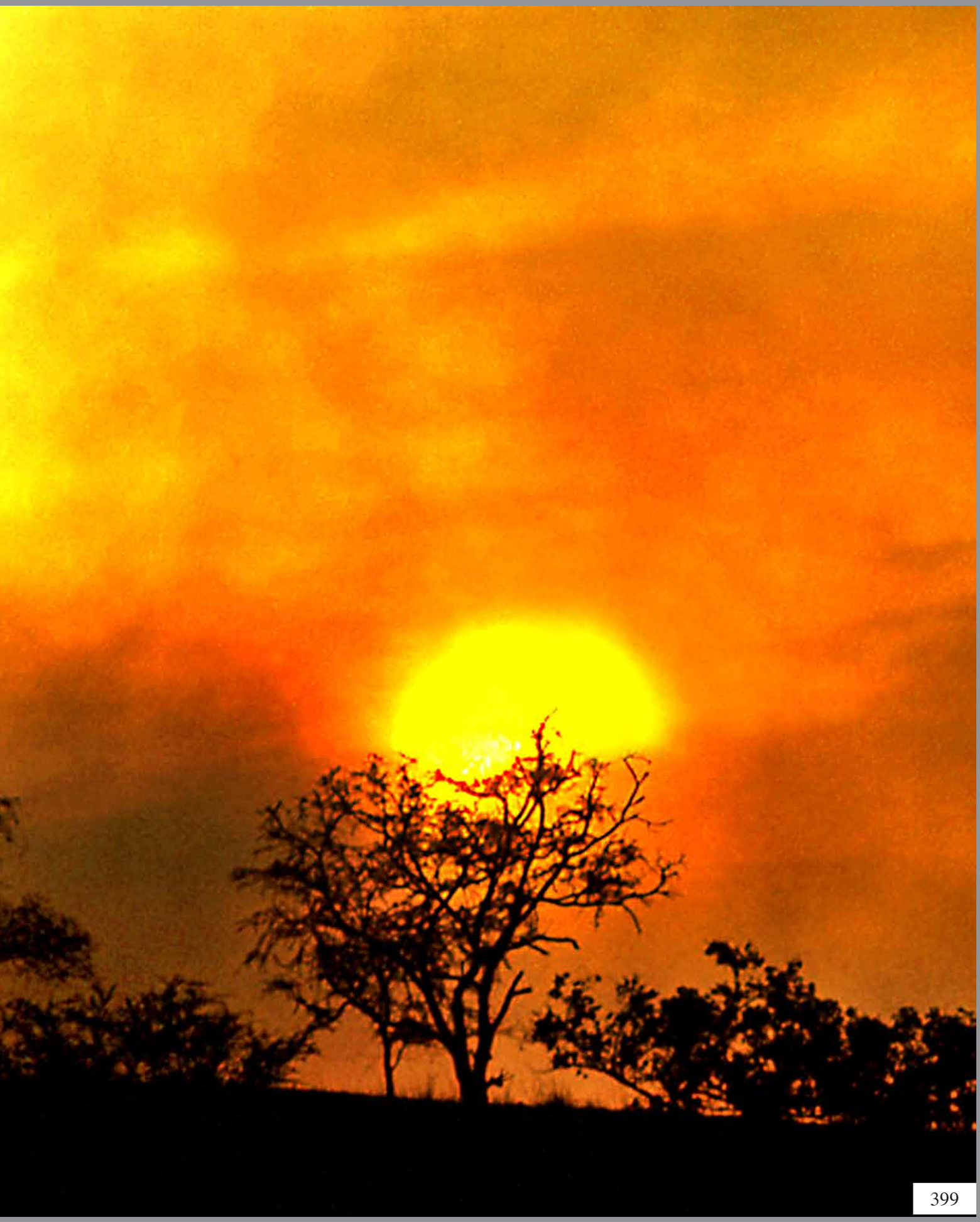
395

396

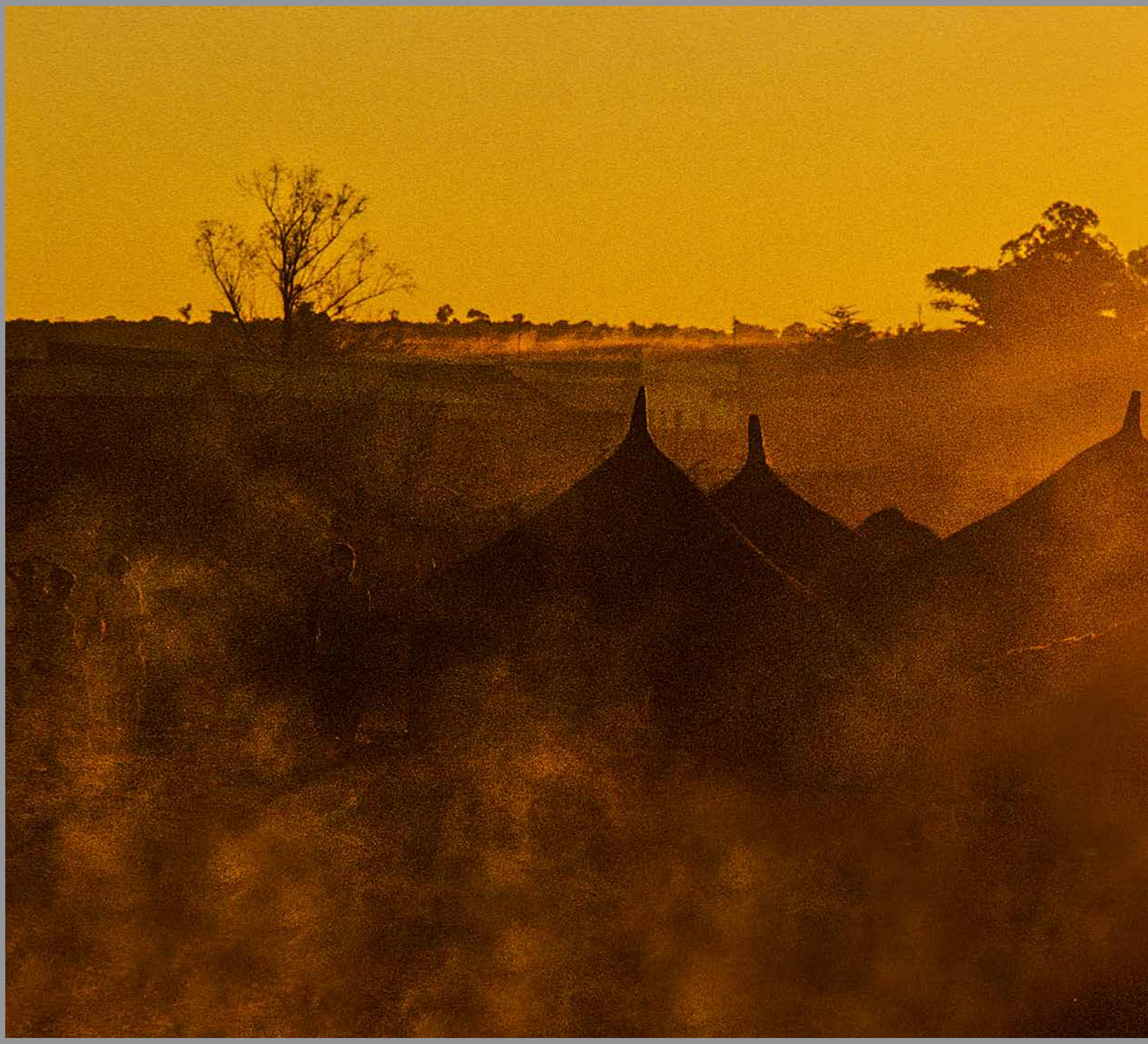
397



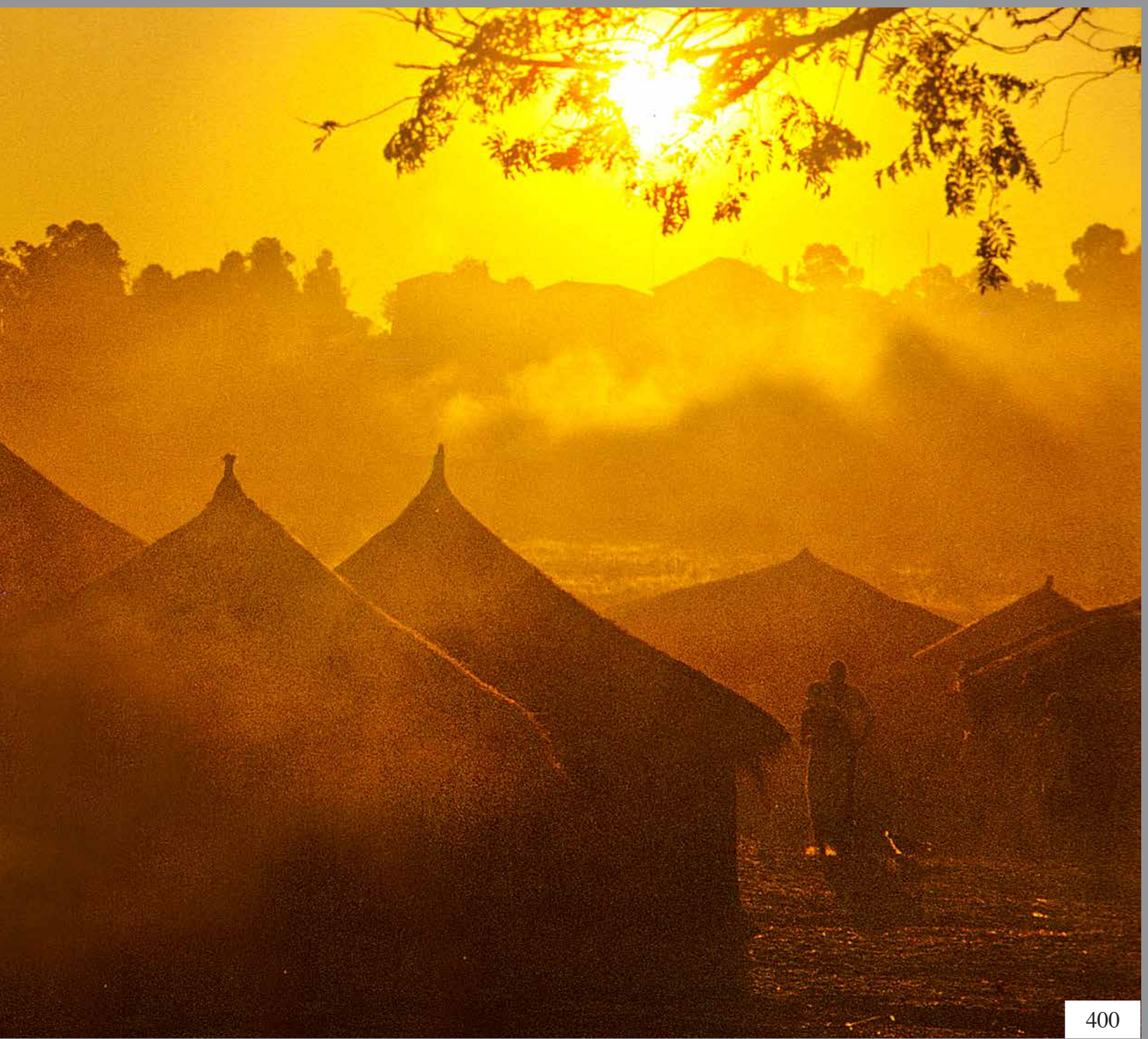
398



399



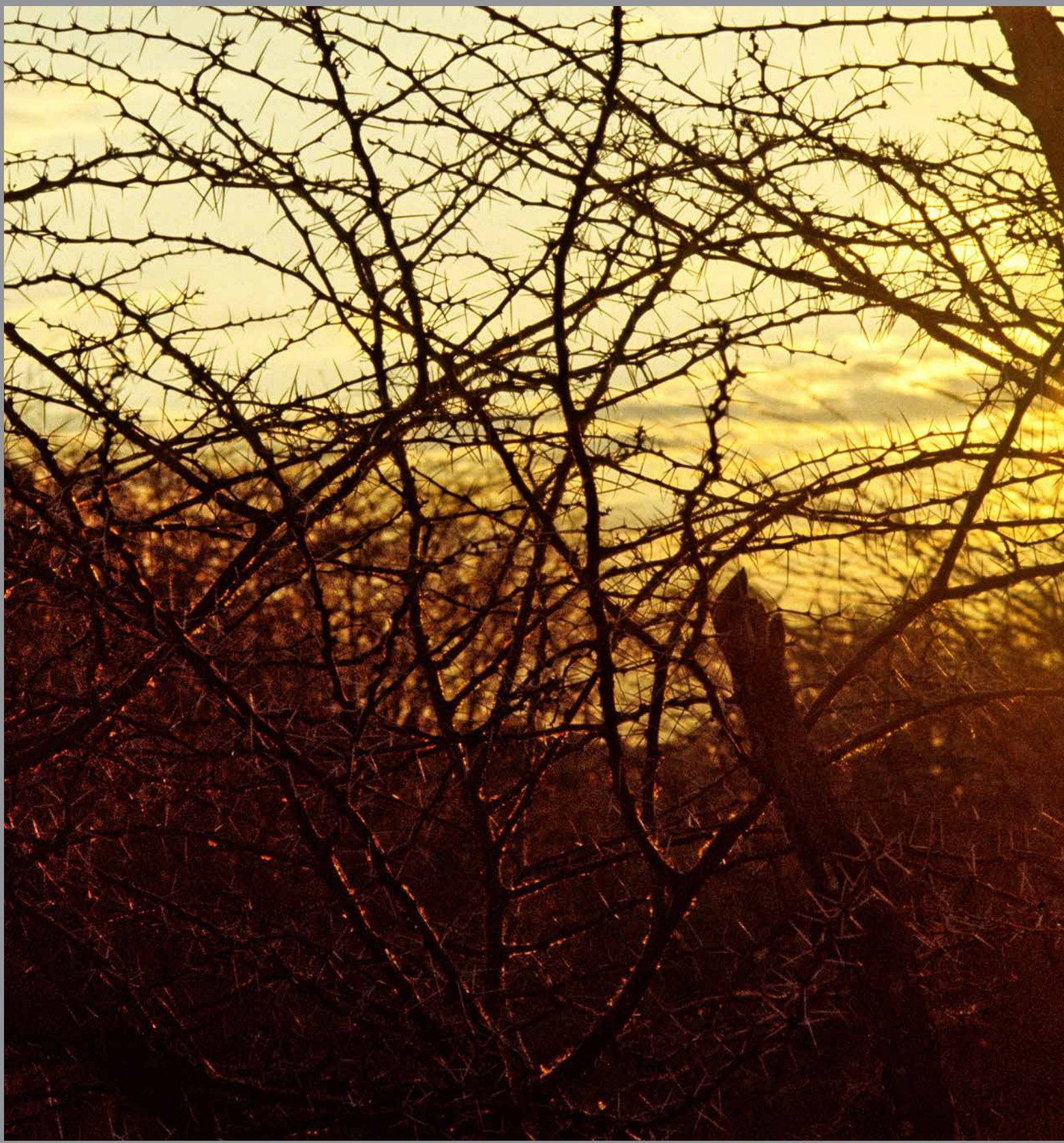
401

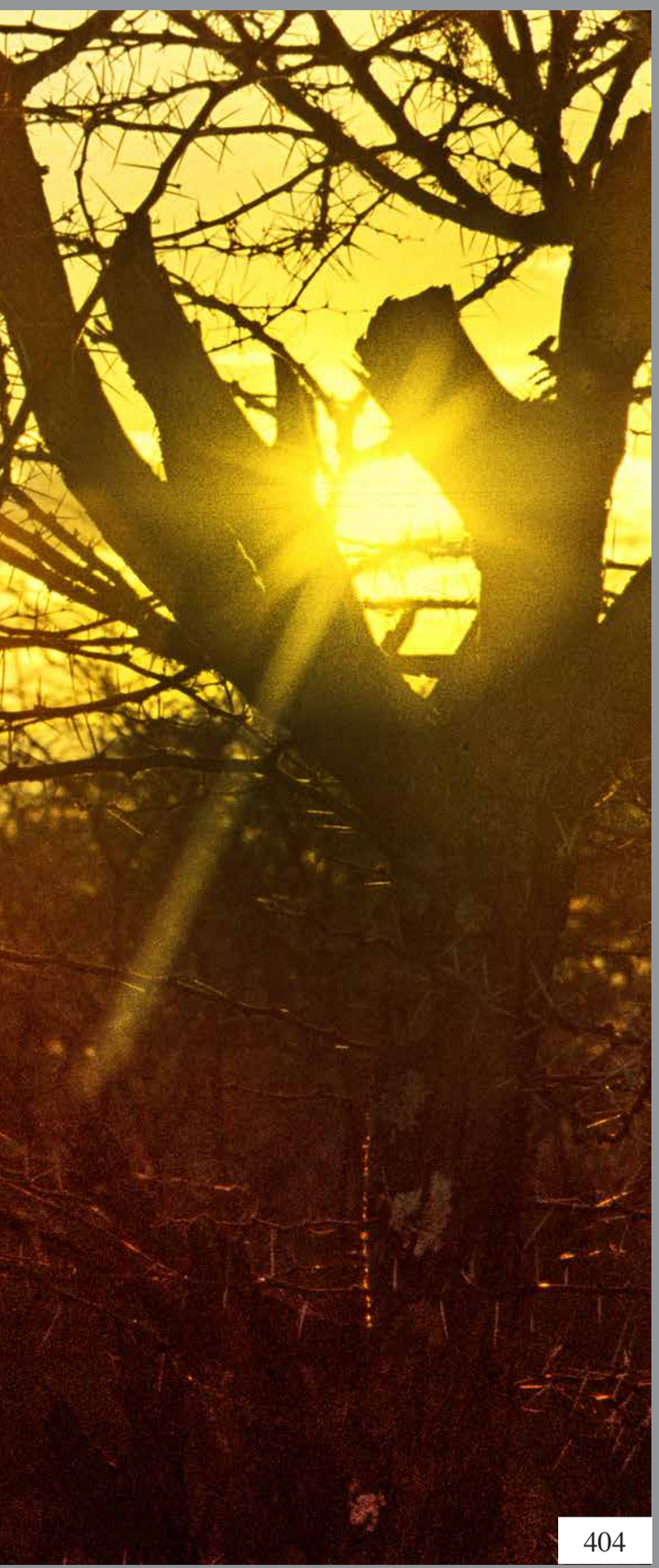


400

402

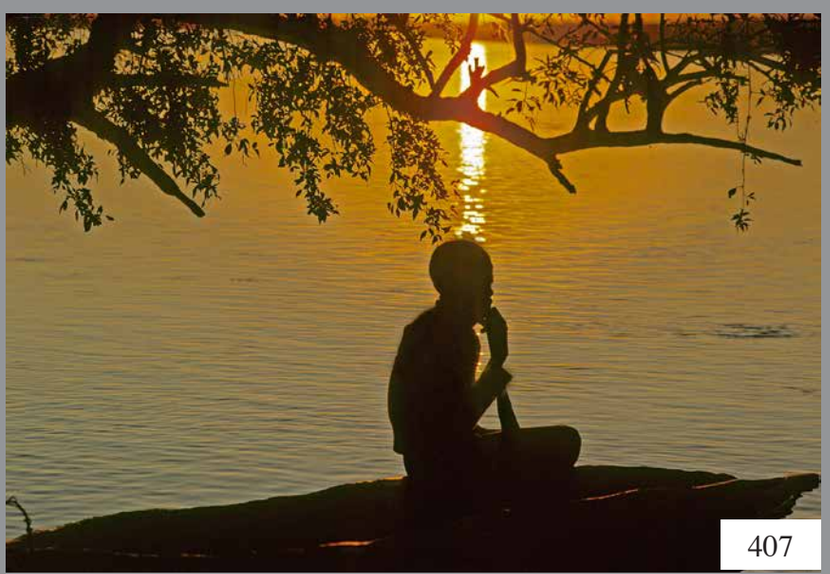
403



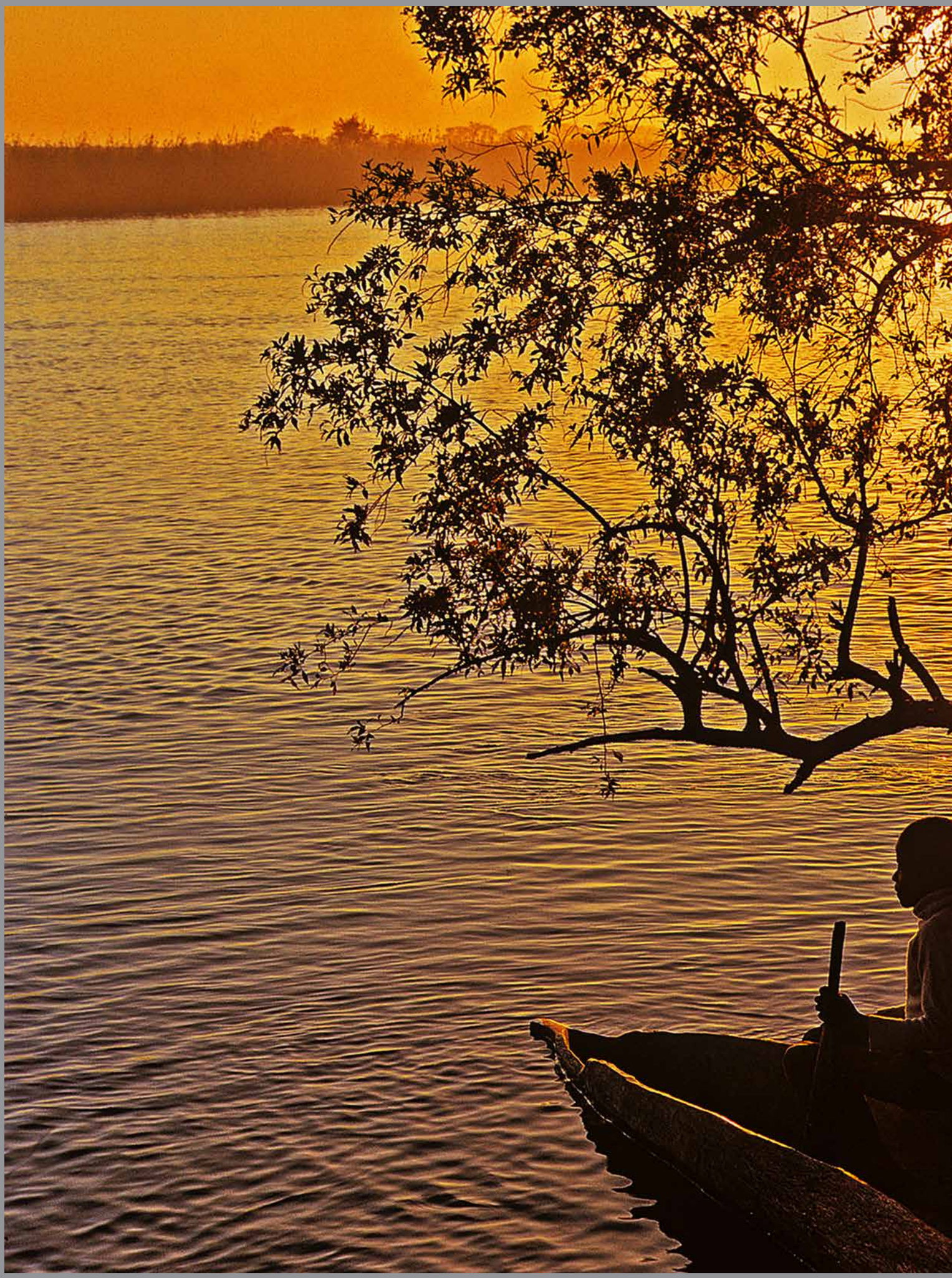

404

405

406


407

399/408 – Uma queimada, uma aldeia indígena, o rio Cubango, algumas canoas...



408

409/411 – Mais rápidos, o que não é bom para o fundo dos botes...

411

412/415 – Encontro com um grupo de mulheres indígenas nas suas lides piscatórias.

412

413

414

416/418 – Várias qualidades de peixe do Cubango.

416

417

418

419

420

421

422

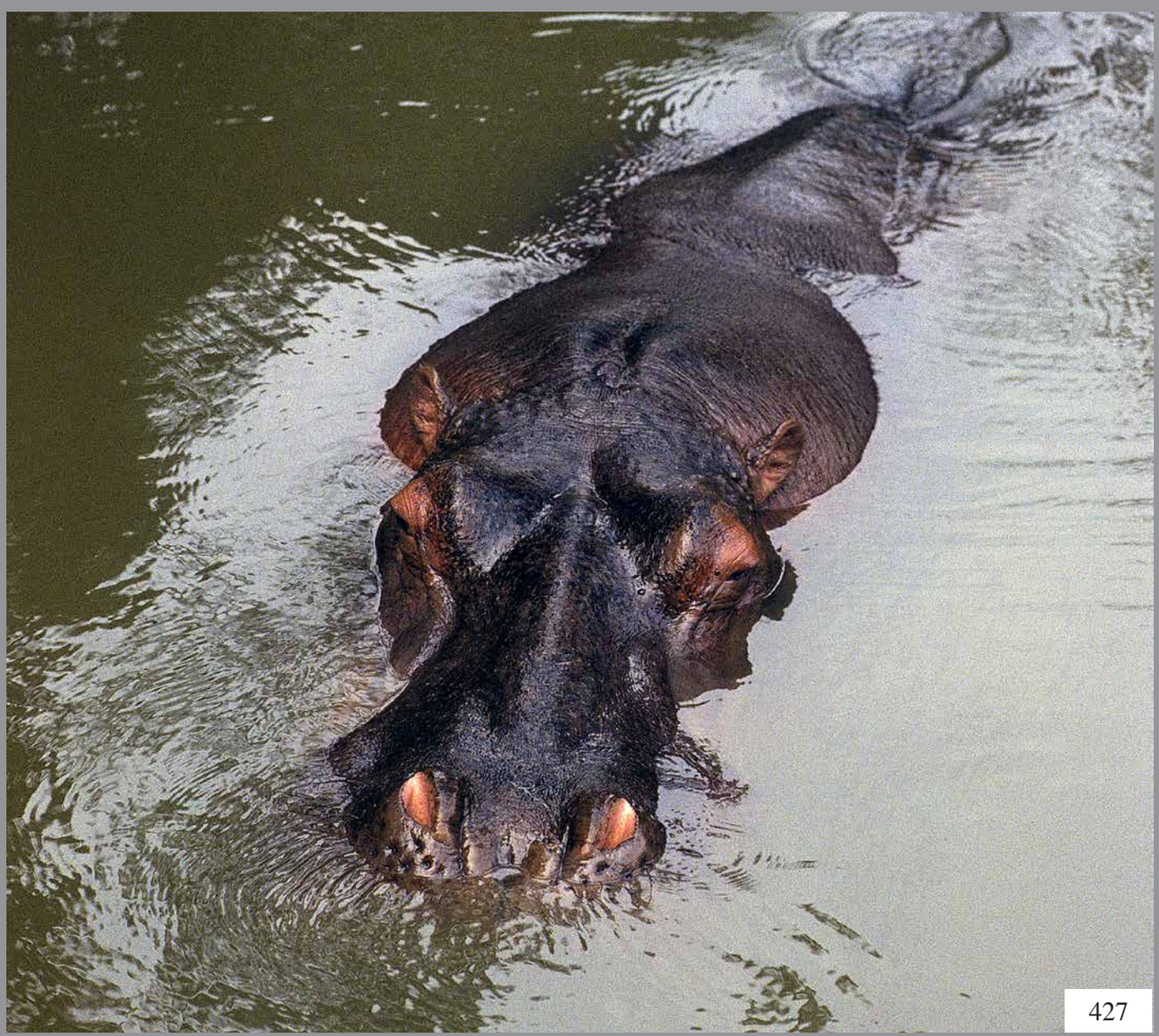
423

424

419/427 – O terrível encontro com os hipopótamos.

425

426



427

Este bichinho, Rei dos Rios e Lagos é perigozissimo, sobretudo as femeas com crias. Os machos chegam a pesar 3,5 toneladas e ter mais de 3 metros de comprimento.

428

429

428/431 – Nas horas de grande calor sabia bem parar à sombra de uma árvore

430

431

432 – Mesmo nas «Terras do fim do Mundo» chega a civilização: esta mãe está pronta para lavar a sua roupa com «OMO»...

432

433

434

433/434 – Quando acostávamos a uma qualquer margem do Cubango, logo se juntava povo para ver os botes e sobretudo a Iona...

435 – Fim da tarde numa aldeia...

436 – De manhã cedo, ao nascer do sol, havia quase sempre, neblina no rio.

436

437

438

439

440

As margens do rio Cubango eram muito férteis, aqui uma plantação de vinhas.

441

442

443

444

445

446

447

448

449

442/449 – Ao abastecer de carburante os motores dos botes um esguicho de gasolina atingiu os olhos do Nuno.

450

451

452

450/456 – Havia dias em que soprava um vento frio.

454

455

456

457

458

457 – O Olivier estudando a carta do rio.

458 – Encontro com um casal indígena.

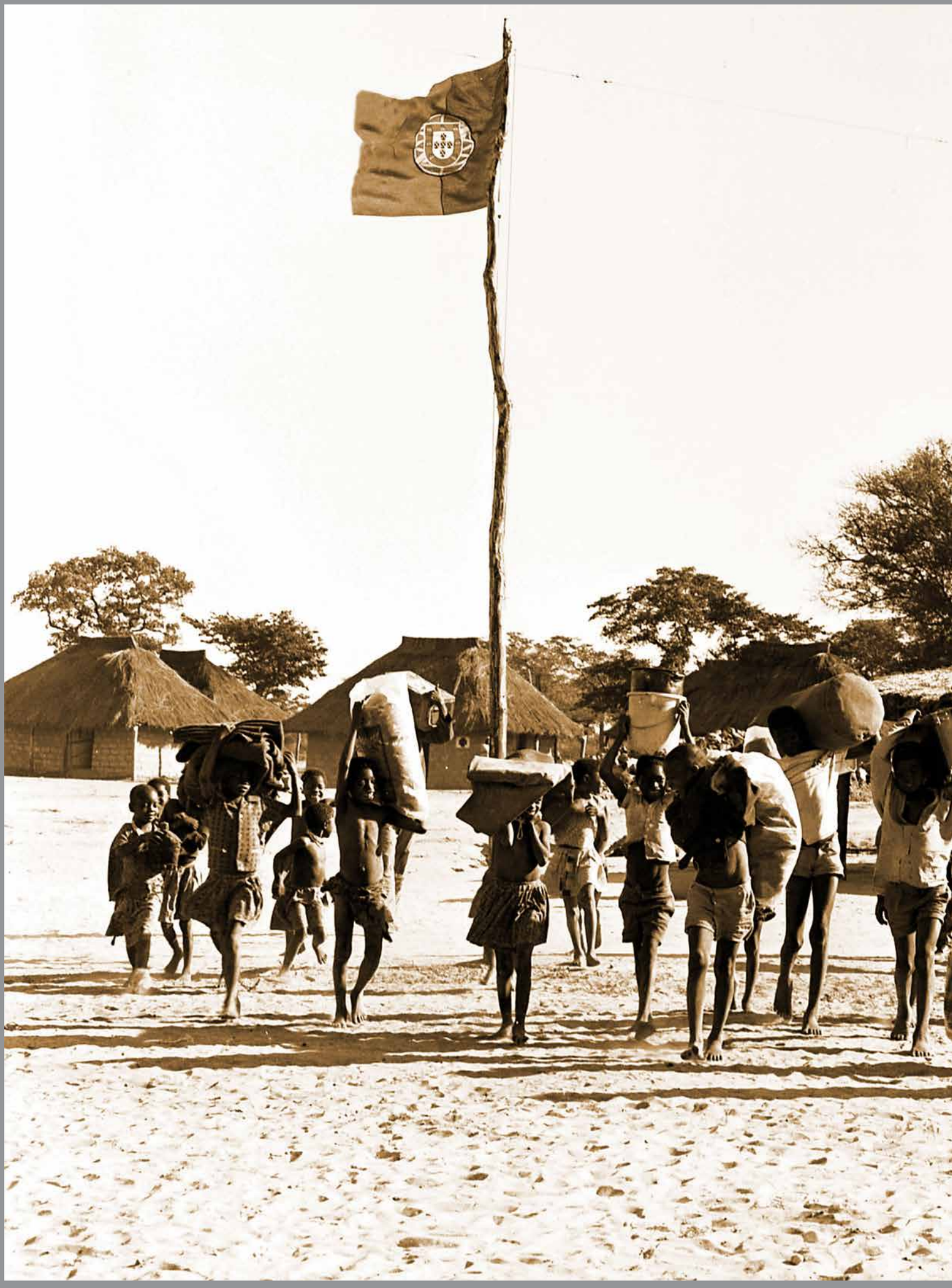
459 – Havia dias que a navegação era fácil e o Olivier conduzia um dos botes.

460

461

460/461 – Chegámos a uma aldeia, e como sempre, o povo estava à nossa espera.

462/463 – Os garotos quiseram transportar a nossa bagagem e foi uma festa!



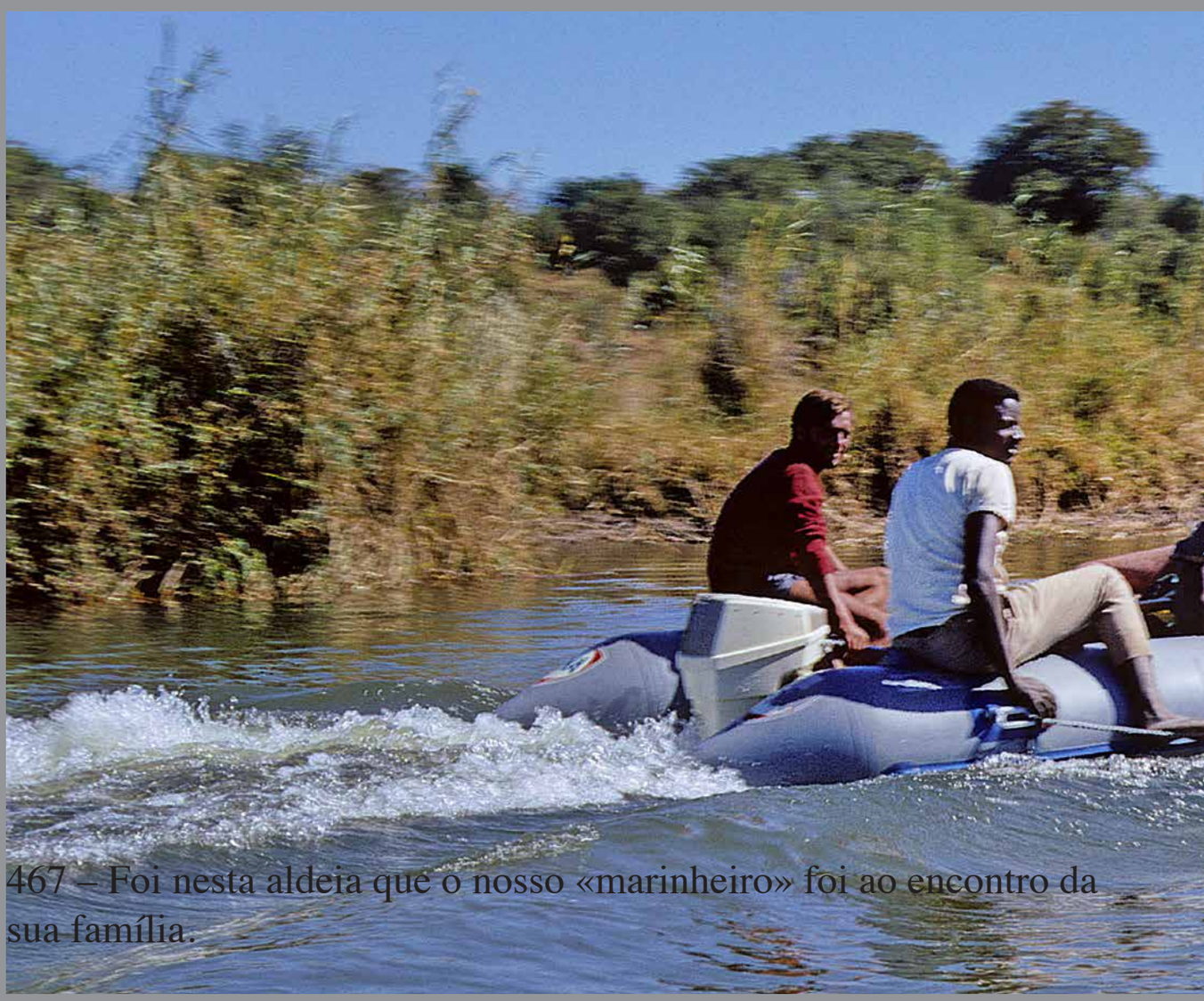
463

464

465

464/466 – O Olivier com outros garotos da sua idade.

466



467 – Foi nesta aldeia que o nosso «marinheiro» foi ao encontro da sua família.

468

468/469 – A miudagem gostava mesmo de dar passeios de barco...

469

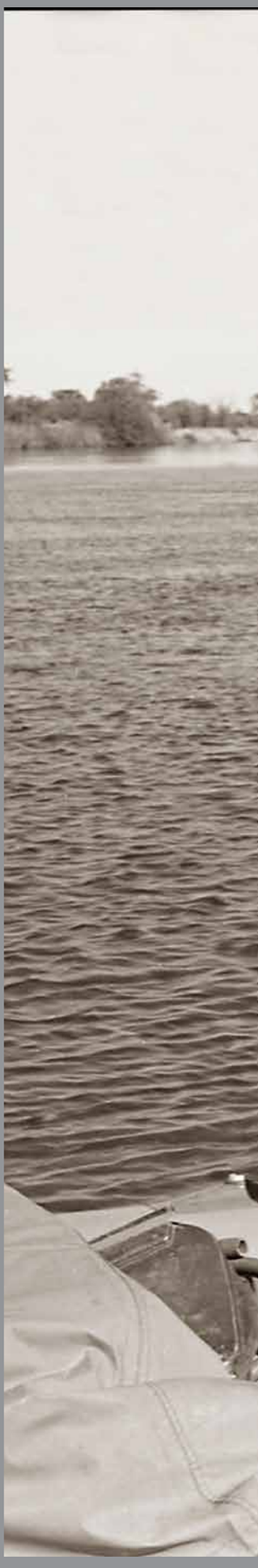
FINA
9.9
FINA

470/473 – As meninas estão prontas para dar um passeio de barco conduzido pelo Olivier.

470

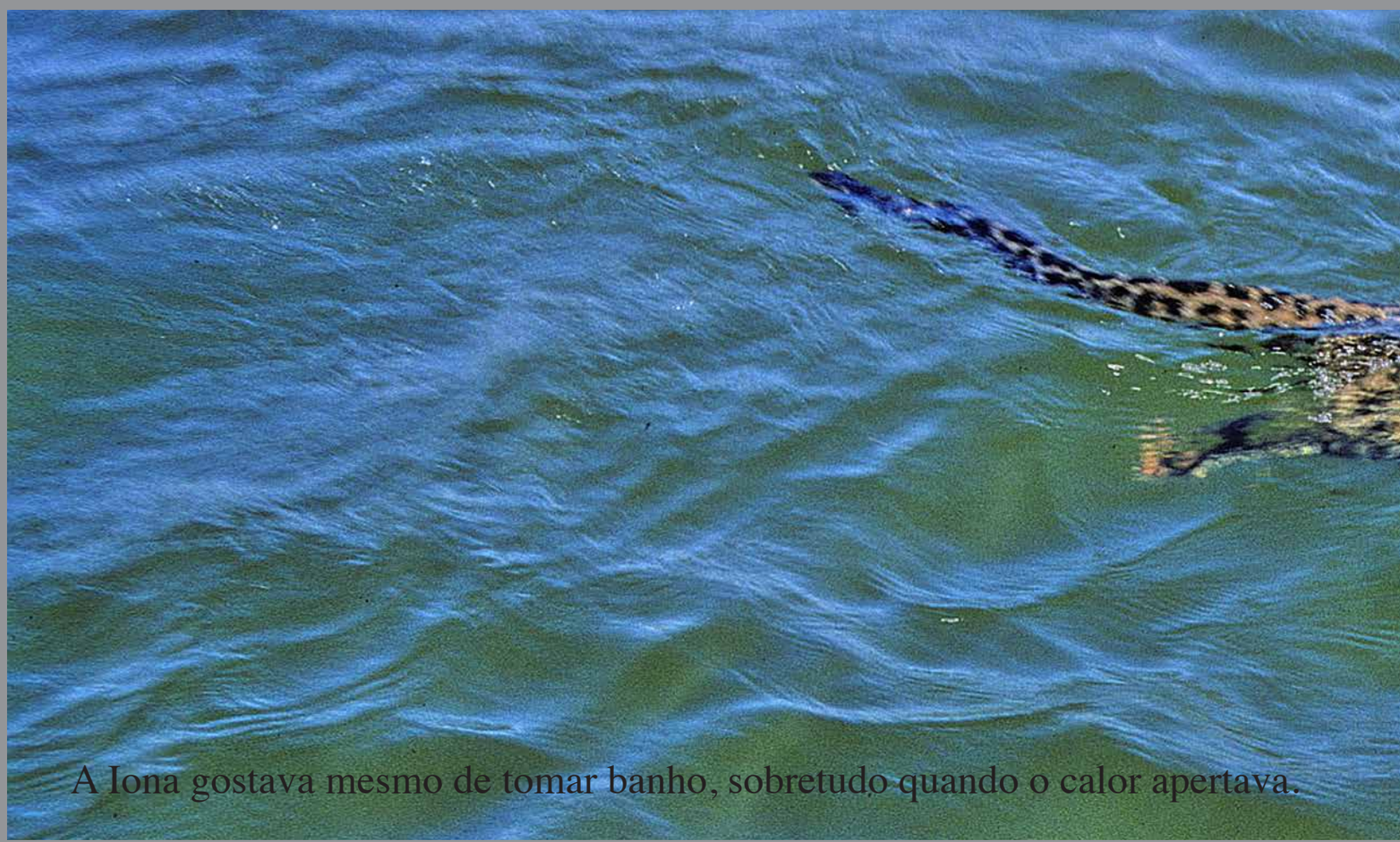
471

472



473

474

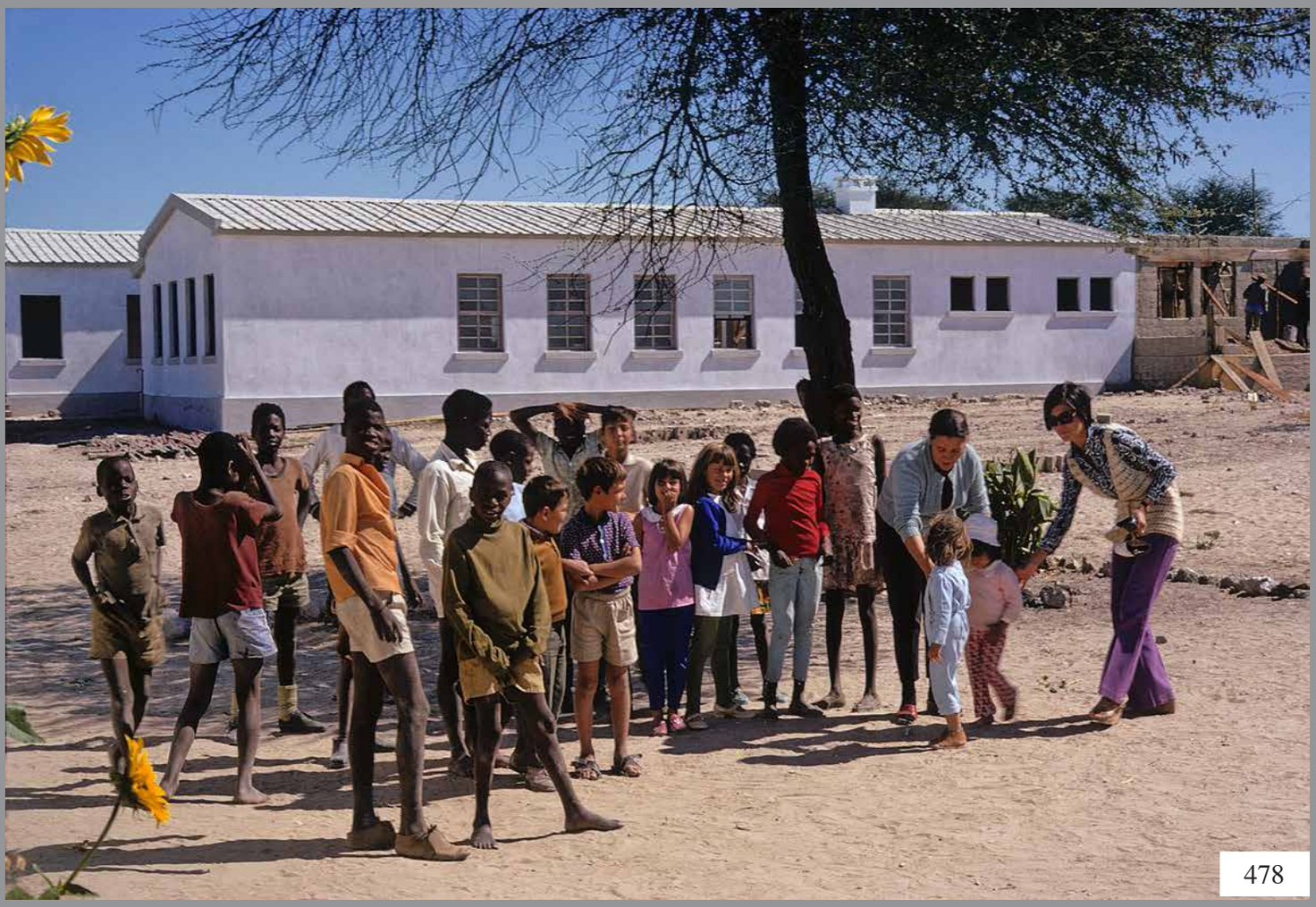


A Iona gostava mesmo de tomar banho, sobretudo quando o calor apertava.

475

476

477



478

479

477/484 – A ultima vila antes da fronteira, Dirico.

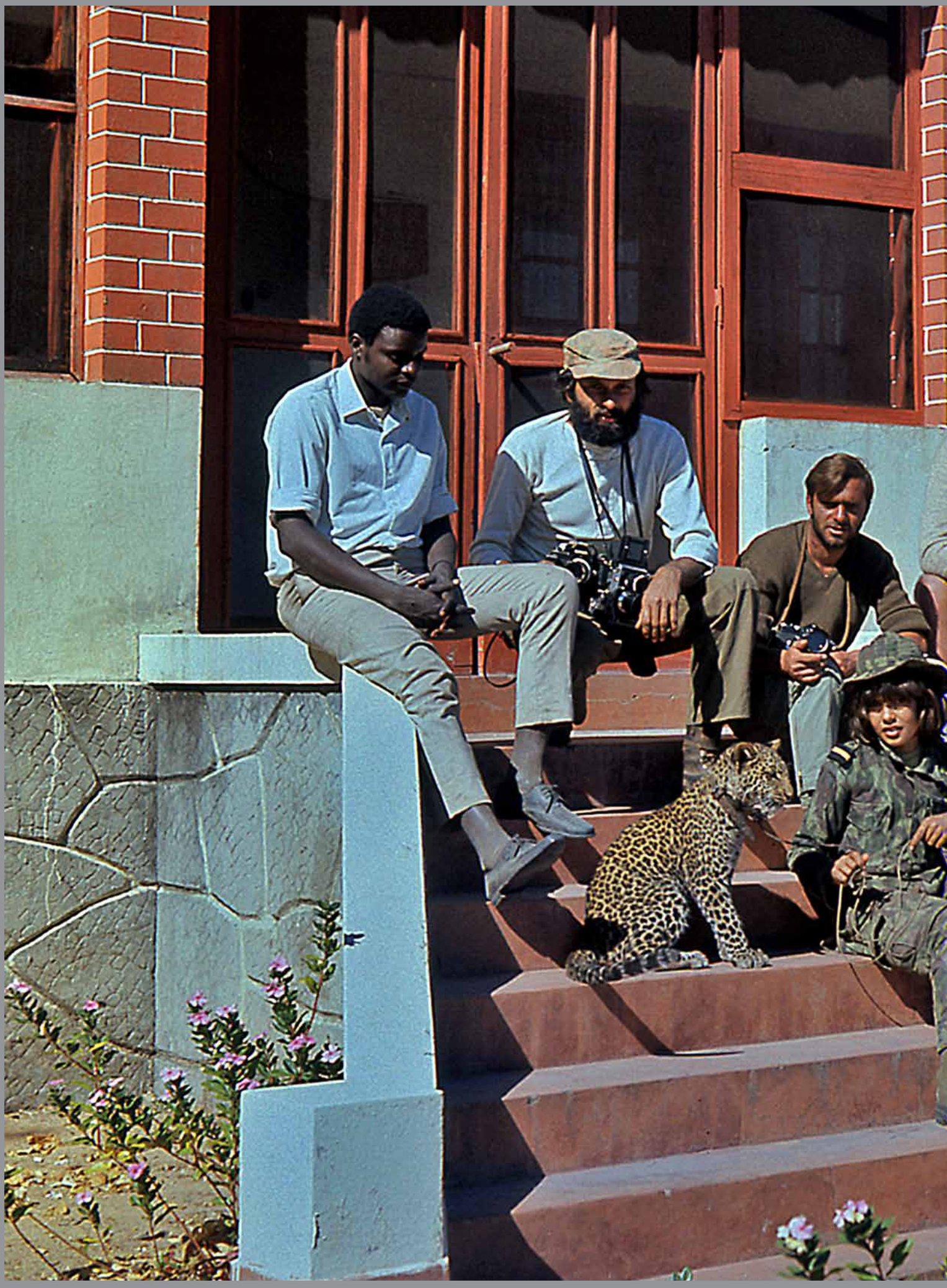
480

481

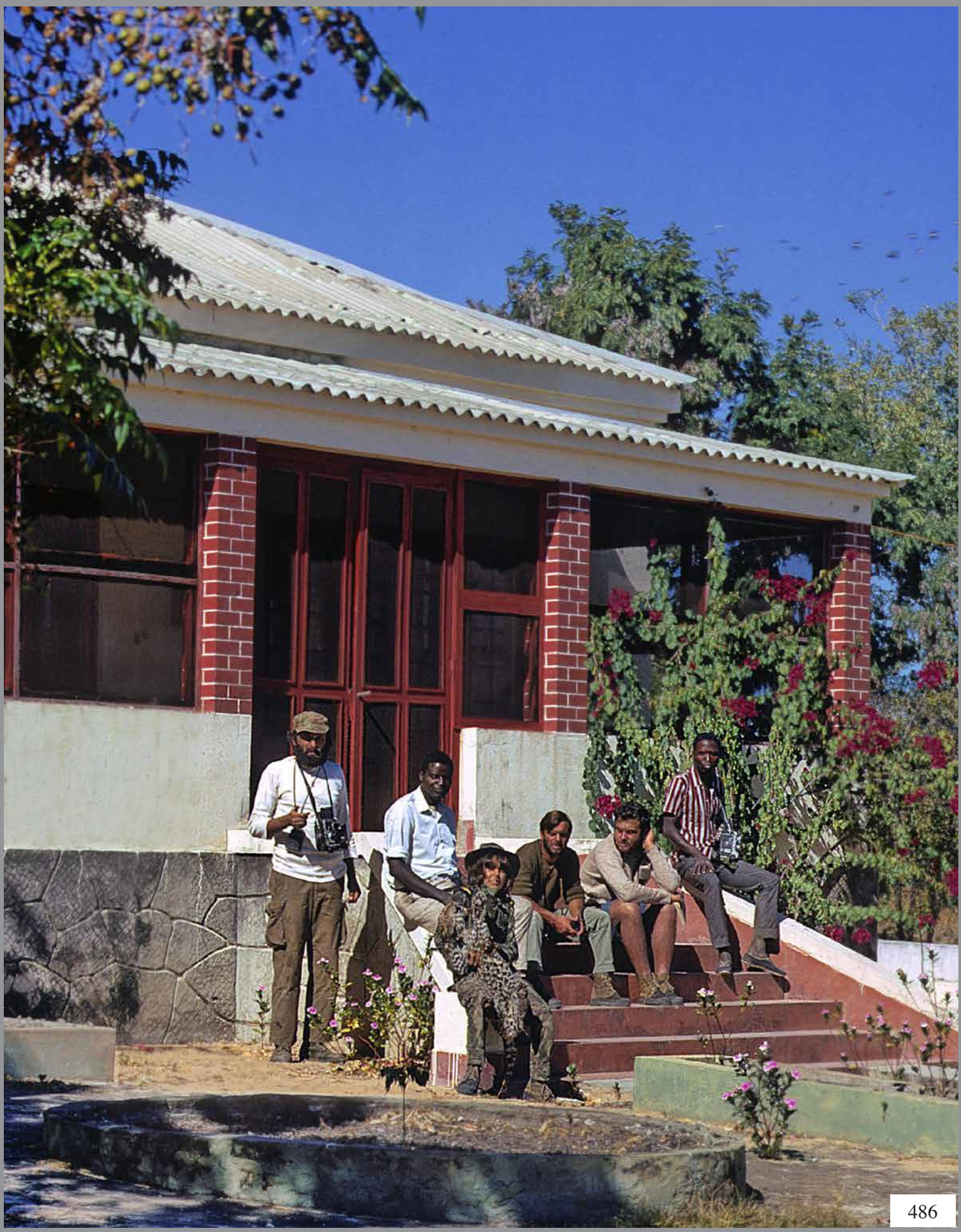
482

483

484



485



O grupo completo, o mesmo que tinha partido de Serpa Pinto.

487

488

489

490

491

492

493

494

488/500 – O percurso até ao Mucusso foi fácil pois o rio era largo e profundo.

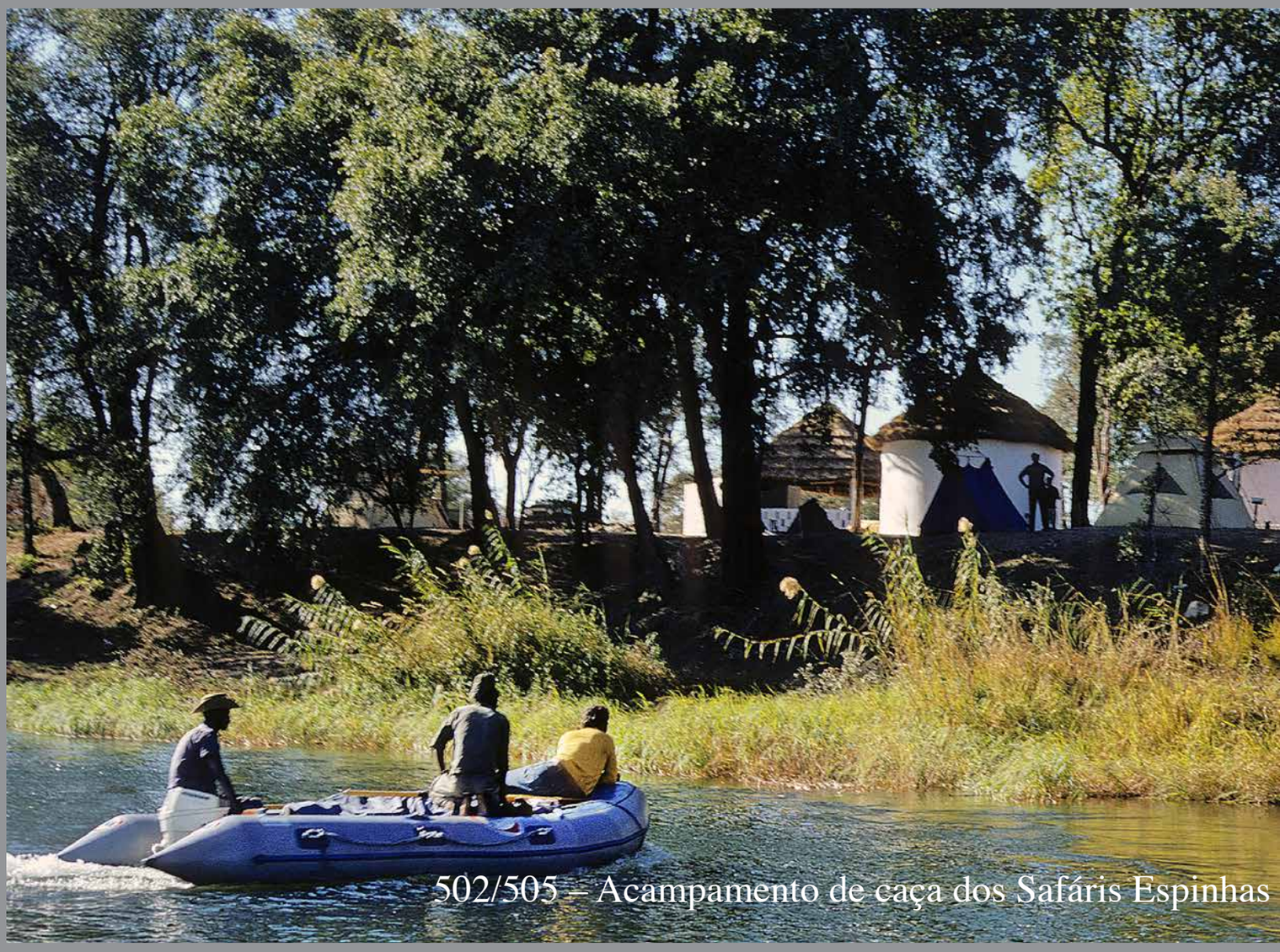
497

498

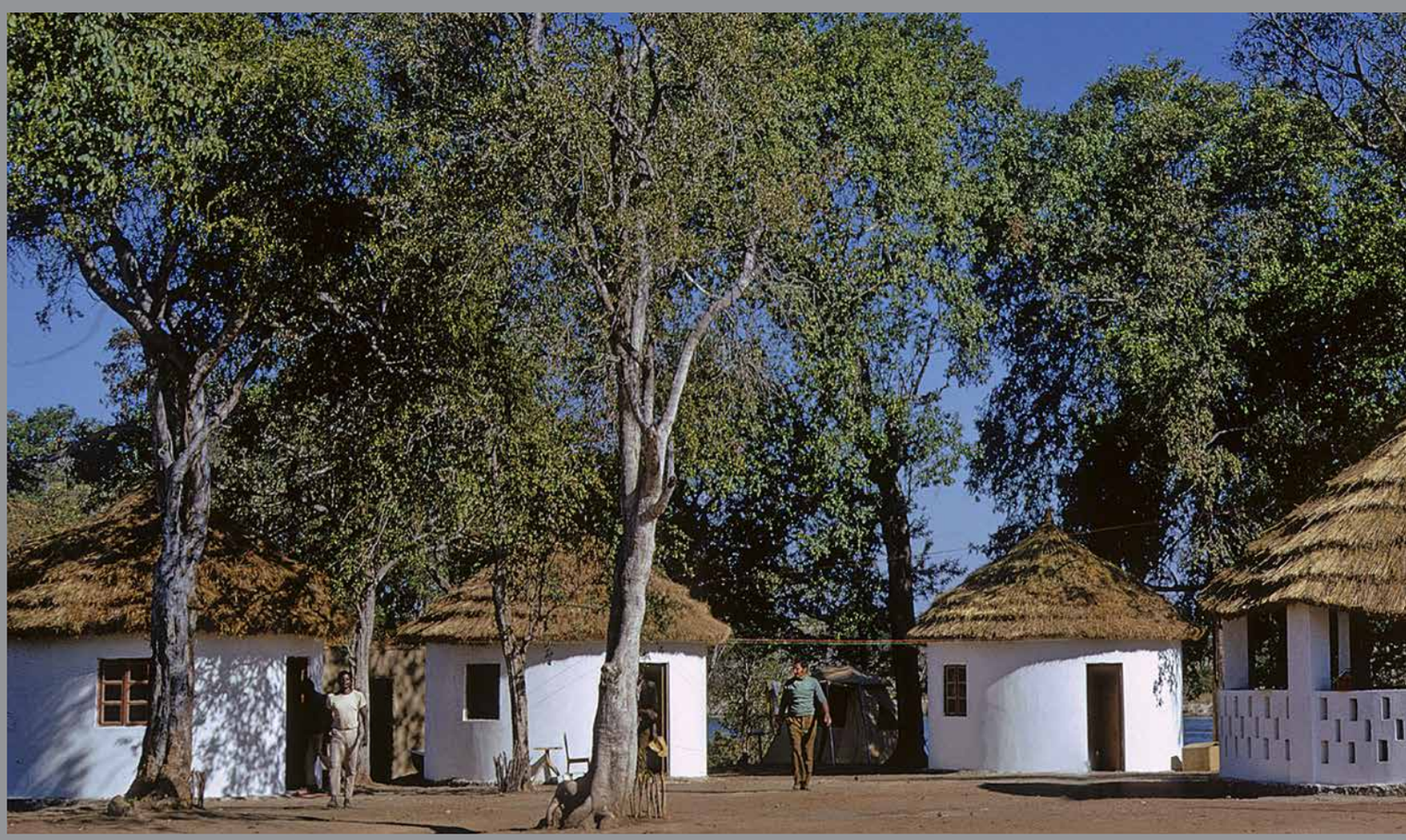
499

500

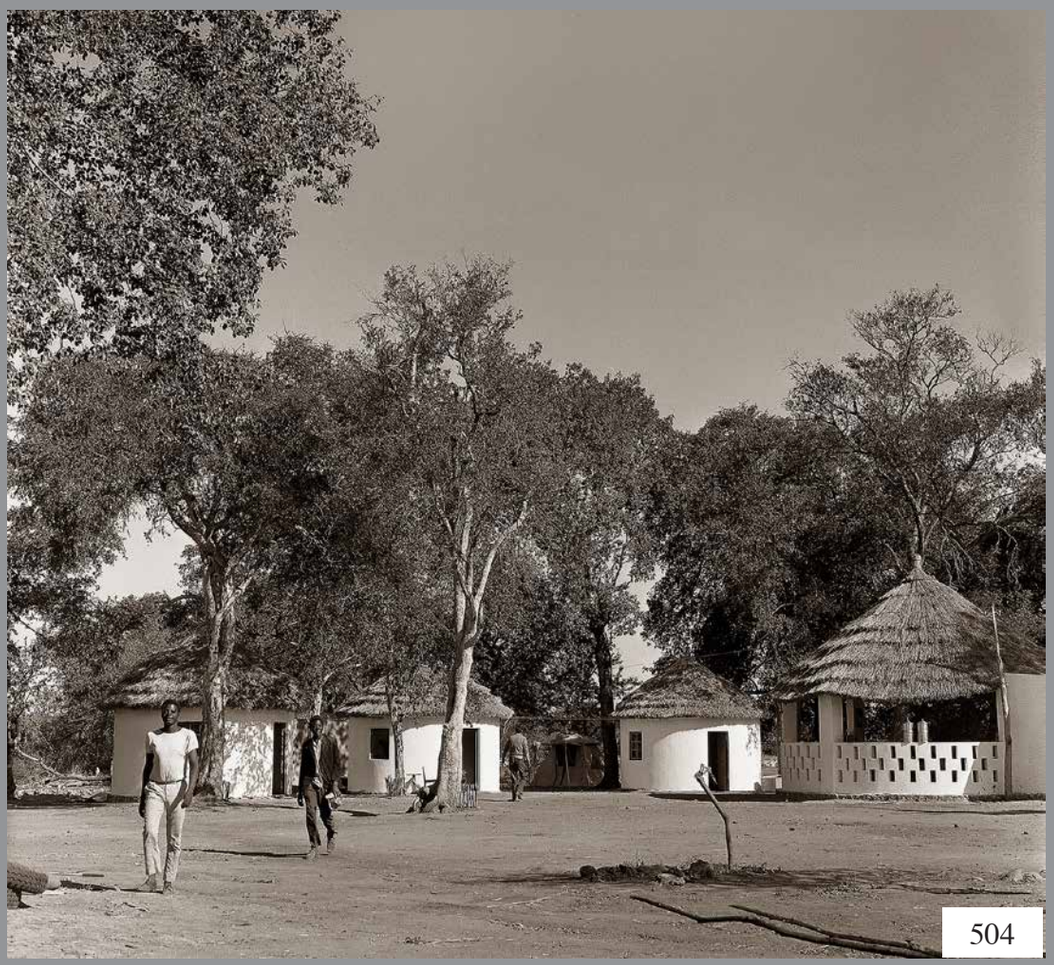
501 – J. Charles pronto a fazer algumas fotos fora dos barcos.



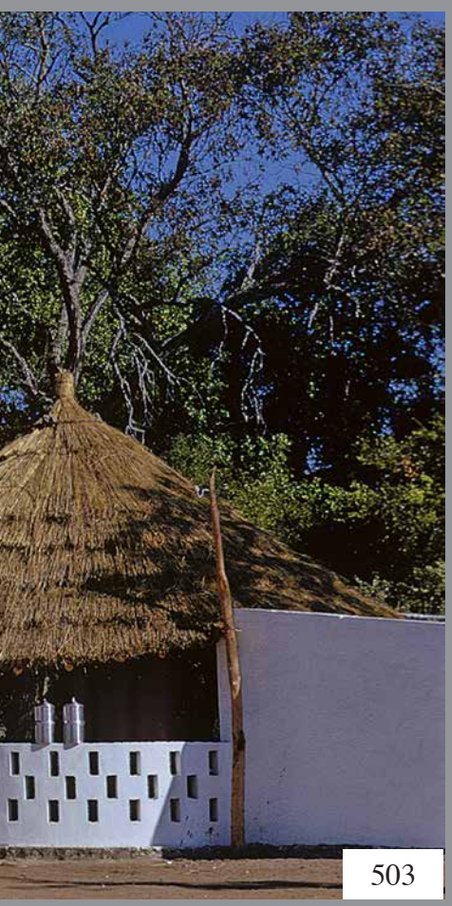
502/505 – Acampamento de caça dos Safáris Espinhas



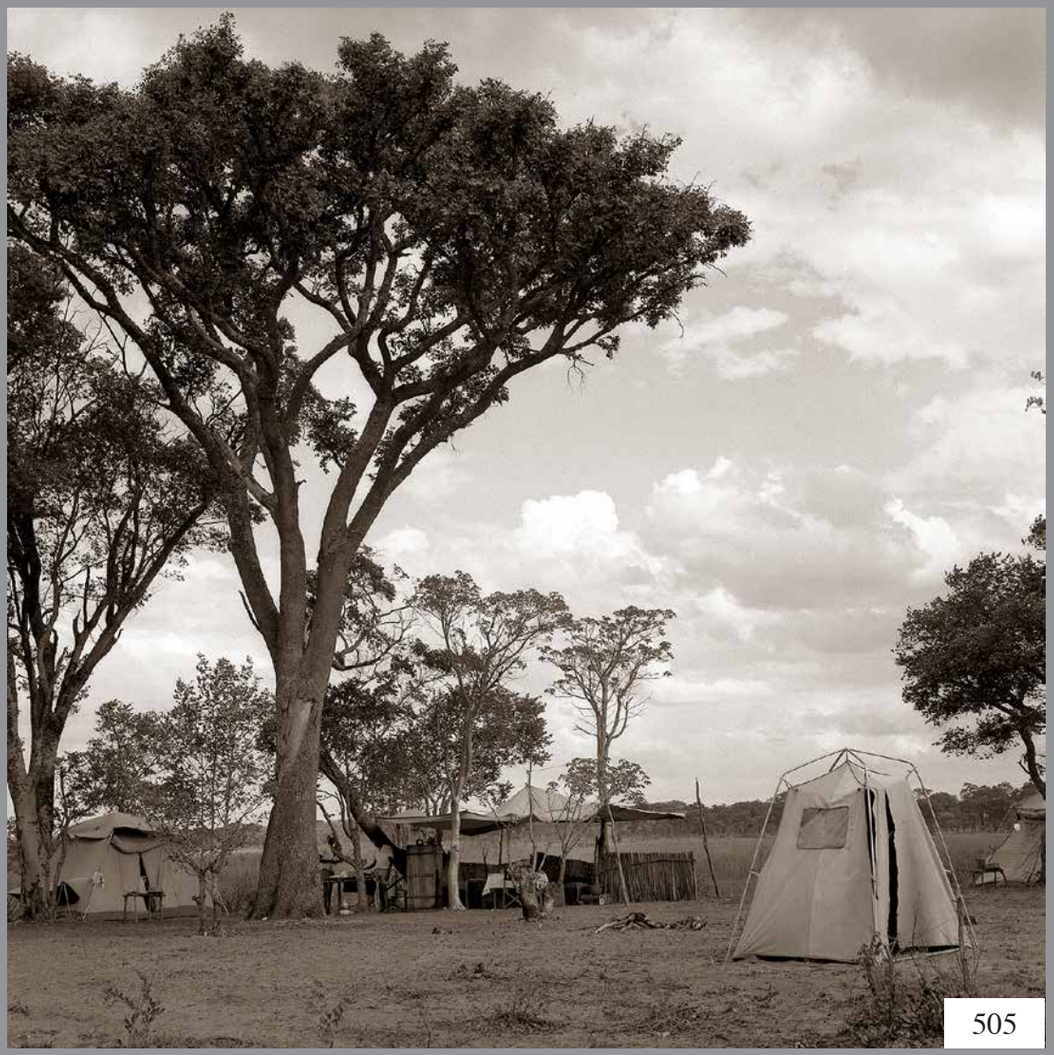
502



504



503



505

506

507

Jean Charles e dois bosquímanes tomando banhos nas águas do rio.

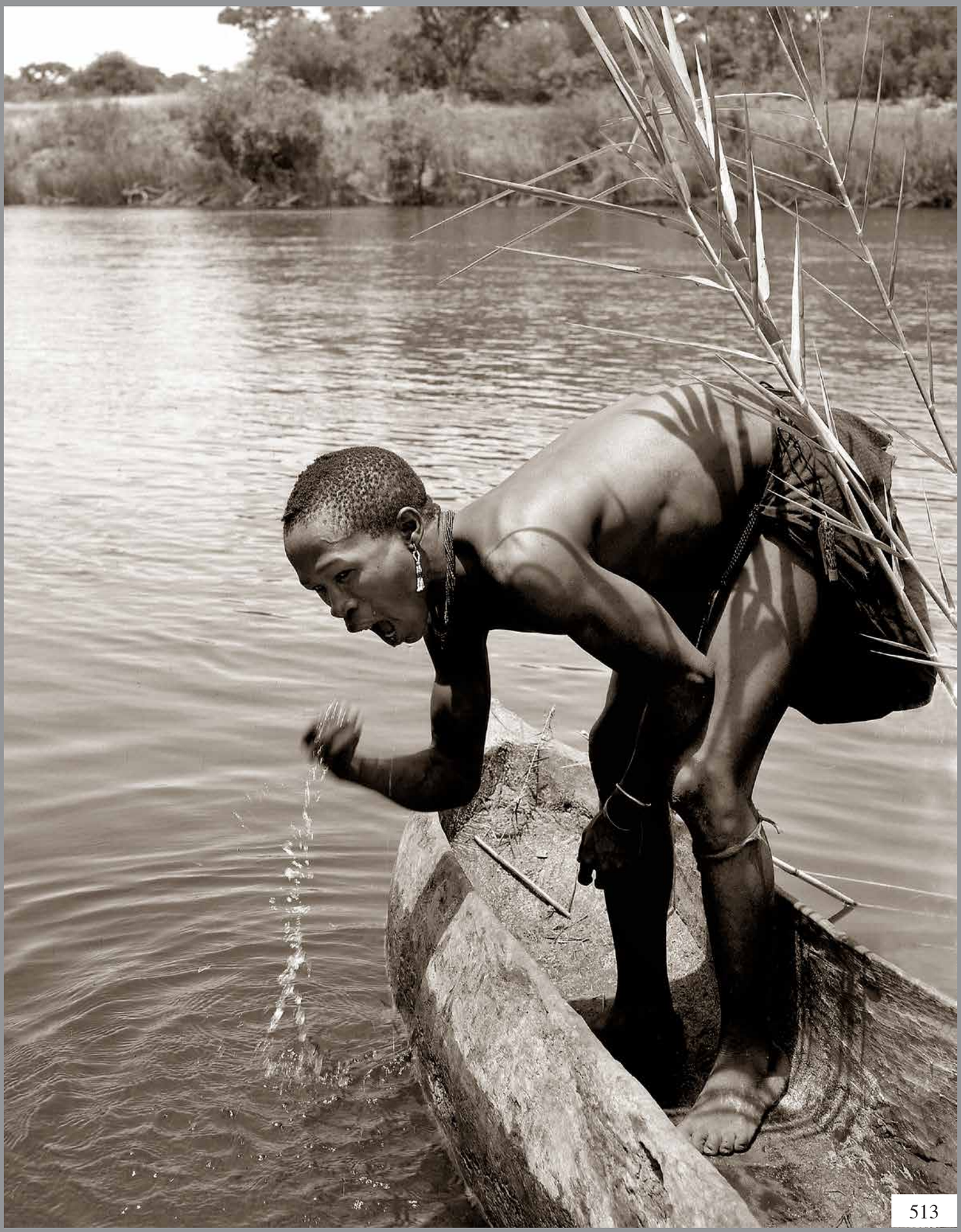
508

509

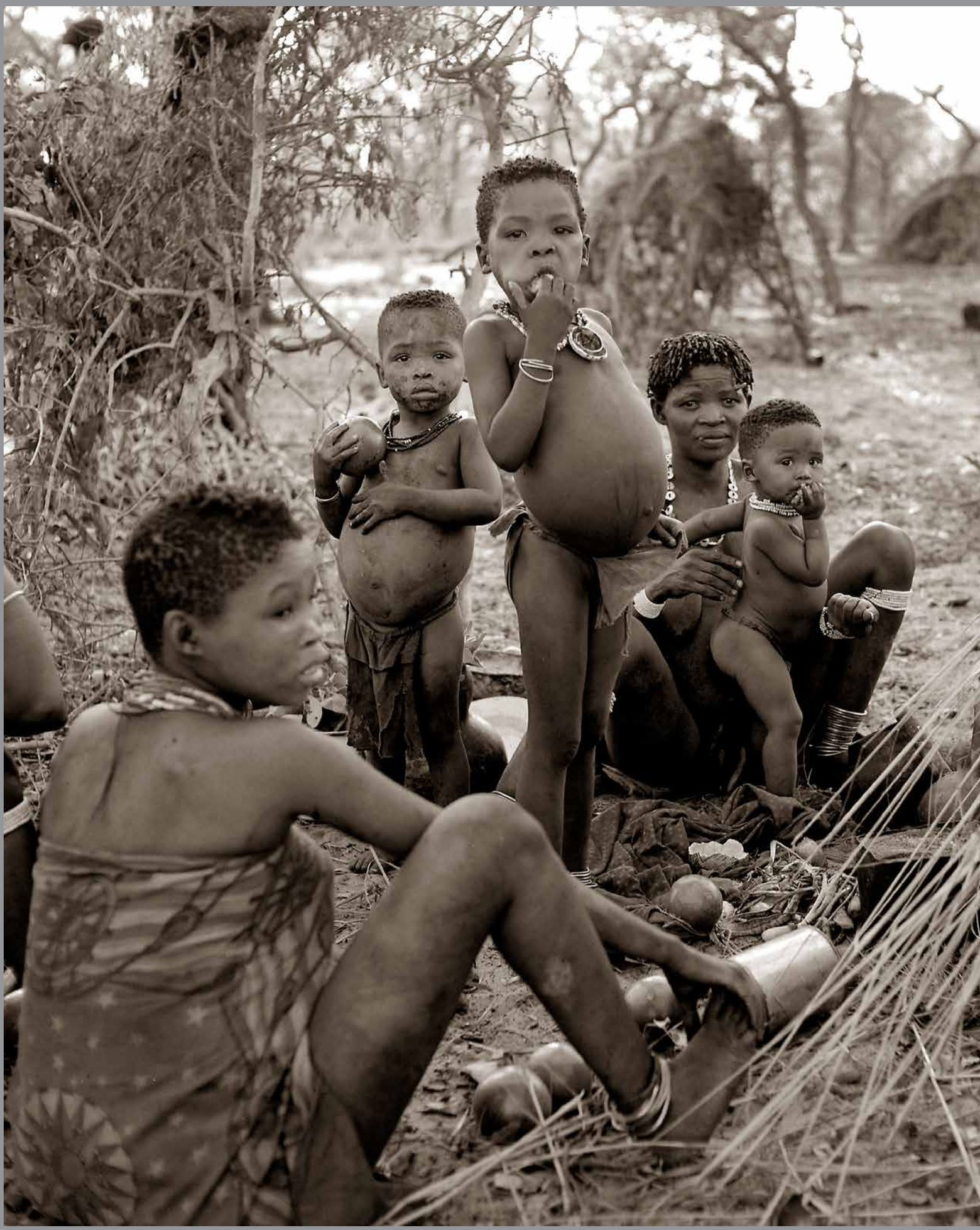
510

511

512/513 – Duas maneiras de matar a sede com águas puras do Cubango...

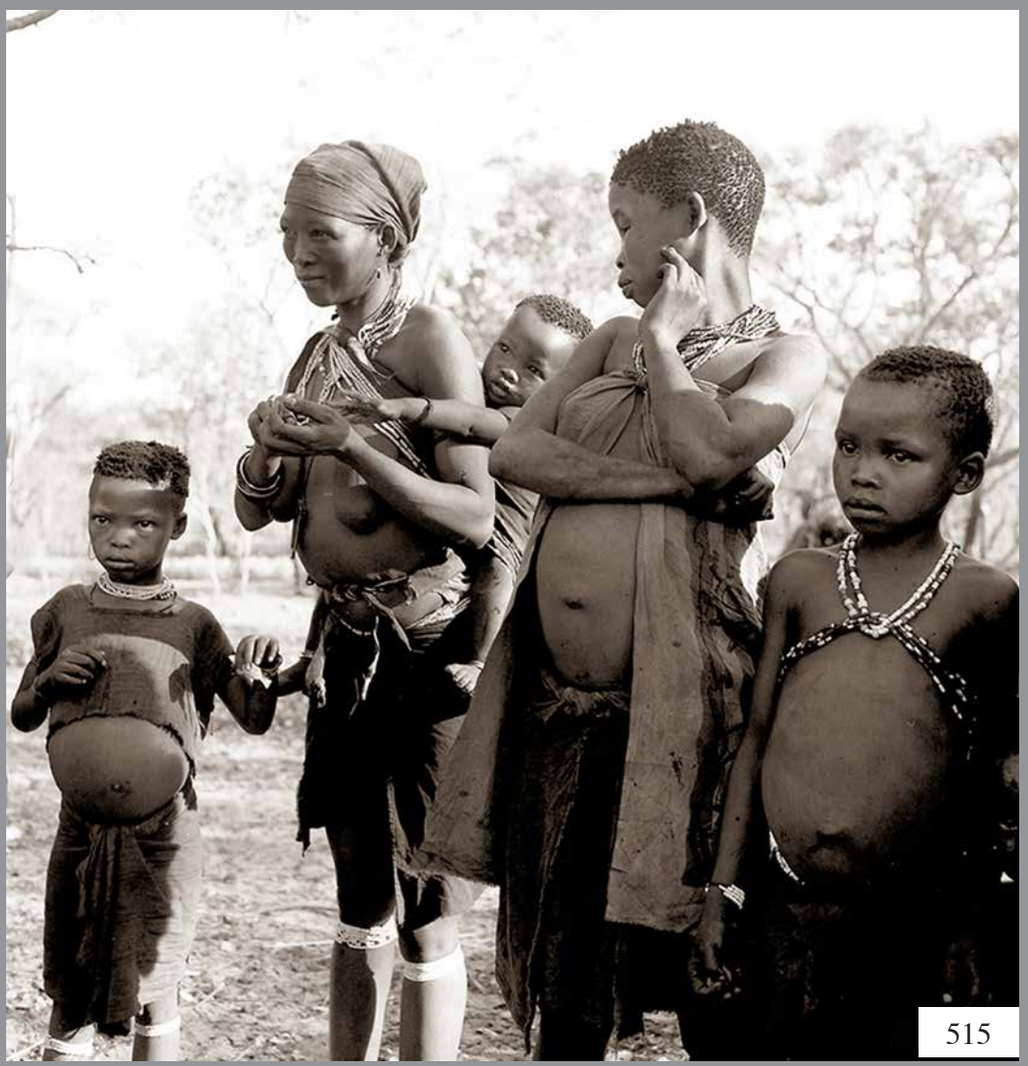


513



514/515 – Nas margens do Cubango um acampamento bosquímane.

514



515

516

516 – J. Charles, dentro de uma canoa, fazendo algumas fotos.

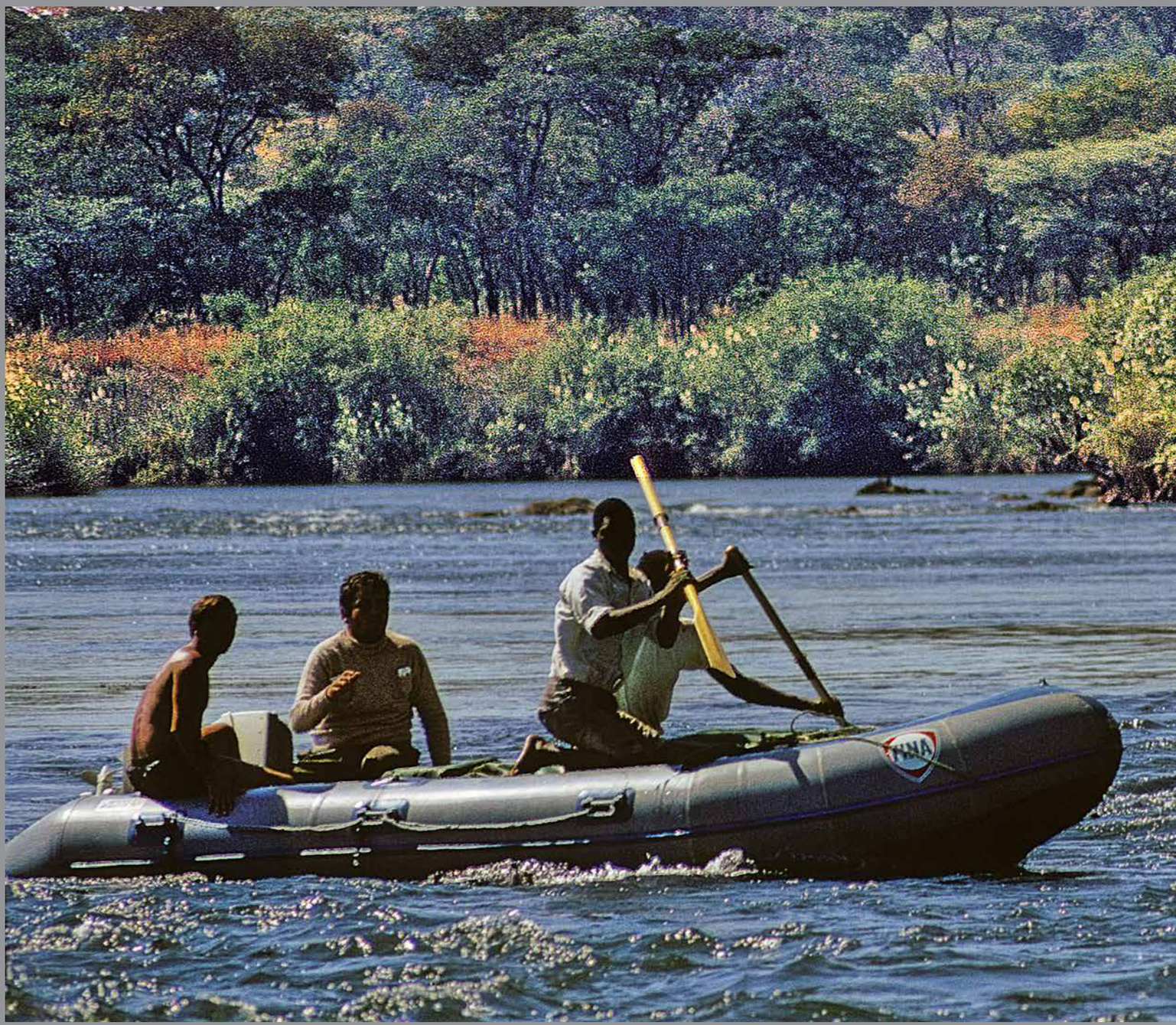
517/519 – A ultima aldeia do percurso.

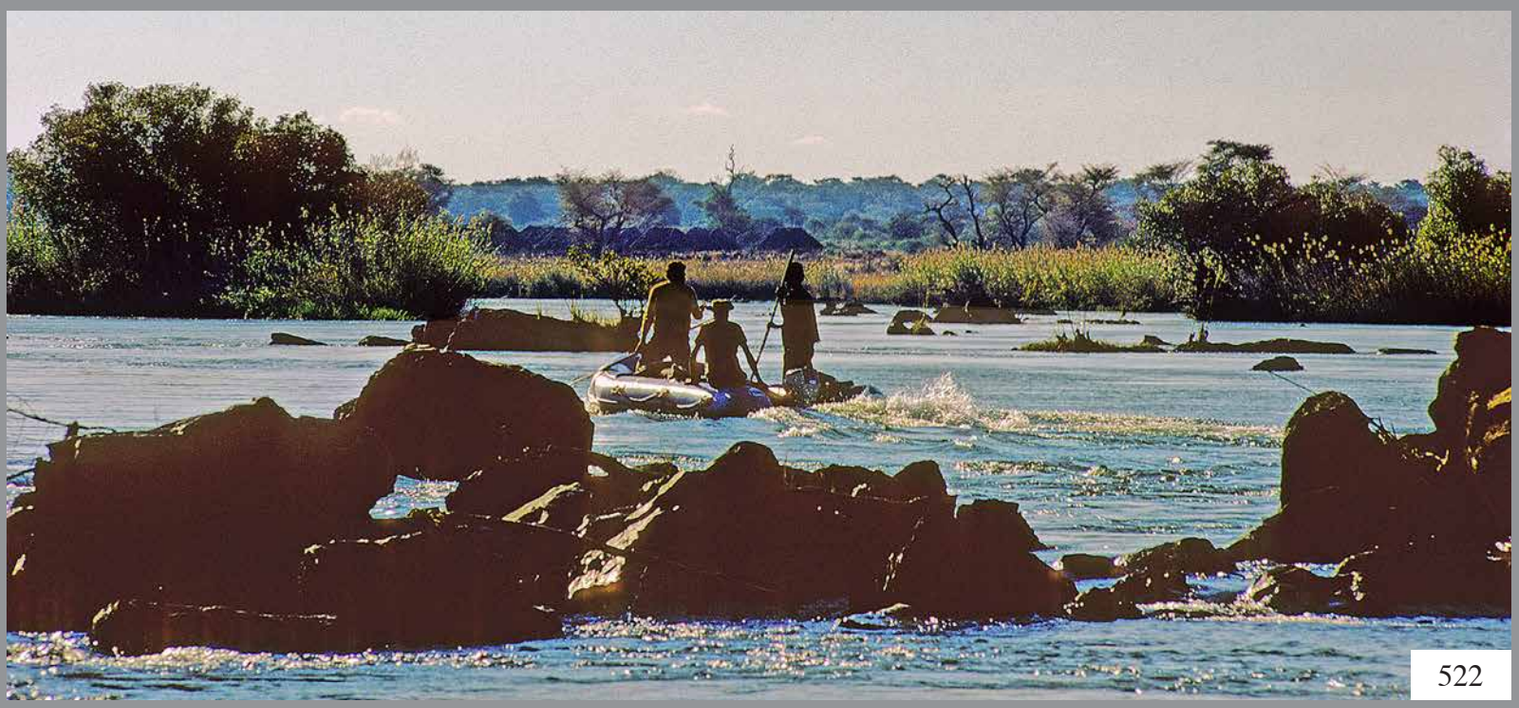
518

17

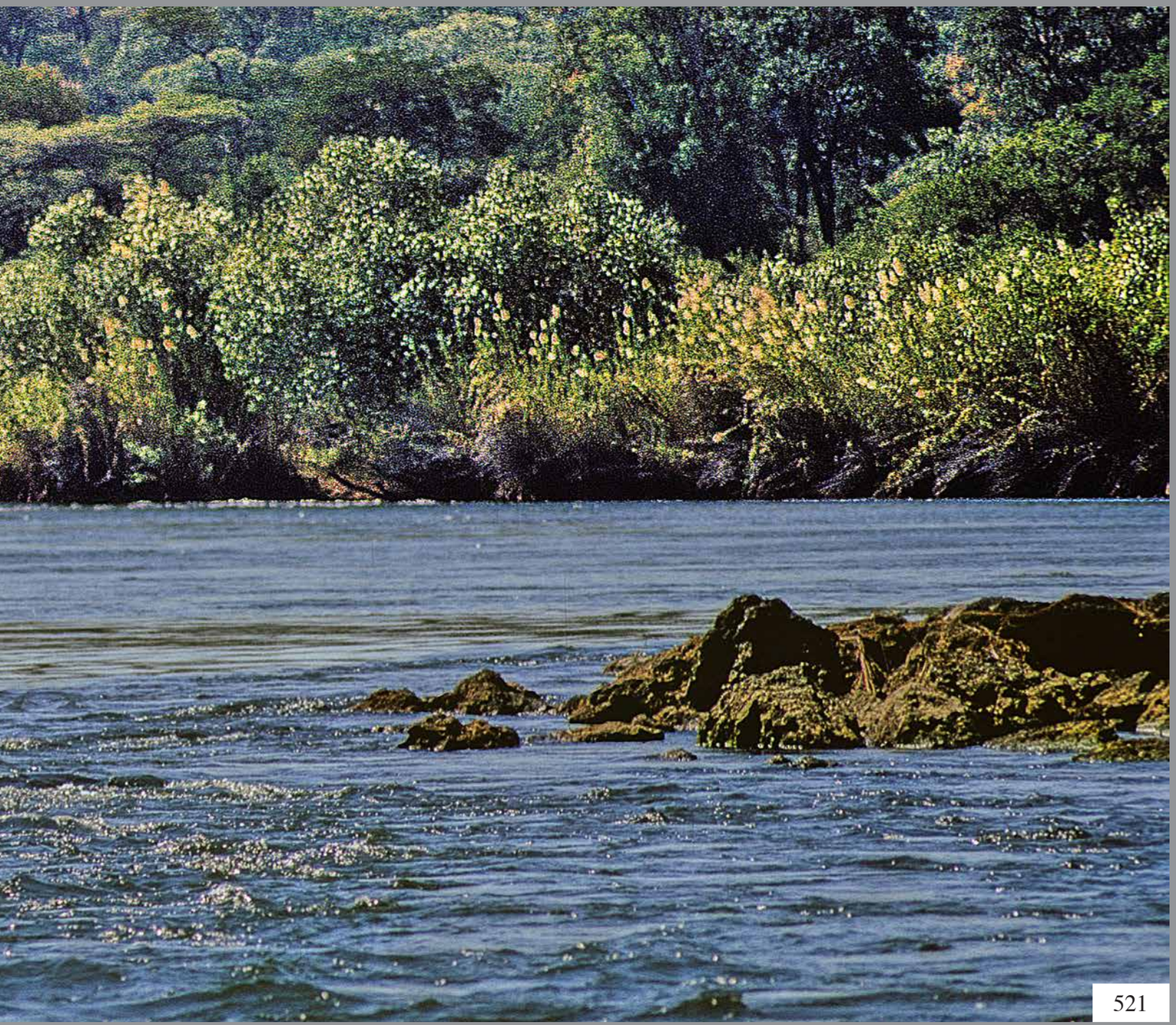
519

520

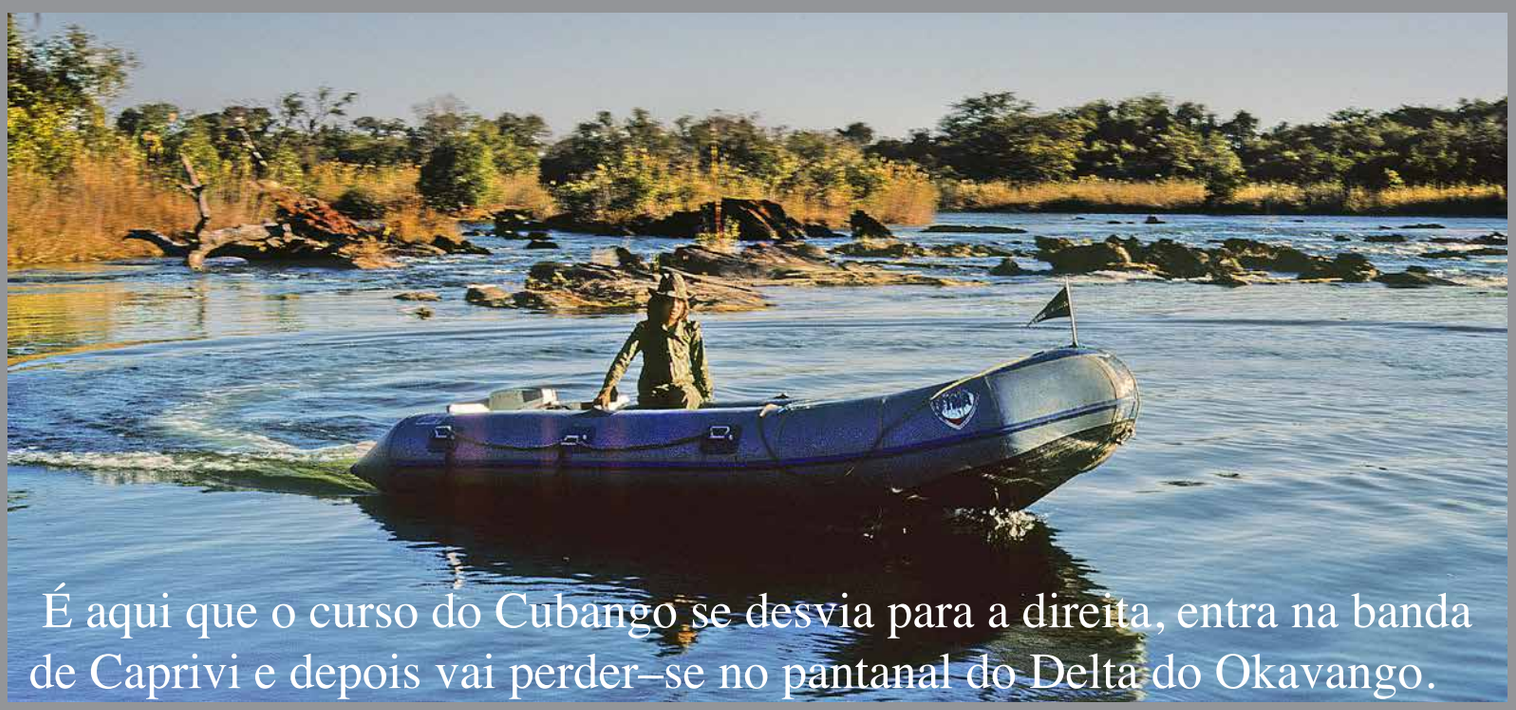




522



521

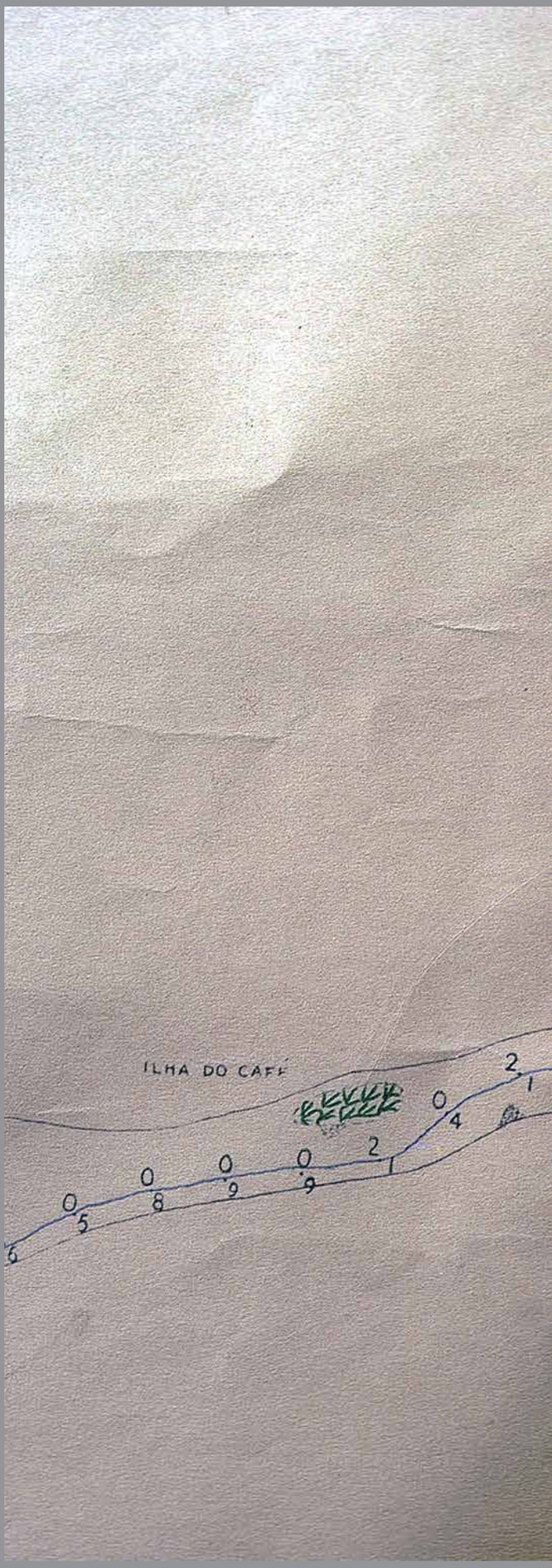


É aqui que o curso do Cubango se desvia para a direita, entra na banda de Caprivi e depois vai perder–se no pantanal do Delta do Okavango.

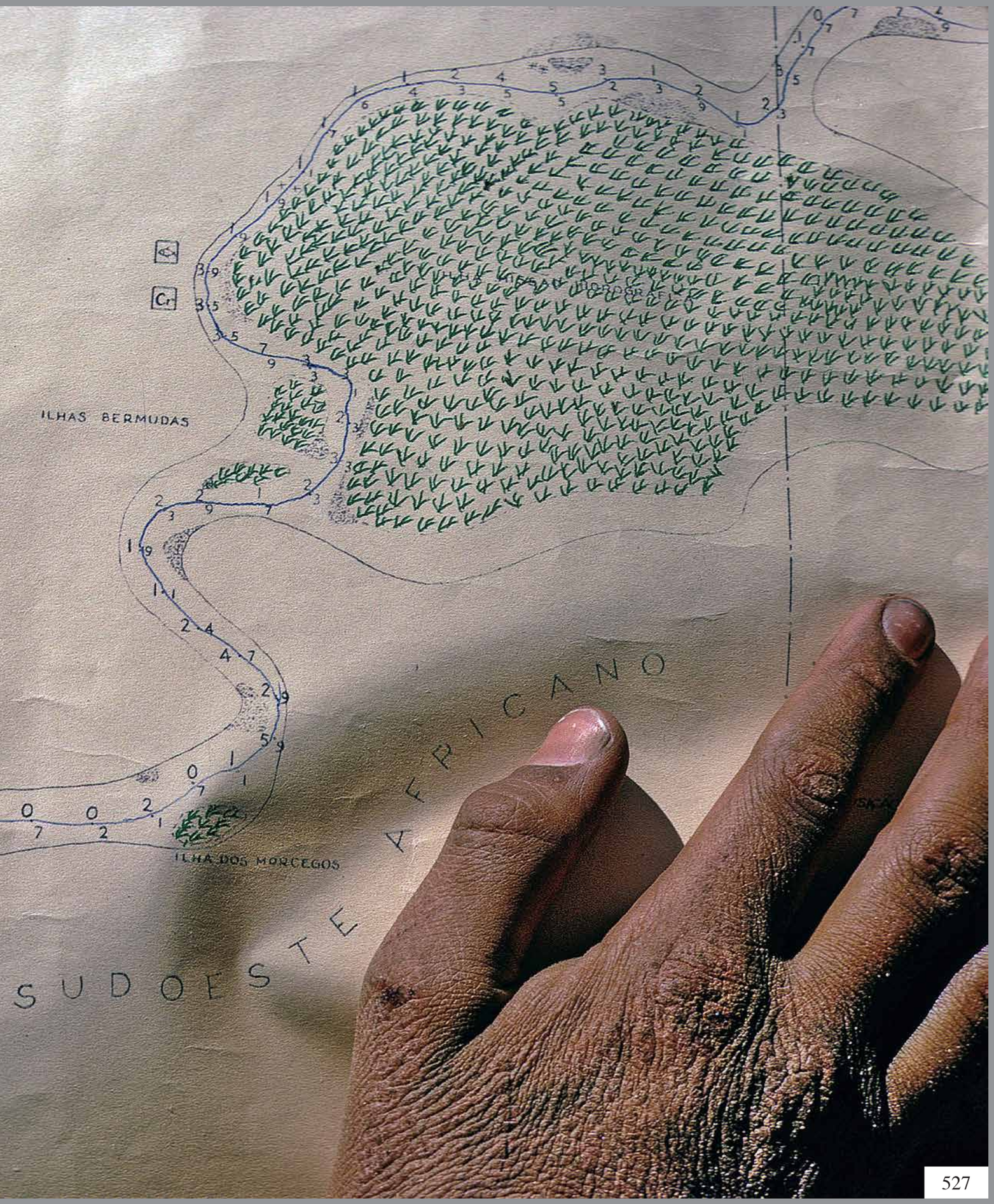
524

525

526



524/526 – Durante um mês de viagem, nunca choveu, a nossa pele estava «curtida» pelo sol e sobretudo pelo frio.



527 – O estado em que estavam as mãos do Olivier no fim da aventura!

528/529 – A ultima foto do grupo. Vê–se perfeitamente, em segundo plano, a curva que o rio dá para a direita.

528

529

530

530/531 – De volta a Serpa Pinto, enfrentando o «Mar de Areia» das «Terras do Fim do Mundo».

E A AVENTURA ACABOU AQUI ...

Jean C. Pinheira

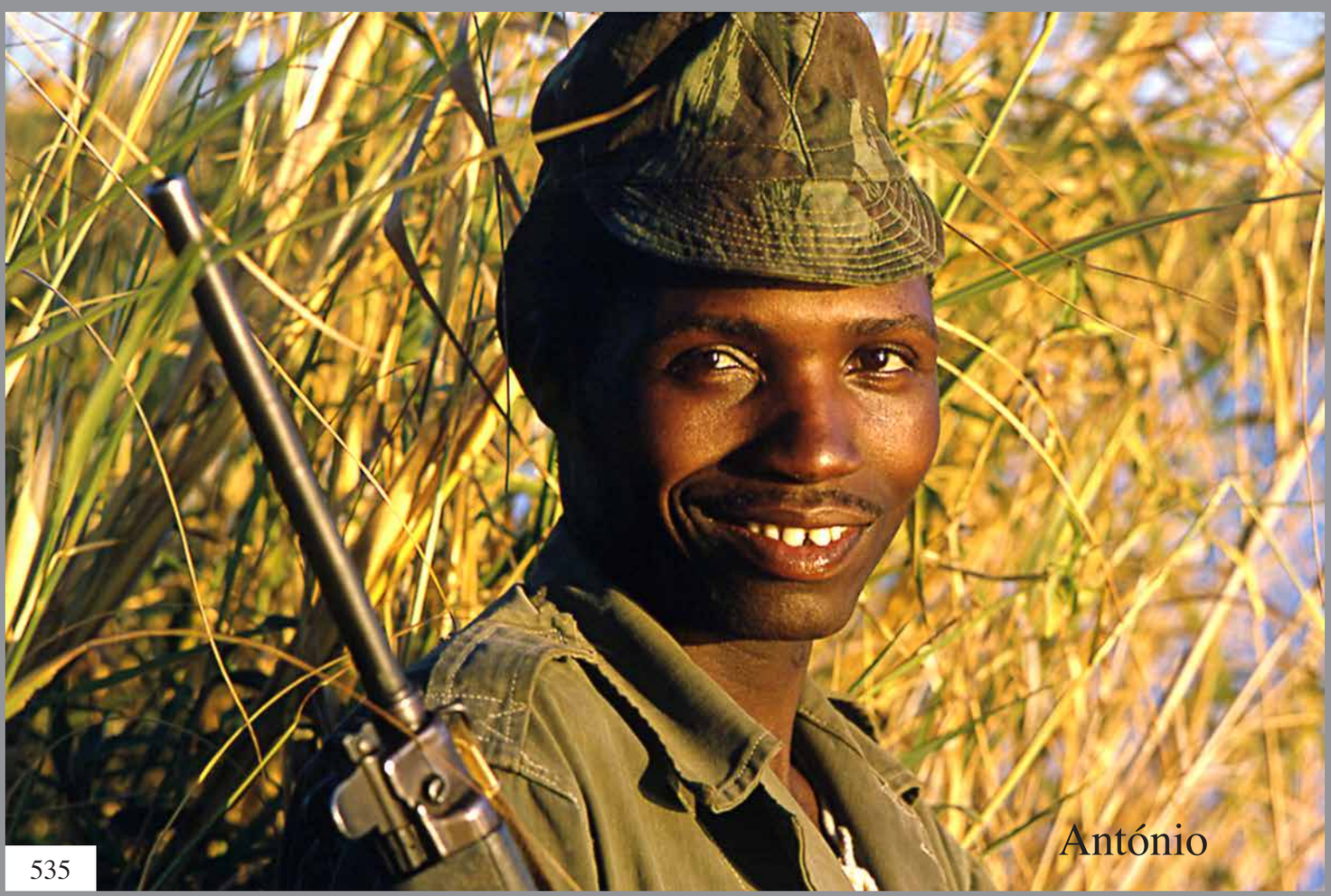
532

Pantera fêmea Iona

533

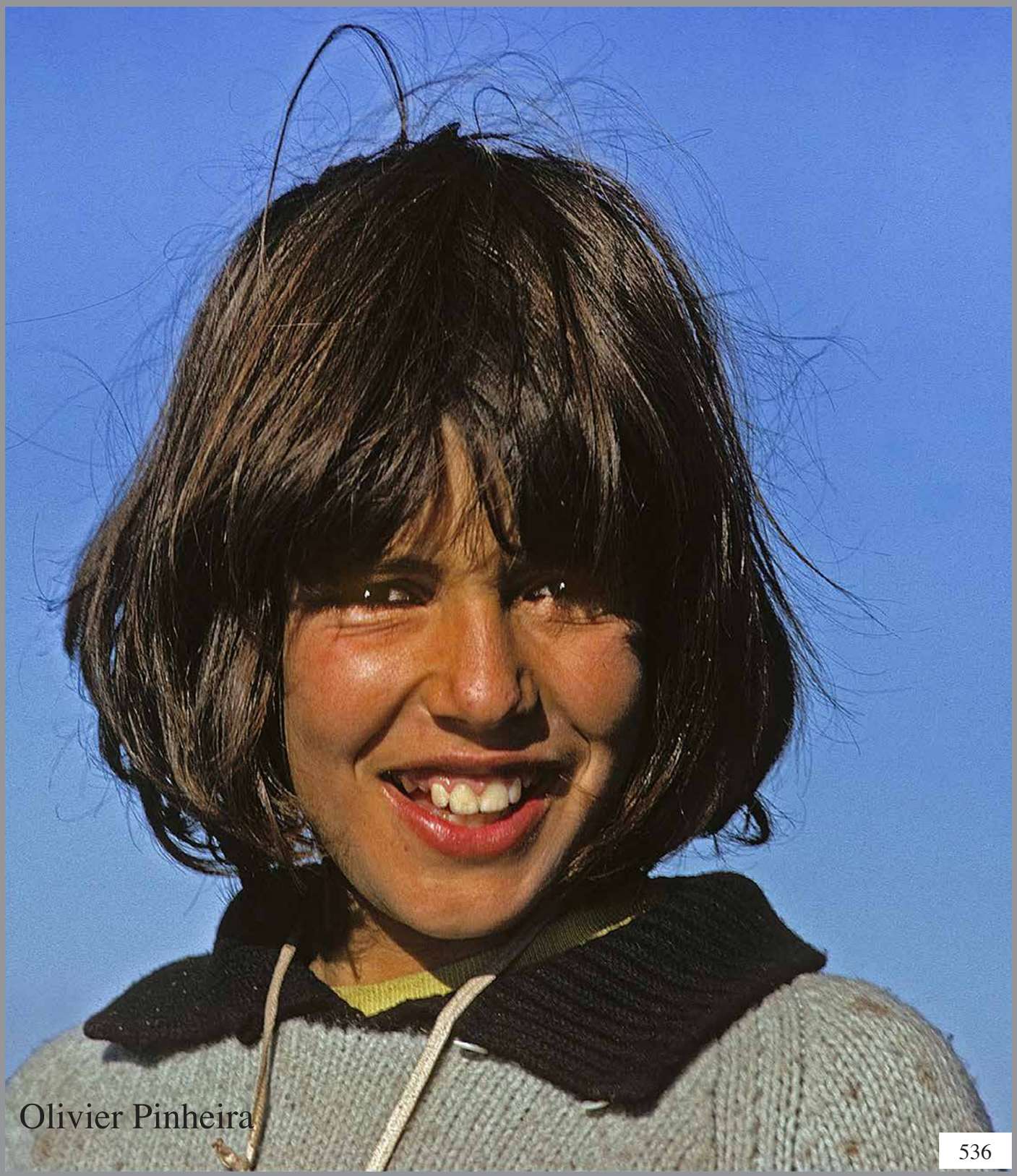
Isidro Alves

534



António

535


Olivier Pinheira
536

Nuno de Oliveira

537

Manuel

538

Marinheiro

539

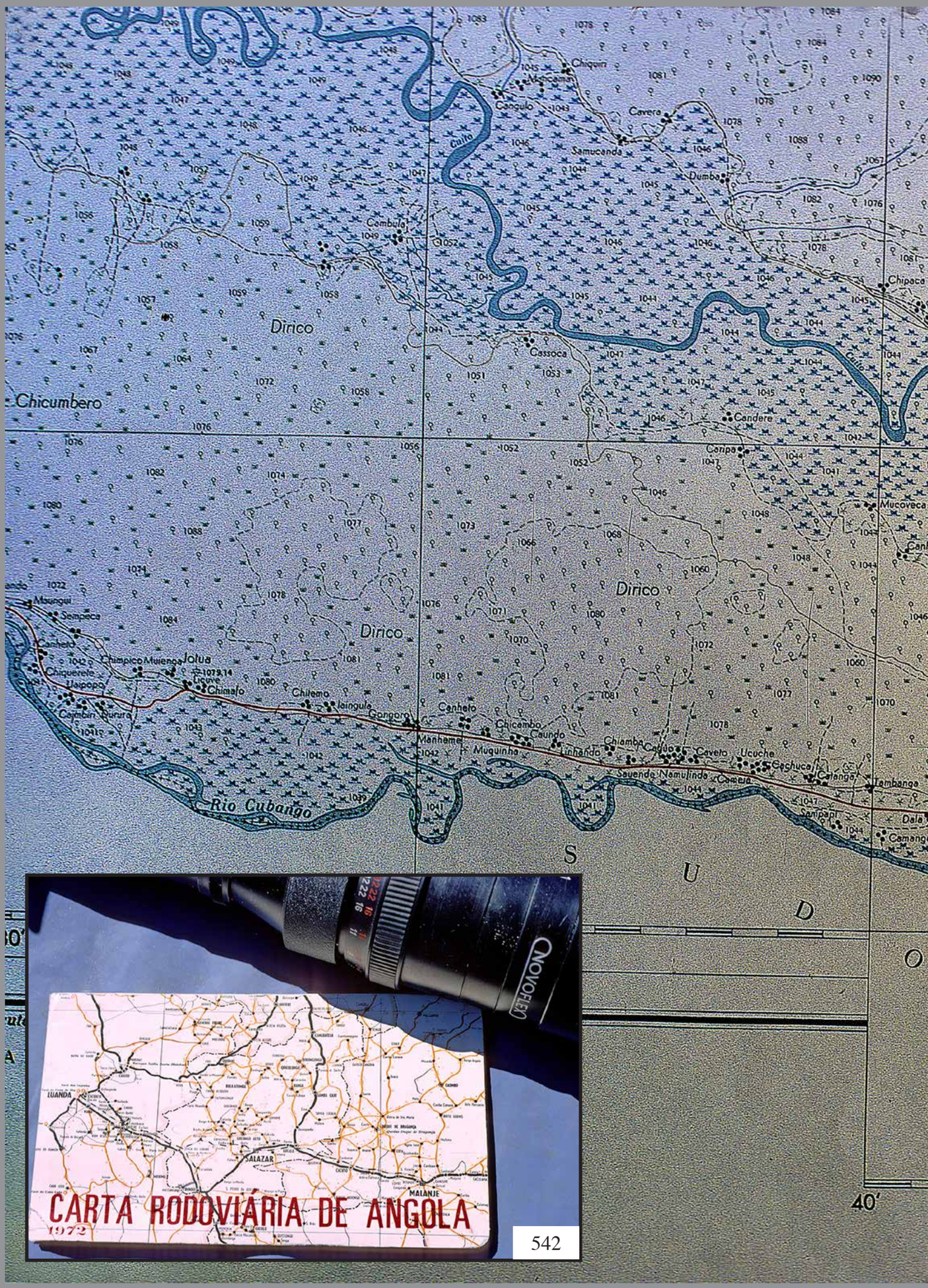
Nikon
Nikon
PROFESSIONAL

O estado em que ficou o material, que sofreu bastante com a viagem.

540

Vista aérea dos meandros do Rio Cuito.

541



542 – Carta de Angola e lente Novoflex de 640 m/m.

543 – Carta dos Rios Cubango e Cuito.

544 – Uma saudosa imagem da querida Iona.

ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O CUBANGO ...

A primeira vez que visitei as «Terras do fim do Mundo» e o Rio Cubango foi em fins do ano de 1970, em companhia dos meus 3 companheiros da A 70. Viemos de carro a partir de Sá da Bandeira e para chegar até ao Mucusso, bem no Leste de Angola, foi um caso muito sério. Apesar do nosso L.Rover ter um potente motor a gasolina de 6 cilindros e tração às 4 rodas, vimo-nos em apuros, em muitas ocasiões, nas estradas de areia do Cuando-Cubango.

Depois de alguns dias de viagem, tendo deixado pelo caminho a carrinha Toyota, tração a 2 rodas, que não aguentou que escassos Kms, lá conseguimos chegar ao acampamento dos Safaris de Caça do Espinhas, no Mucusso. Foram 15 dias incríveis, a verdadeira África estava ali, não em Luanda... Com a ajuda de bons guias conseguimos fotografar e filmar centenas de animais assistir a caçadas de vários antílopes, bufalos e elefantes. Várias etnias habitam a região do rio Cubango mas aquela que mais tocou o coração foram os Khum ou sejam os bosquímanos. O povo mais simples do mundo, de uma incomparavel modestia, tão junto à terra...
No Acampamento não nos faltava nada, graças à amabilidade do Sr: Espinhas, boas instalações, boa comida e bebidas á vontade, guias e Toyotas especiais, dedicados á caça. Naquela altura, creio que um safári de caça ou fotográfico, de 21 dias, custava mais de 15.000 dollars, por pessoa, o que naquela a época era muito dinheiro. O que mais me encantou foi os pôr do sol no rio Cubango. Pura maravilha!
A partir daí nasceu a ideia de descer o Rio em botes de borracha. A encomenda foi feita no ano seguinte, á Pirelli na Italia, de 2 botes, pagámos um e o outro foi oferecido...
Jurei voltar e assim, em 1972, desci o Cubango com o meu filho Olivier e no ano seguinte voltei com a Christine e o Olivier mas desta vez em avião.
Foi fácil montar os botes e todos nós nos exercemos na baía de Luanda e no Lobito. Não tinha-mos o dinheiro necessário para comprar os motores fora de borda que

foram emprestados pela Firma UNIÃO durante vários meses. Em Fevereiro de 1972 os meus 3 companheiros voltaram para a Europa e a viajem não se concretizou.
Em Luanda consegui arranjar um novo grupo, para tentar a Aventura, mas há hora da partida todos desestiram! Eu, não desesti e com o Olivier e todo o material lá seguimos para Serpa Pinto, nosso ponto de partida. A minha intenção era de meter os botes á água com todo o material e estudar a estabilidade das embarcações com algumas centenas de Kls. de carga e isto num rio.
Na cidade e perto do Rio Cuebe os botes foram enchidos e bastante povo assistiu e ajudou no transporte de todo o material até ao rio. E lá, falando com alguns militares, com surpresa, houve dois que a aventura tentava e aceitaram em me acompanhar. As autoridades locais meteram 2 rapazes indígenas da região, á minha disposição, para servirem de Guias.
A FINA contribui com vários tambores de 200 litros de gasolina, a UNIÃO com dois motores fora de borda de 10 cavalos, potência um pouco ligeira no caso de ter que navegar a contra corrente mas que tinha a avantagem de gastar pouco combustivel. Da parte do quartel militar recebi algumas dezenas de rações de combate. Como era impossivel carregar os tambores de combustivel, por causa do pêso, a gasolina foi transbordada para tambores de 50 litros. Tudo isto foi arrumado dentro dos botes, assim que as duas tenda IGLOO, o material fotográfico, tachos e panelas , sacos com roupas quentes, por causa do frio, candeeiro a gaz, não esquecendo os indispensaveis

jerricans de 20 litros de água potavel e tantas outras coisas de menor volume. Foi também estudado o consumo de gasolina e depois de ter escolhido, em conjunto com uma Empresa Camionista, algumas povoações do trajeto para armazenar os grandes bidões e assim ter á mão o combustivel.
Todo este material foi depositado ao Norte da Vila de Caiundo perto dos rápidos do Muculungungo e a partir daí a Aventura começou. Os componentes da Equipa eram: Jean Charles Pinheira – Olivier Pinheira – Isidro Alves – Nuno Oliveira – António – Manuel – Iona e mais tarde o Marinheiro. De tempos a tempos embarcavamos um habitante da região que nos pedia uma boleia para ir uns kms mais longe.
O Manuel e o António pouco conheciam do rio pois era a primeira vez que navegavam, mas eram muito uteis como intérpretes, para montar e desmontar as barracas, cosinhar, acender as fogueiras e muitas outras coisas mais. Foram óptimos e leais companheiros e como seria bom, depois de tantos anos passados de os encontrar de novo! Durante o mês que durou a expedição o frio noturno, fez-se sempre sentir, e em certas regiões as temperaturas eram negativas. Felizmente as tendas IGLOO compradas em França, foram de uma grande utilidade. Bem construidas, robustas, lonas muito espessas, que eram uma barreira ao frio e á chuva, fáceis de montar, 10 minutos, era só ter uma bomba de bicicleta para encher os tubos de borracha.

Quando o pôr do sol terminava era preciso acostar rápidamente pois a noite caía depressa e a escuridão e o frio instalavam-se imediatamente. Procurar um lugar próprio para montar o acampamento, sobretudo fora dos trilhos dos hipopótamos, procurar lenha e acender a fogueira e o candeeiro a gaz, preparar o jantar e contar muitas estórias ajudados por uma boa garrafa de pinga...
O ambiente foi sempre bom, salvo quando o fundo dos botes raspava nos escolhos e era preciso descarregar, reparar e carregar novamente. Quando o marinheiro se juntou ao grupo não houve mais problemas pois ele conhecia o rio Cubango como o seu bolso e conduzia um dos botes com uma mestria incrivel.
Claro que as brincadeiras da Iona traziam muita alegria e quando ela «visitava» uma aldeia era-mos vistos como extraterrestes, pois, sobretudo as crianças, tinham um mêdo e respeito terriveis por estes animais, mas tudo se arranjava quando um herói se aventurava a fazer umas festas ao animal sem que este o mordesse. Os passeios de barco com a miudagem das aldeias era uma alegria e tinha que ser conduzidos pelo Olivier...
As margens do Cubango, do lado Angolano, eram mais verdejante que do lado Namibiano , havia bastantes povoações, de um povo pacifico, ao longo de todo o trajeto Angolano e cujos habitantes possuiam pequenas ou grandes manadas de bovinos.
Talvez por esta razão não conseguimos ver que hipopótamos, alguns crocodilos e bastantes aves. Nas regiões mais desertas o barulho dos motores fora de borda

era suficiente para afugentar toda a fauna selvagem. Algumas palavras sobre o acampamento dos flexas e do Comandante Óscar Cardoso. Creio que ficamos lá 2 dias para poder fotografar. Escreverei com mais detalhes no livro nº 8, mas quero salientar a comparação deste Povo, aquele que encontrei nas Terras do Fim do Mundo e deste encontrado neste povoado às margens do Cubango. O Governo de Angola da época estava a organisar uma Nação Khum indo ás florestas do Cuando Cubango repatriar os bosquimanos que viviam por lá numa miséria extrema.

Nem tudo correu bem, pois quando chegamos a vila do Cuangar 350 litros de gasolina, deixados á guarda das autoridades locais, tinham desaparecido, talvez evaporados pelo calor!

Ninguem sabia de nada, e apesar de todos os meus protestos, nunca me restituiram ou pagaram este combustivel que me pertencia. Felismente, em outras localidades, a par do que tinha acontecido, ofereceram a gasolina que era preciso para poder continuar a viagem.

Quando chegamos ao Mucusso tive que tomar uma decisão grave para continuar com a viagem em territorio estrangeiro. O Nuno e o Isidro tinham que voltar o mais rápidamente a Serpa Pinto, o Manuel e o António não podiam entrar na Banda de Caprivi, o Olivier não podia acompanhar-me devido aos perigos e tinha que o levar até Luanda para o deixar em casa de Amigos. Resumindo: tinha que levantar outra equipa que podesse entar no Namibe e no Botswana.

Os militares Sul Africanos aconcelharam-me a não continuar pois, segundo eles o Delta do Okavango (novo nome do Cubango a partir da fronteira) era muito perigoso devido ao grande numero de guerrilheiros que andavam por lá. Com todos estes problemas desesti e com o coração muito pesado voltei para Nova Lisboa pensando um dia mais tarde continuar a viagem...

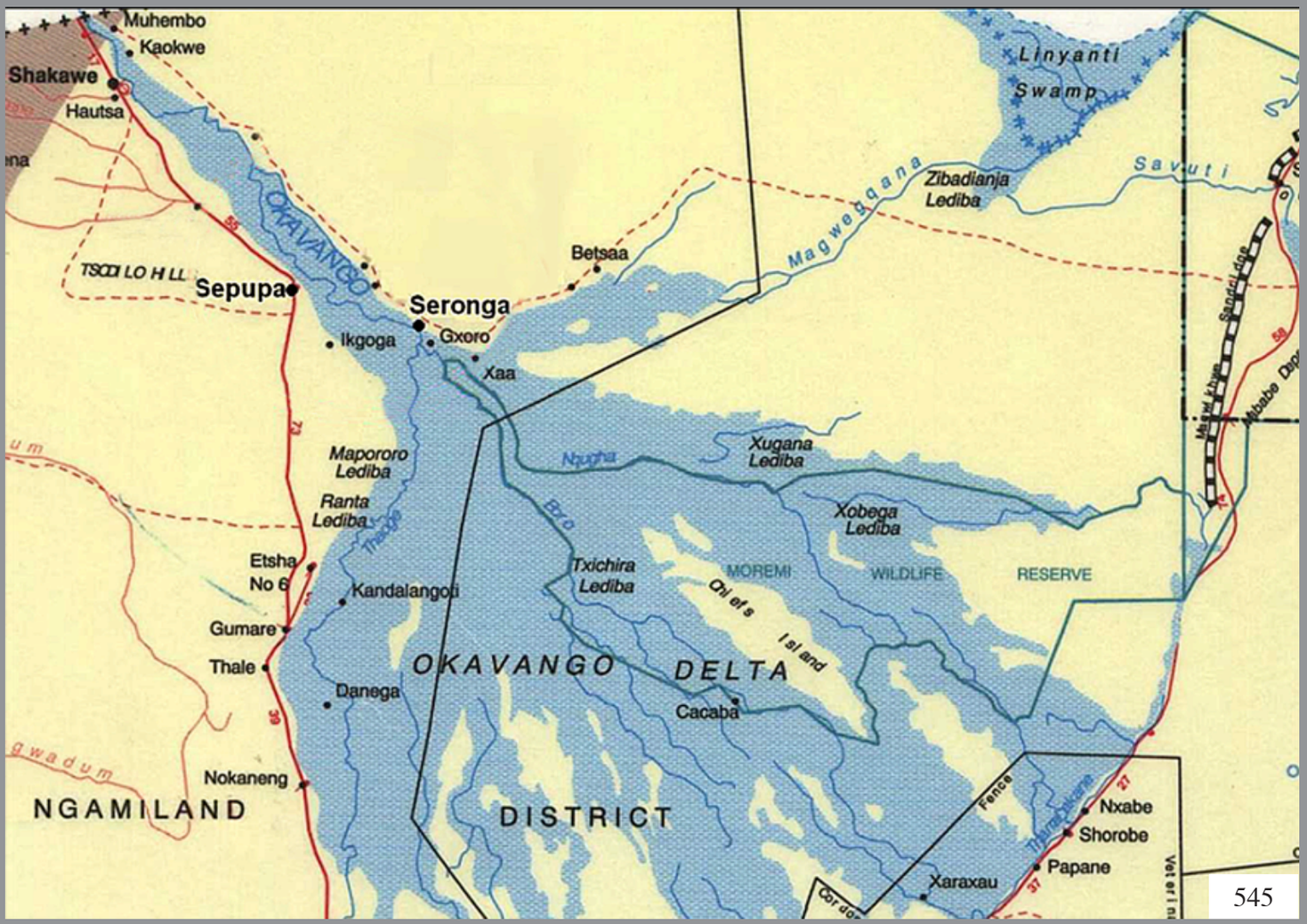
Na década dos anos 2000 ainda seria possivel para mim voltar ao Delta do Okavango, mas quando fiz as contas do que me poderia custar tal viagem fiquei estarrecido com os preços, só para milionários. Hoje em dia não há mais terroristas mas sim turistas, aos milhares e milhares, que poluem tudo e que a pouco e pouco destroem este santuário unico do mundo...

Não digo que não seja possivel de fazer a mesma viagem, mas a que preço? Fontes diversas dão ao Cubango um comprimento de 1.700 kms. Nasce nas altas terras do Huambo e deveria ir ao encontro do Cuando mas devido a um acidente geológico, velho de 10.000 anos, desviou, na zona do Mucusso, e corre para o Sul, vindo a perder-se nas areias do deserto do Kalahari, no Botswana.

Forma um gigantesco labyrinto de ilhas, de canais e lagunas de mais de 15.000 Kms2, conhecido por «Delta do Okavango.»de uma beleza incomparavel, pela sua fauna e flora unicas no mundo. Em 1972 representava um dos maiores ecossistemas aquáticos virgens da África. O que será hoje??? Cubango, o Rio que nunca encontra o Mar... Não é bem assim: Quando chove bastante no Planalto, ocasionando fortes enchentes no Delta, uma pequena

parte desta água do Cubango, via o Rio Magwekwana vai ao encontro do Rio Cuando, que aqui muda de nome para Linyanti, cujas águas vão ter ao Zambéze que por fim atinge o Oceano Índico perto da cidade de Quelimane em Moçambique. (Foi nesta cidade que passei muitos anos da minha juventude - 1942/1947).
Quer dizer que, na época de fortes chuvadas, pode-se ir de canoa a partir do planalto Angolano até à cidade de Quelimane em Moçambique? Otopia!!! Haverá alguem para tentar a aventura???
Nesta zone entre o Mucusso e o Delta há uma grande confusão de Fronteiras, Rios e Nomes que ocasionam enganos, acho que o nome onde nasce o Rio deveria ser conservado até à Foz como, por exemplo, o Rio Zambéze. Não fui eu o primeiro a tentar a aventura e concerteza não serei o último...
Em 1890 o Grande Capitão Paiva Couceiro foi incumbido pelo Governo de Portugal de fazer um estudo afim de marcar a presença Portuguesa na bacia do Rio Cubango, cubiçada pelos Ingleses e Alemães. Foi, certamente, o primeiro europeu a contactar os povos daquela região e a convencêlos a levantar a bandeira Portuguesa.
A pé e em canoas com remadores, percorreu cerca de 2.000 kms. estudando e anotando todos os Povos e relevos do trajeto. Lutando com todo o tipo de dificuldades e sem recursos, conseguiu assegurar para Portugal toda a região do Cubango. Fantástica proeza, é preciso vêr que estamos em 1.890, não havia camionetas nem telemovel, nem motores fora de borda, nada, nada mesmo!

Em comparação, a minha descida, foi uma brincadeira para adolescentes...
A minha viagem pelo Cubango, e mais tarde pelo Cunene, tem o mérito de demonstrar que em dezenas e dezenas de dias e centenas de kilometros, eu e os meus companheiros nunca fomos molestados pelas muitas etnias que habitavam aquelas regiões. Ocupavam-se dos seus afazeres e sobretudo dos seus rebanhos.
Viviam em Paz.
Anos mais tarde, nesta região do Sul de Angola, teve lugar a terrivel batalha do Cuito Cuanavale, dirigida nos bastidores, pelos Estados Unidos e a União Soviética. Houve milhares de mortos em ambas das partes, todas as infraestruturas foram destruidas, ninguém ganhou mas houve o mérito de terem deixado no terreno uma preciosa montanha de boa sucata, do melhor aço, sob a forma de Tanques, Carros de assalto, Camiões, etc. etc.
Algum tempo depois, estava em reportagem no Brasil, encontrei na cidade de S. Paulo, um homem de negócios que me afirmou ir a Luanda negociar com o Governo a recuperação de todo aquele ferro velho de bom aço que valia muitos milhões de Dolars. Sem comentários...



NESTE MAPA NOTA-SE PERFEITAMENTE QUE A PARTIR DO NORTE DO DELTA DO OKAVANGO EXISTE UMA LIGAÇÃO, ATRAVÉS DOS RIOS MAGWEKWANA E LINYANTI (CUANDO), COM O RIO ZAMBEZE E PORTANTO COM O OCEANO ÍNDICO, SOMENTE NAS ÉPOCAS DAS GRANDES CHUVADAS NO PLANALTO CENTRAL ANGOLANO.

«Conhecer para integrar»

CUNENE-73

ARTIGOS PUBLICADOS NO JORNAL - O PLANALTO - JULHO 73

Teve início no sábado passado a Expedição Rio, descida do Cunene, levado a efeito por um grupo de doze mocitários, rigorosamente escolhidos entre os que reuniam melhore condições físicas e de aproveitamento escolar.

Para o efeito - como cerimónia simbólica - houve missa campal na nascente do Cunene, no Techilembo, a seguir à povoação do Caponde, cerca das Boas Águas, no Concelho da Vila Nova. Foi celebrante o Reverendo Padre Marcial Gabriel de Sousa.

Presentes, além de todo o povo daquela região, o Intendente João Evangelista de Gouveia, em representação do Governo do Distrito do Huambo, o Dr. Fernando Cordeiro Gonçalves, Comissário Provincial

546

CHRISTINE, 26 ANOS, A ÚNICA MULHER DA EXPEDIÇÃO

da Mocidade Portuguesa, Coronel Luís Gonçalves Carneiro, Comandante da ZMC, Tenente Cruz Mendes, em representação do Comando Distrital da PSP, Tenente Maciel, da O.P.V.D.C. os Órgãos Informativos Oficiais (Emissora e CITA) e locais.

Como elementos integrantes da epopeia, a professora de Educação Física Antónia Mariano e o Chefe dos Serviços de Educação Física do Comissariado Provincial da M.P. professor Mariano, Cecílio Moreira e Cândido da Silva, Directores da Expedição, Ângelo Dias Gomes e Pinho de Almeida, Adjuntos. Os filiados, Júlio Silva Luís Branco, Luís de Almeida, Jorge de Almeida, Alfredo Resende, Jorge Oliveira, Carlos Ferreira, João Carlos Nunes, Jorge Rola, Francisco Reis da Silva, Joaquim Carreira e Agostinho Batista Escudeiro.

Técnicos de Fotografia e cinema: Jean Charles, Marie Christine Gasnier Olivier Pinheira e Jorge Nunes Correia.
Transmissões: Abel Carneiro e Joaquim Correia.

Rezada a Missa e descerrada a lápide comemorativa da 1ª Descida do Cunene, toda a equipa se pôs a caminho, até ao local onde o rio possibilita a navegação, precisamente no local do Techipango, a 5 quilómetros do Sambo.

As embarcações utilizadas são pequenos barcos pneumáticos, movidos a motores fóra de borda. A distância a percorrer, desde a nascente até Monte Negro, totaliza 3.500 quilómetros aproximadamente.

Não podemos deixar de referir que esta arrancada de realizações da Mocidade Portuguesa se fica devendo ao Secretário Provincial de Educação, Dr. Alambre dos Santos, que em cerimónia pública lançou aos jovens presentes o desafio para que revitalizassem os sectores de movimento da Mocidade Portuguesa. E que mercê do dinamismo do Comissário Provincial, dos acessores responsáveis - onde os nomes dos Professores Mariano, Cecílio Moreira e Cândido da Silva, ocupam lugar de relêvo - tudo se programou com eficácia, tal como ficou demonstrado e confirmado, não só pelas palavras da

alocução do Comissário Provincial, como também pelo entusiasmo patenteado pelos rapazes, não obstante a aventura prometida.

Boa viagem, bons resultados e continuidade, são os votos de «O Planalto».

CUNENE 73 - A VIAGEM CONTINUA

Como prometemos, continuamos a apoiar os jovens mocitários que compõem a caravana «CUNENE 73» dedicando-lhes alguns apontamentos e levando - sempre que possivel - a nossa mensagem escrita, como ontem aconteceu.

Pois «O Planalto» esteve na «Expedição Rio», precisamente no Cunene, na confluência com um braço do rio Cunhangamua, para oferecer aos rapazes a última edição deste Jornal, que inseria a reportagem da cerimónia da partida.

Foi uma apaixonante jornada e dela colhemos a melhor impressão. Recebido de braços abertos pela juventude, logo se improvisou um animado serão, no acampamento onde a caravana passou a noite de ontem.

Referimos muito gostosamente o gesto simpático do casal Manuel Luciano das Neves / Marinela Xisto das Neves que, sabendo da presença dos mocitários, logo diligenciaram no sentido de os ajudar, possibilitando-lhes um autêntico banquete. Nós assistimos e também alinhámos...

Um borrêgo assado no espêto e bebidas à descrição, foi tudo quanto aquele casal ofereceu, além da cativante companhia dispensada, aos moços e à reportagem de «O Planalto».

Depois foi um conversar sem fim, onde a animação até permitiu o desenrolar anedótico do cineasta Correia - um grande ponto! - vencendo-se o tempo muito animadamente.

Não podemos deixar de agradecer ao «guia» da expedição, Jean Charles Pinheira, a cedência do flash electrónico para bater-mos algumas imagens (duas das quais aqui se publicam), nem a simpatia de Marie Christine Gasnier - fotógrafa profissional vinda de Paris - que muito amàvelmente nos possibilitou um trabalho para o qual não íamos preparado.

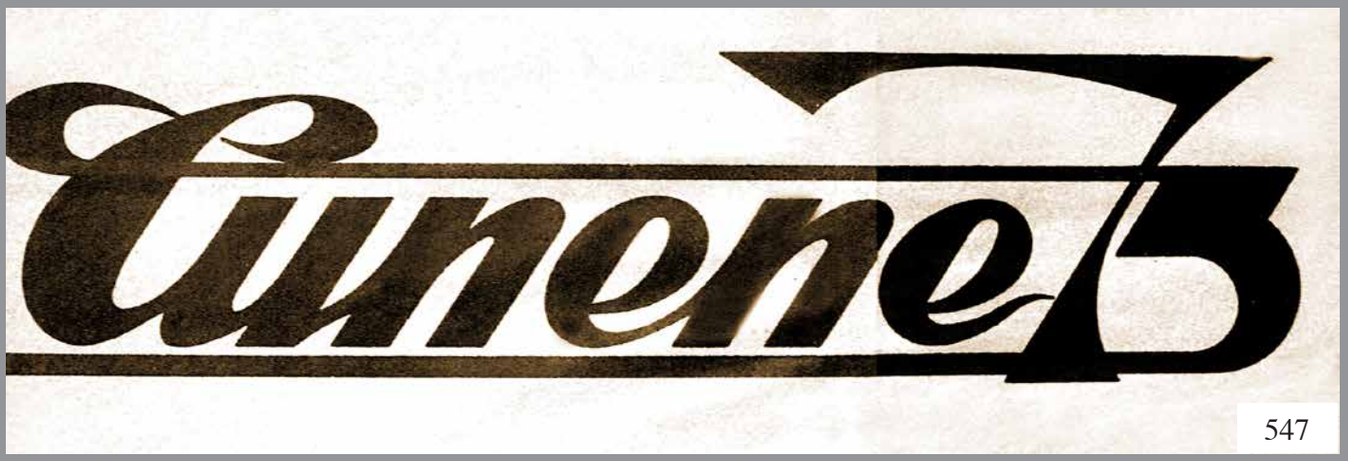
Os rapazes estão bem, não obstante a arrancada inicial ter sido bastante penosa. O frio tem sido intenso e, quando de lá abalámos, à beira-rio o termómetro marcava três graus negativos...

Mas a disposição é óptima e o calor da amizade tudo supera!

Perante isso temos a certeza que os rapazes chegarão à Foz do Cunene dentro do tempo previsto, assinalando mais um marco Lusíada no extremo Sul de Angola.

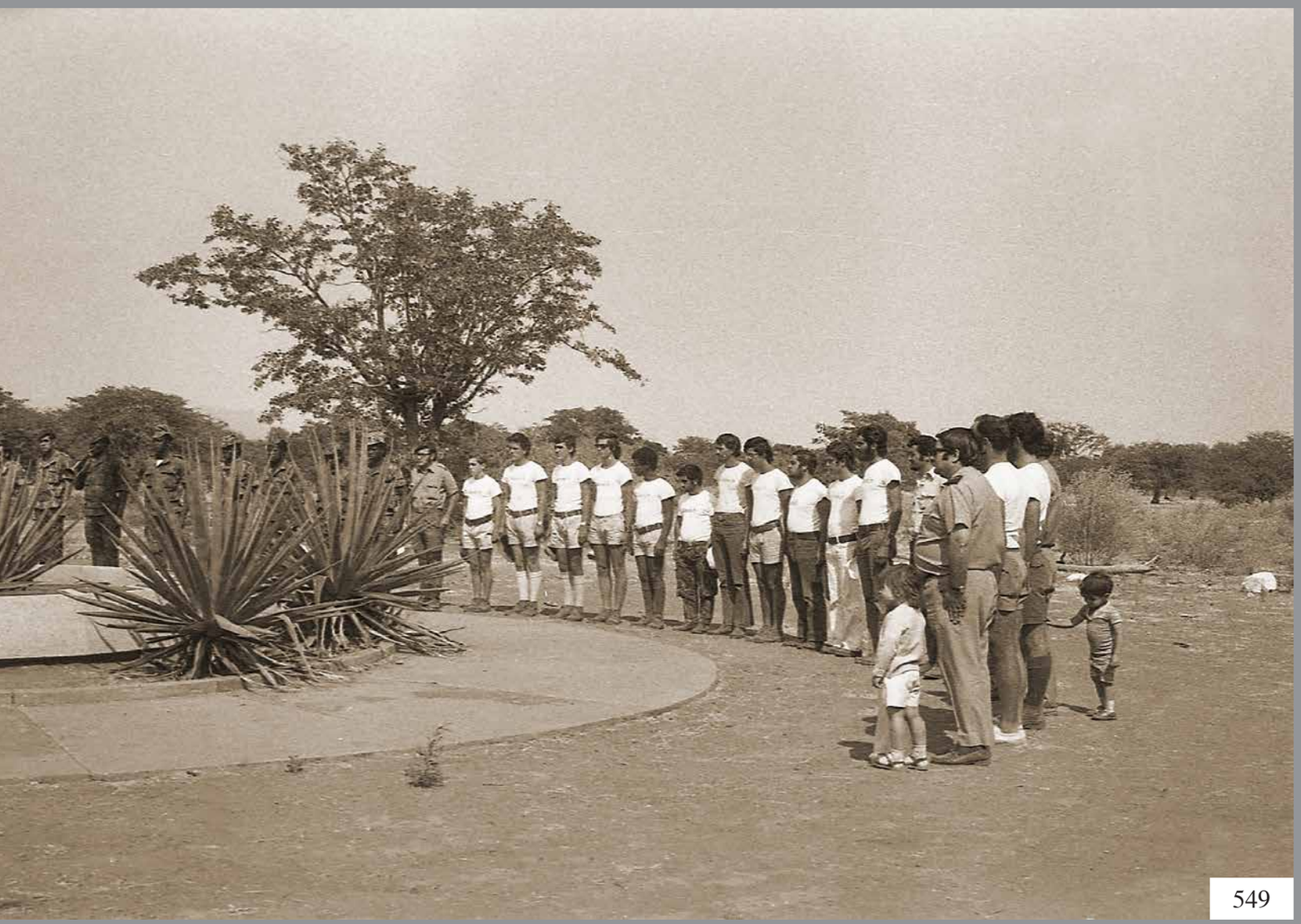
F. B.

N.R: O Fotógrafo Jean Charles Pinheira está em Angola há três anos, onde colhe material para uma grandiosa exposição de imagens da nossa terra. A França será o seu campo expositor e antes de Dezembro terminará o trabalho. Integrou na equipa «CUNENE 73» seu filho Olivier Georges Pinheira, de 12 anos de idade, e a profissional de fotografia Marie Christine Gasnier, de Paris.

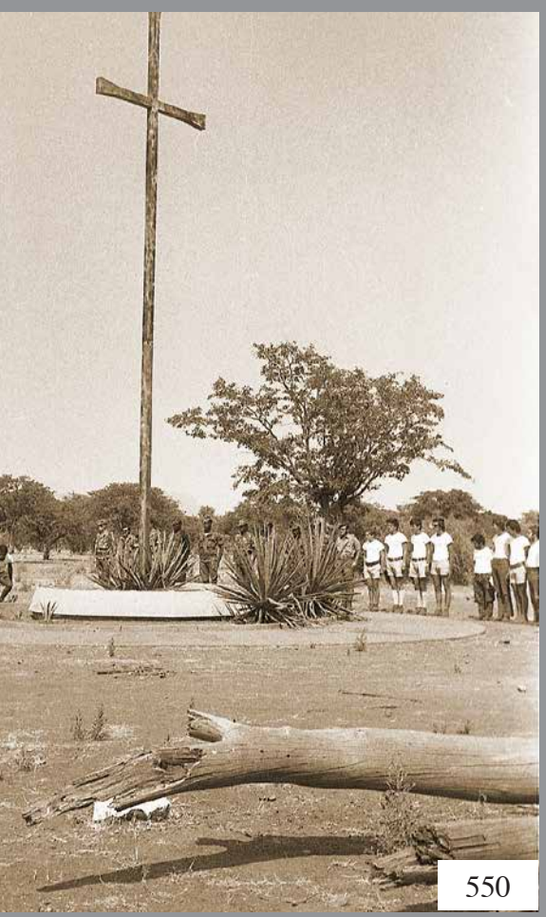


547

548



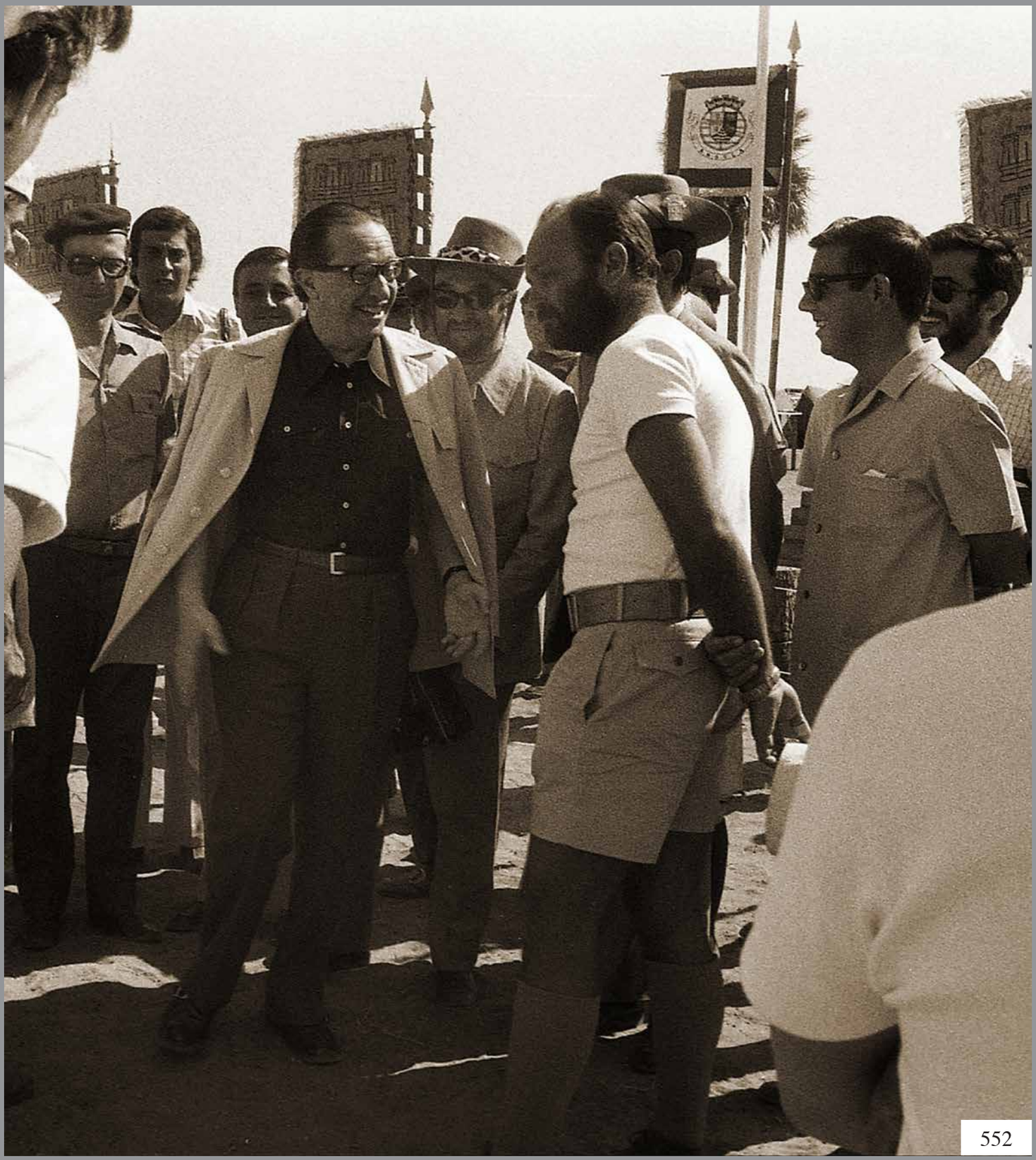
549



550

Cerimónia simbólica e missa campal na nascente do Cunene no Techilembo, cerca das Boas Águas, Concelho de Vila Nova.
Foi celebrante o Reverendo Padre Marcial Gabriel de Sousa.

551



551/557 – Comemoração do evento Cunene 73. Estavam presentes identidades da Mocidade Portuguesa, Governo e Militares.

553

554

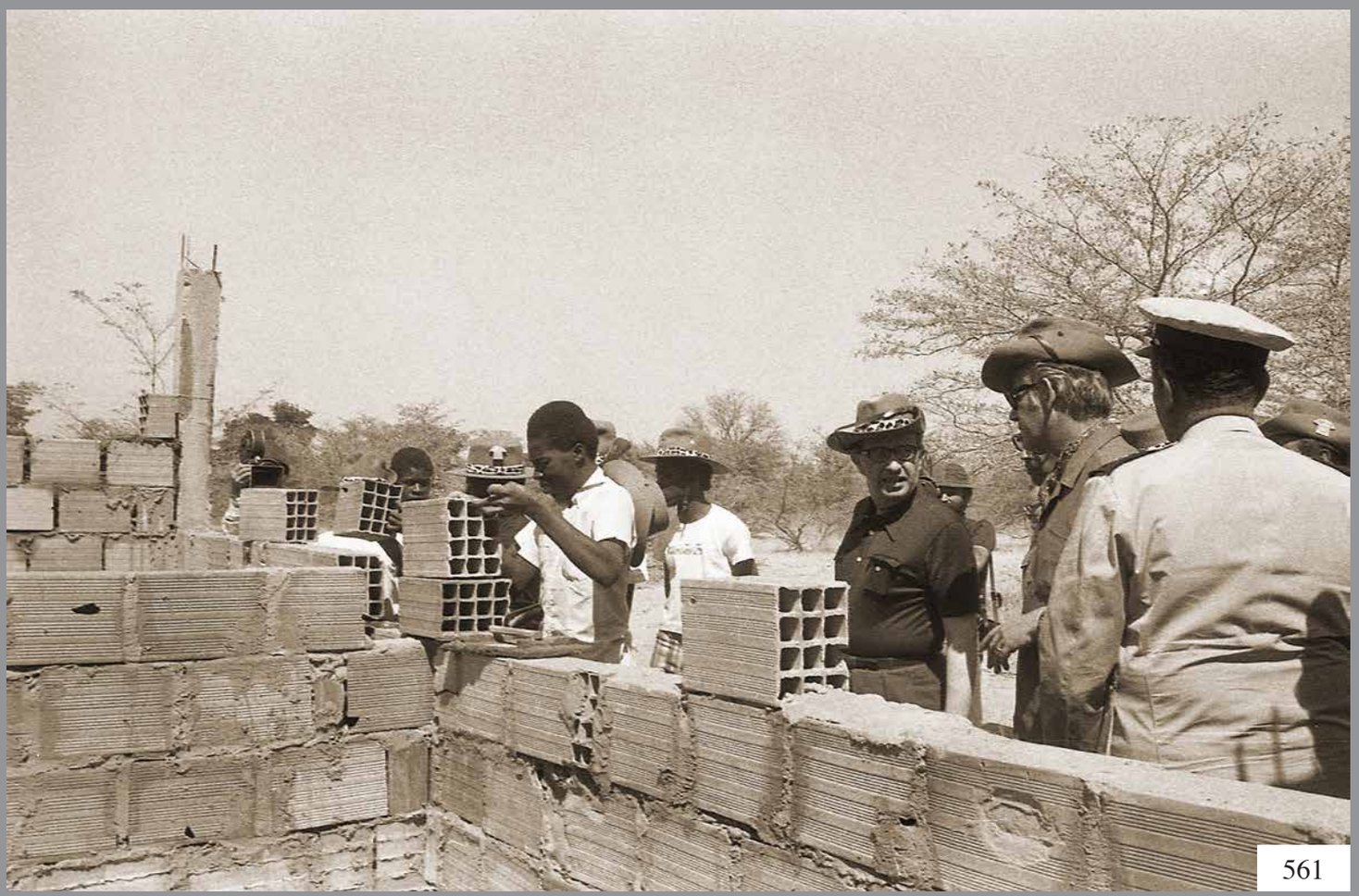
555

556

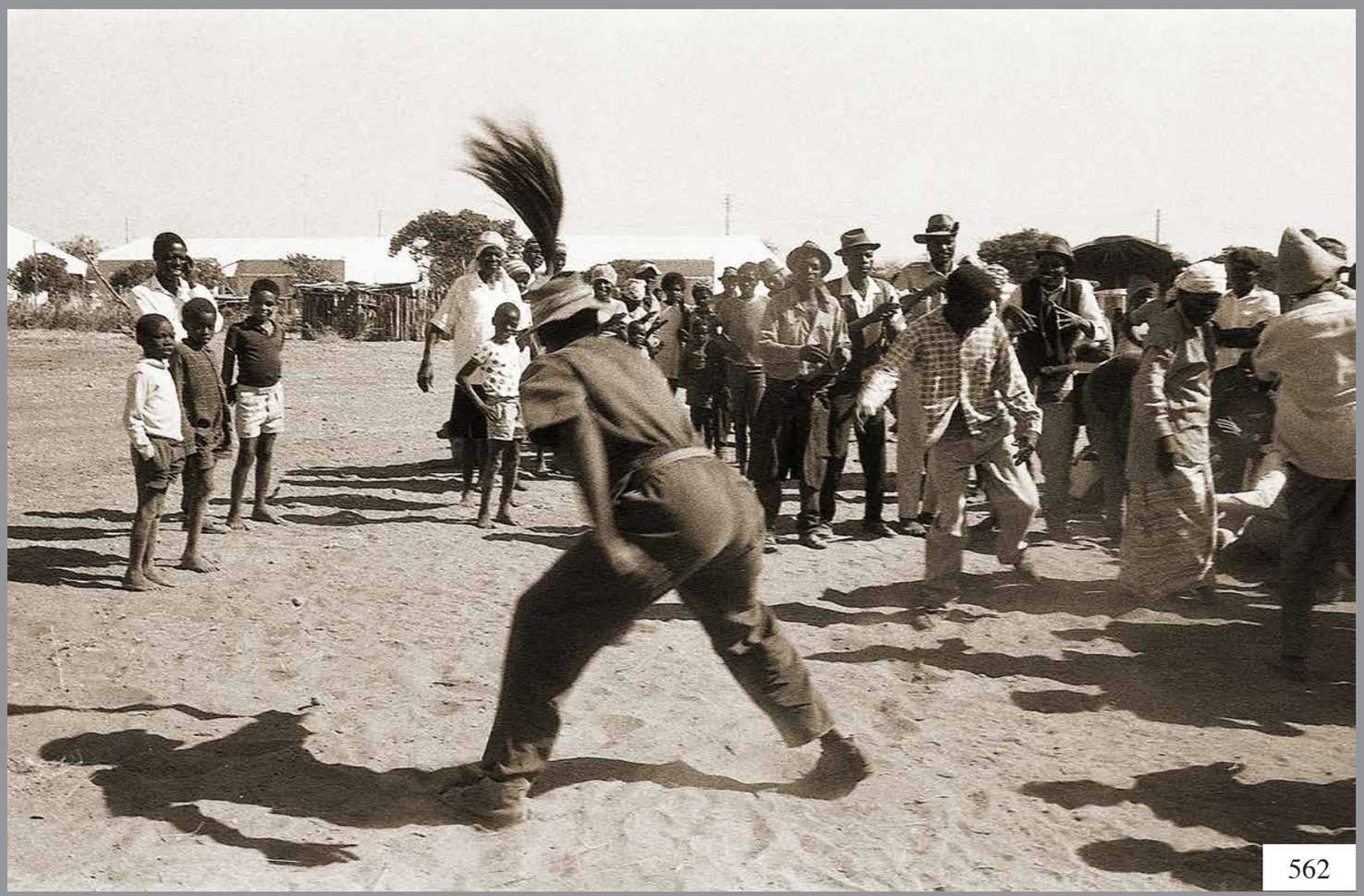
557

558

559



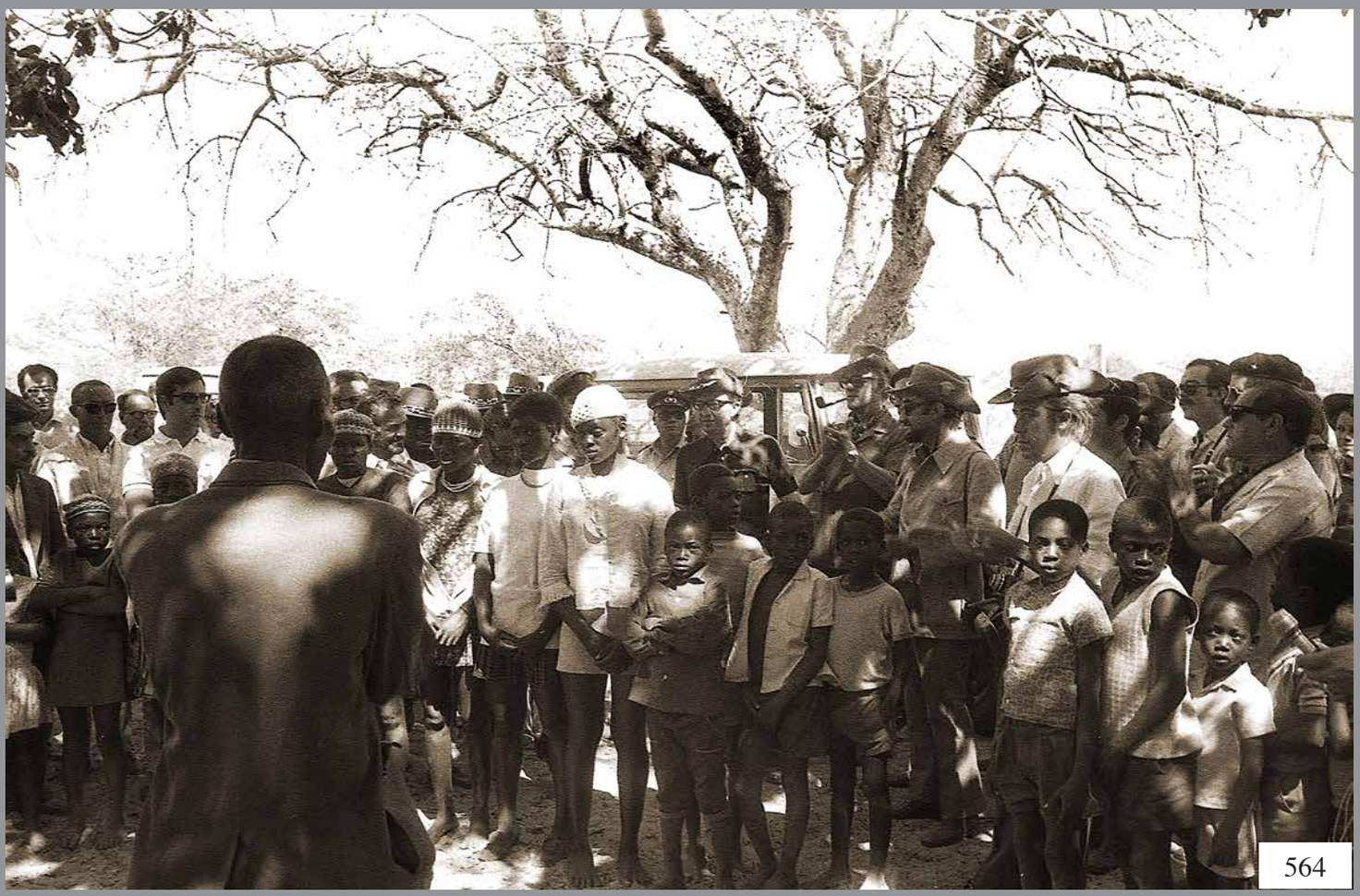
558/561 – Visita da comitiva aos alunos que aprendiam a profissão de construção civil.



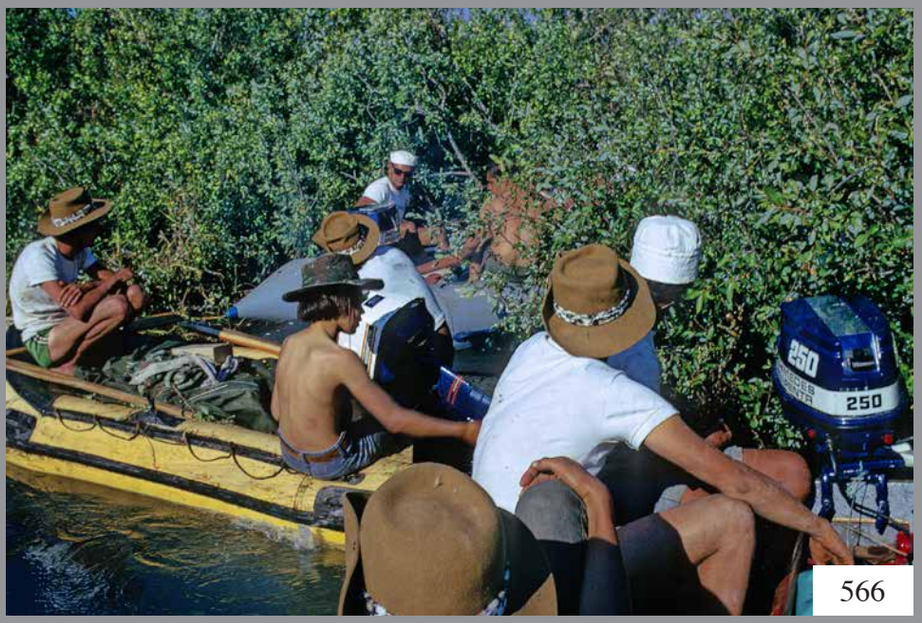
562

563

562/564 – Danças de regozijo do povo da região.



565 – Soba com a família.



566

567

568

569

566/581 – Partida para a grande aventura. Logo de inicio começaram os problemas, embrenhamos por um matagal cerrado onde era muito difícil navegar, e completamente perdidos, num imenso pantanal, tivemos que passar a noite dentro dos botes onde milhões de mosquitos se regalaram.

570

571

572

573

574

575

576

250
ARCHIMEDES
PENTA

577

578

579

580

581

582

583

584

585

586

587

588

589

590

591

592

593

582/606 – Felizmente tivemos a sorte que a população local nos guiou e ajudou a transportar os barcos e o material até ao local onde poderiamos navegar mais fácilmente.

594

595

596

597

598

599

600

601

602

250
ARCHIMEDES
PENTA

603

604

605

606

607

607/609 – A partir desta zona a navegação foi fácil.

608

609

610 – As picadas de mosquitos nas pernas da Christine infetaram e ela teve que ser evacuada para o hospital de Nova Lisboa para tratamento. Uns dias

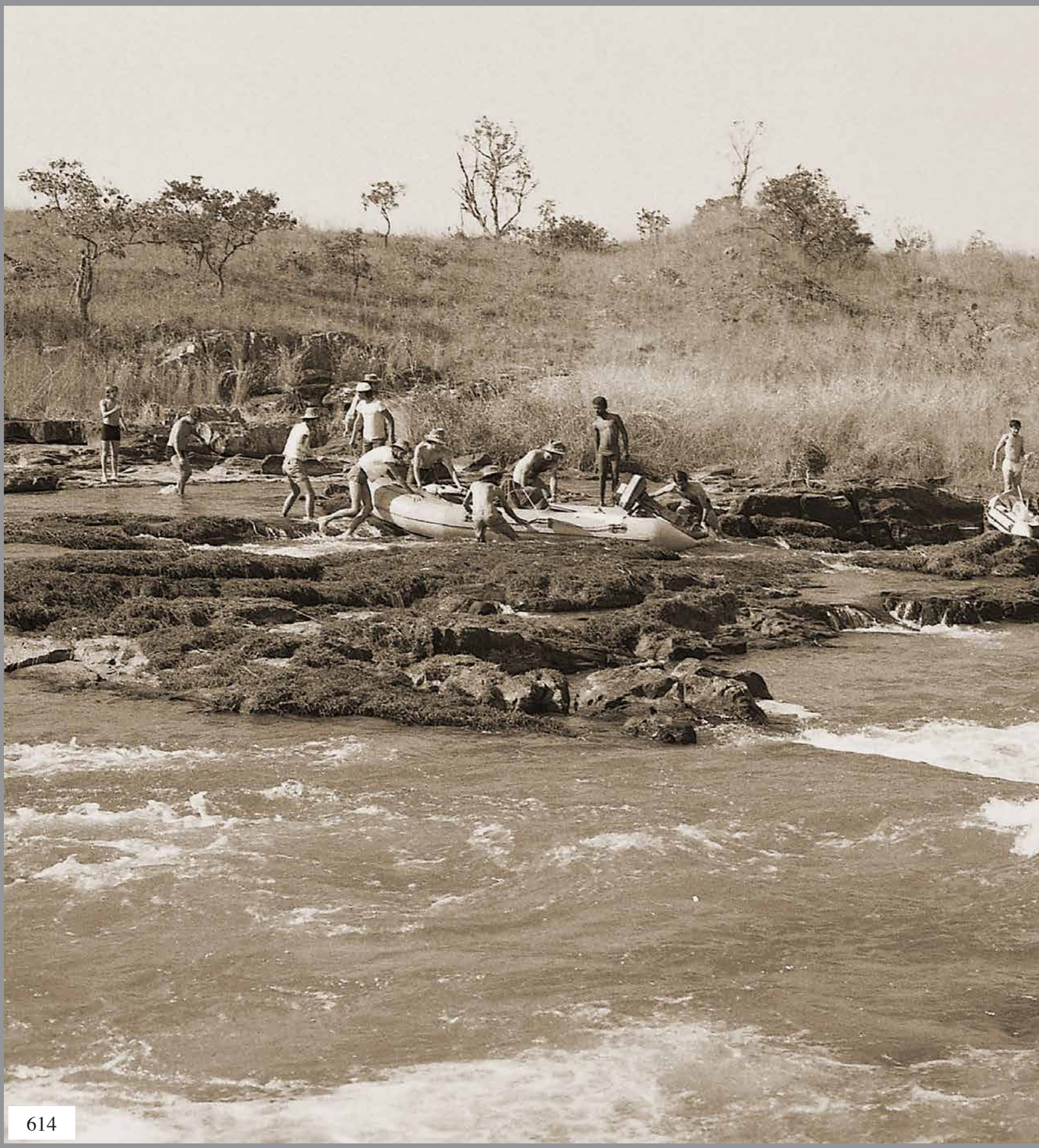
610

depois integrou a expedição e nesta foto pode ver–se as ligaduras.

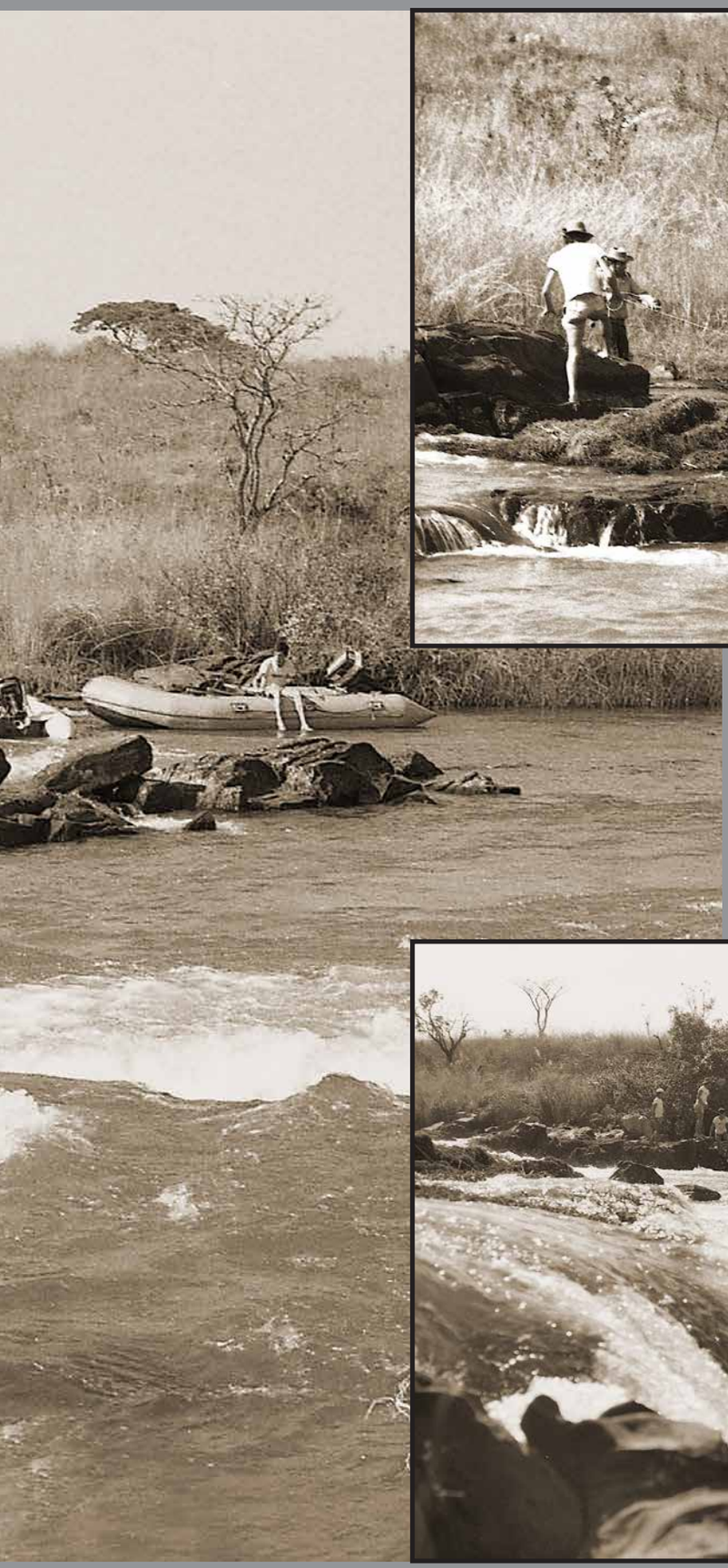
611

612

613

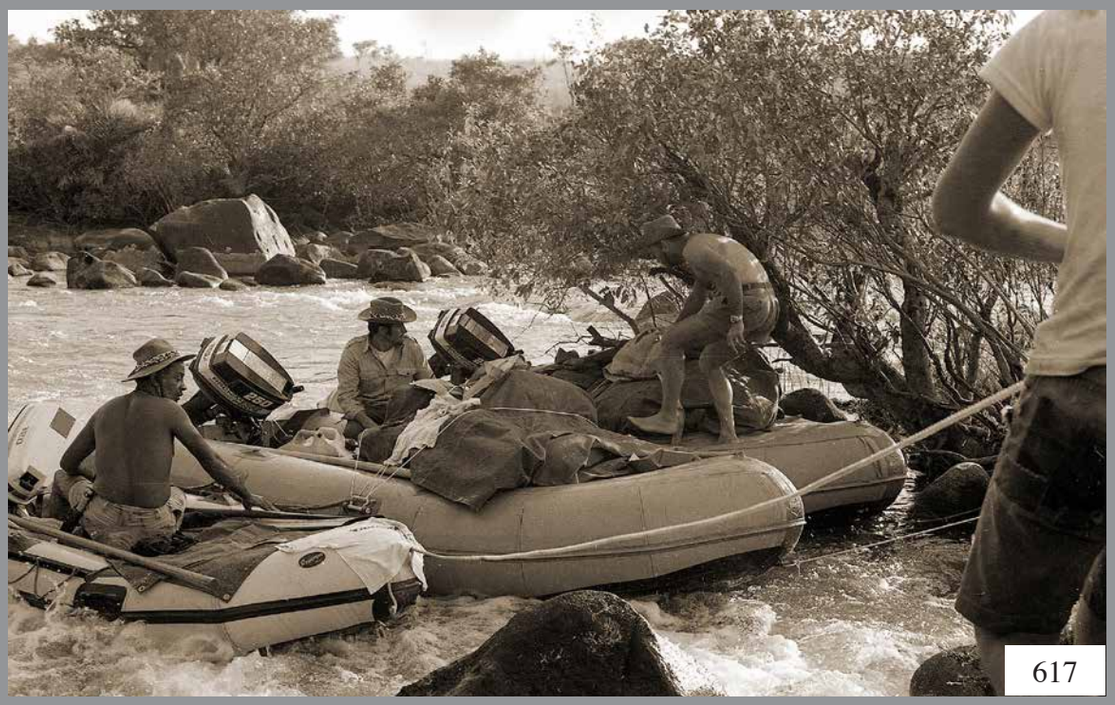


611/616 – Continuamente apareciam quedas de água e rochedos o que dificultava o avanço.



615

616



617

618

619

617/627 – Novamente foi necessário descarregar, transportar e carregar os barcos e o material.

621

622

623

624

725

626

627

628

629

630

631

632

633

634

635

628/644 – Outra série de rápidos, mais à frente e a operação repetiu–se.

636

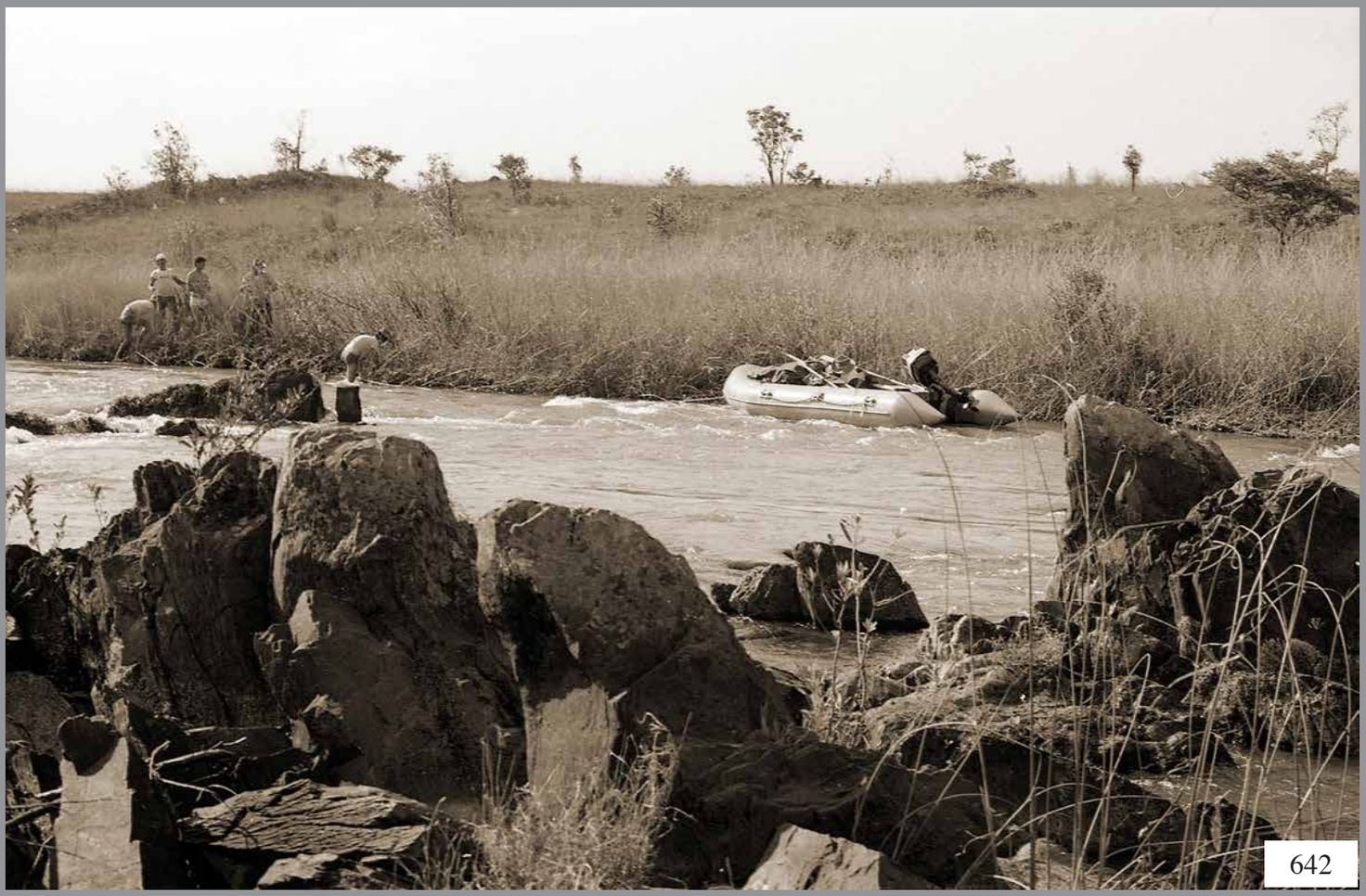
637

638

639

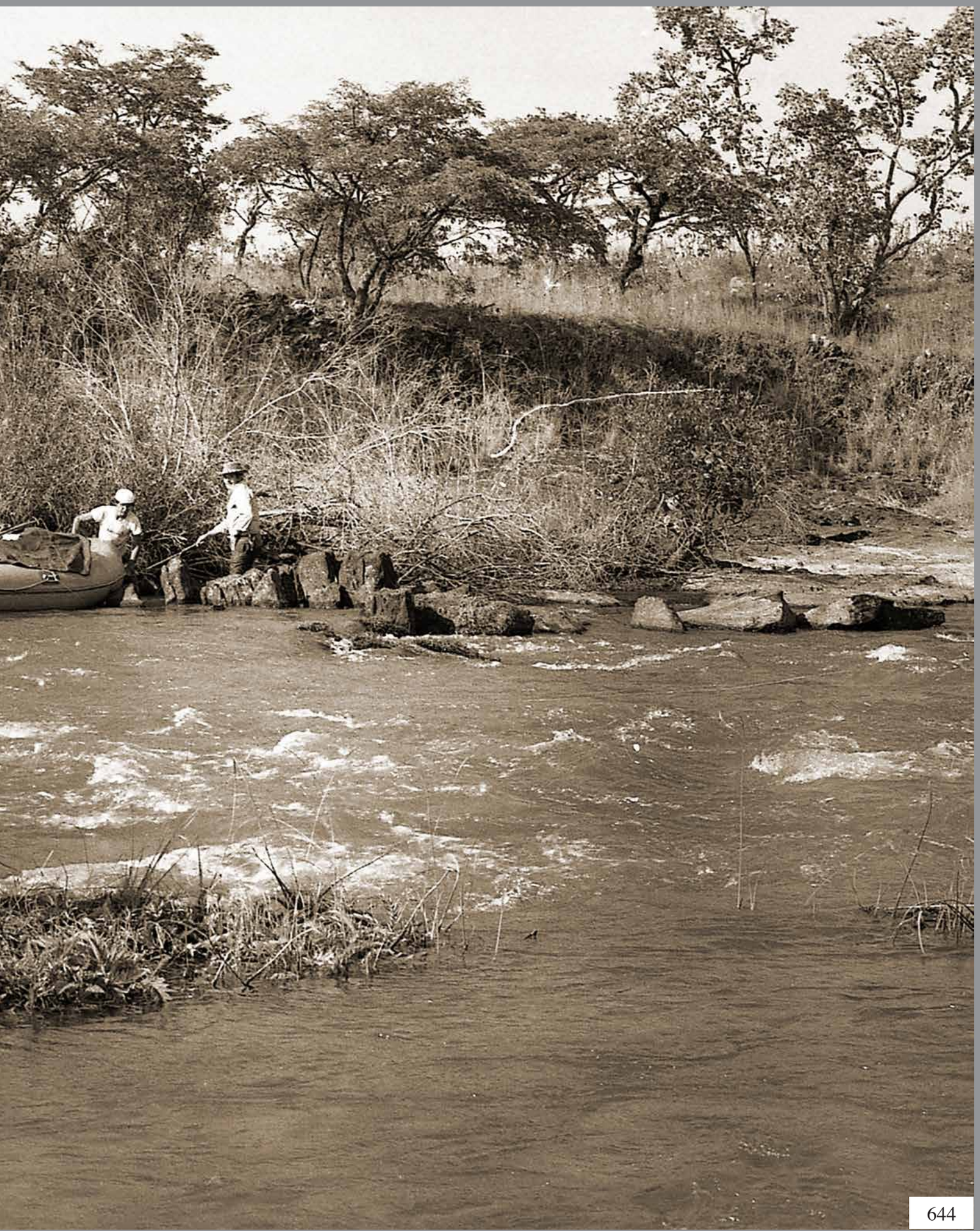
640

641



642

643



644

645

646

645/648 – Junto a uma velha ponte de madeira uma pausa para verificar o material.

647

648

649 – Um novo acampamento e um dia de descanso.

649

650/655 – Em certas regiões do percurso o Cunene era fácil de navegar.

650

651

652

653

654

655

656 – Uma pausa para o almoço.

656

657

658

659

657/659 – O rio é largo e fácil de navegar.

660

661

660 – O estado em que ficaram as pernas da Christine, aqui as picadas dos mosquitos já secaram.

662

663

664

665

661/666 – Durante alguns dias nenhum problema de navegação.

667 – Uma linda moradia de estilo colonial.

667

120

668

669

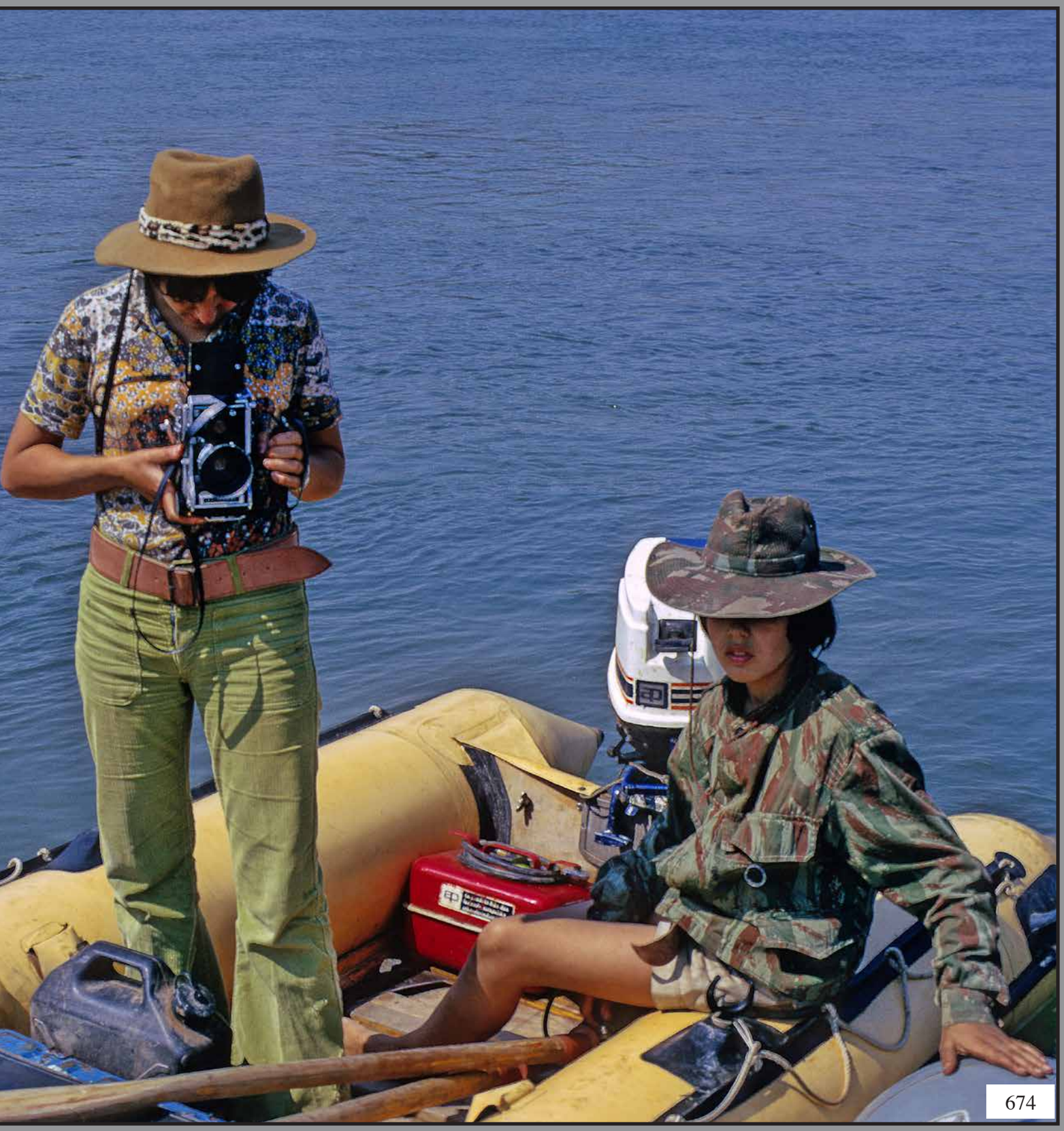
670

671

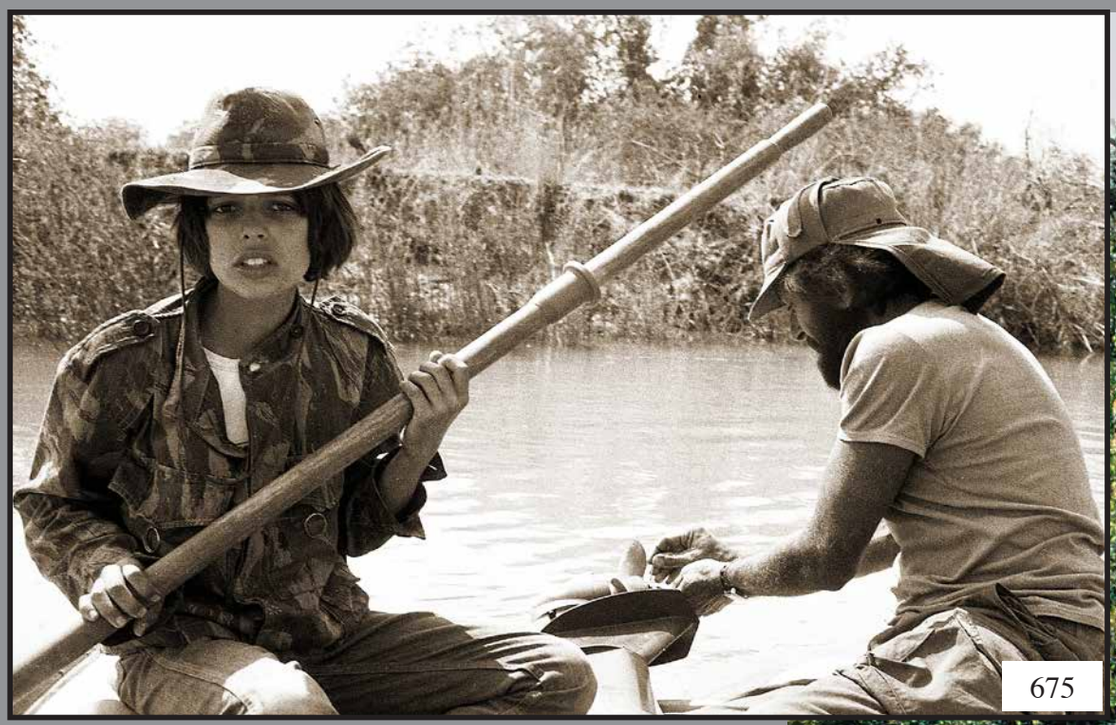
672

673

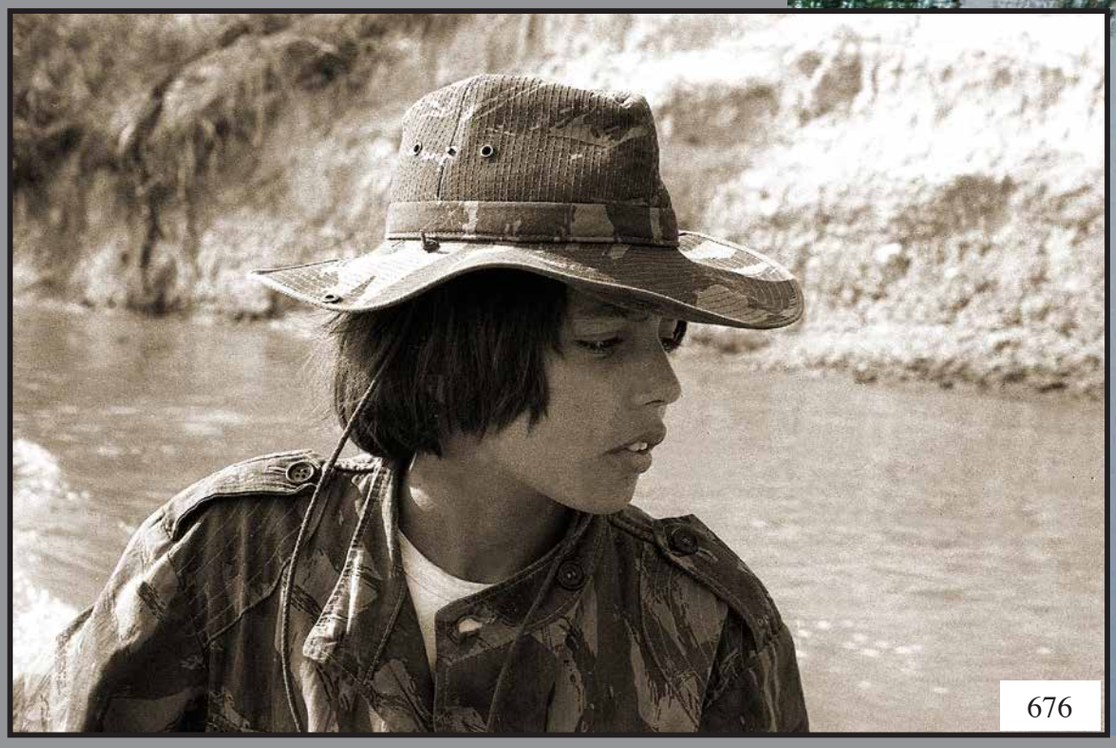
668/674 – Nesta zona o bom nivel das águas do Cunene facilitava a progressão. A Christine e o Olivier ajudavam a bater umas chapas.



674



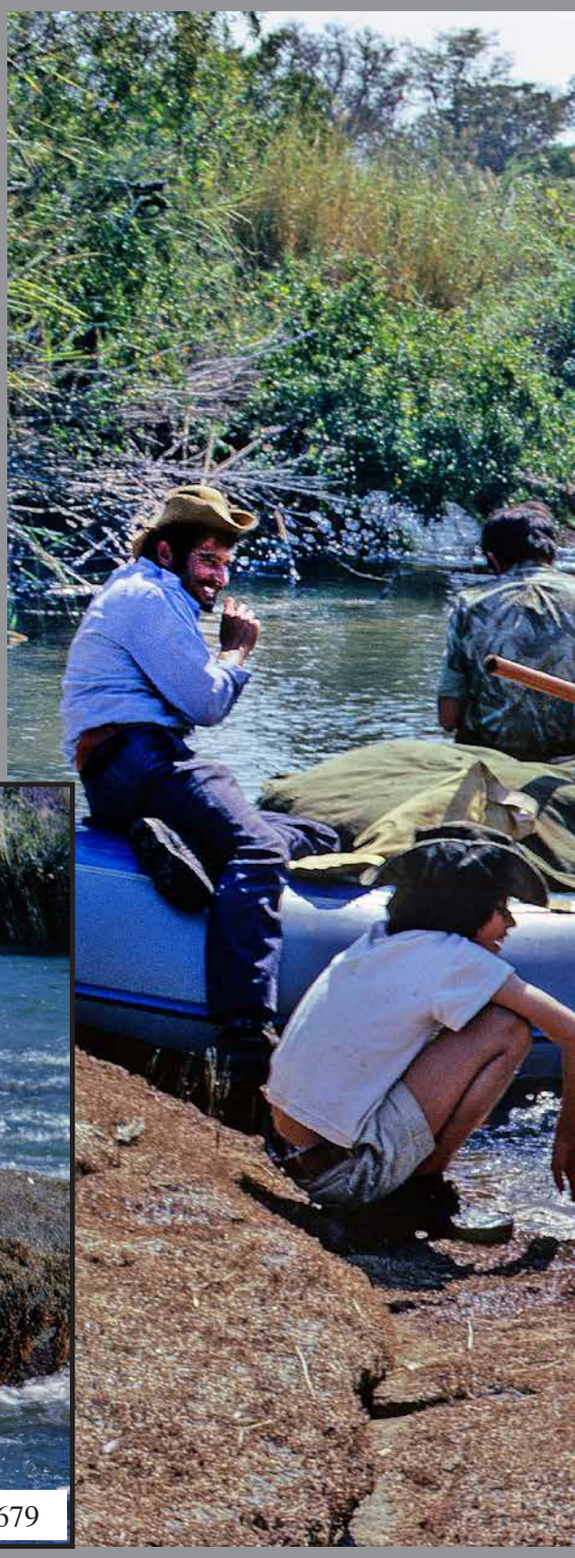
675

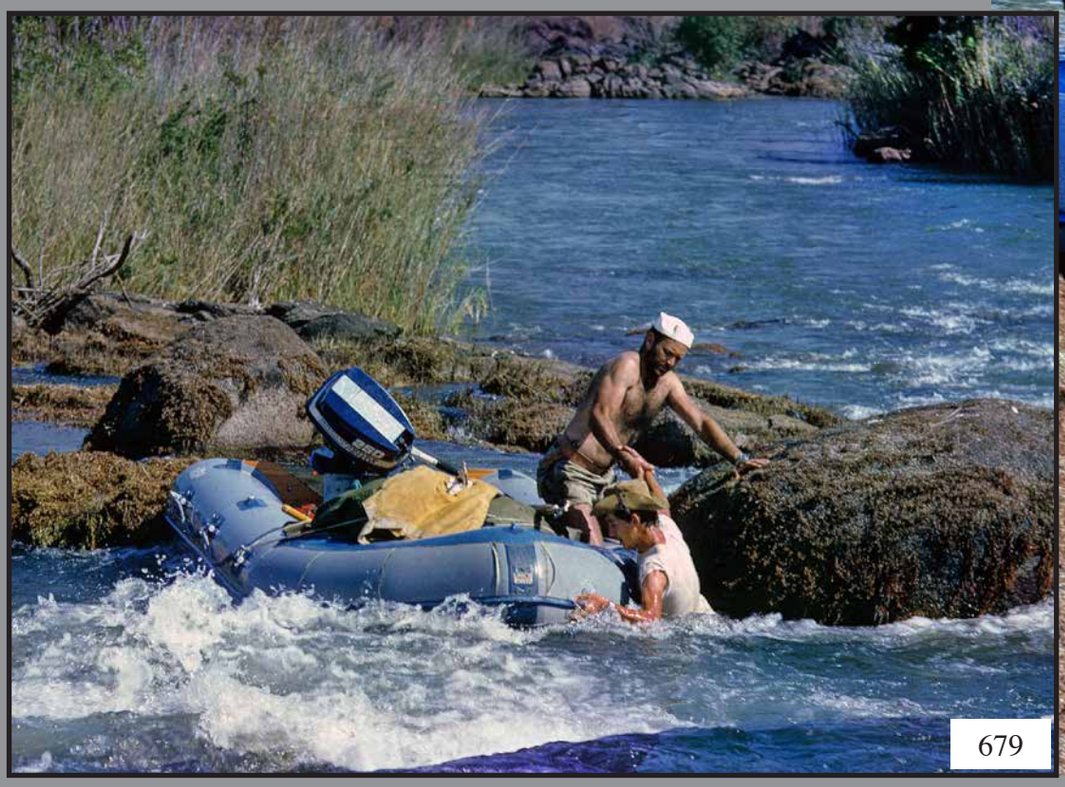


676

677

678



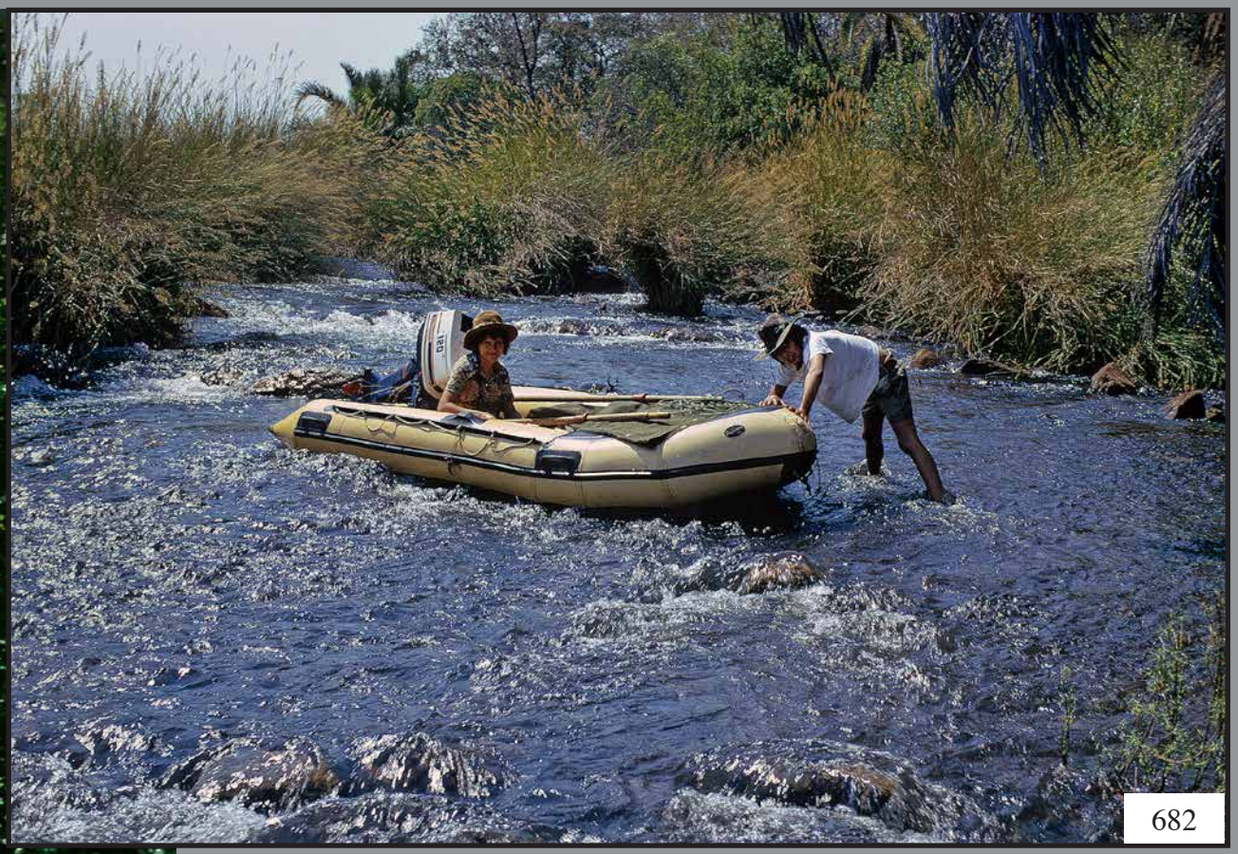


679

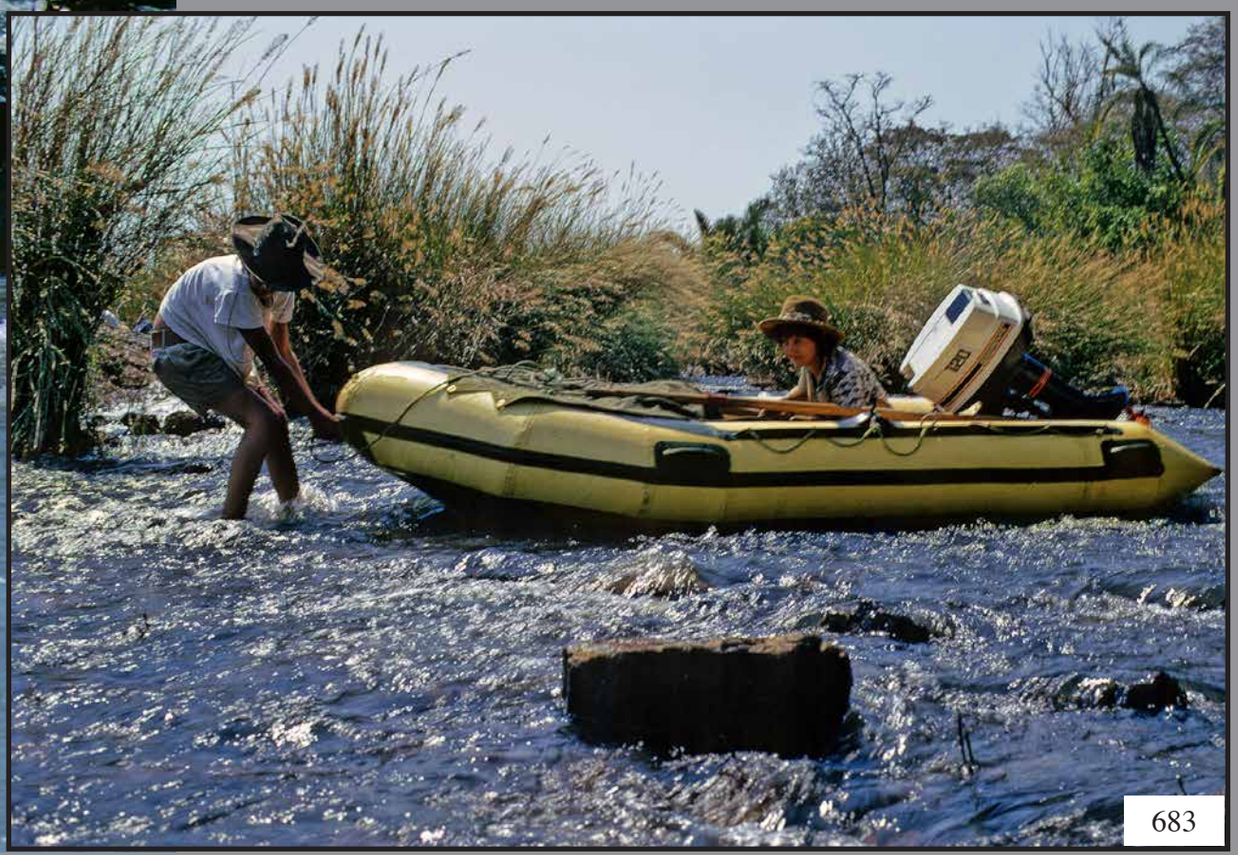
675/684 – Em outras ocasiões as quedas de água, os rápidos ou as rochas, umas seguidas às outras, eram um grande problema para as equipagens.

680

681

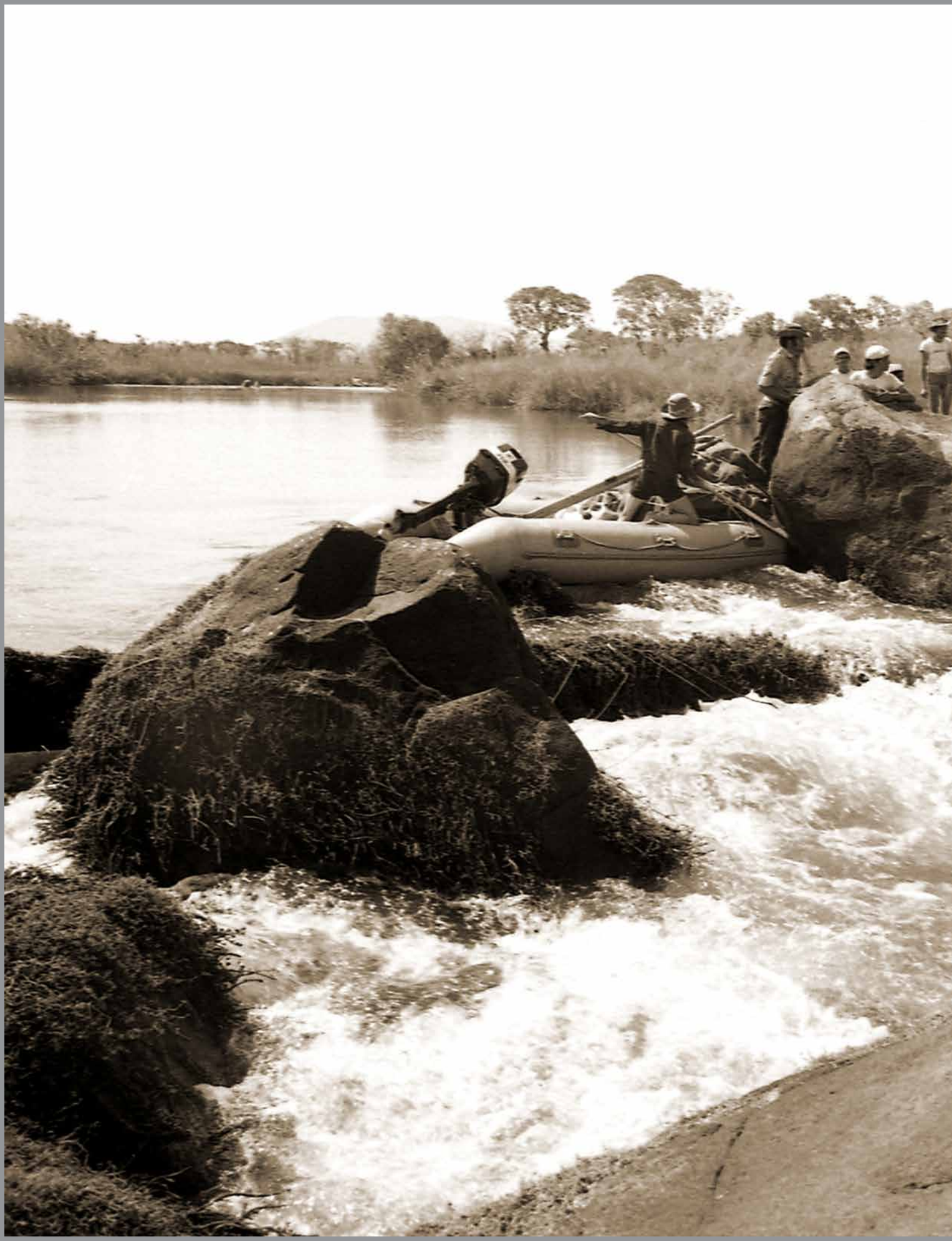


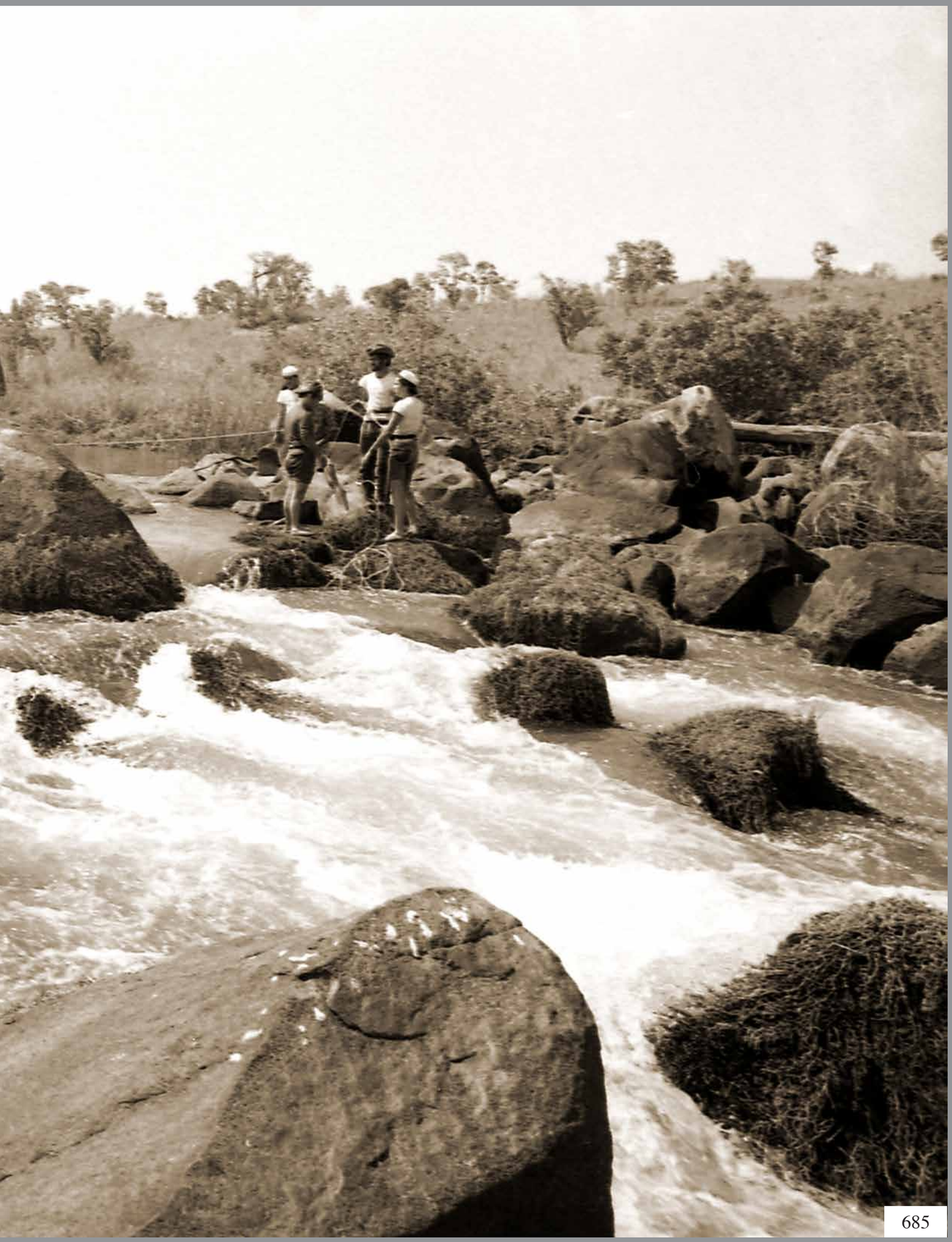
682



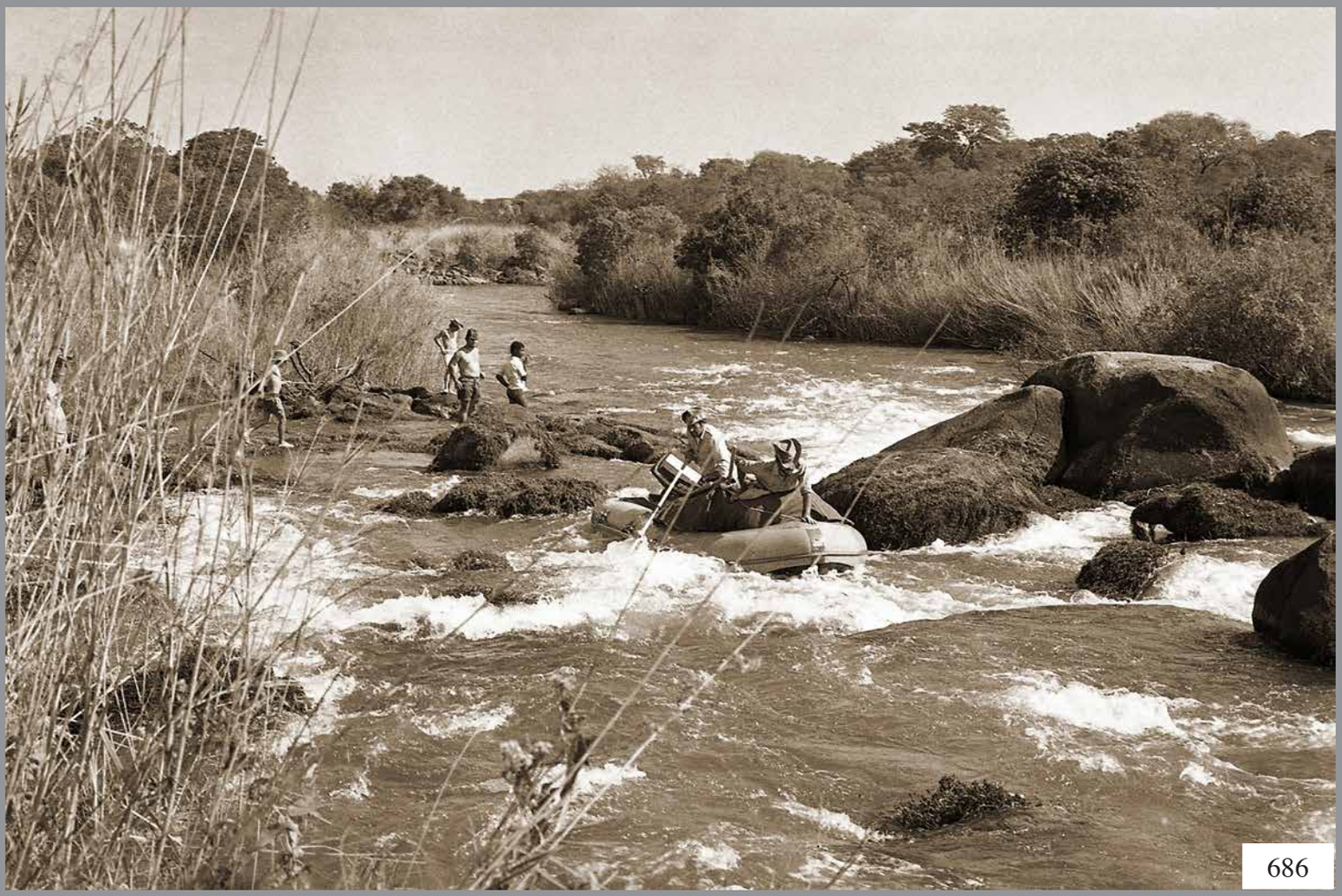
683

684





685

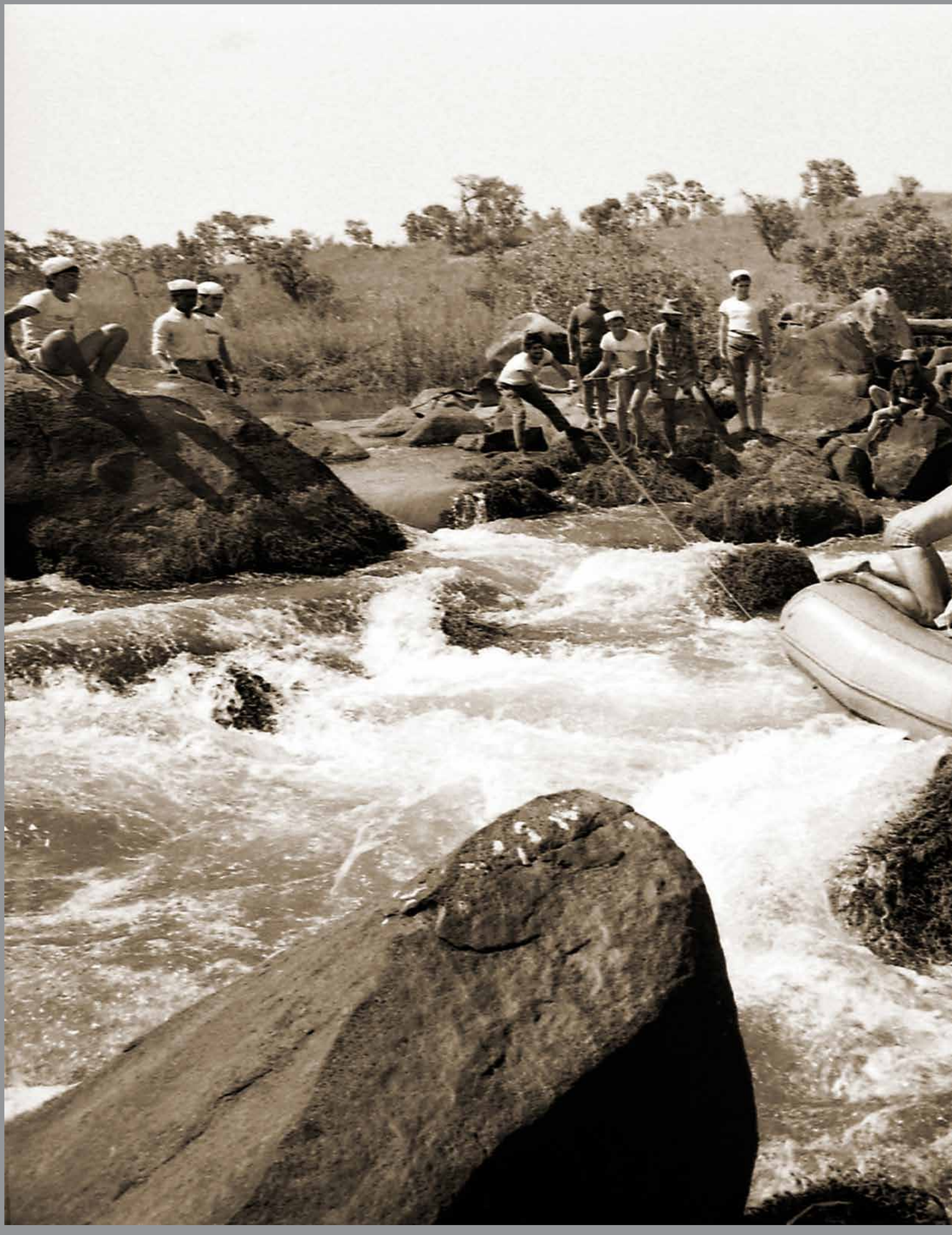


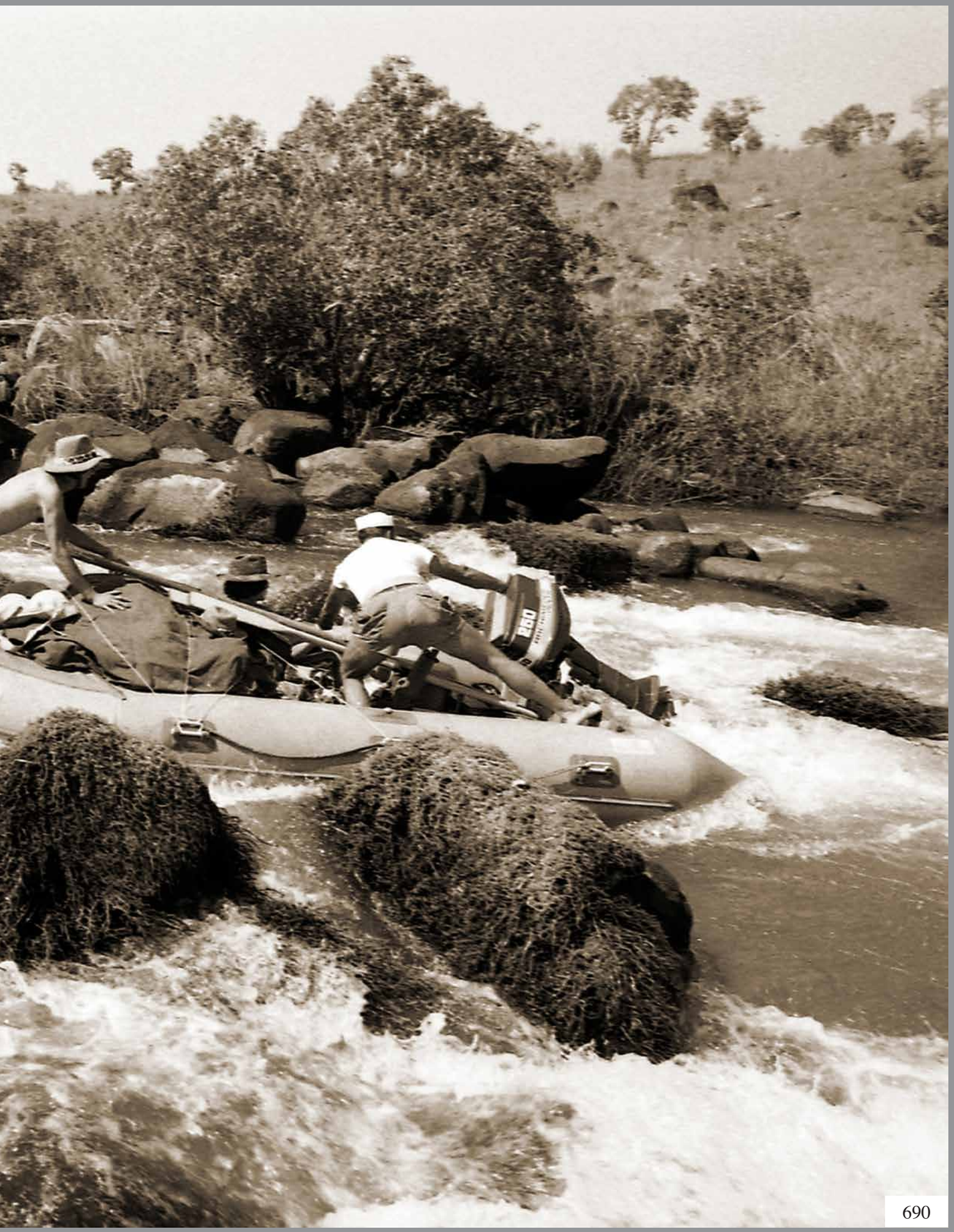
686

687

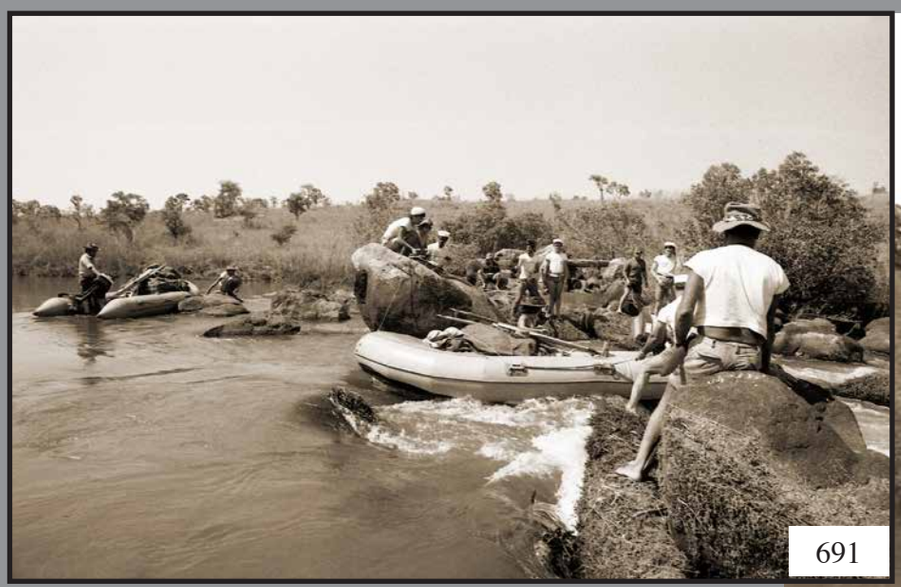
688

689

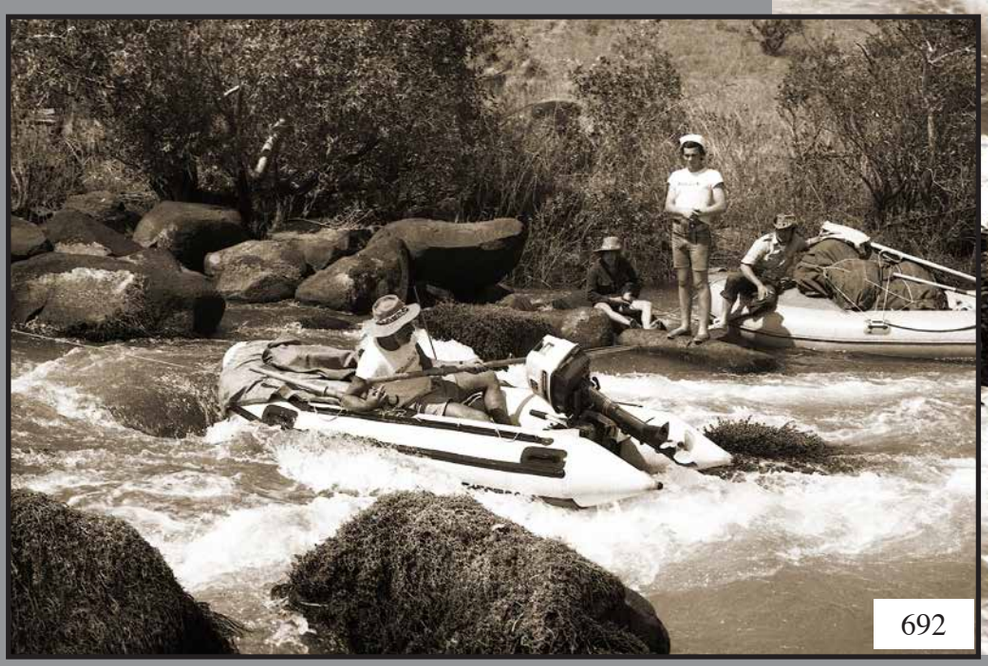




690



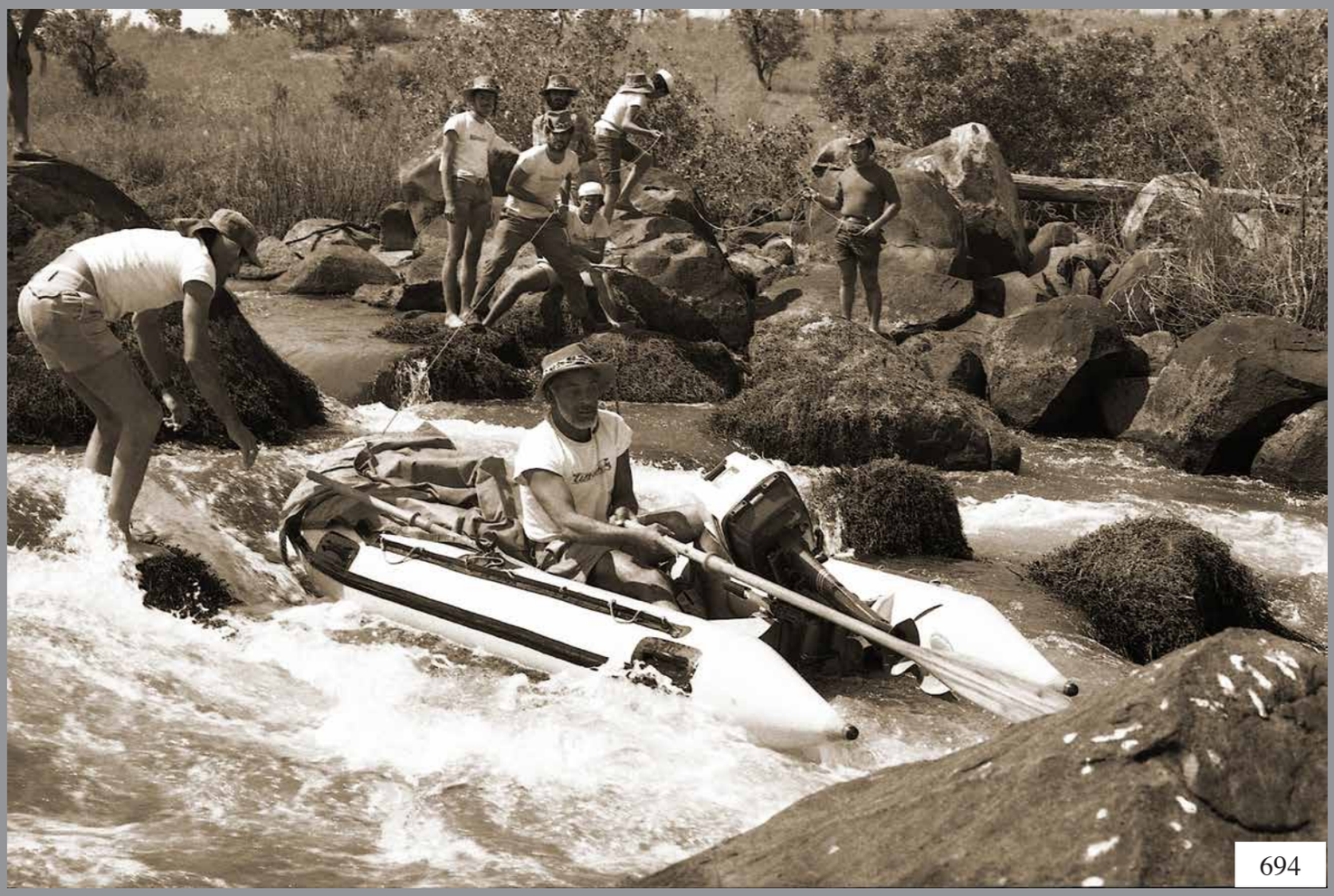
691



692

685/705 – Apesar de todas as precauções os problemas com os barcos surgiam continuamente e era preciso «remendar».

693



694

695

696

697

698

699

700

701

702

703

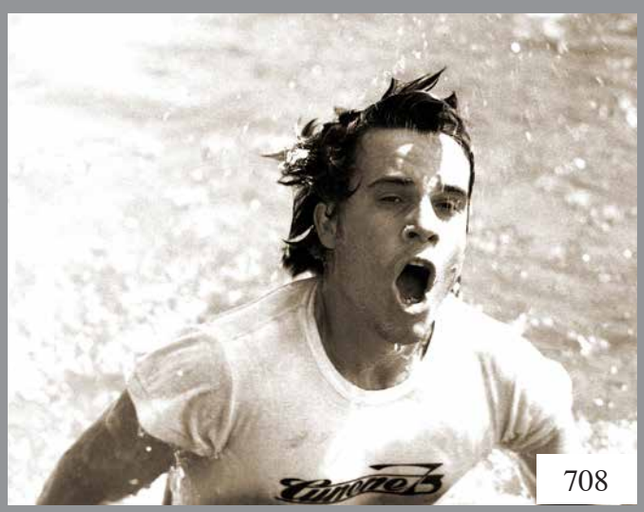
704

705

706

706/711 – Carregar novamente e a seguir um bom banho depois do esforço.

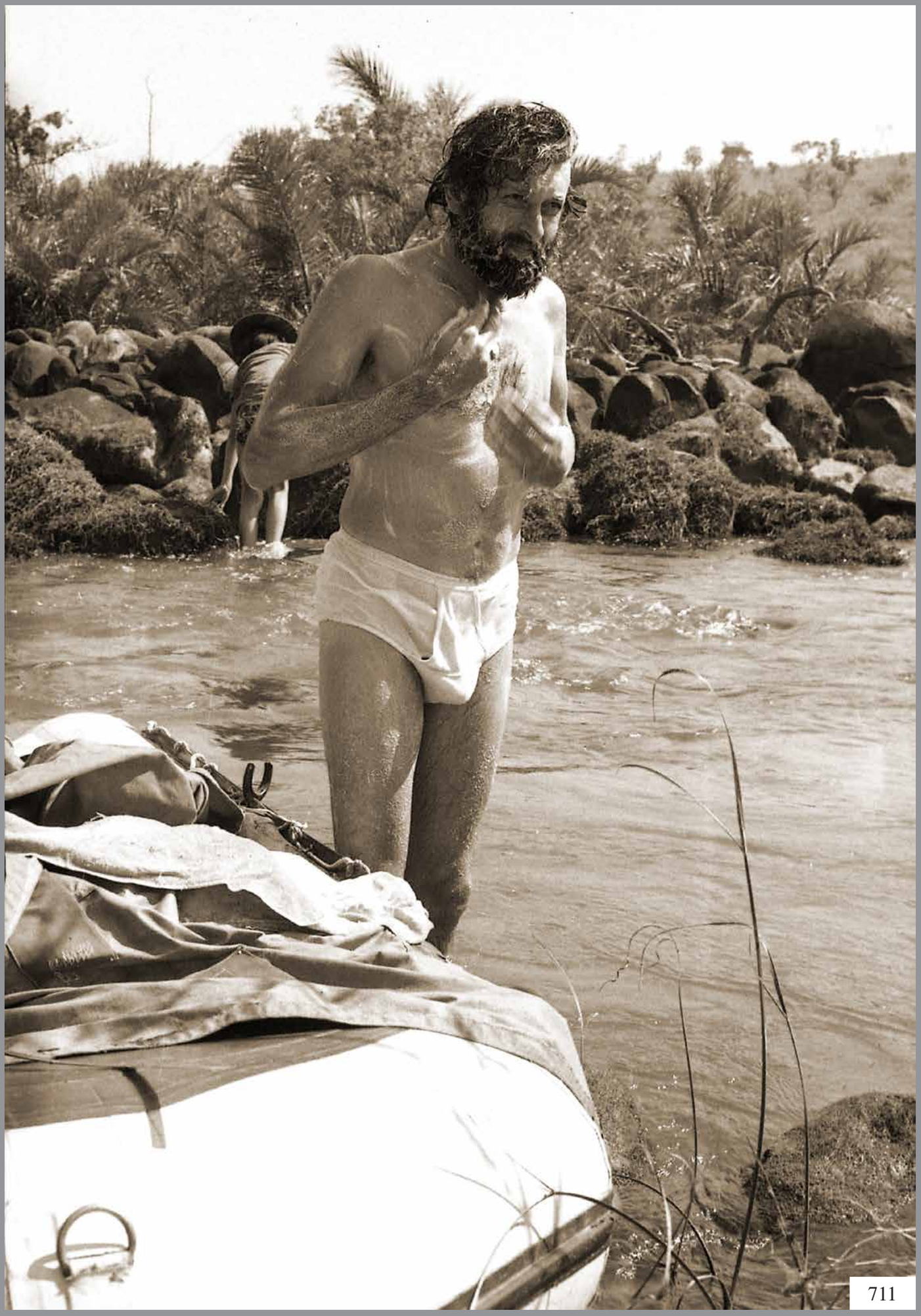
707



708

709

710

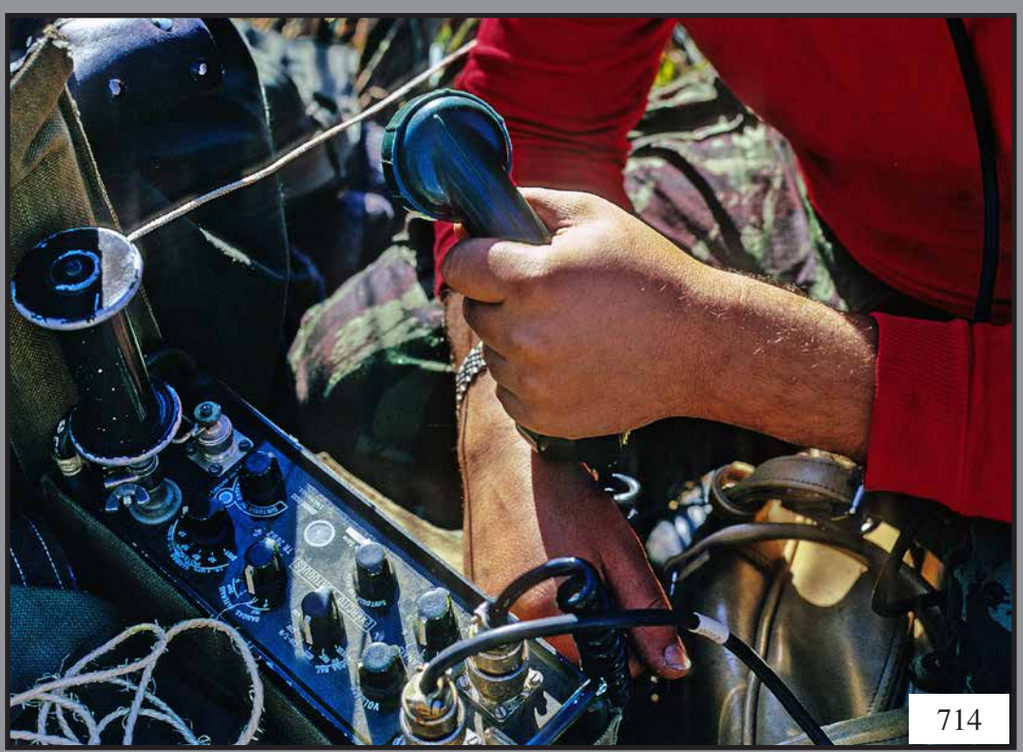


711

712/714 – Um novo acampamento, nota–se a quantidade de rochedos, nas margens do rio. O rádio dá a nossa posição.

713

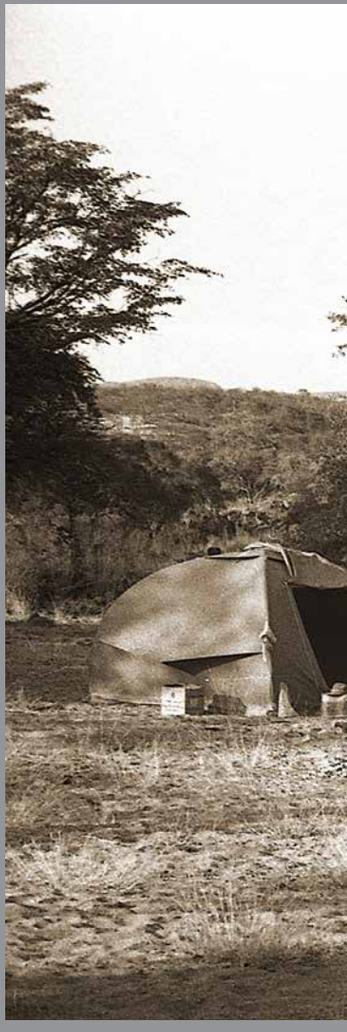
712



714

715

716

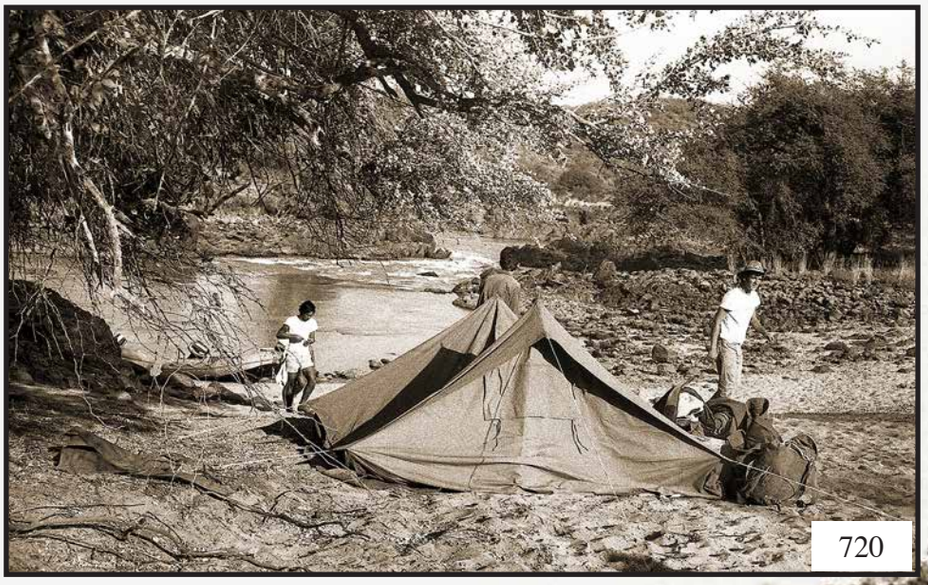


717

718

719

715/721 -Nova base e montagem do acampamento nas margens do rio

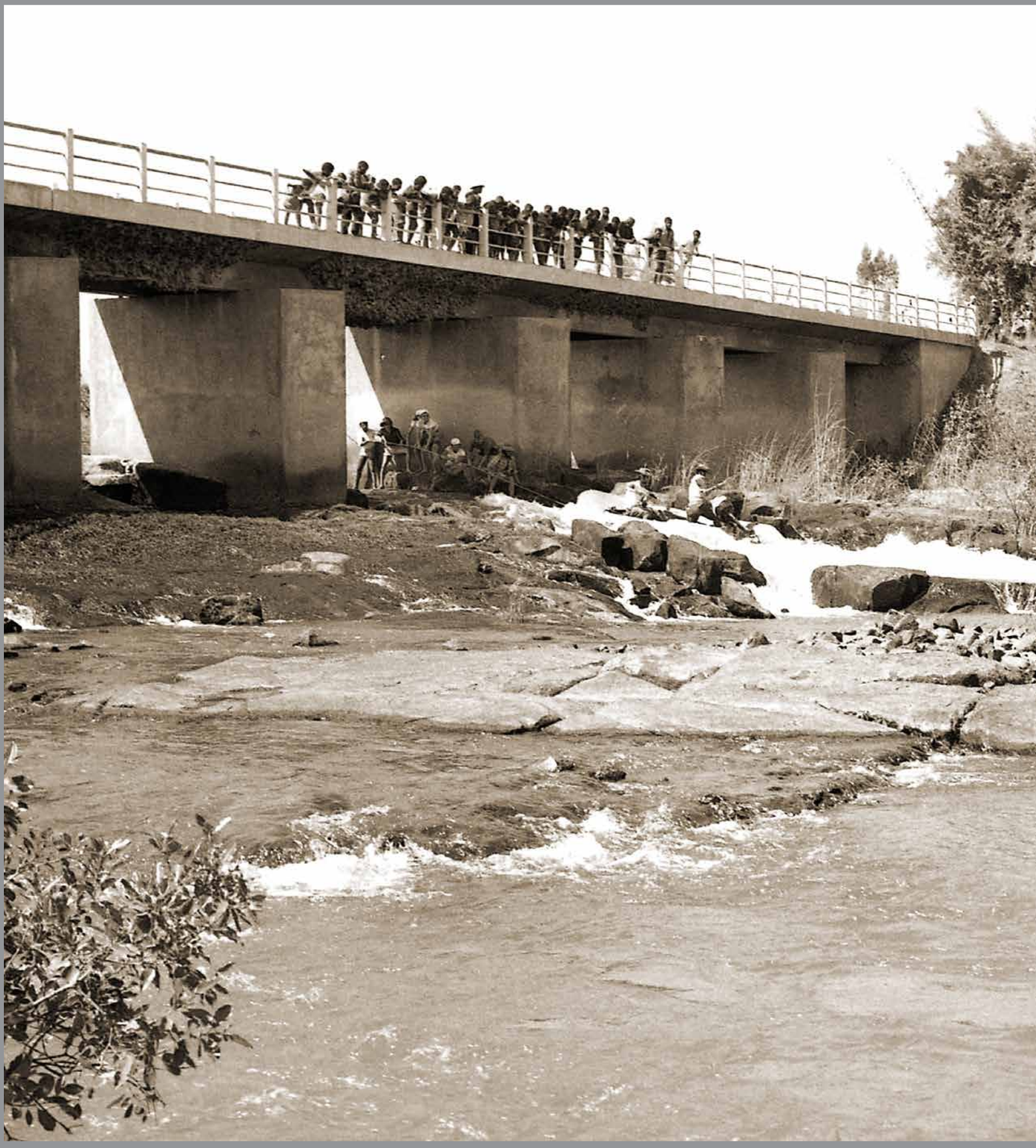


720

721

722 – Uma paragem junto a esta árvore completamente deformada.

722



723/725 – Passagem movimentada sob uma ponte em alvenaria.

723

724

725

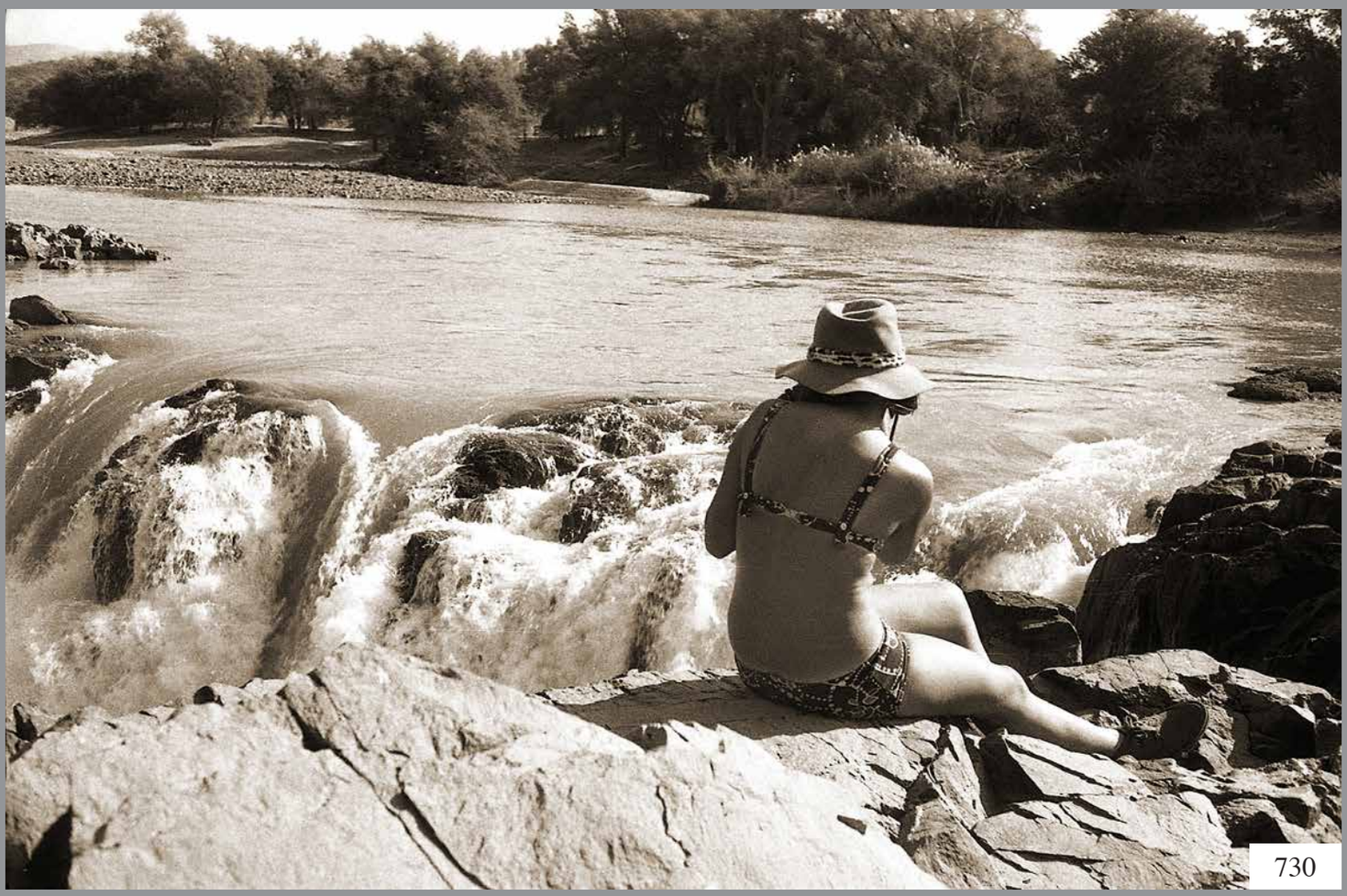
726

727

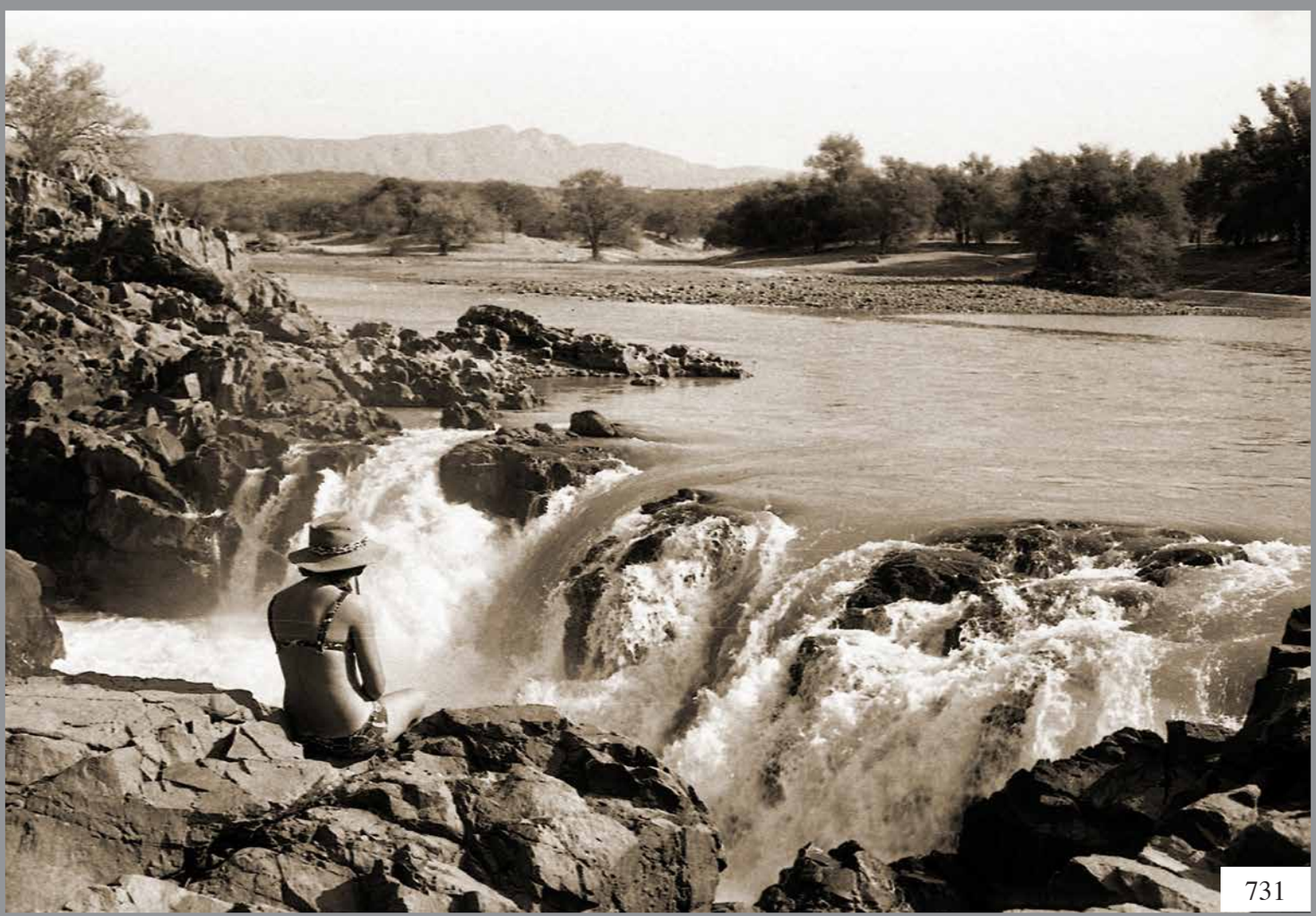
726/727 – A viagem continua mas como todos os dias há rochedos.

728 – Uma alma caridosa enviou algumas Cucas e refrigerantes bem geladas.

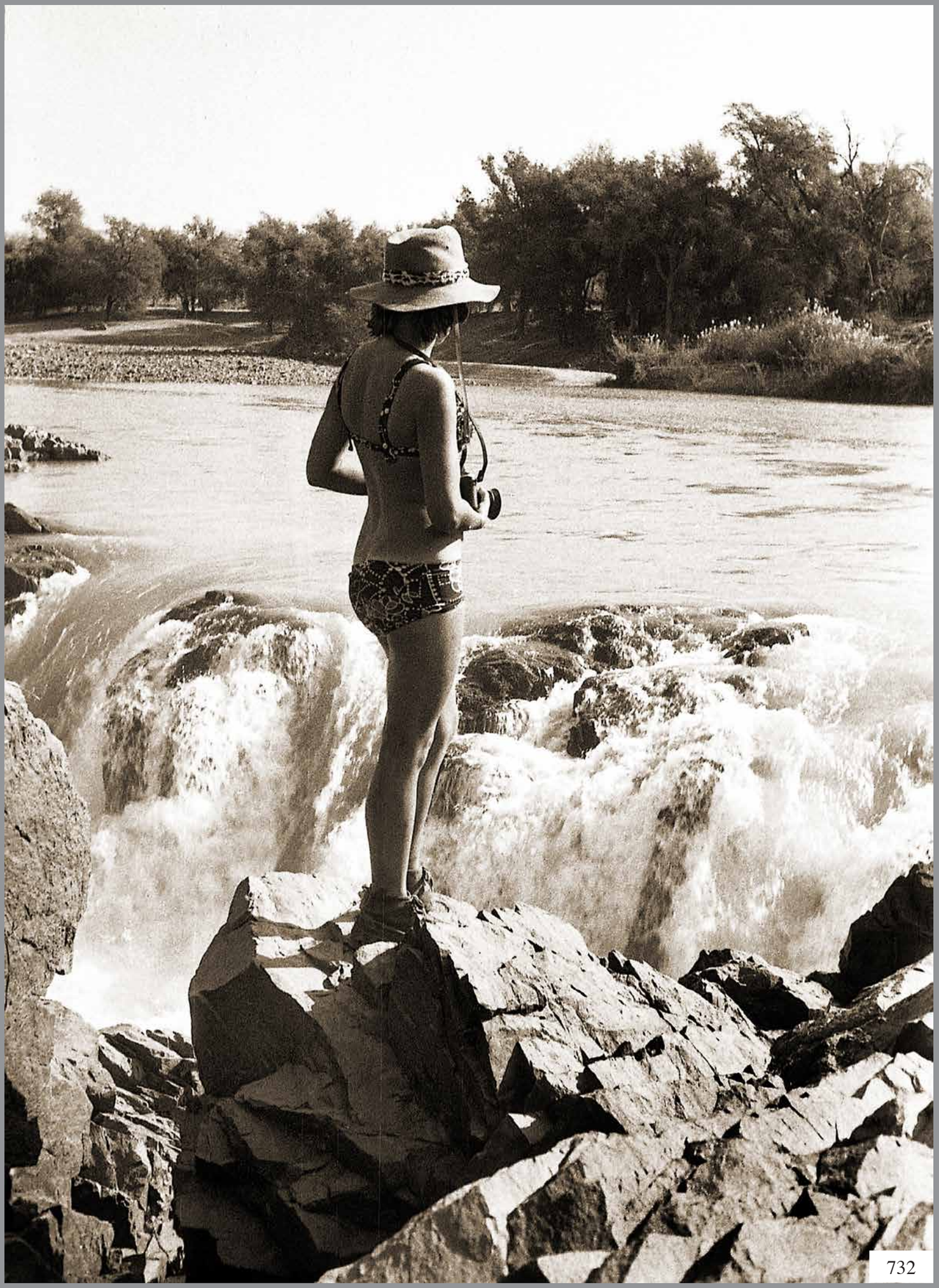
729



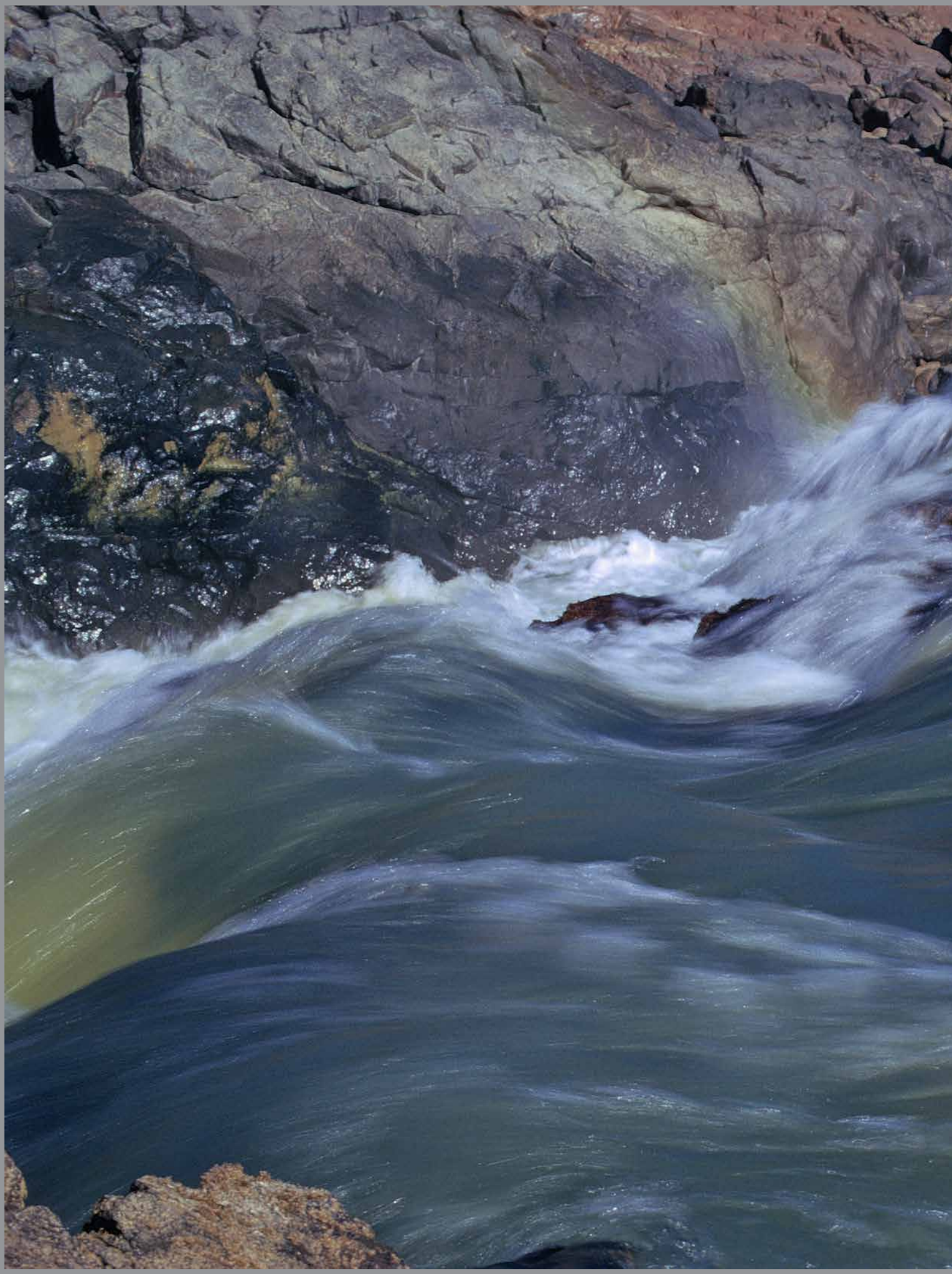
730

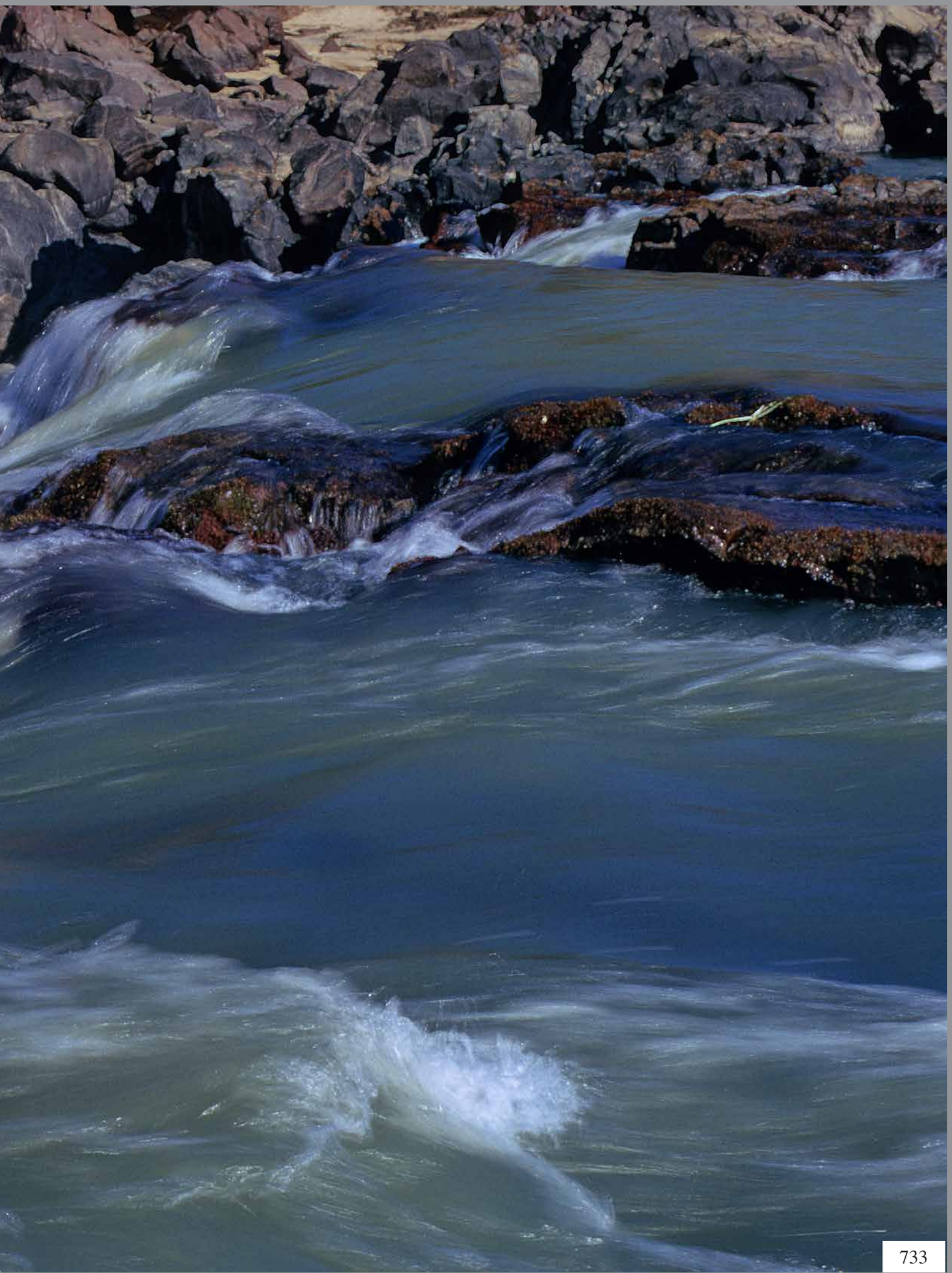


731

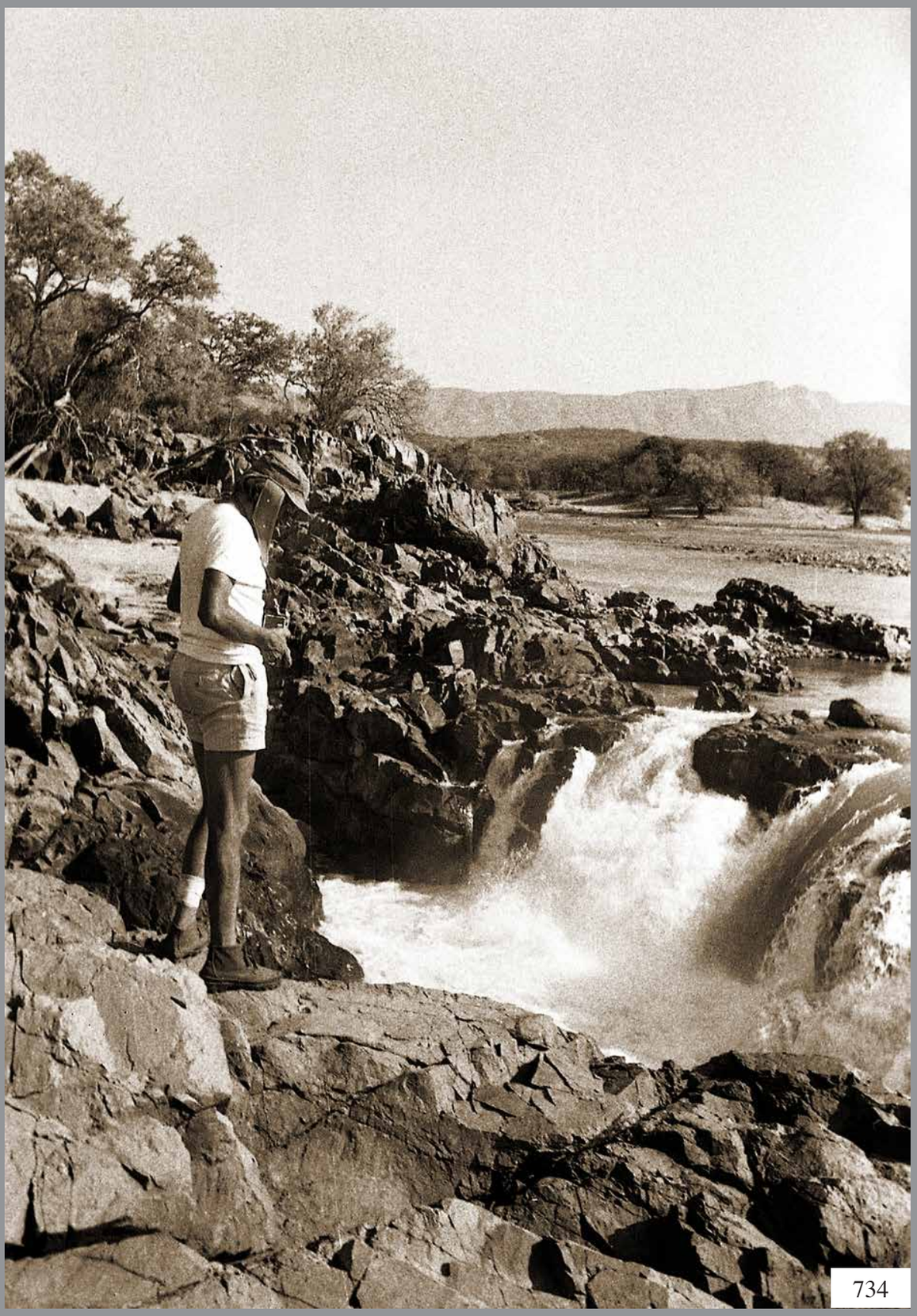


732

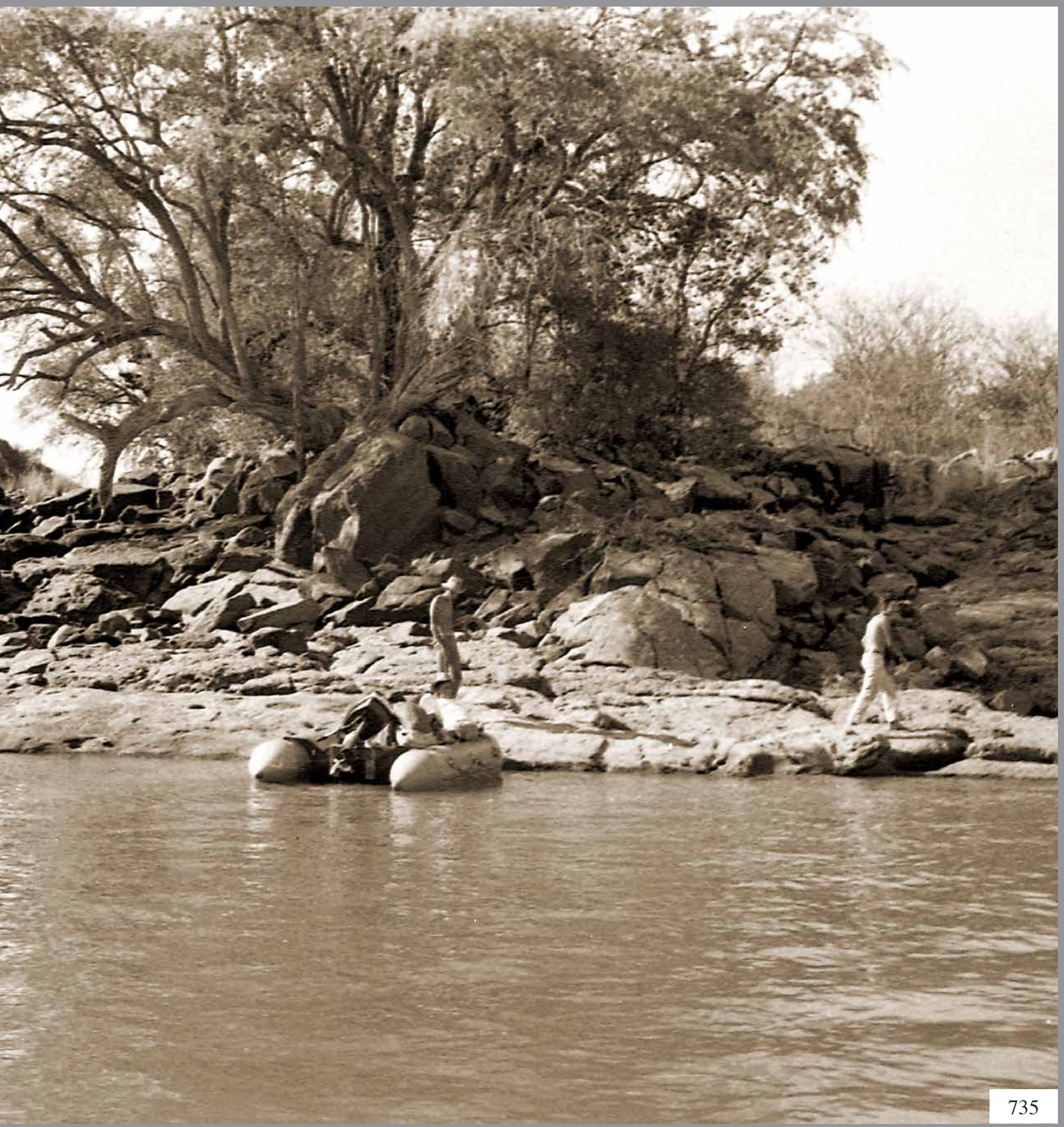




733

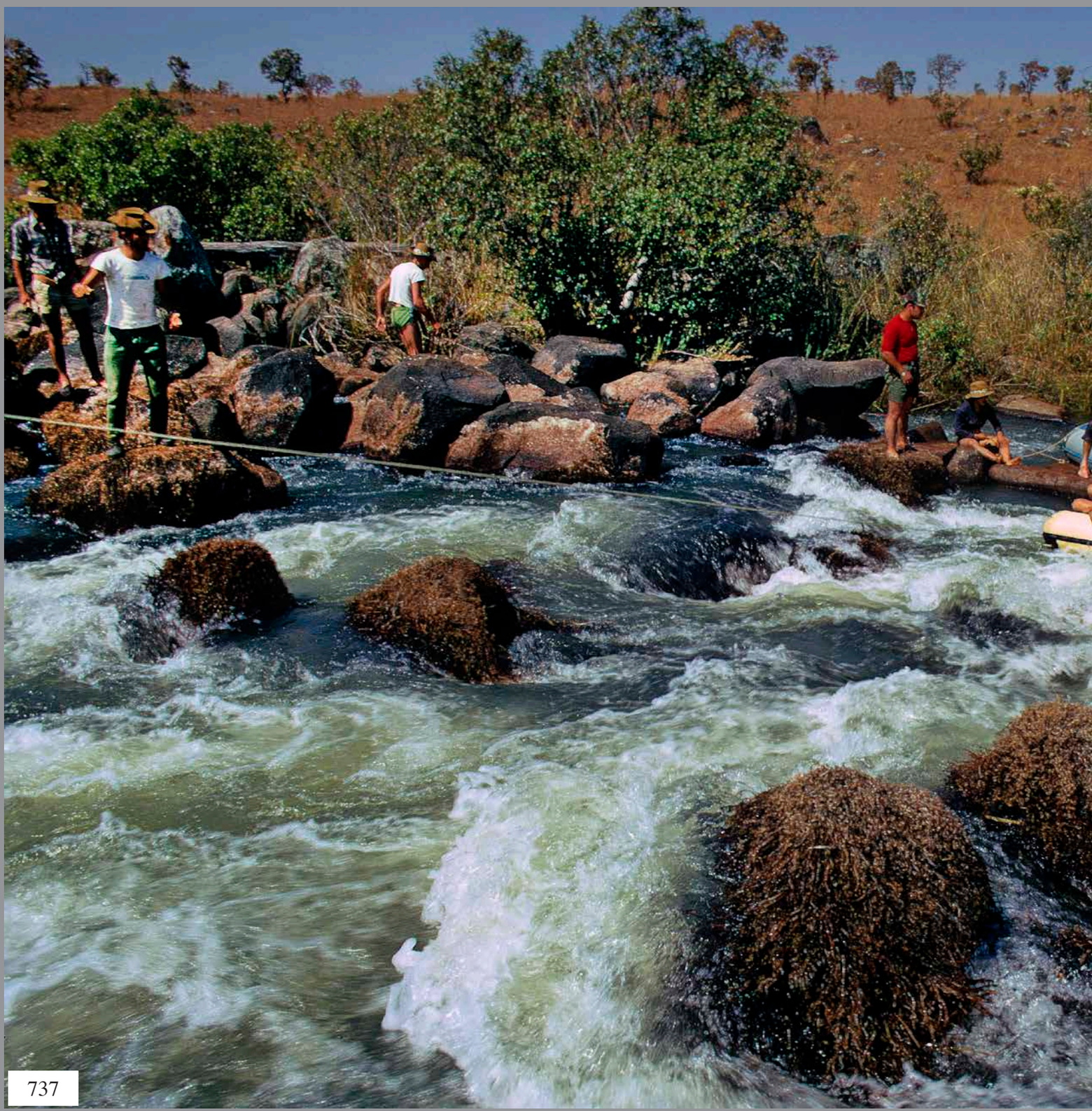


729/734 – Esta pequena queda de água era bem fotogénica e o J.C. e a Christine aproveitaram para tirar algumas fotos.


735

735/736 – Nestas duas fotos pode ver–se como as águas do Cunene estavam baixas. Muito difícil de navegar.

736

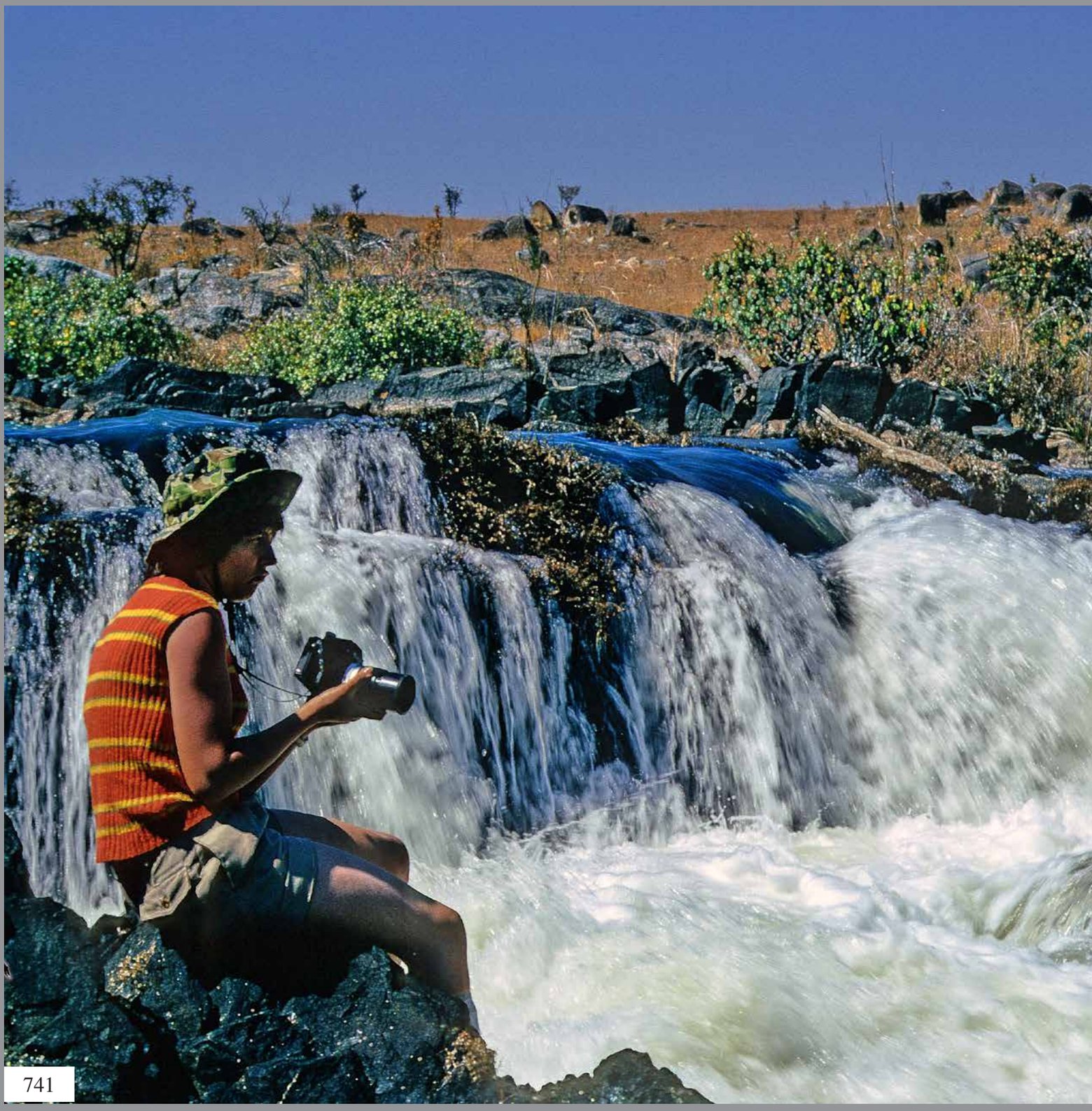


737/740 – Mais rápidos.

738

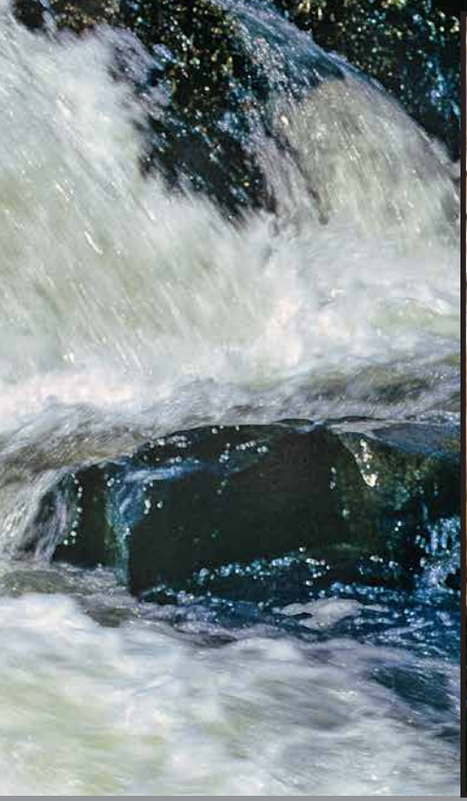
739

740



741/743 – A Christine aproveita para retratar e ser retratada...

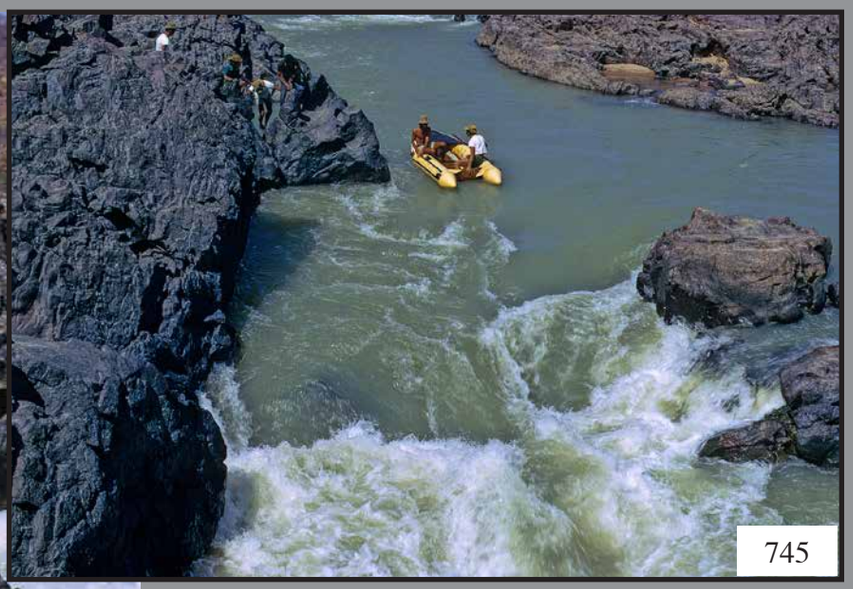
742



743

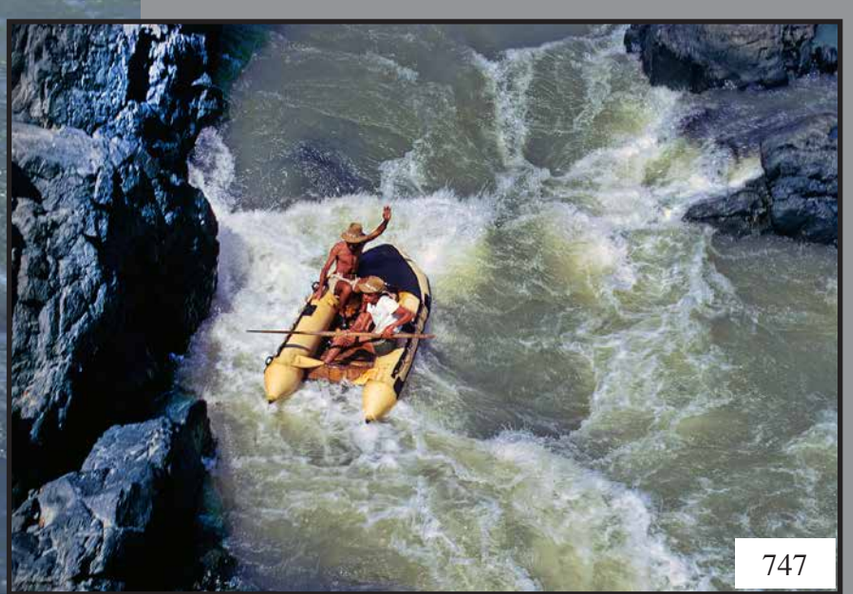
744

744/750 – Outra passagem bem difícil. O tempo passado nos percursos laboriosos era muito mais longo do que aquele passado a navegar.



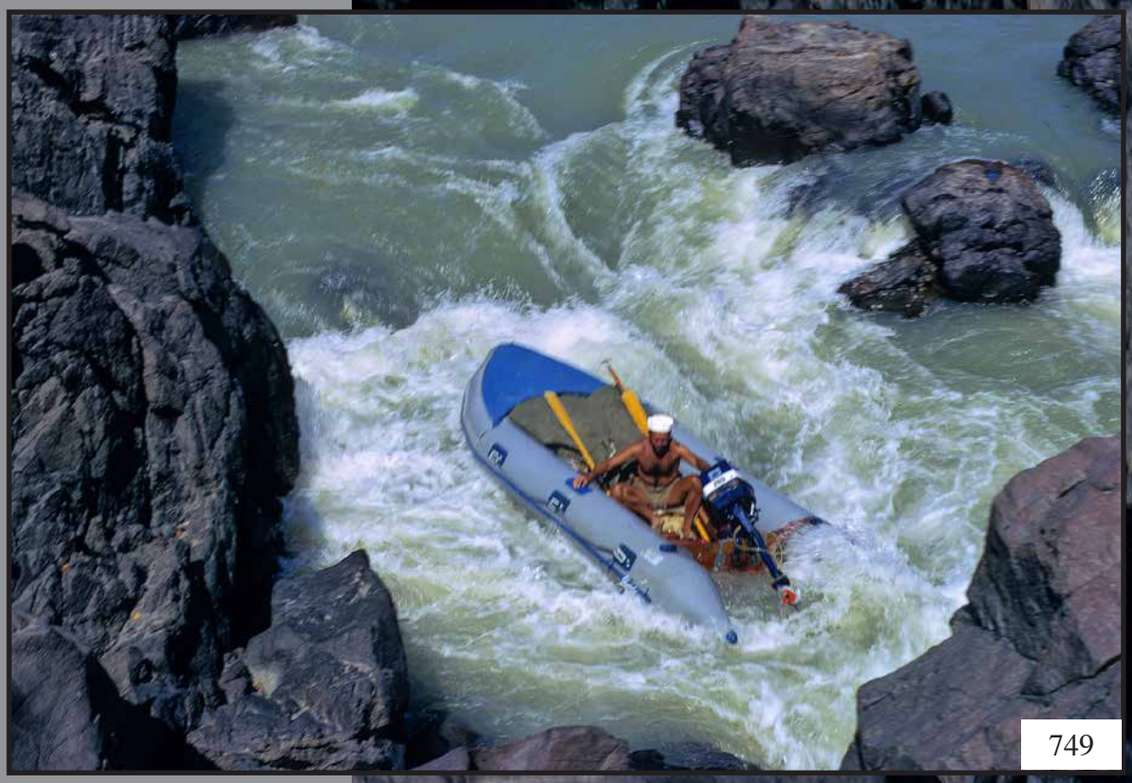
745

746



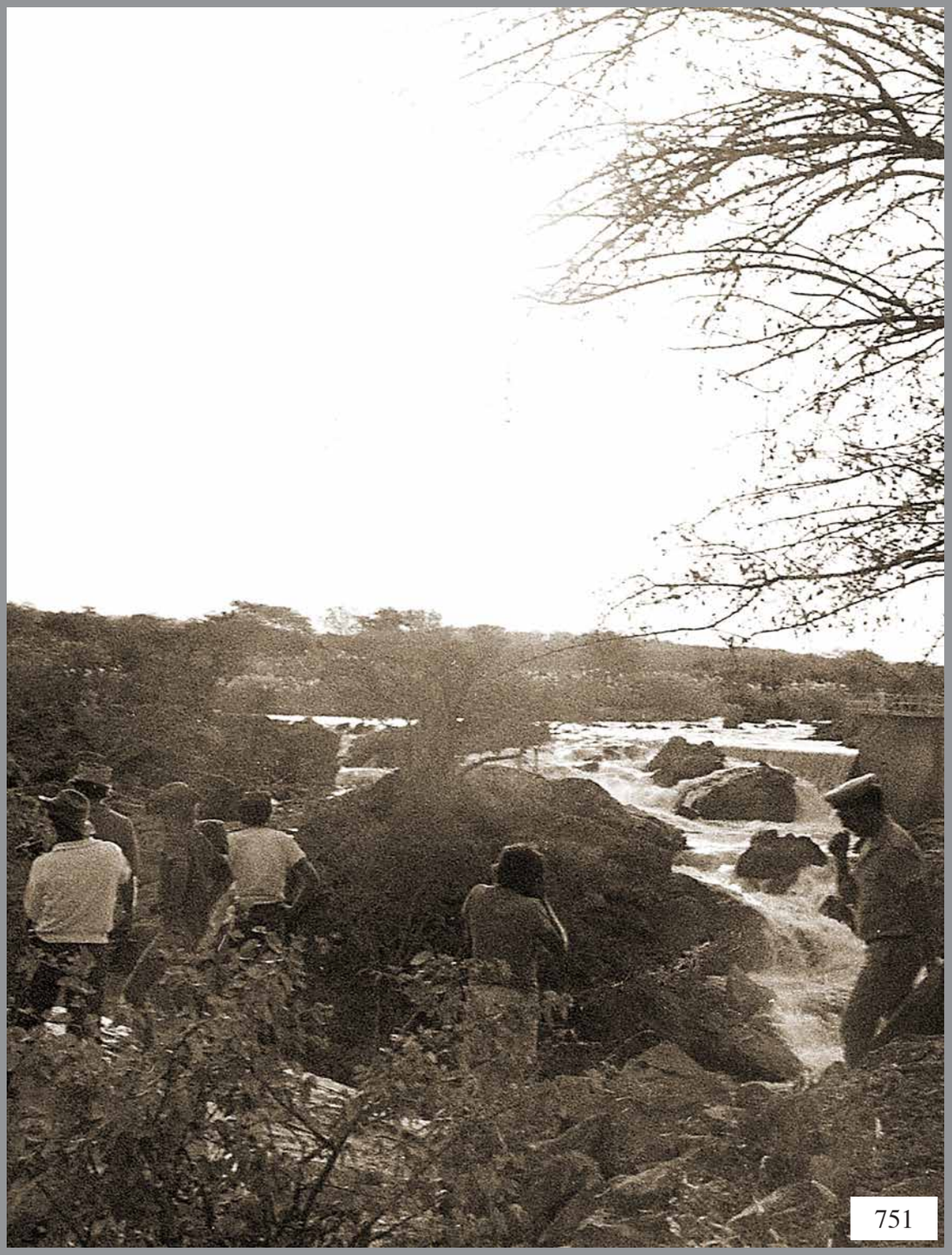
747

748



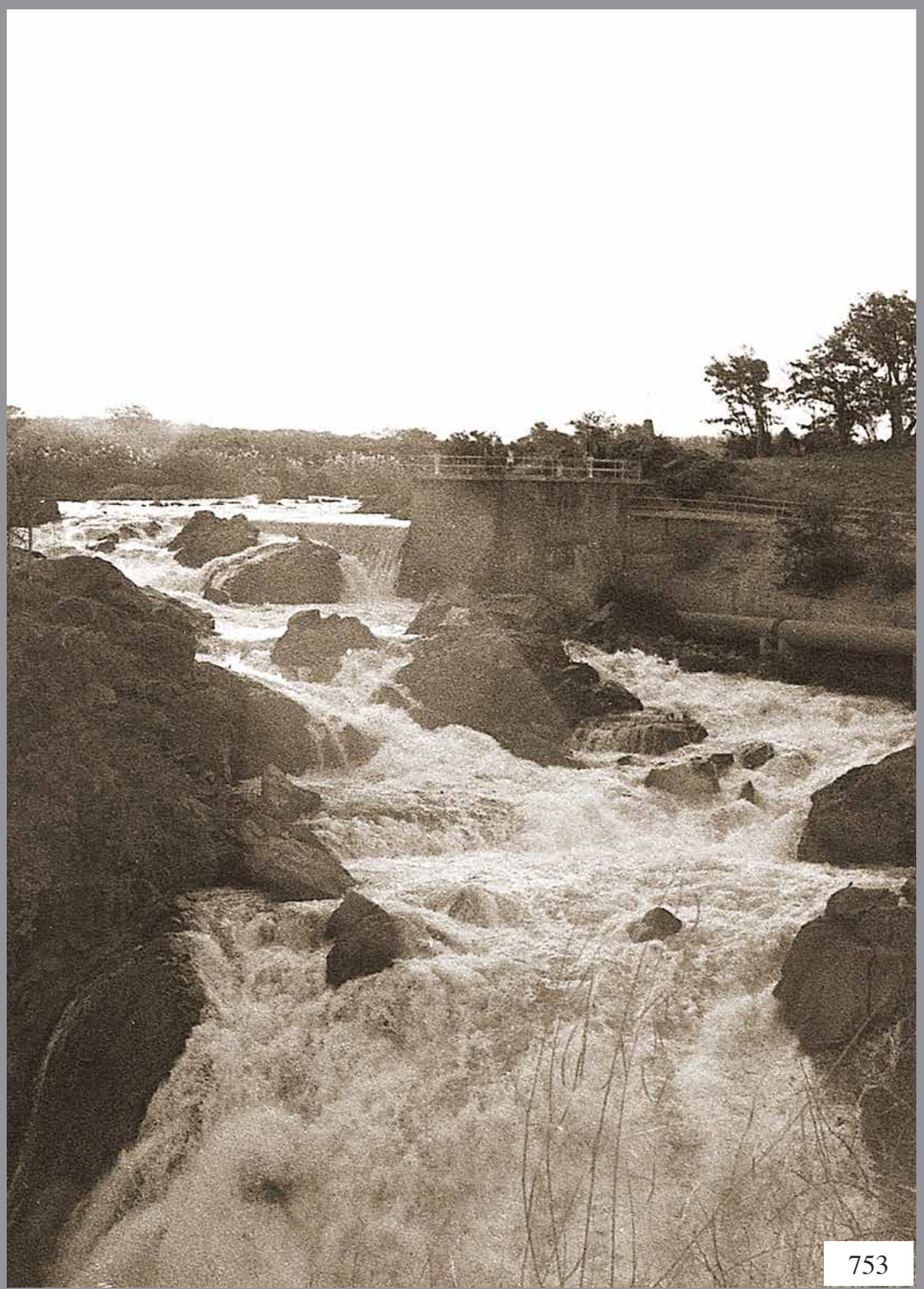
749

750



751/759 – As grandiosas quedas do Ruacaná, infelizmente com pouca água.

752



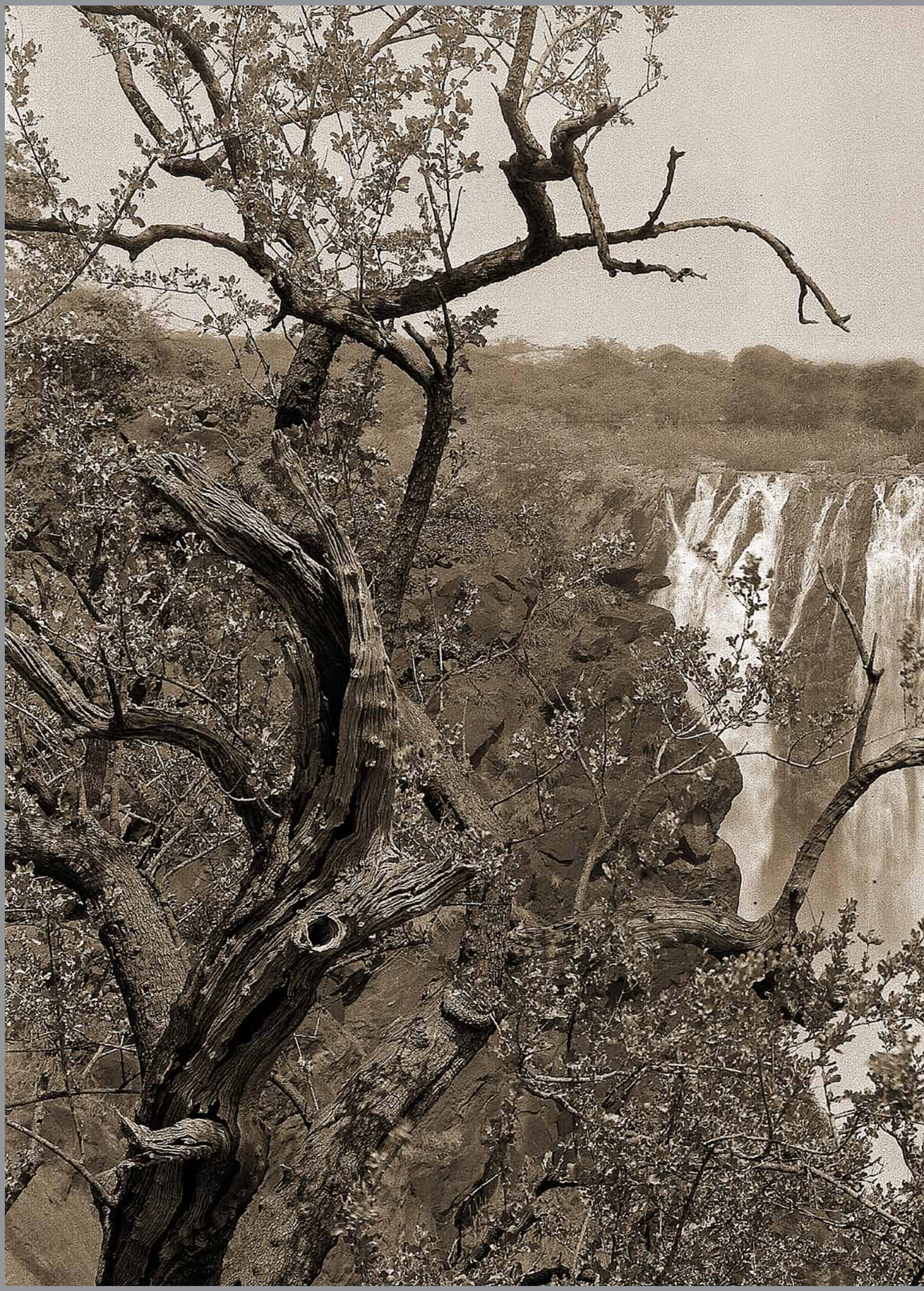
753

754

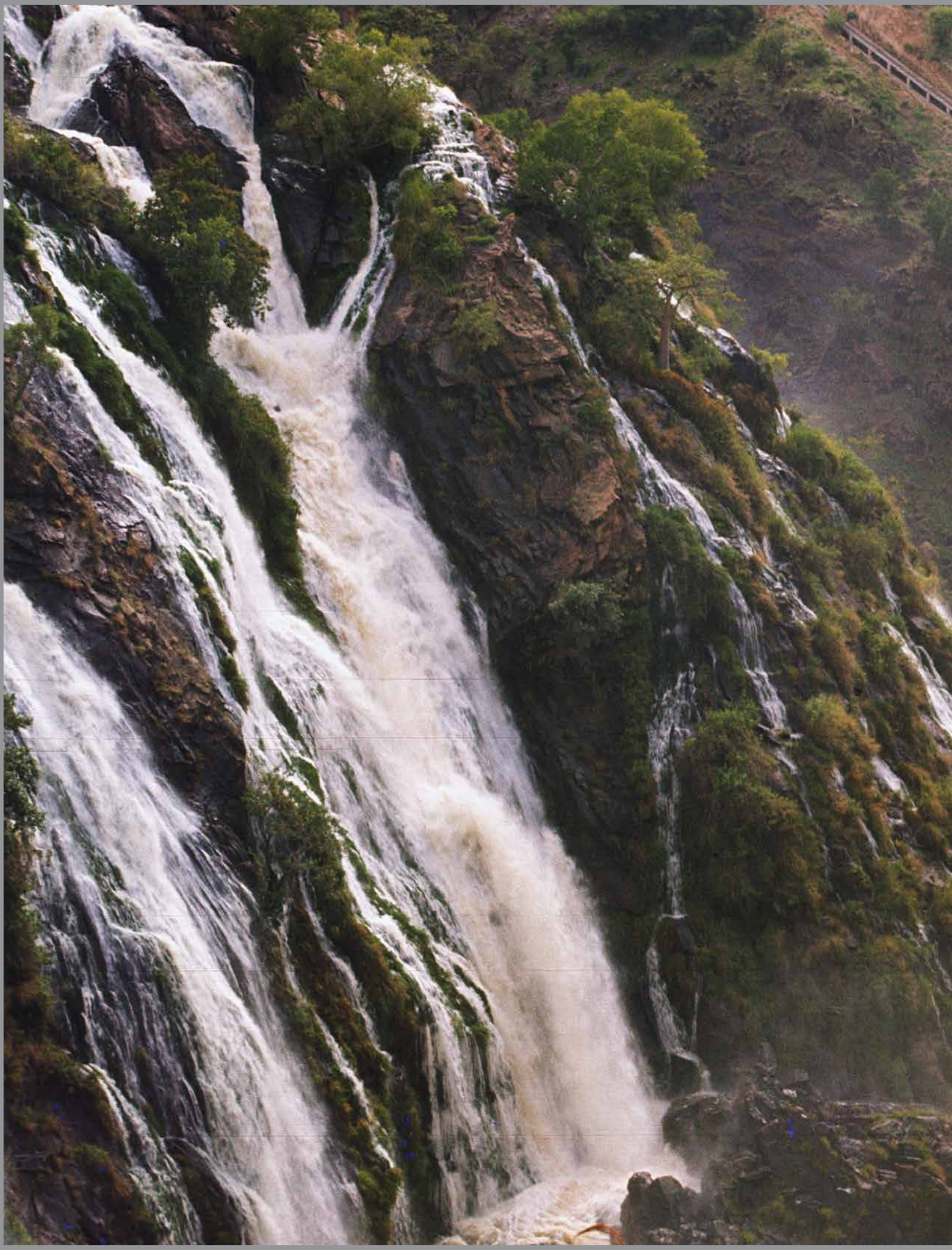
755

756

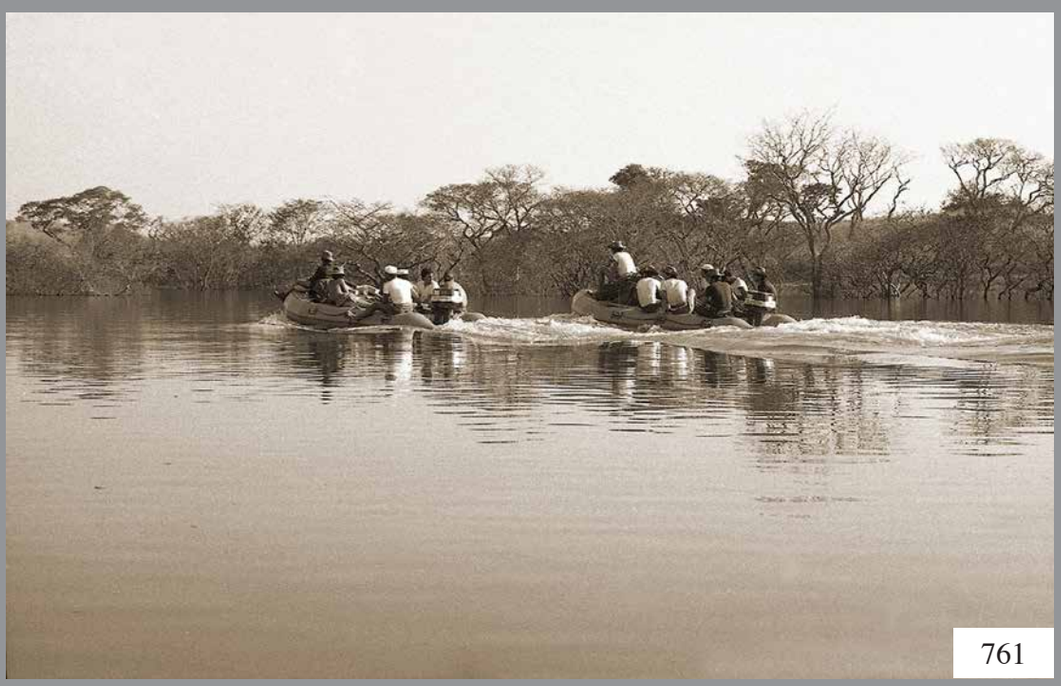
757



758

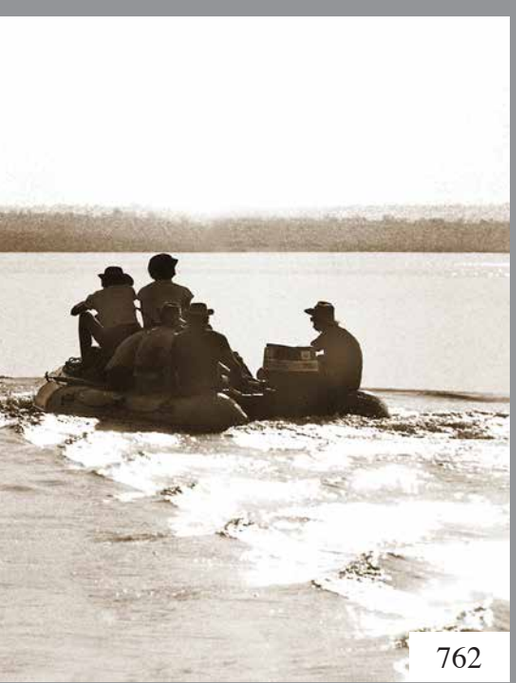


759



761

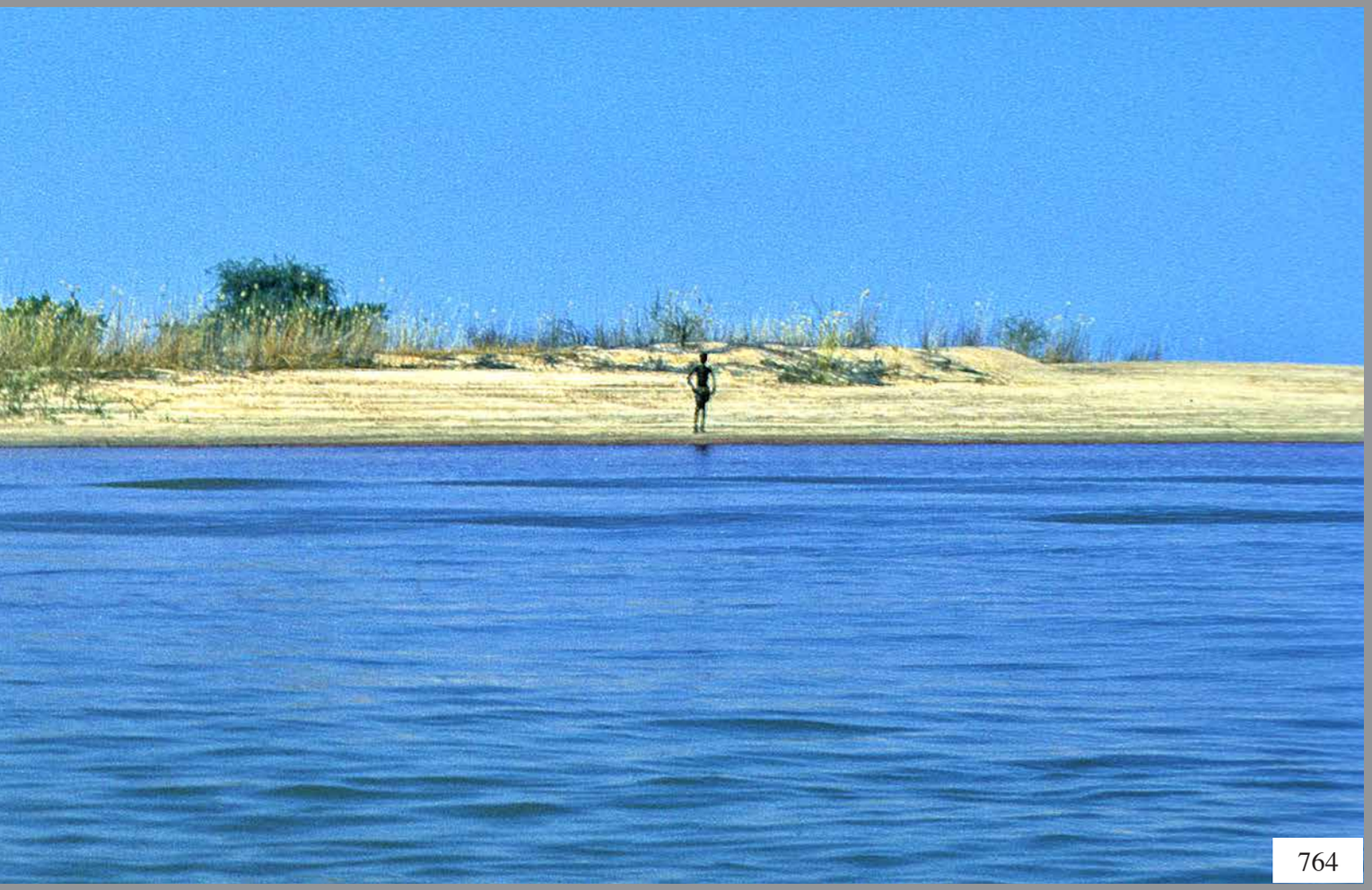
760



762

763

760/765 – Actividades no lago formado pela barragem do Calueque.



764

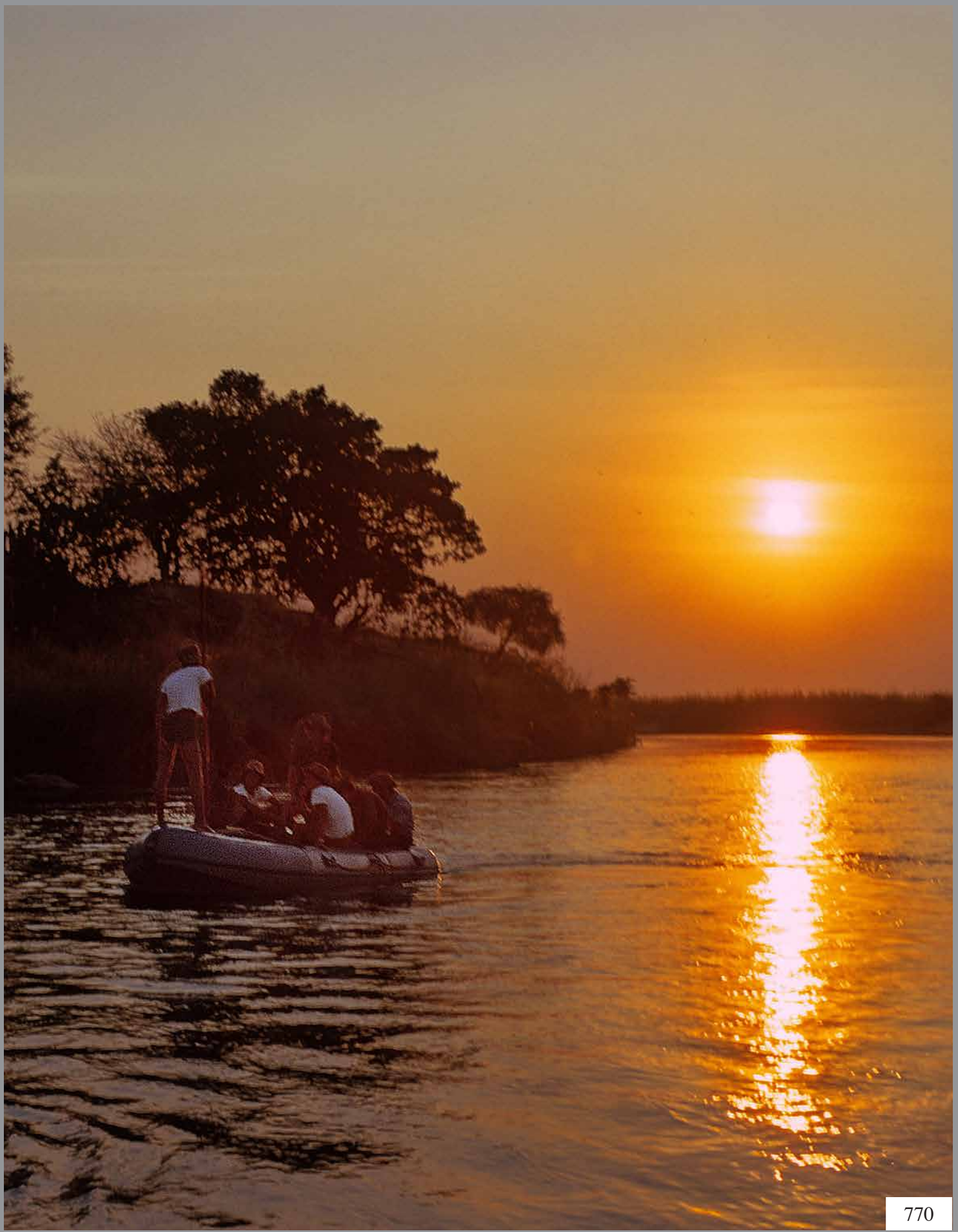
765

766/768 – Numa outra pequena Vila um bom almoço nos esperava

767

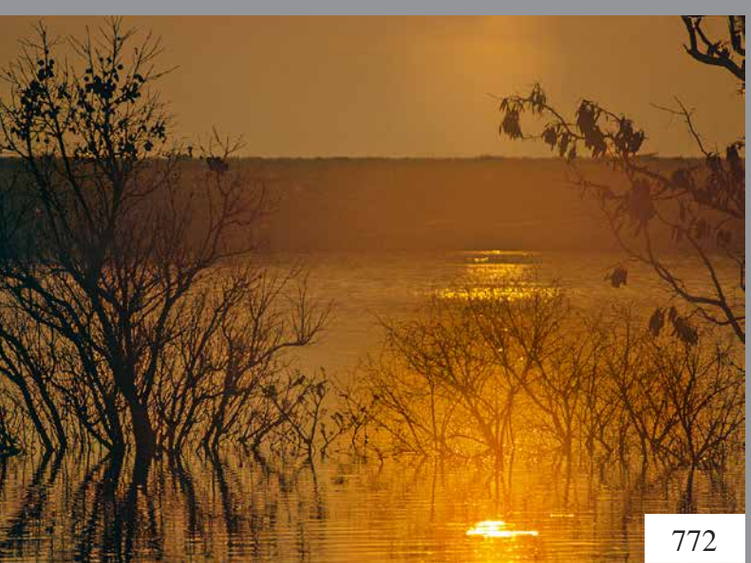
768

769



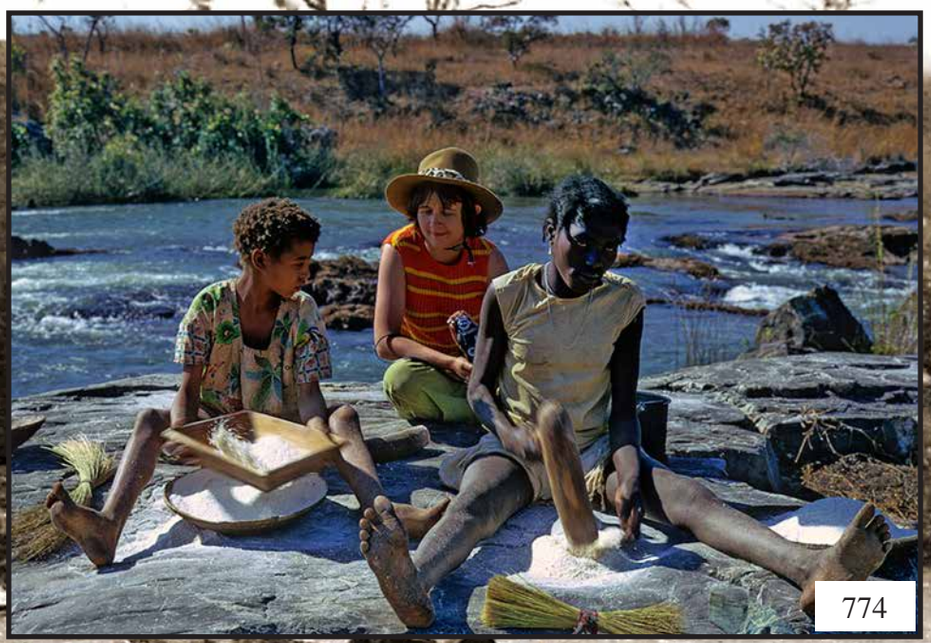
769/773 – O pôr do sol no Cunene não tinha a mesma «magia» do Cubango.

771

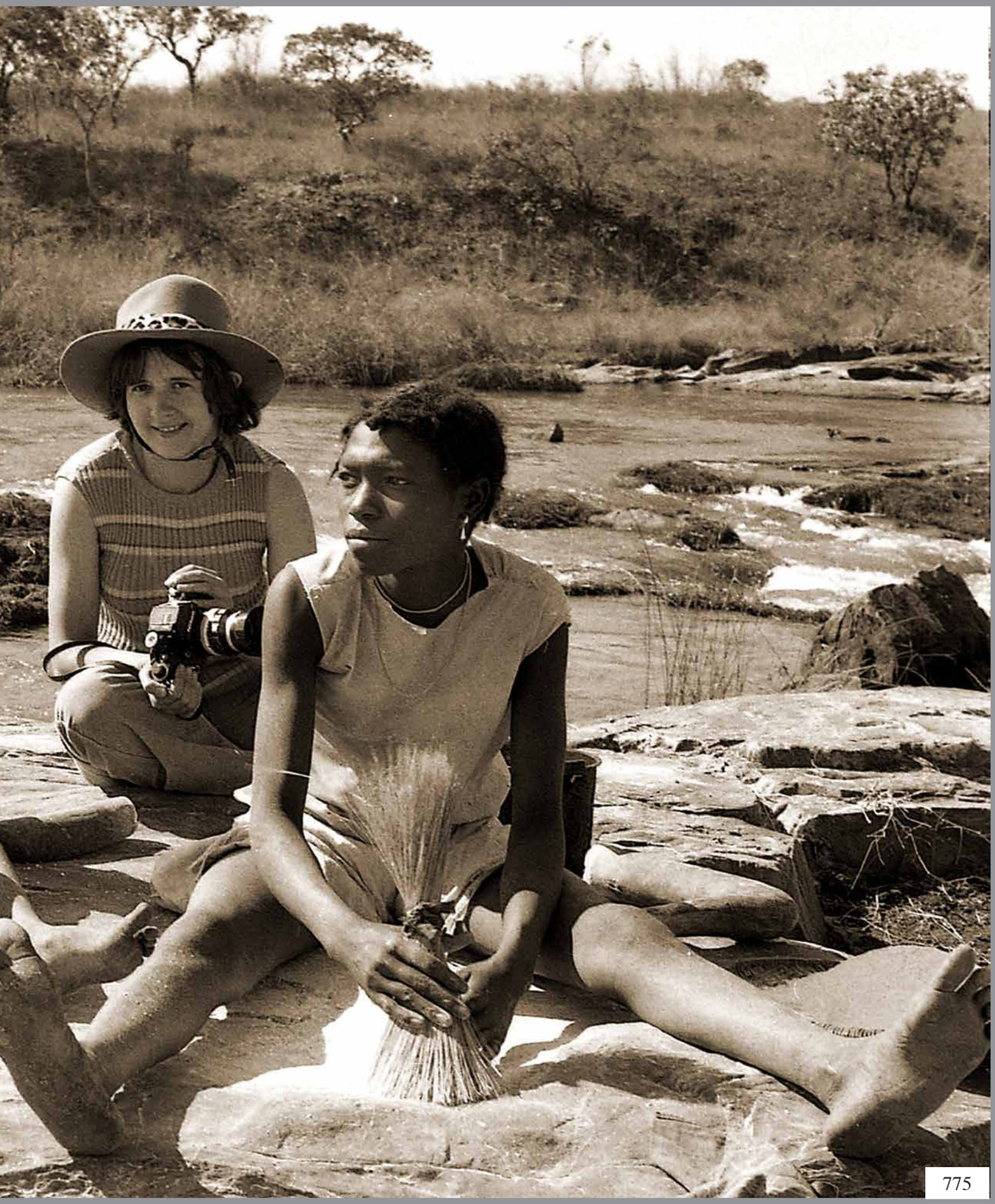


772

773



774/775 – Duas raparigas preparam a farinha de mandioca, a Christine aproveita para bater umas «chapas».



775

776

777

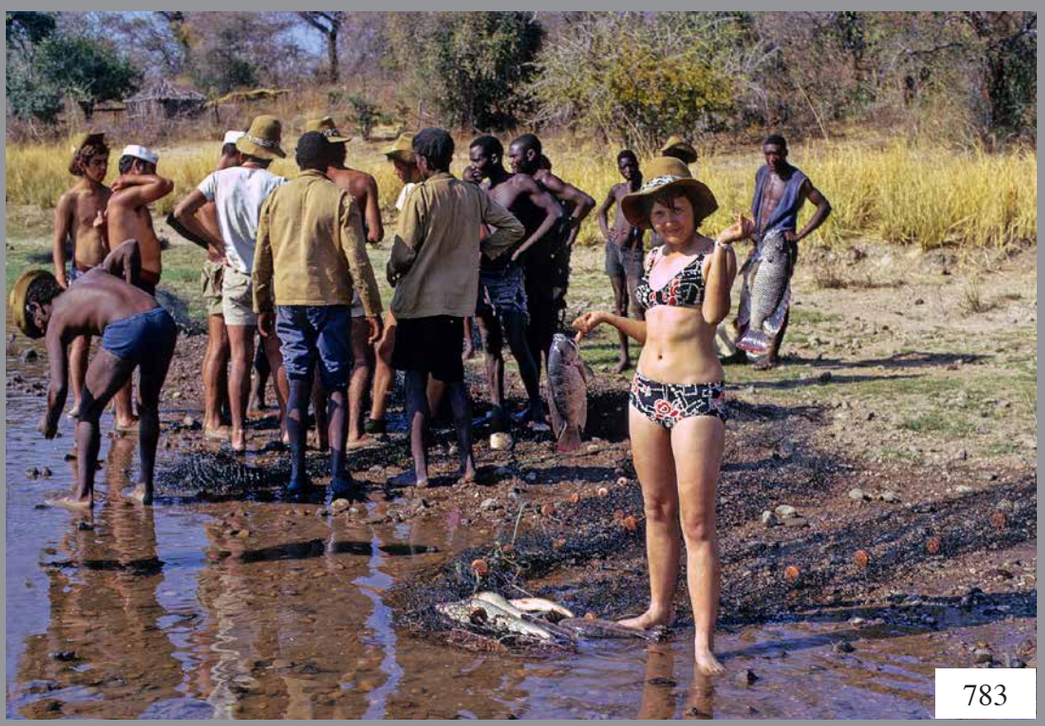
778

776/780 – Nesta região o pescado é muito abundante e variado, os pescadores apanham-no de várias maneiras, rede ou cestos.

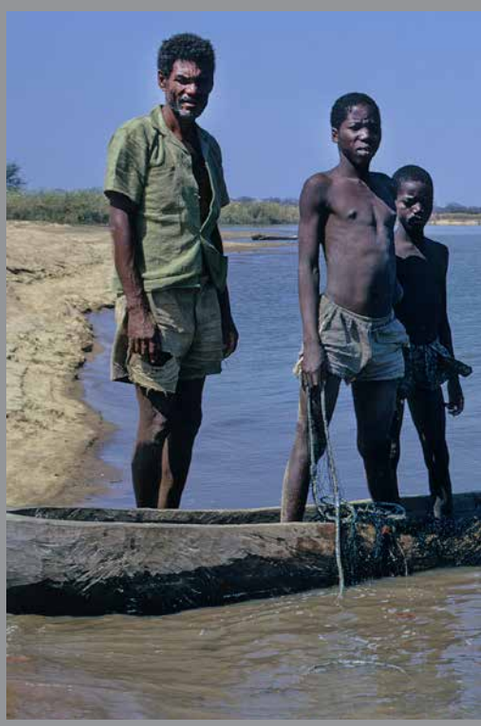
779

120

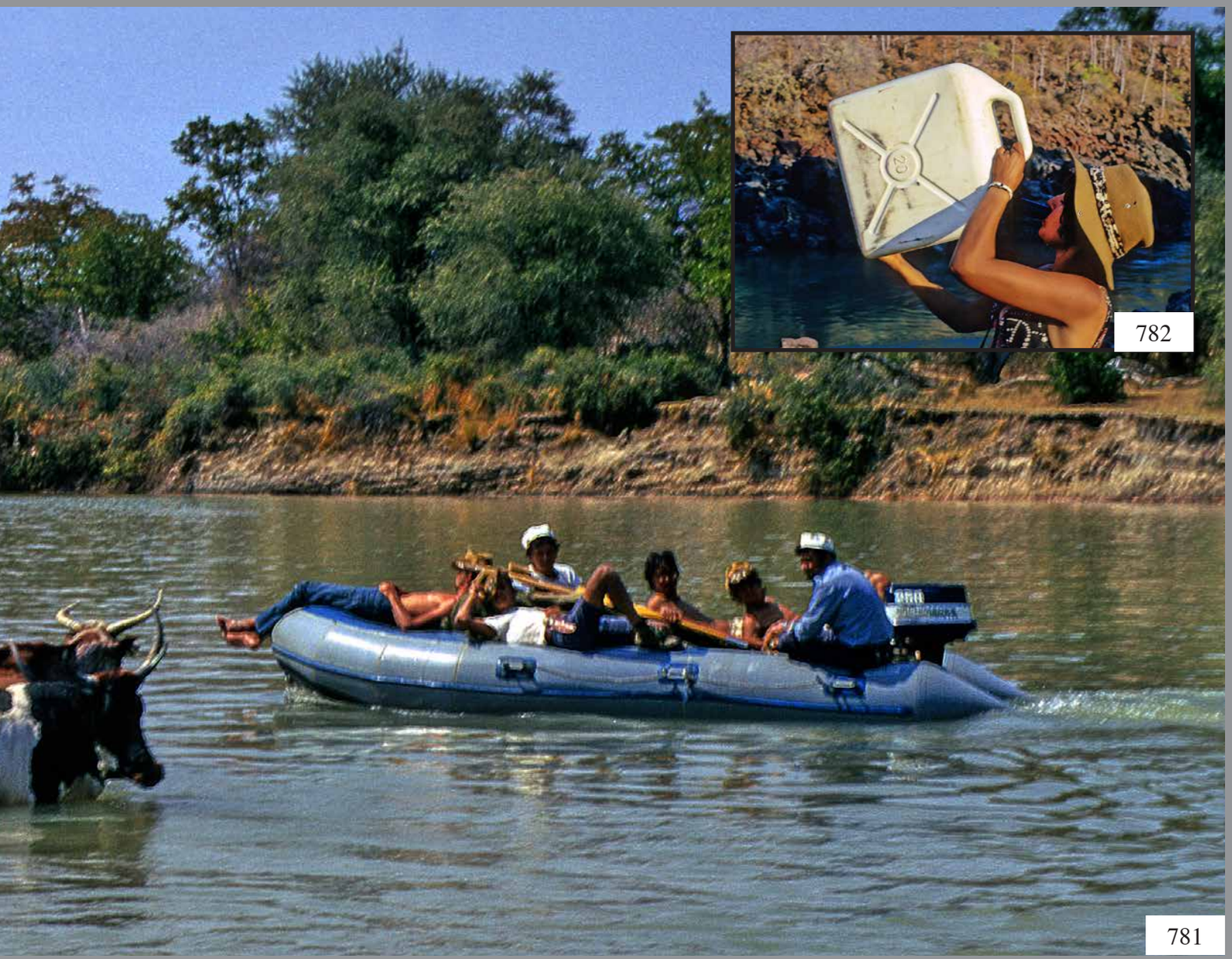
780



783



781/782 – A Christine e os bois matam a sede de maneira diferente...



782

781

784

785

783/785 – E em companhia de pescadores.

786/789 – Quantidade de peixe diferente, utilizado fresco, salgado ou seco.

788

789

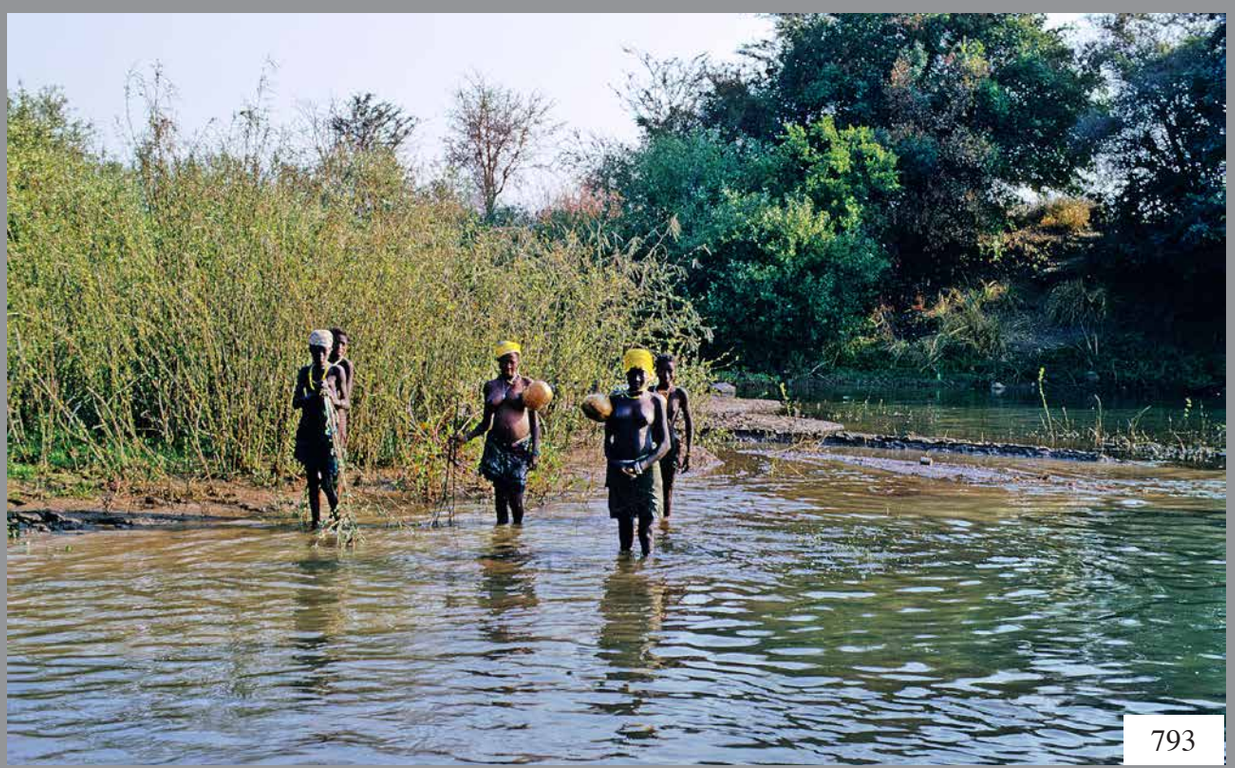
790 – Gado nativo muito abundante na região. Havia proprietários

790

indígenas que possuiam rebanhos de muitas centenas de cabeças.

791

792



793

794

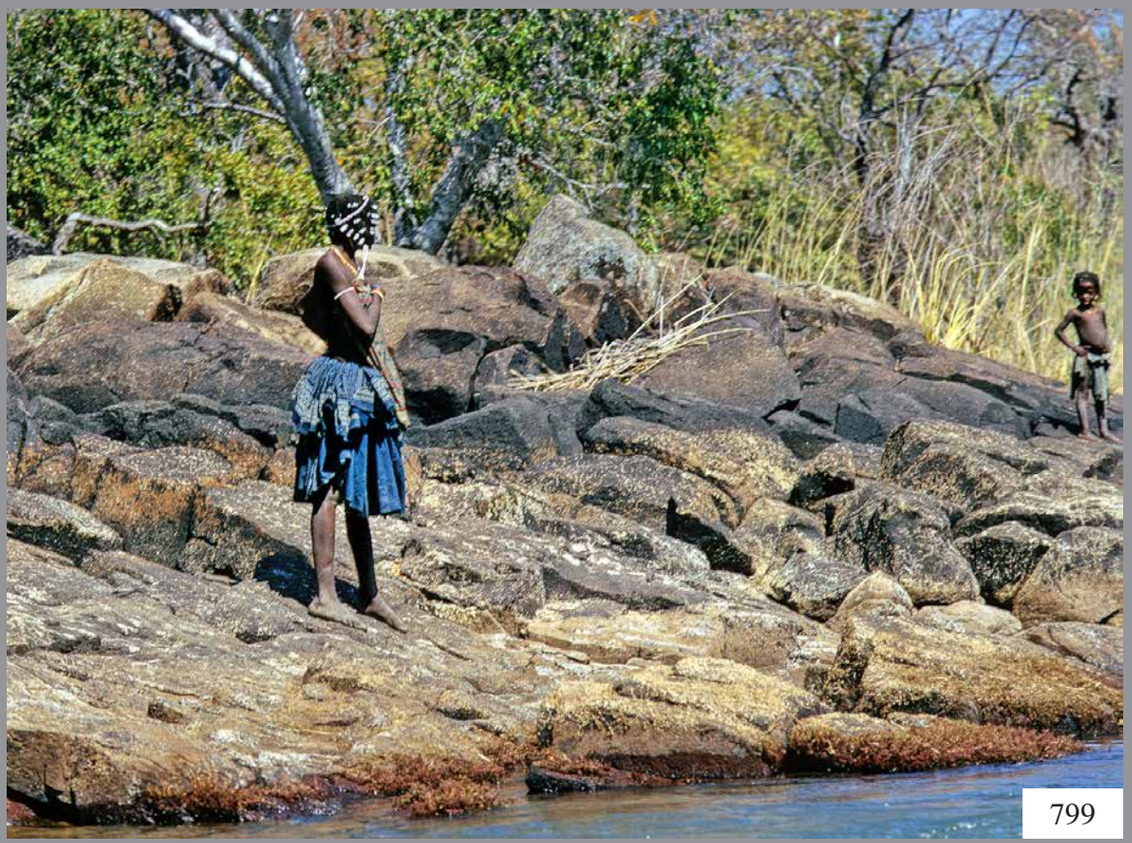
795

797

796

791/800 – Vários trabalhos, à beira do rio, das etnias da região.

798



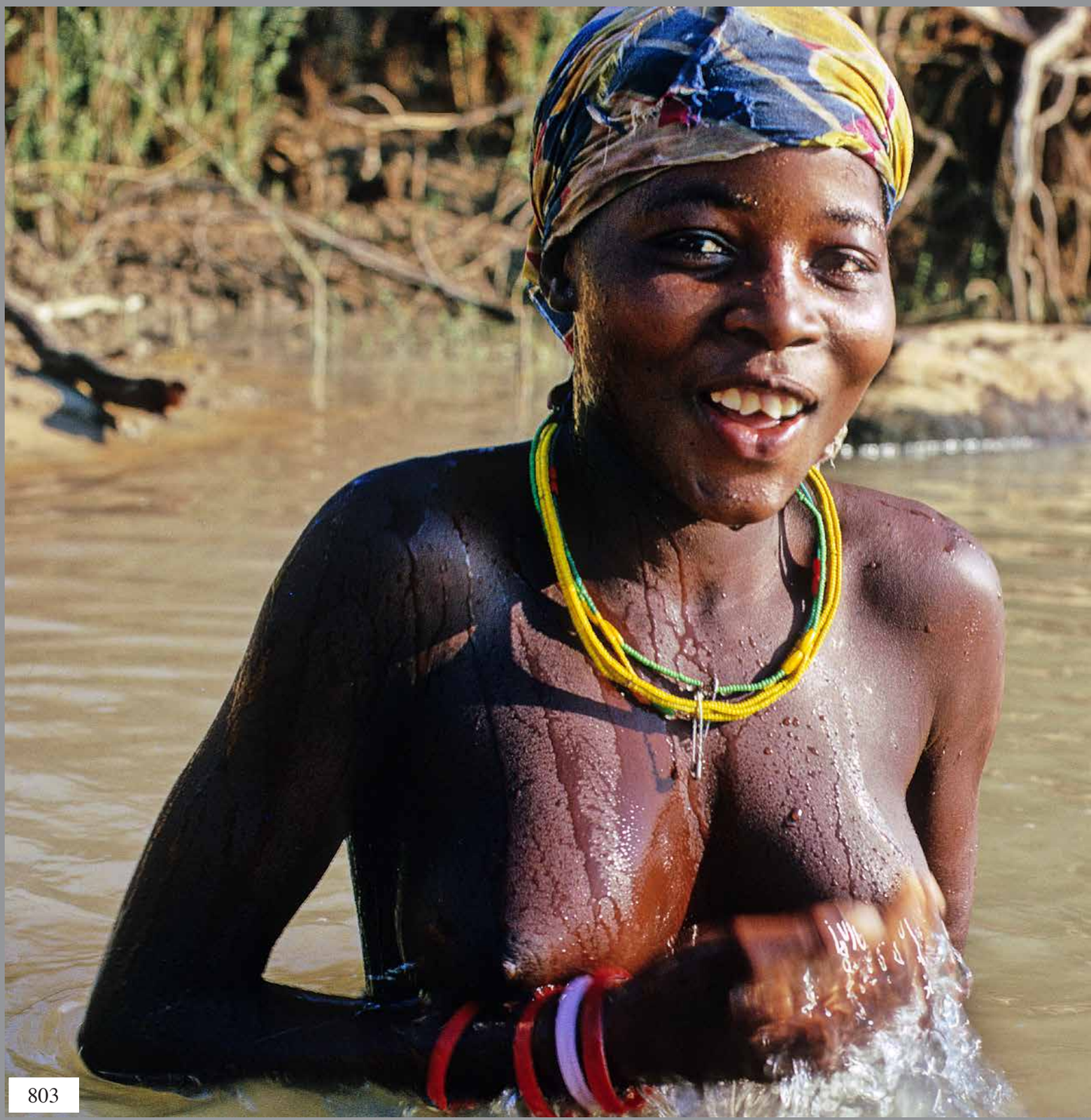
799

800

801

801/805 – A Christine fotografada com uma «Sereia» local.

802



803

804

805

806 – Um pequeno grupo de companheiros juntamente com a «Sereia».

806

807 – Estas nativas admiram a passagem dos botes.

807

808

809

808/809 – Paragem para montar o acampamento.

810

811

810/814 – A Christine acaba de acordar e vai fazer
a sua toillete nas águas do Cunene assim como o Olivier.

812

813

815 – O almoço, o apetite é bom...

816 – A Christine vê pela primeira vez um enorme morro de muchém.

816

817 – Numa situação difícil um dos moços carrega a Christine para ela não molhar os pés...

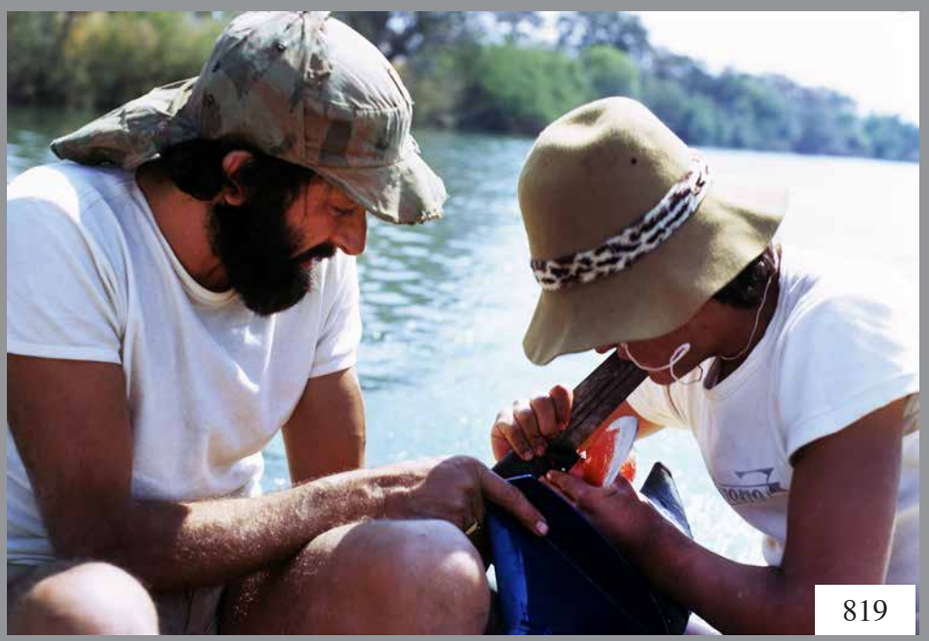
818 – O Olivier pensando nas dificuldades que vão surgir.

819 – Problemas com uma hélice.

820 – Problemas com uma perna do J.C. Uma enfermeira faz um curativo.

817

818



819

820

250
120

821 – Enfim! Encontramos um pouco de areia..

821

823

822

824

825

826

822/836 – Tivemos novamente que descarregar os botes para fazer, de toda urgência, as devidas reparações. Depois de verificar o mau estado das embarcações foi resolvido carregá-las em camiões até à povoação mais próxima afim de fazer as reparações necessárias.

827

828

829

830

831

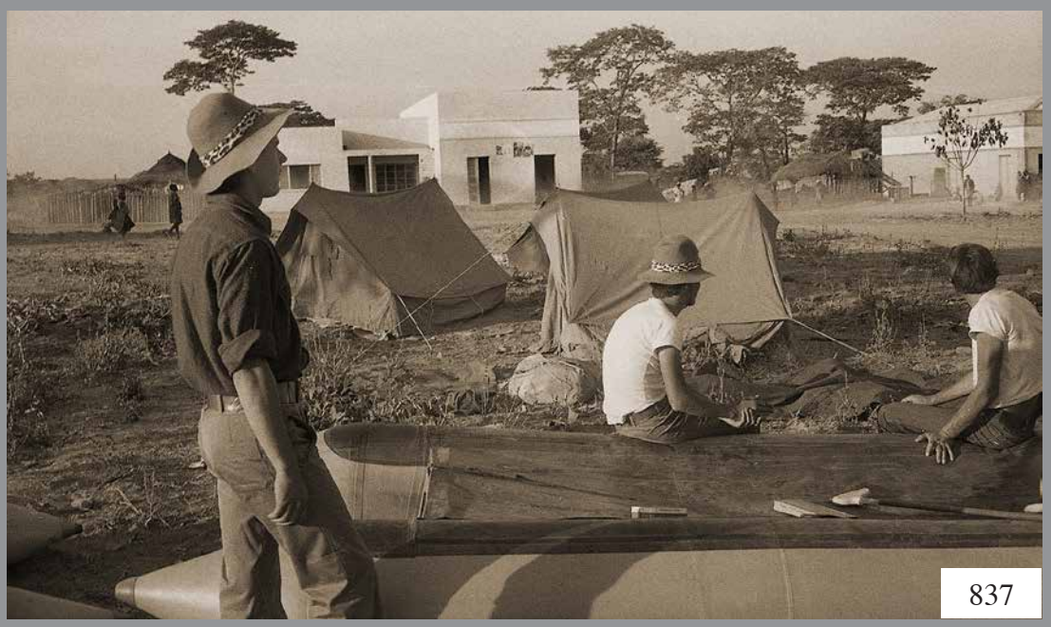
832

833

834

835

836


837

838

837/841 – Pela mesma ocasião o acampamento foi montado e preparado o jantar.

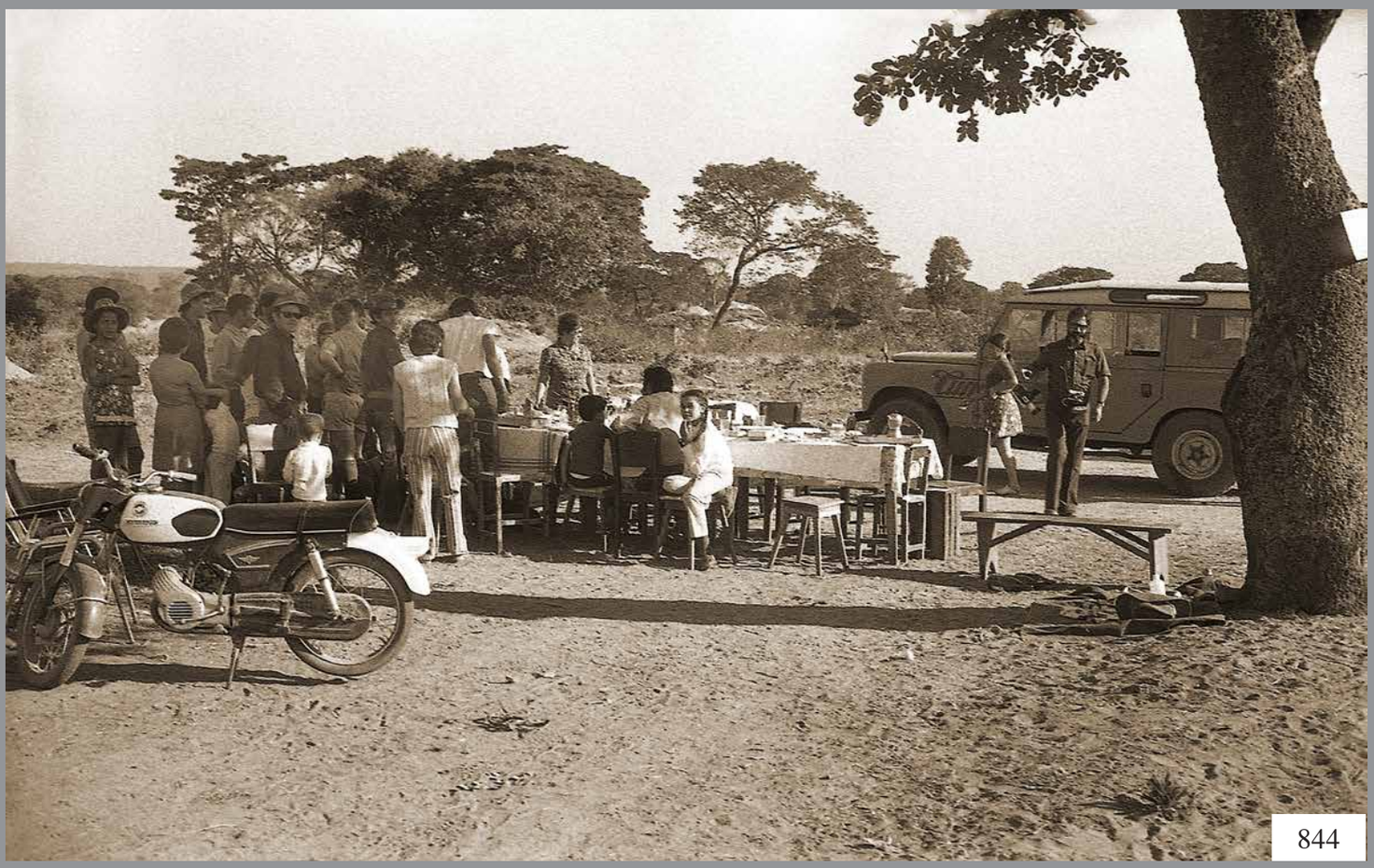
839

840

841

842

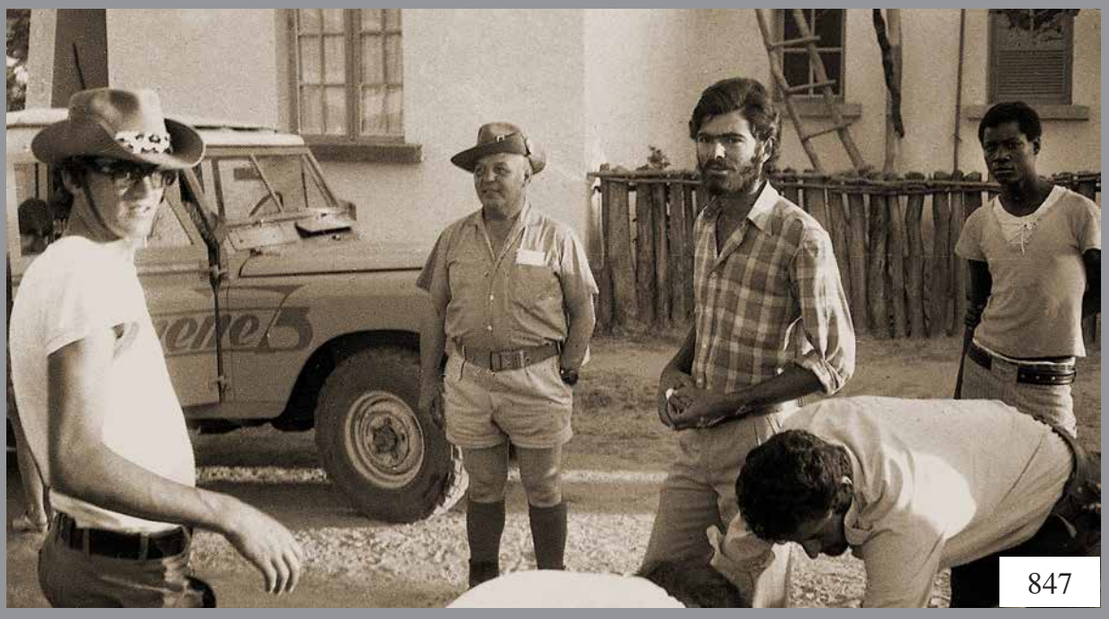
843



844

845

846



847

848

849

850

842/851 – Nesta povoação o grupo reuniu-se com dirigentes da M.P.
E familiares para um almoço de confraternização.

851

852

853

852/853 – Os rádios comunicam as ultimas novidades.

854

855

854/860 - Numa povoação nas margens do Cunene, foi-nos oferecido pelo simpático casal Manuel e Marinela Luciano das Neves um grande churrasco de borrêgo, preparado por toda a malta.

856

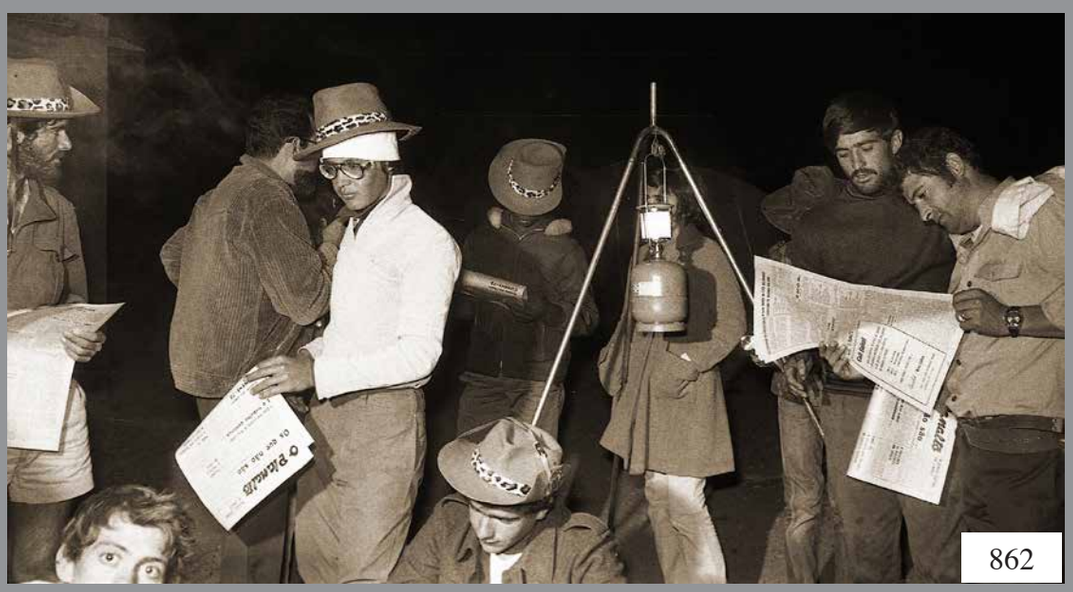
857

858

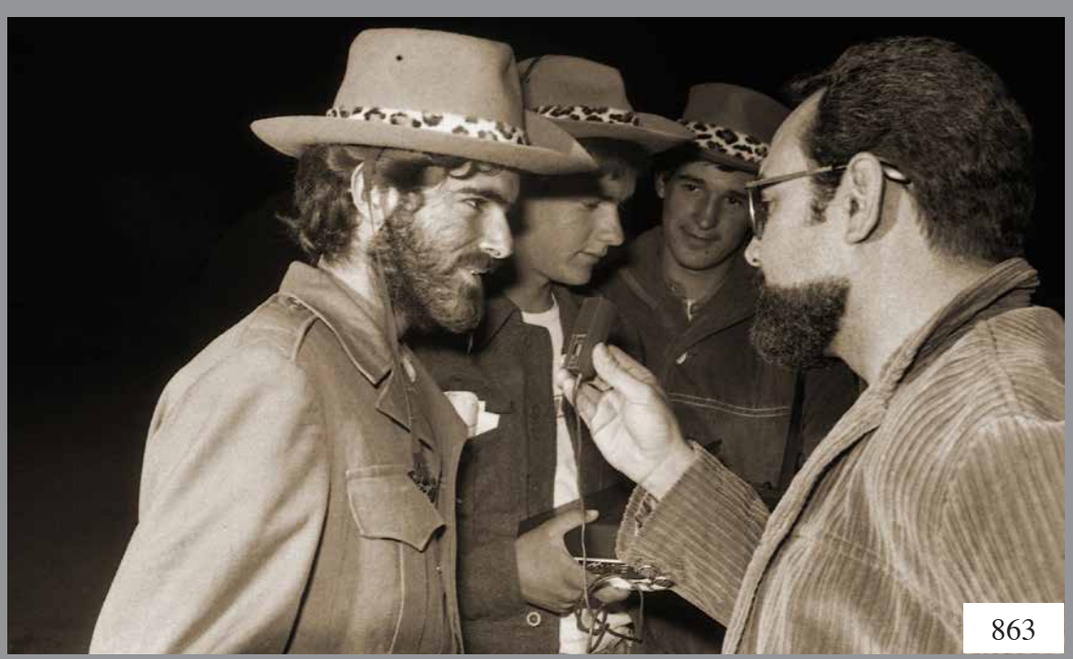
859

860

861



862

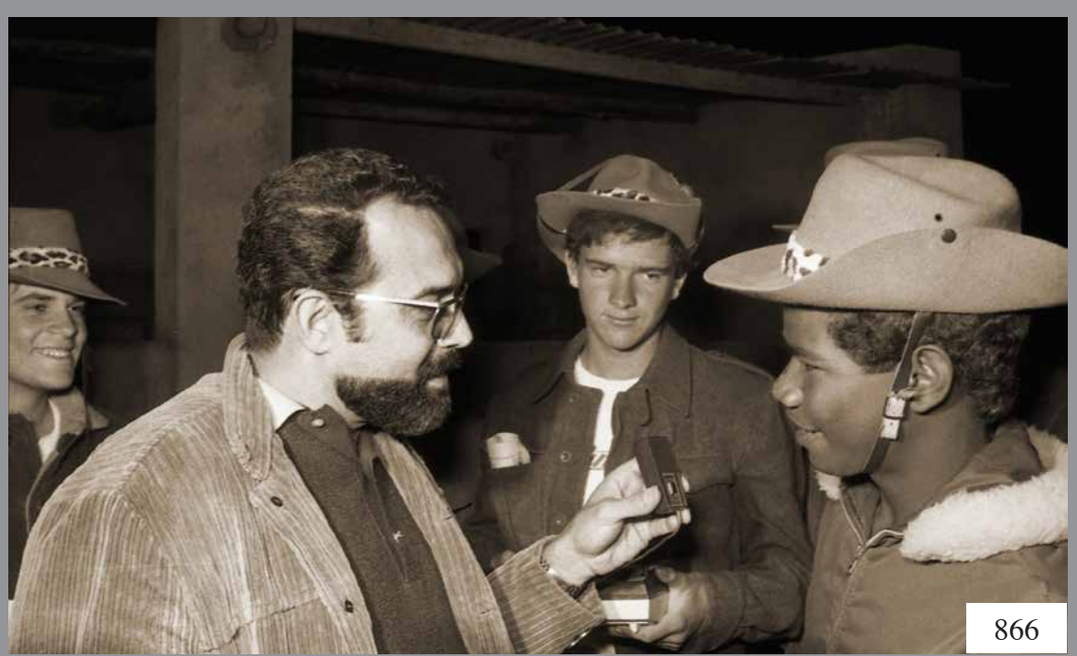


863

861/867 - Um jornalista do O Planalto estava presente e recolhia as impressões dos moços da expedição.

864

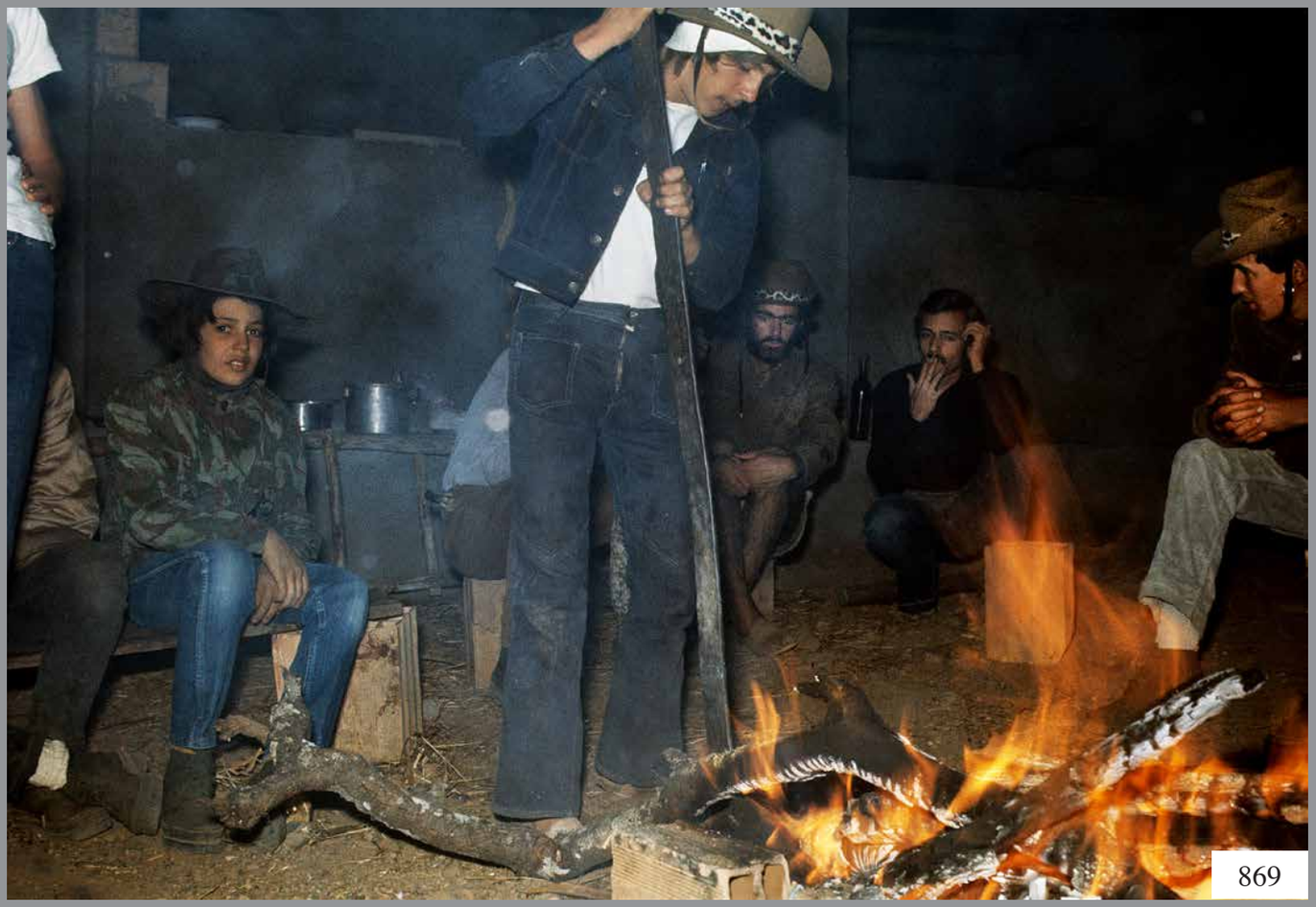
865



866

867

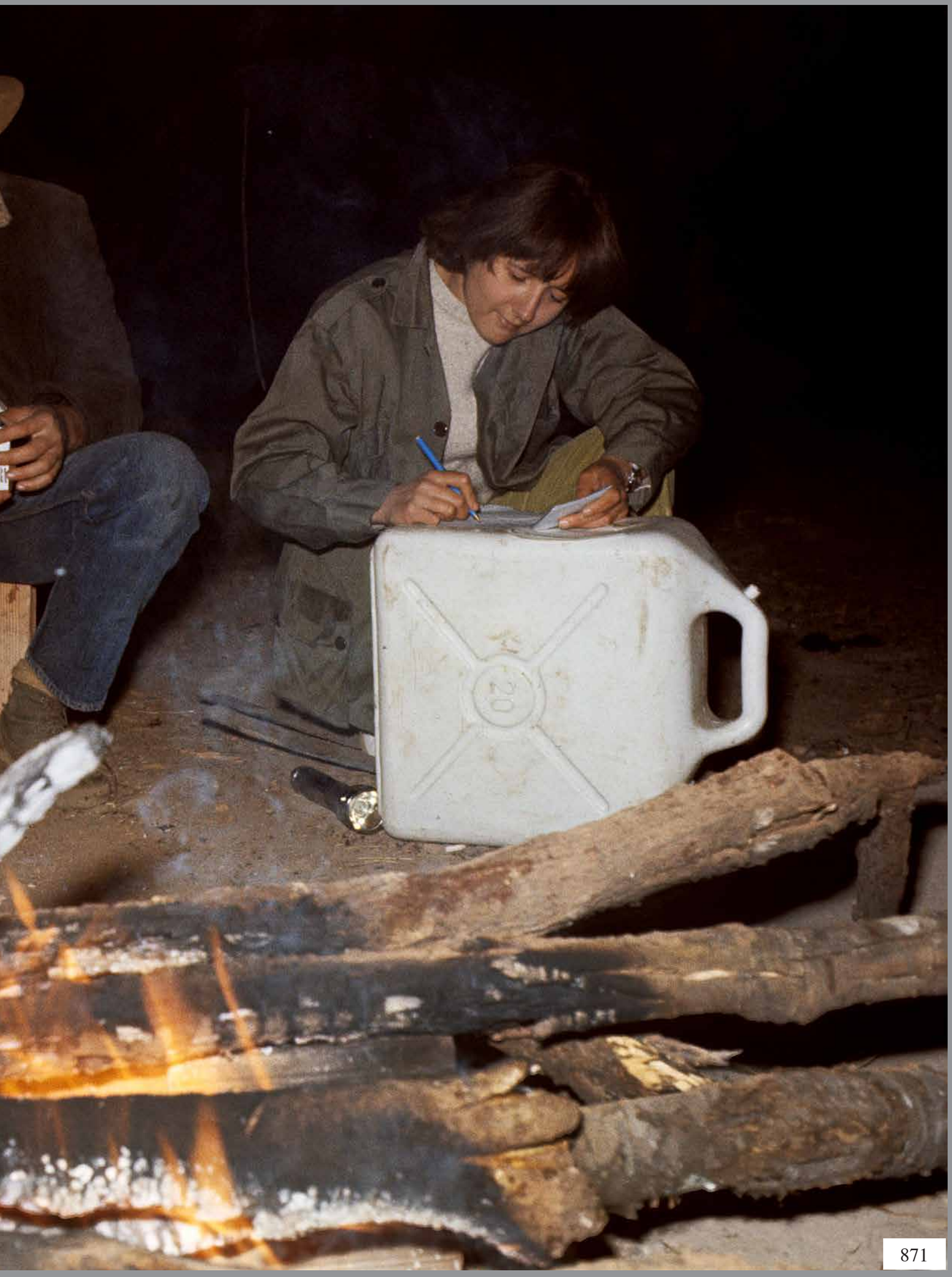
868


869

870

868/871 – O frio, como sempre, faz-se sentir, do churrasco pouco sobejou, a rapaziada e seus familiares, aproveitam o serão à volta da fogueira.

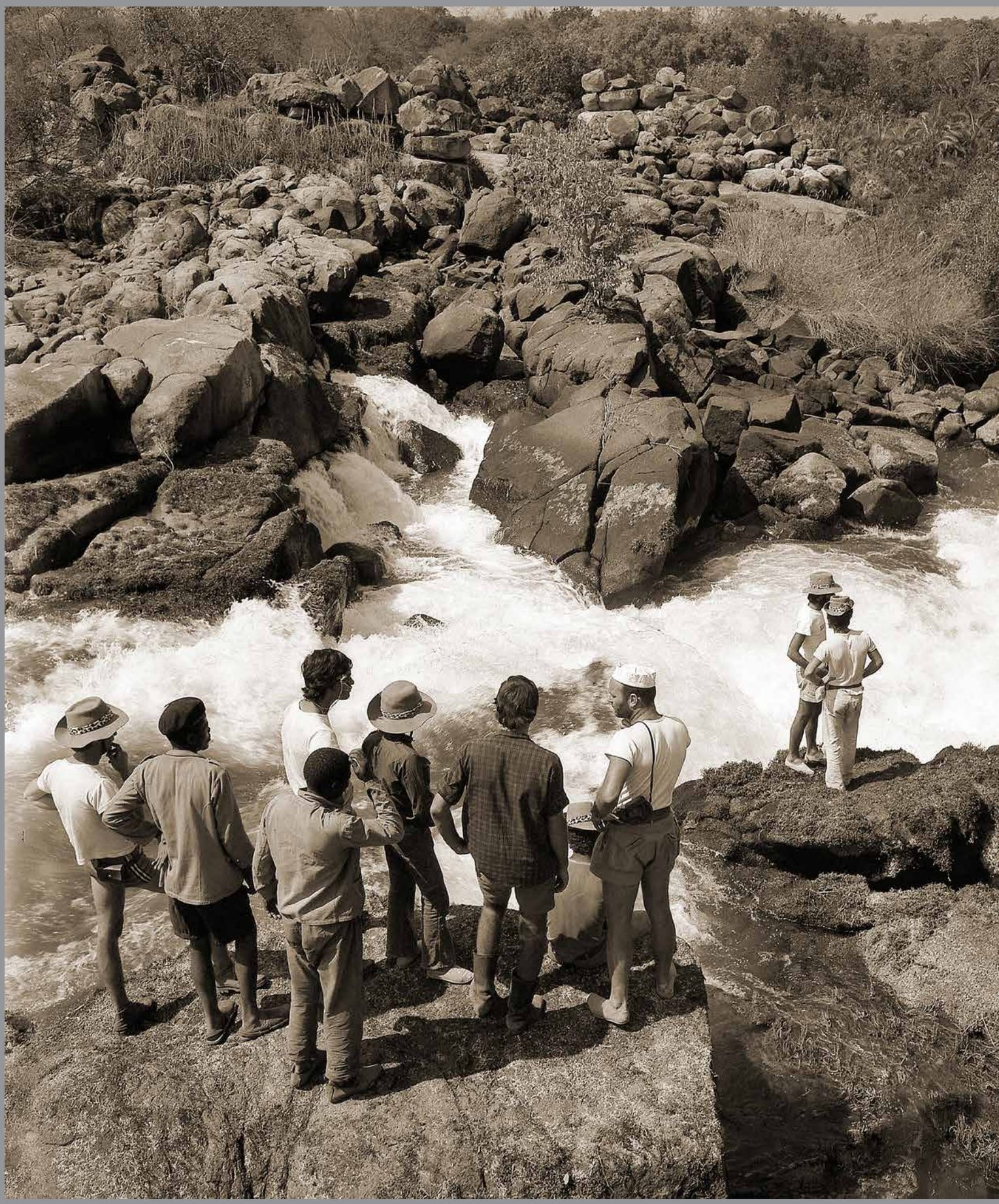
Christine escreve para a familia em França.



871

O Planalto
Da Biatra a Moçambique passando por Londres
O Planalto
Da Biatra a Moçambique passando por Londres
O Planalto
Da Biatra a Moçambique passando por Londres

872 – Dias depois recebemos os jornais descrevendo a viagem.



873/888 – Um verdadeiro pesadelo...Toca a descarregar, transportar, carregar por cima de pedregulhos que muitas das vezes nos aleijavam, e assim era quase todos os dias debaixo de um calor sufocante.

873

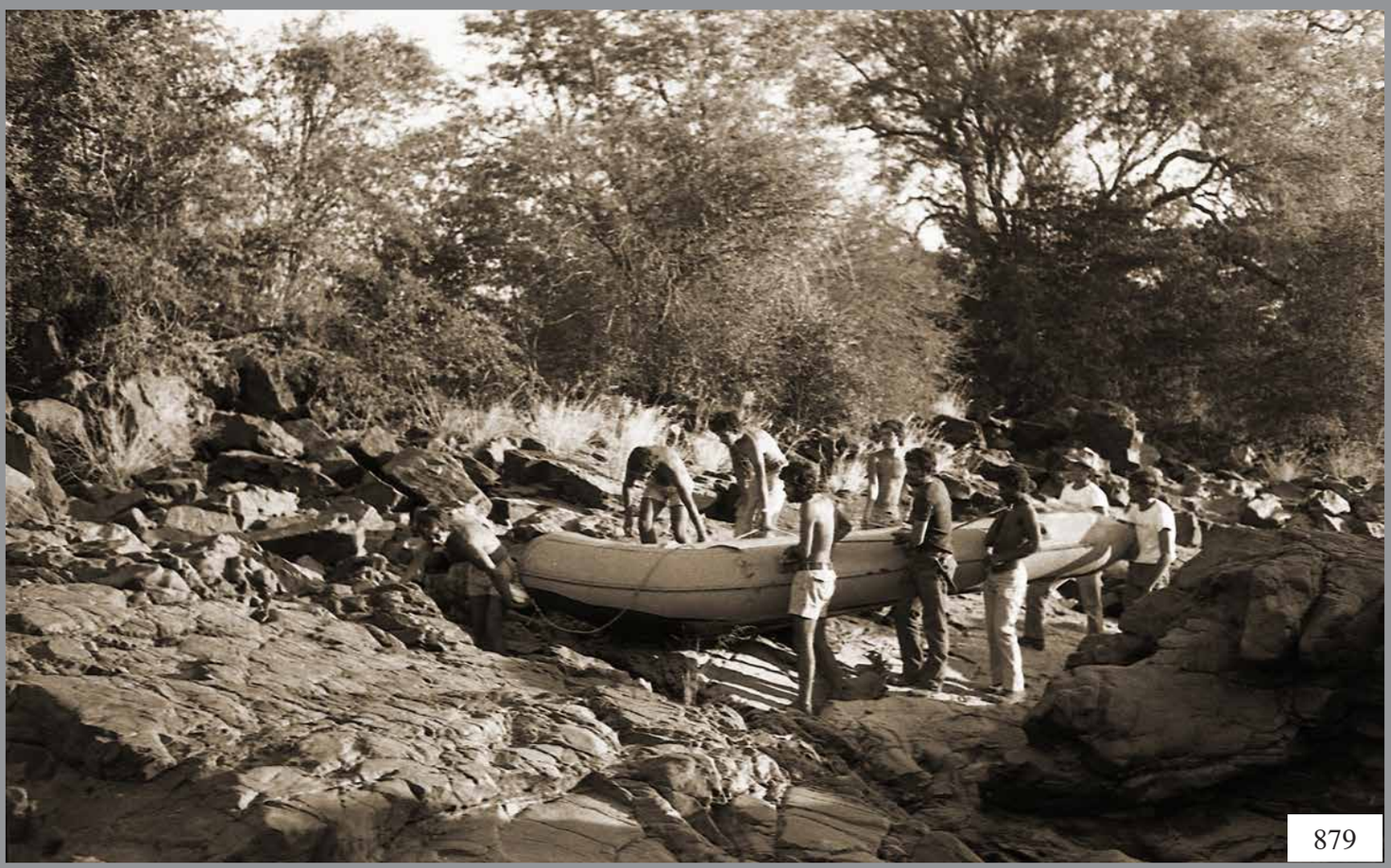
874

875

876

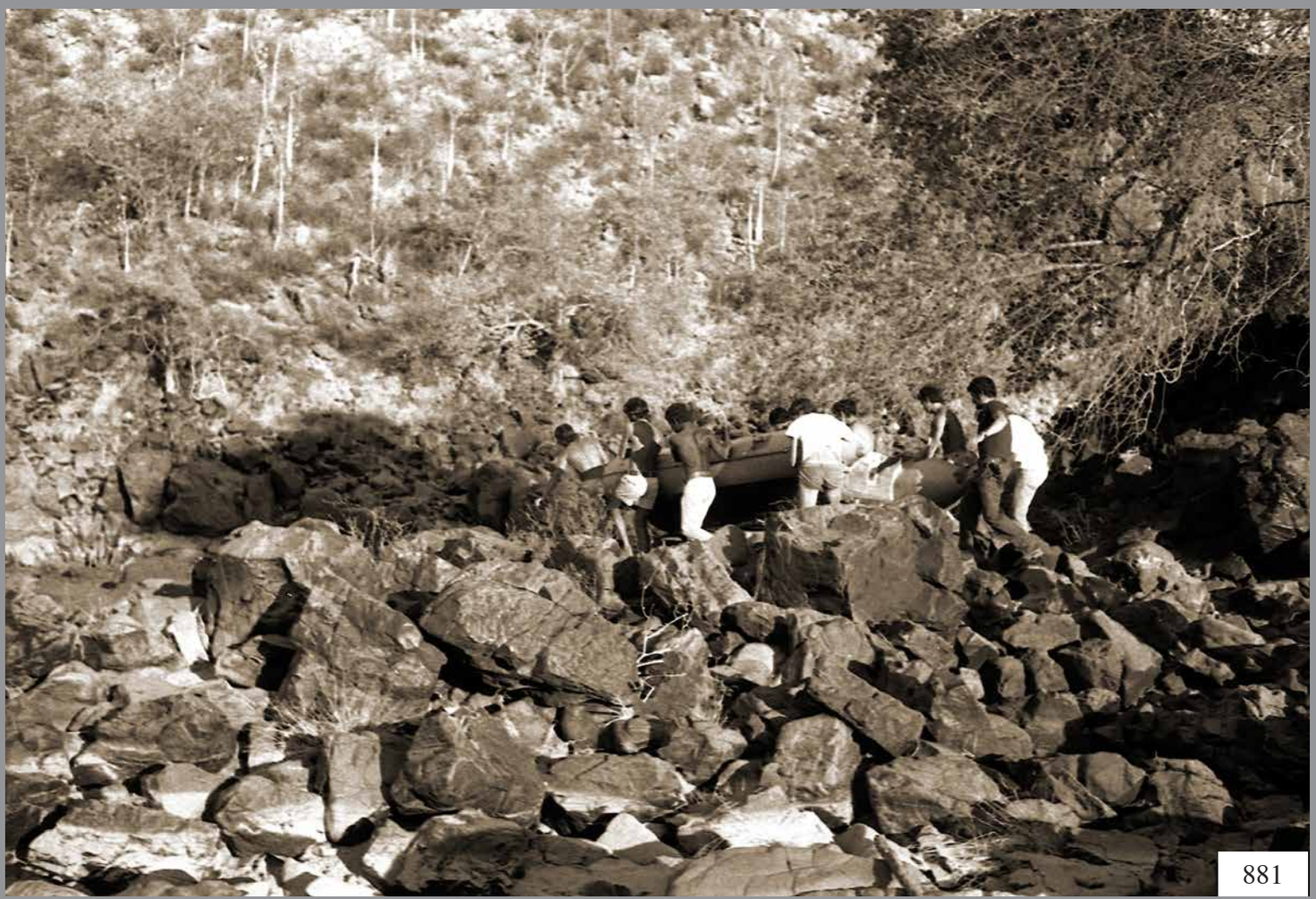
877

878

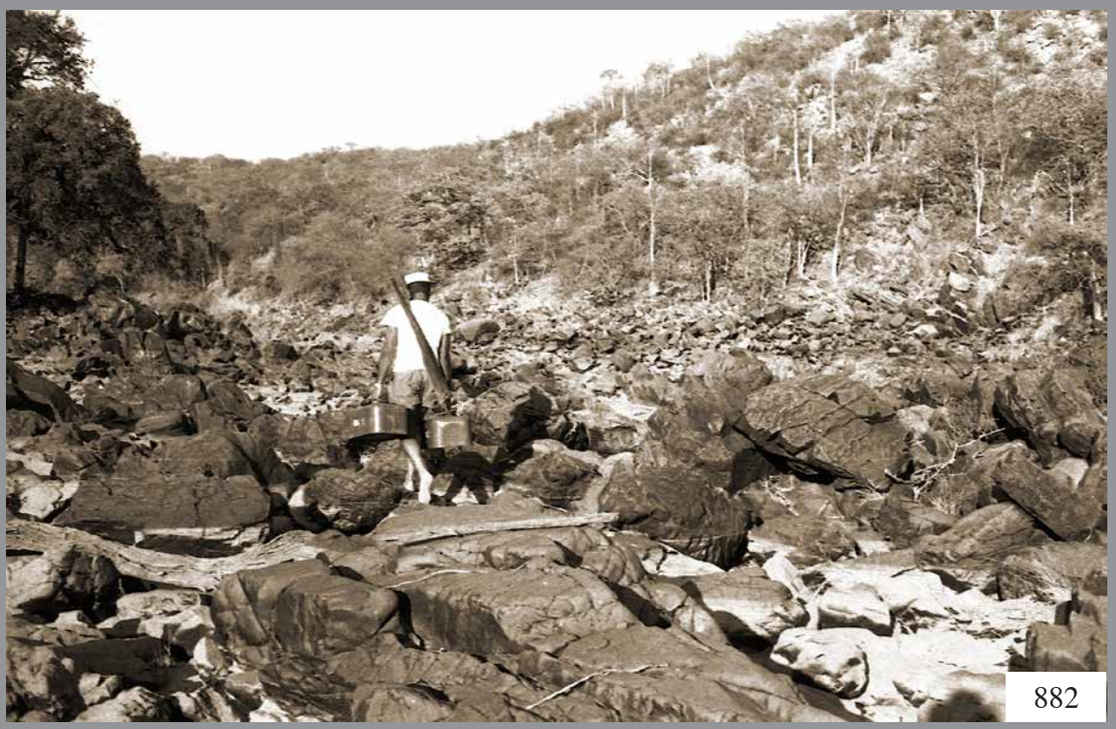


879

880

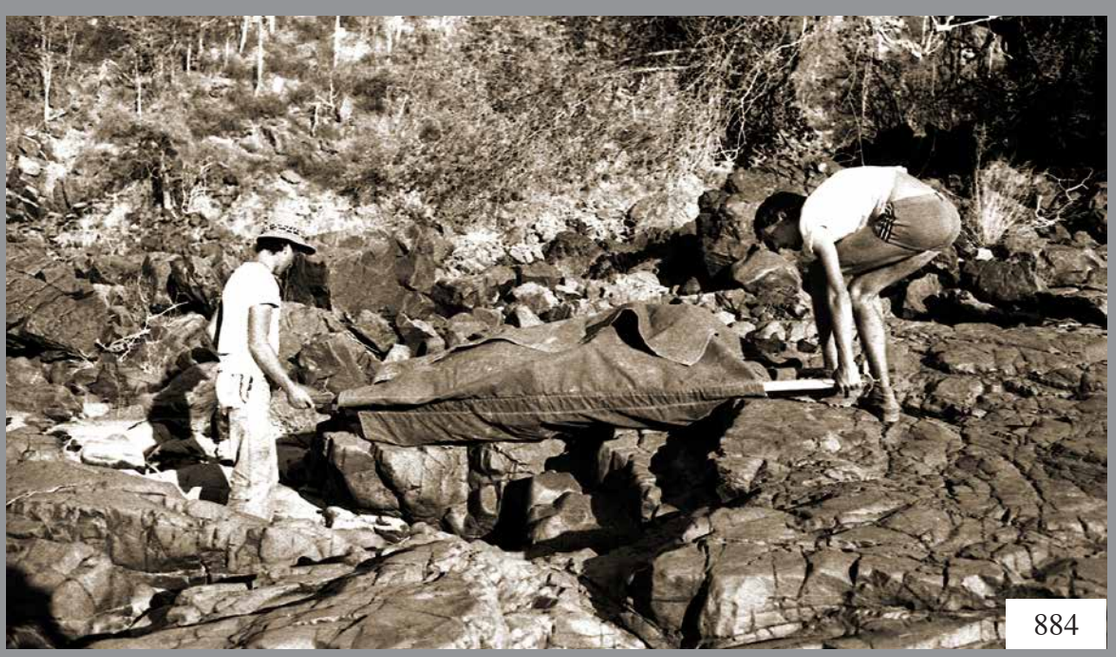


881



882

883



884

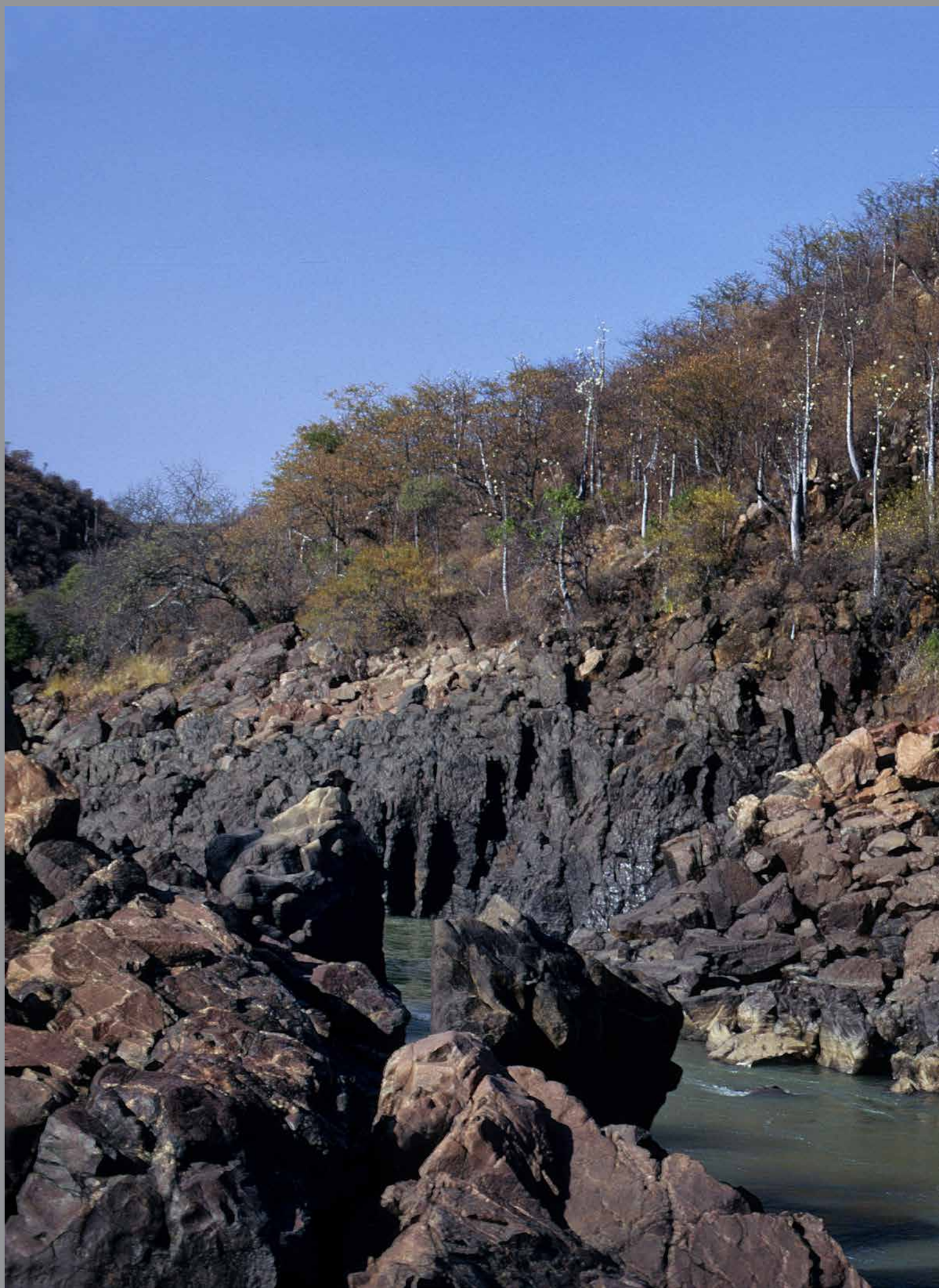
885

886

887

888

889 – J. C. aproveita para fazer algumas fotos a cores, não muitas pois a película era já muito escassa.



890/891 – Nesta imagem pode se ver o aspecto terrível da paisagem e

890

o nível onde chega o caudal do Cunene na época das chuvas.

891

892

893

894

892/903 – Outras vistas da natureza selvagem do Cunene.

895

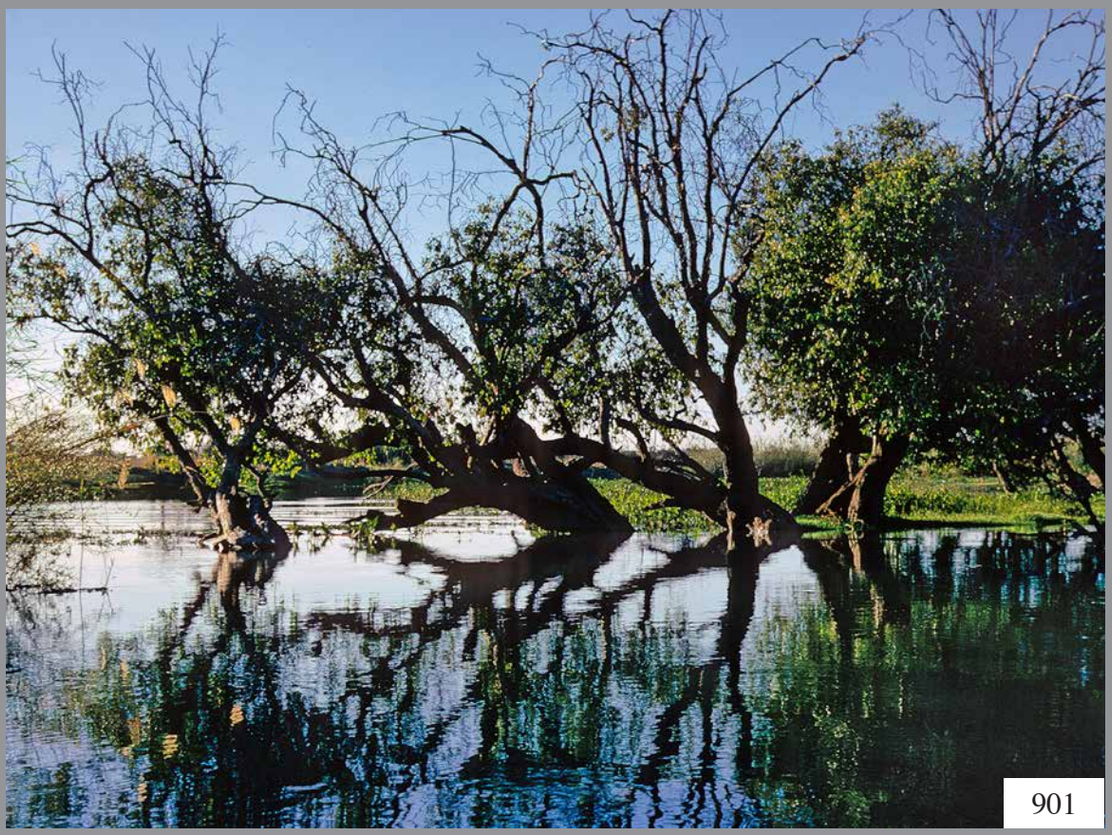
896

897

898

899

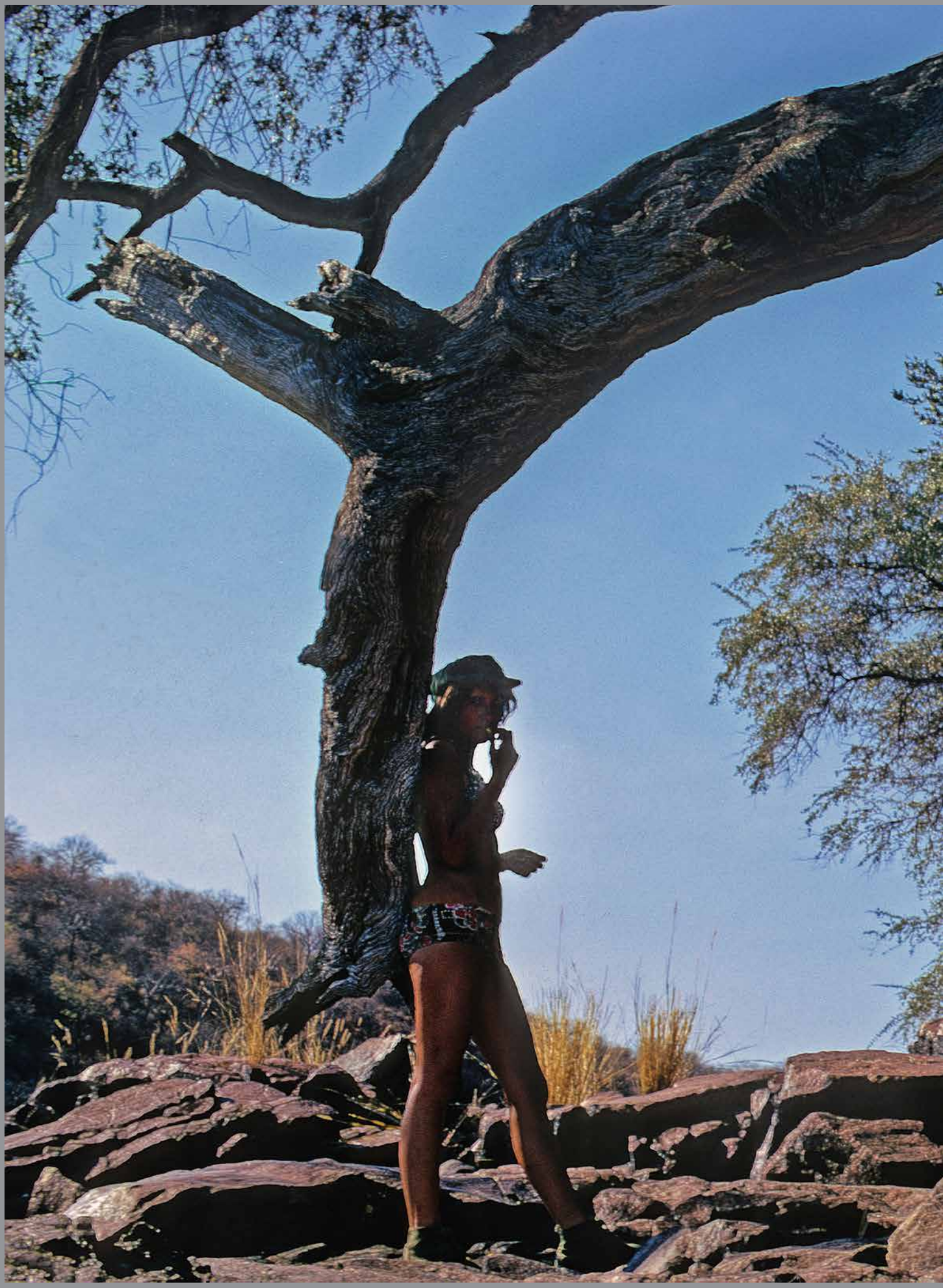
900

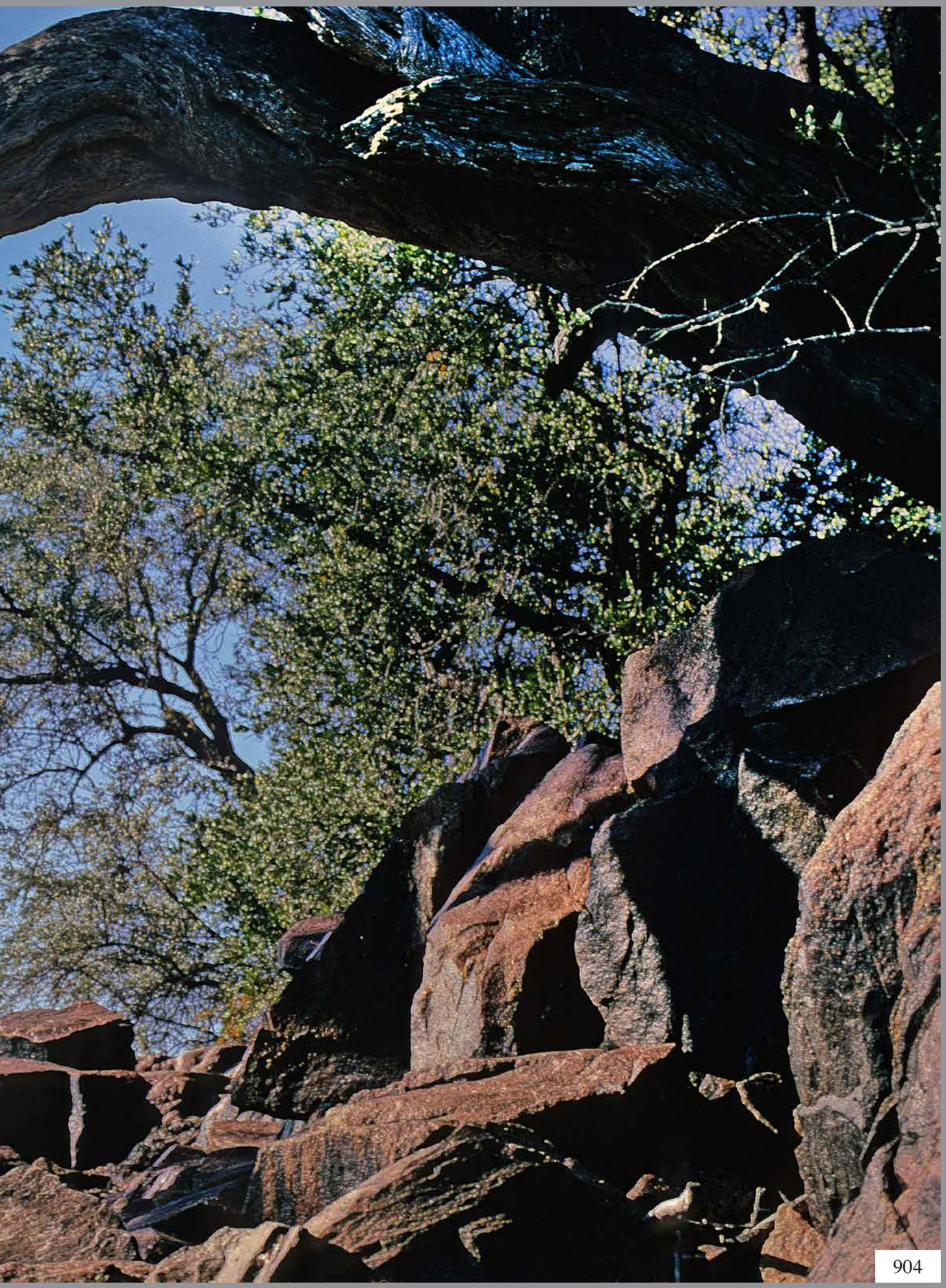


901

902

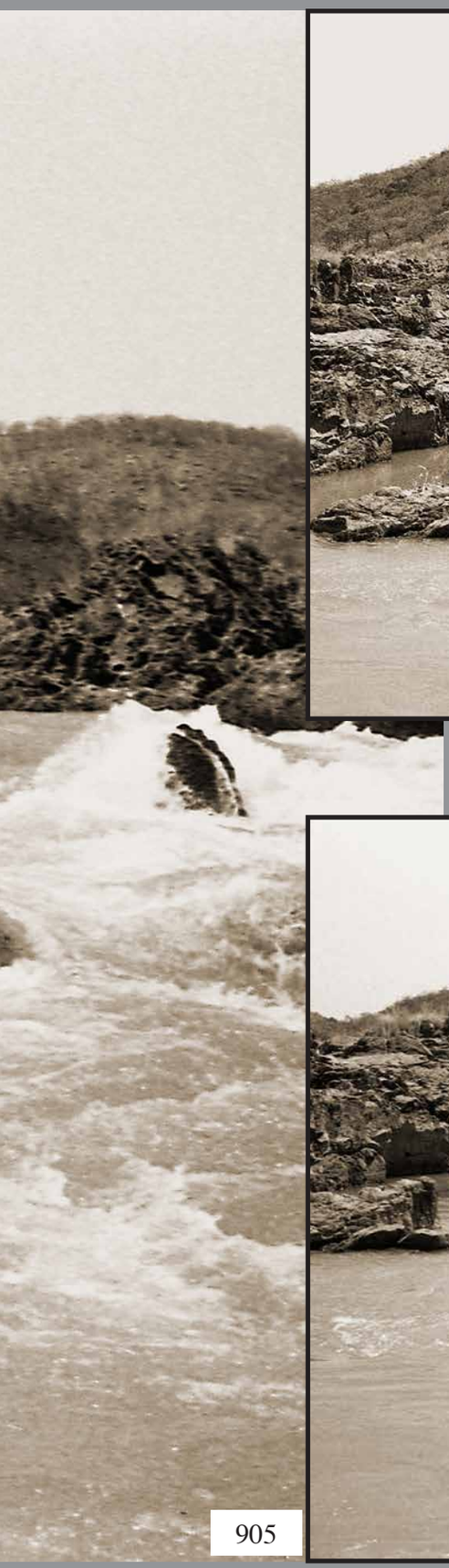
903





904 – Bonita foto da Christine junto a esta árvore
que tem um aspeto muito bizarro

905/914 – Ainda mais rápidos e mais problemas. Foi numa destas cachoeiras que o bote amarelo se voltou e o material fotográfico foi parar no fundo do rio.

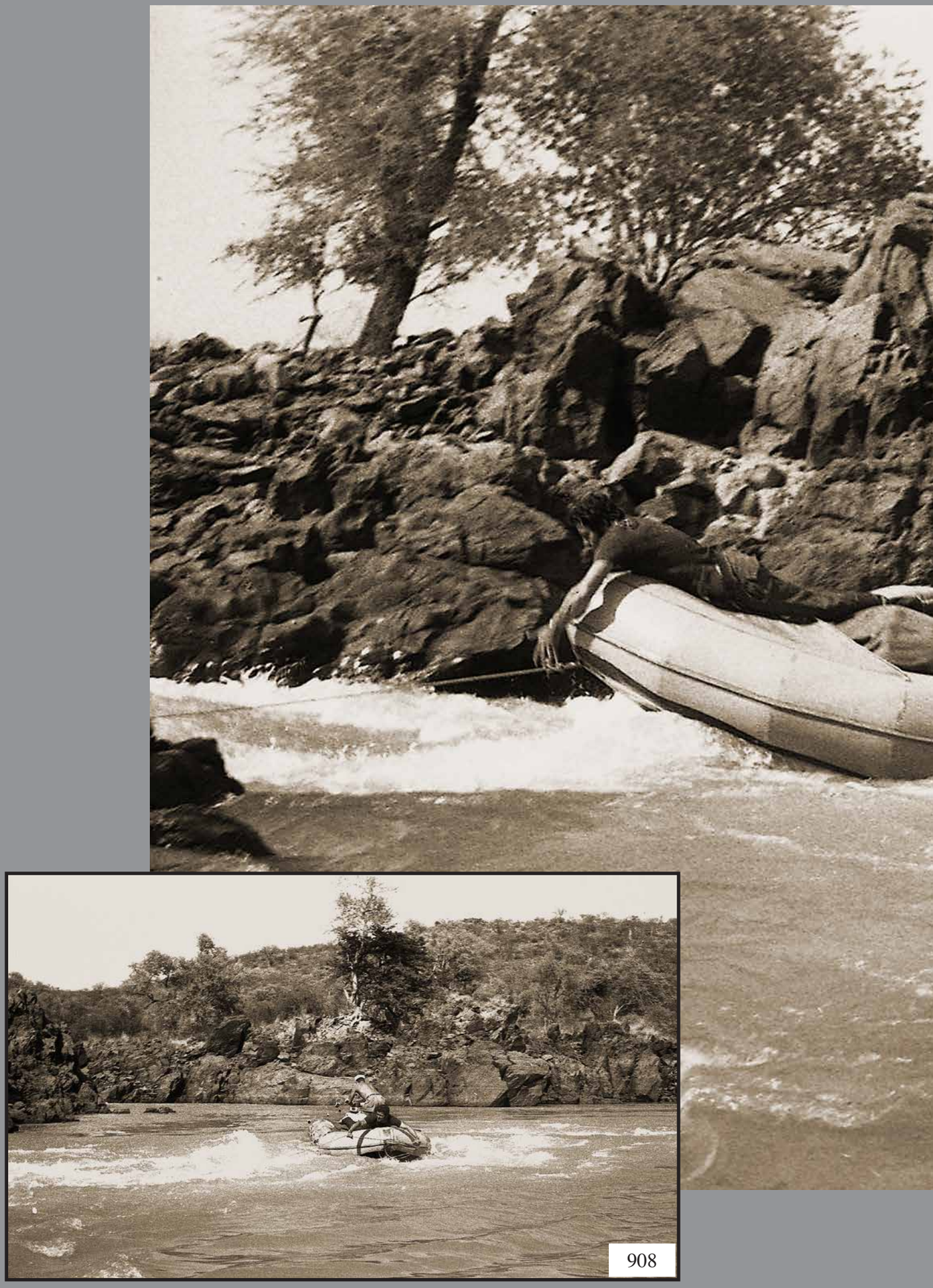


905

906

907

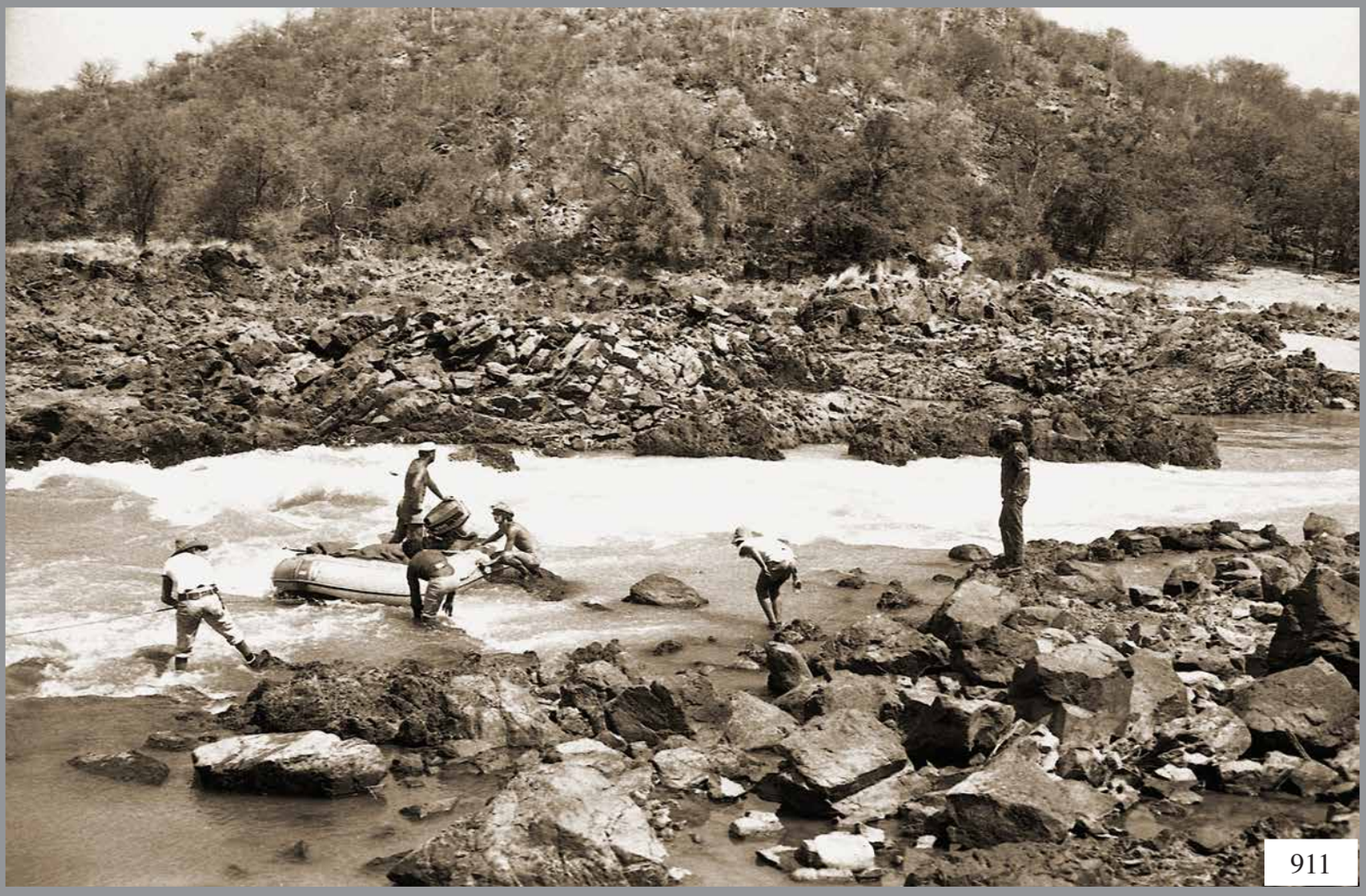
Felizmente a altura da água não era muito grande e foi possivel recuperar. As dificuldades aumentavam todos os dias e o rio até à foz, o nosso destino, era muito perigoso. De comum acordo foi decretado terminar a expedição naquele local.



908

909

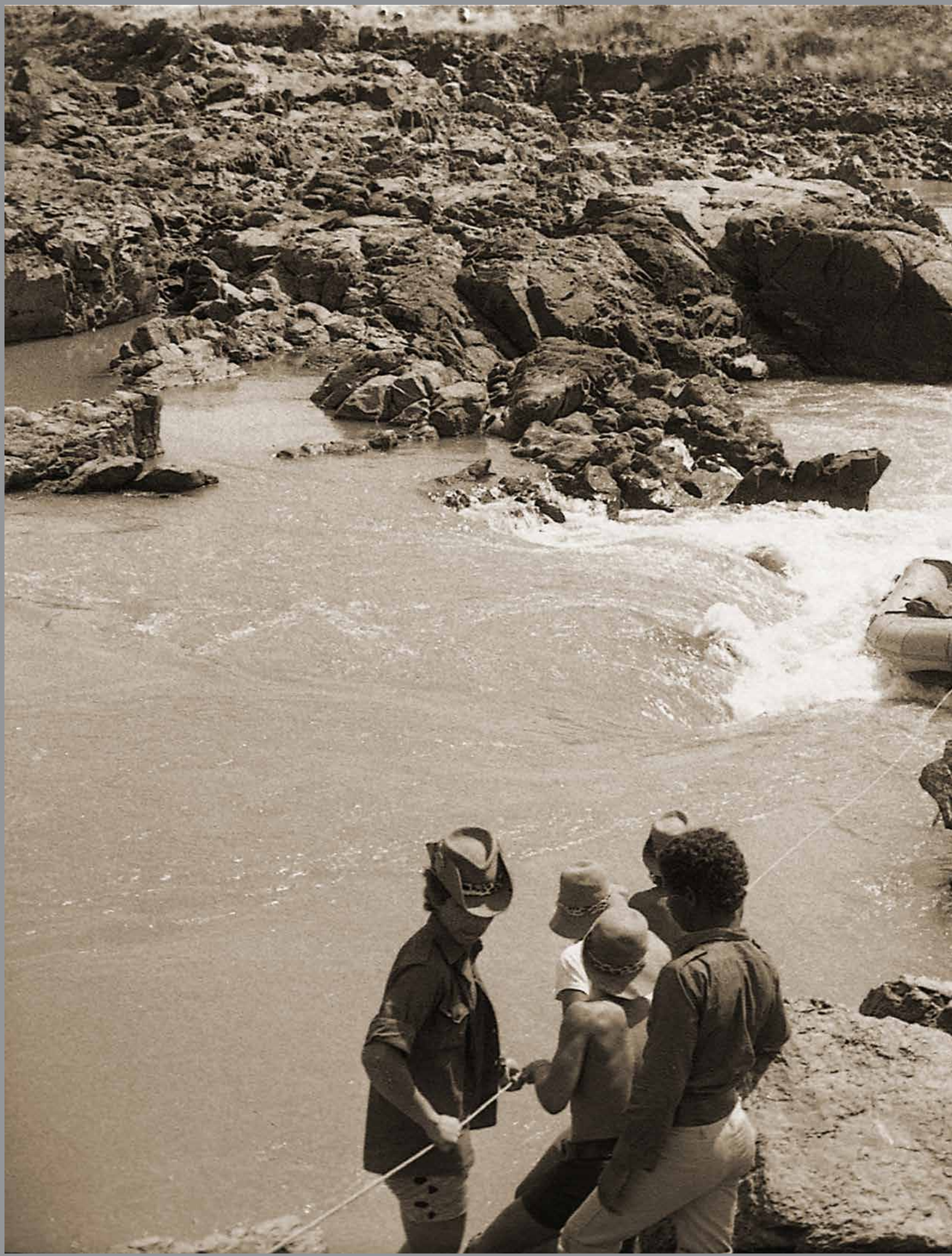
910



911

912

913



914

915 – Recuperação do material
e foto de alguns rapazes e seus familiares.

915

916

917

916/919 – Almoço de despedida numa povoação nas proximidades.

920

O autocarro que levou o material e a rapaziada de volta a Nova Lisboa.

921

922

921/922 – Dentro do autocarro o moral e a disposição dos moços eram boas, por terem participado a esta grande aventura, sem nenhum prejuizo, apesar da expedição não ter atingido o alvo que estava previsto.

923/930 – Semanas depois J.C. e Christine fizeram outra viagem, por terra, para fotografar alguns aspetos do Cunene na época das chuvas. As paisagens eram completamente diferentes e muito mais acolhedoras apesar das águas terem saido do leito do rio.

E assim terminou mais esta aventura e para J.C. e todos estes moços que o acompanharam, sem nenhum precalço, a não ser sobre o material fotográfico e os botes. Esperando que a maior parte deles vejam estas fotografias e recordem, com saudade, o que foi a descida do Cunene.

... E SOBRE O CUNENE

Pouca coisa tenho a dizer sobre o Rio Cunene pois não fui eu a preparar a viagem. Os dirigentes da Mocidade Portuguesa de Nova Lisboa estavam ao corrente da minha descida do Cubango e pensaram fazer o mesmo mas no Rio Cunene.
Compraram os meus botes Pirelli e organizaram a descida. Ignoro se estudaram o percurso, mas o que sei é que este rio é muito difícil de navegar em tempo seco. No tempo da chuva a maior parte dos rochedos estão cobertos pela água e é muito mais fácil de transitar. Eu fiz um voo de avioneta, a baixa altura, desde as quedas do Montenegro até à foz seguindo o traçado do rio, e consegui fazer algumas fotos, sabendo de antemão as dificuldades que iria encontar. A Christine e o Olivier tinham chegado uns dias antes da França e fizeram parte da expedição. O que estava previsto era descer o Cunene até à foz e depois subir a costa Sul de Angola até Porto Alexandre pelo mar. Infelizmente devido ao caudal muito baixo do rio, que ocasionou um trabalho e perda de tempo enormes, não foi possível chegar à Foz do Cunene no tempo previsto.
Logo no primeiro dia da viagem a expedição perdeu-se num pantanal enorme, com arvoredo e ervas muito altas, onde a navegação era aleatória. Toda a rapaziada teve que dormir dentro dos barcos, sem proteção nenhuma

contra os mosquitos, e foi uma noite em claro. No dia seguinte de manhã cedo os naturais da região vieram ao nosso socorro para nos ajudarem a transportar todo o material, através dos campos, até um local onde a navegação era fácil. Quem sofreu muito com isto foi a Christine a quem os mosquitos não pouparam. Tinha as pernas cobertas de picadas que a seguir infetaram. Foi evacuada para o hospital de Nova Lisboa, onde lhe fizeram o tratamento adequado, mas infelizmente não deu resultado. Um enfermeiro aconselhou-me a ir mergulhar, durante 15 minutos, as pernas da Christine nas águas quentes da nascente do Alto Hama. Assim foi feito e, milagrosamente, no dia seguinte as feridas começaram a cicatrizar...

Incrível!!! Fomos apanhar a expedição mais à frente sem nenhum outro problema.

A viagem continuou, a muito custo, devido ao caudal do rio estar muito baixo. As minhas fotos mostram bem o martírio que foi esta navegação. Em contrapartida a maneira como a rapaziada foi recebida nas inúmeras fazendas e povoações indígenas ao longo do rio foi uma felicidade... a rapaziada confraternizou com fazendeiros, comerciantes, com criadores de gado e pescadores, brancos e pretos. O que encontramos nestas Terras do Cunene foi a PAZ. Recordo com piada e a propósito, esta pequena mas divertida estória que aconteceu na descida do rio Cunene...

Na época das chuvas, eu e a Christine, voltamos ao Cunene para fotografar alguns aspectos das enchentes do Rio.
Fomos parar a uma fazenda e o proprietário, um rapaz solteiro, convidou-nos a almoçar. A dada altura falou-nos da expedição da Mocidade Portuguesa que tinha passado ao largo das suas terras. Alguem lhe tinha afirmado que, com o grupo, vinha uma rapariga francesa, fotógrafa, que gostava de se mostrar nua para bronzear melhor e não se preocupava que a rapaziada deitasse a língua de fora... Respondi-lhe que isso era boato pois a tal menina estava ali à frente dele e podia perguntar-lhe se era verdade. O rapaz ficou tão encavacado que se engasgou e não sabia o que dizer. A Christine, que não falava uma palavra de português, fartou-se de rir quando eu lhe traduzi a conversa...

O único acidente que tivemos foi o do pequeno bote, que numa cascata se voltou e as minhas Nikon foram parar ao fundo do Rio. Um dos moços mergulhou e conseguiu «pescar» as minhas máquinas que depois de secarem ao sol pouco sofreram, o pior foram as lentes onde a água se infiltrou e que tive que enviar para a Nikon Suiça para reparação. Devido aos perigos que, cada vez aumentavam, foi decidido terminar ali a expedição.

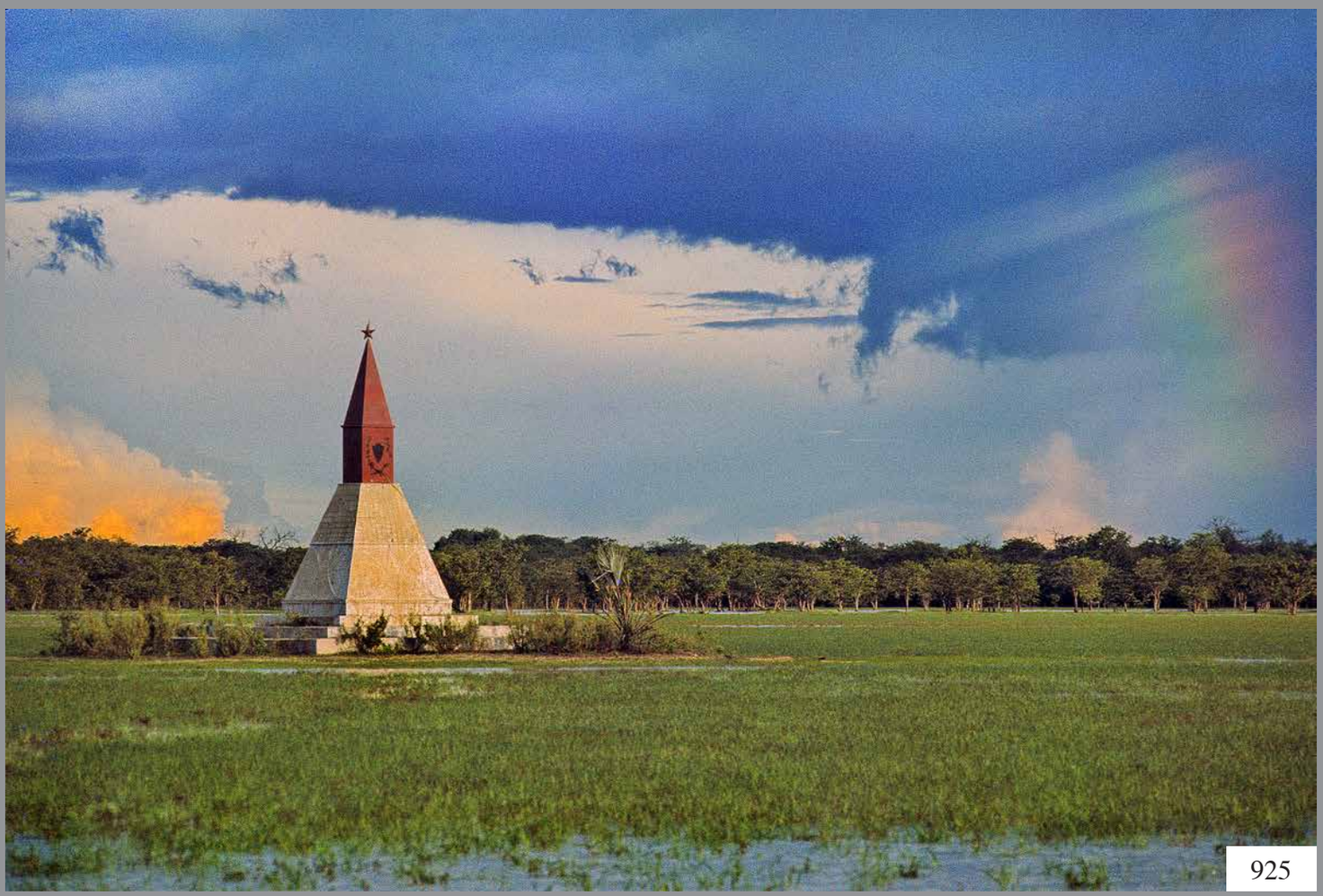
Fui a Luanda para ver se conseguia arranjar outras lentes mas não existia concessionário da Nikon, só a Firma Rocha Monteiro importava a marca Canon. Visto eu ter pouco dinheiro e ainda ter que pagar o arranjo das lentes e a titulo publicitário, o Sr. Rocha Monteiro ofereceu-me uma Canon e várias lentes para eu poder continuar o meu trabalho. Era assim a Angola daqueles tempos...
Faço Votos para que toda aquela rapaziada do Cunene 73, certamente hoje na reforma, apreciem as imagens do que foi aquela odisseia e as mostrem aos seus filhos, netos, e aos amigos e que recordem com saudade aqueles tempos e que sobretudo, NÃO ESQUEÇAM...

J.C.Pinheira

P. S: Se a maior parte das fotos são a preto e branco é pela simples razão que não tive o dinheiro necessário para comprar película a côres.

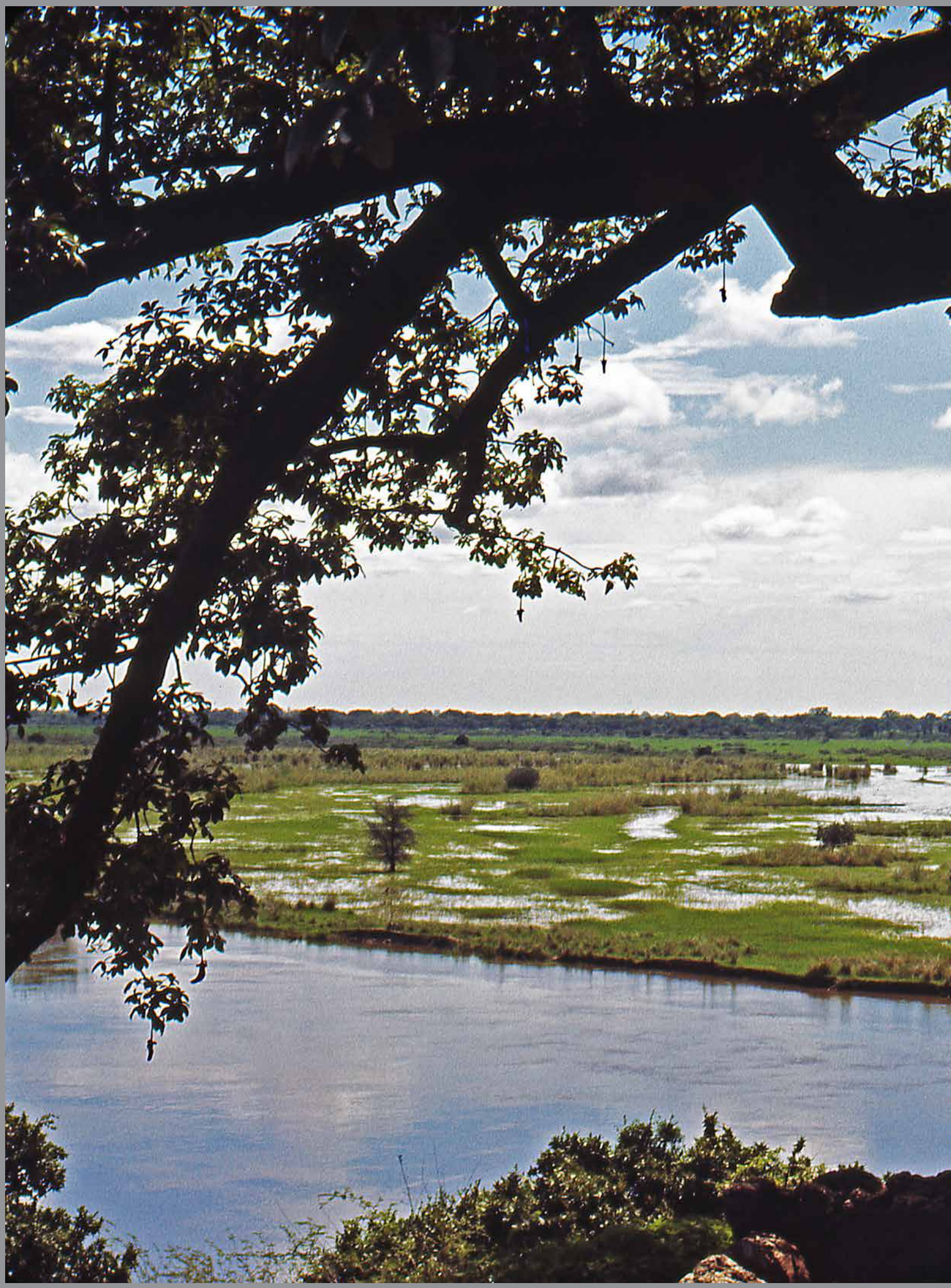
923

924



925

926



927

928

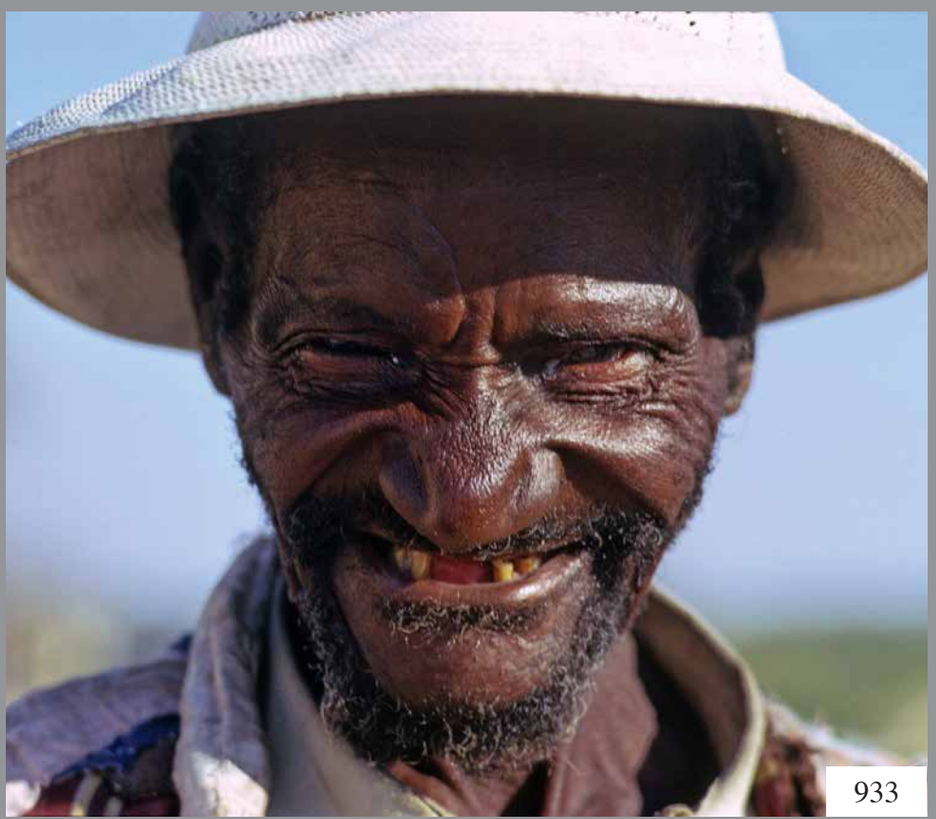
929

930

À sombra de uma enorme árvore, um mercado indígena.

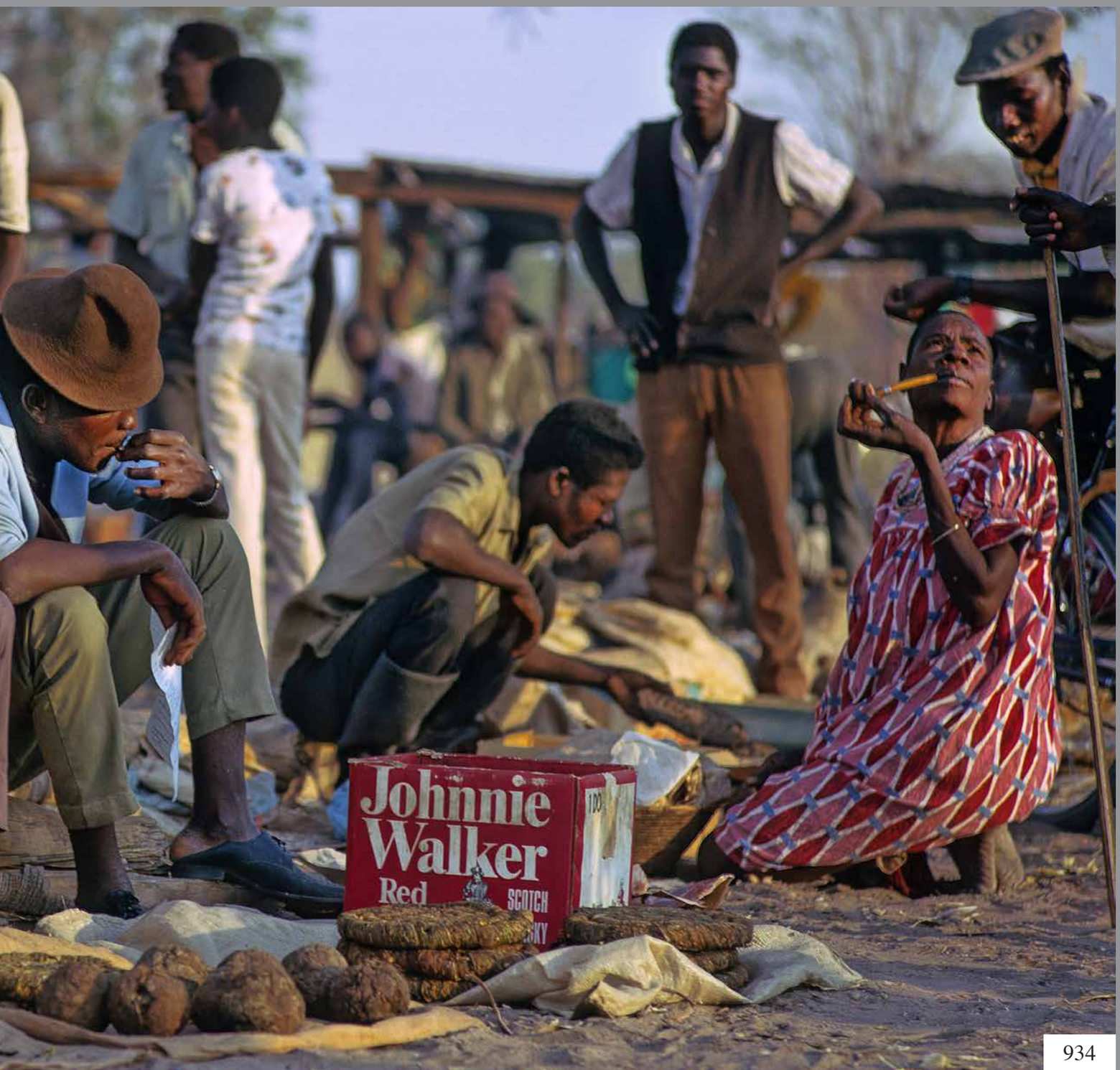
931

932



933

932/934 – Venda de rolos de tabaco.



934

935

936

937

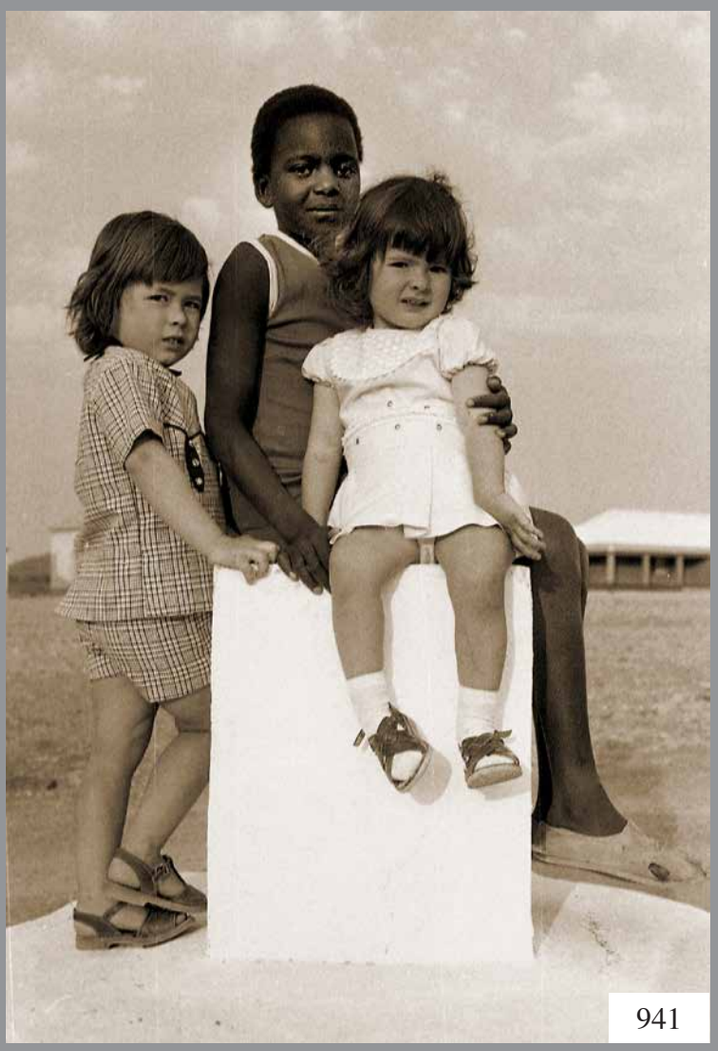
938

935/938 – A Christine em companhia de um grupo de raparigas da região.

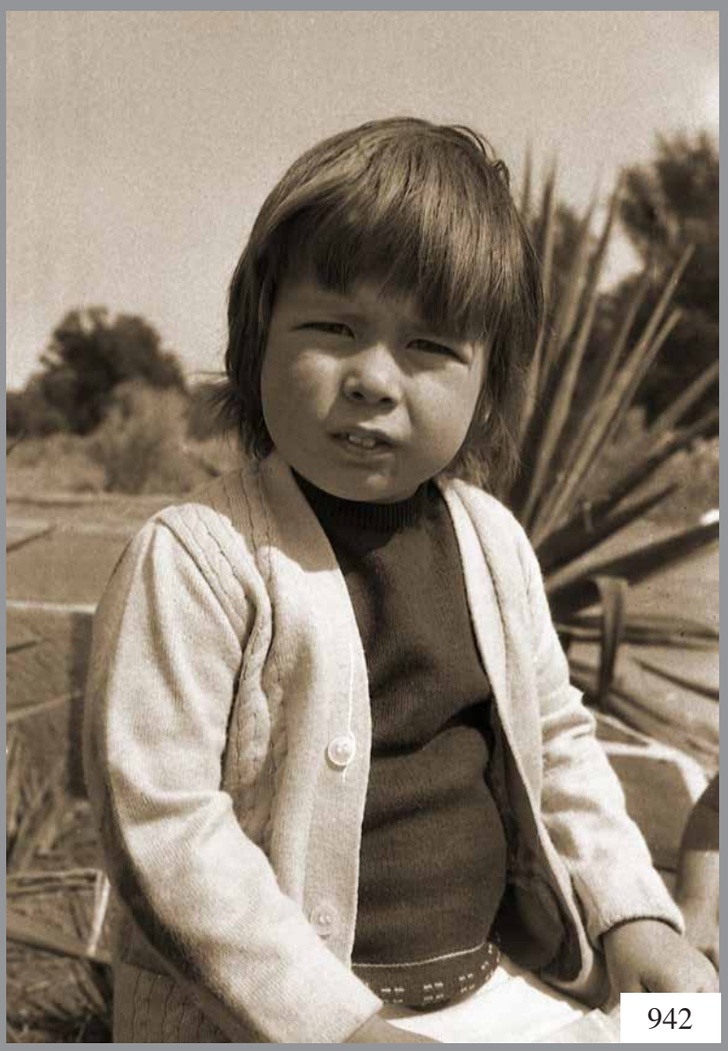
939/942 – Jovens do Cunene.

939

940



941



942

943

943/944 – O motor da 2 cv. Citroen rendeu a alma... Fazendo «carona» para voltar a Sá da Bandeira.

944

MISE AU POINT

Estas fotos foram feitas entre 1970 e 1975, portanto, há quase meio Século... Na minha memória, pouco a pouco, vão-se apagando muitas imagens e detalhes...

As condições de «prise de vues» foram muito difíceis e o material empregue nada tinha a ver com aquele que os fotógrafos usam nos dias de hoje, infinitivamente mais fácil !

Agora, levei quase mil horas de trabalho, para realizar este livro e, certamente, cometi erros no desenrolar da viagem. Espero que os meus leitores e amigos me perdoem e que apreciem as imagens e, sobretudo, O SIGNIFICADO DELAS...

Um grande abraço para todos.

Jean-Charles, Christine Pinheira,
leurs enfants et petits-enfants.

Eu e o meu companheiro Guy Leroy possuímos 9.000 metros de pelÍcula negativa colorida Kodak, de milhares de fotos a cores e a preto e branco e dezenas de horas de música nativa das étnias do sul de Angola.

O tempo passa e não podemos guardar eternamente esta riqueza.

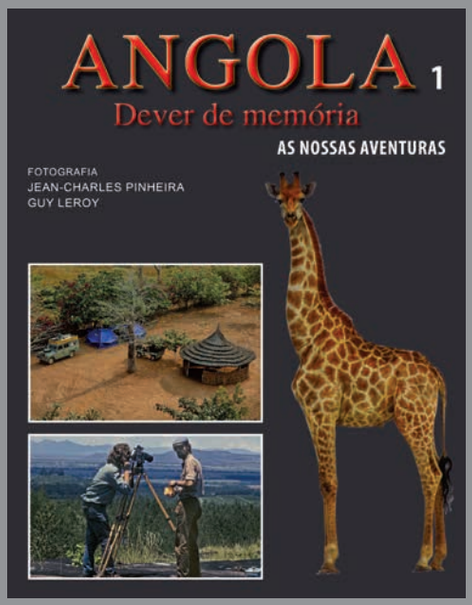
Se um leitor dos meus livros tiver um alvitre agradeço, sinceramente, em entrar em contato comigo.

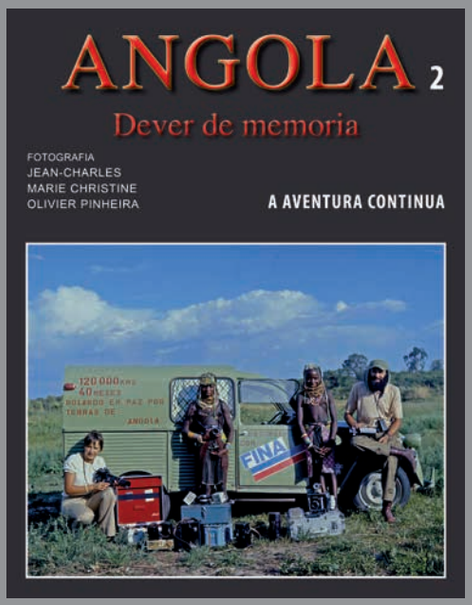
Muito grato pela a atenção.

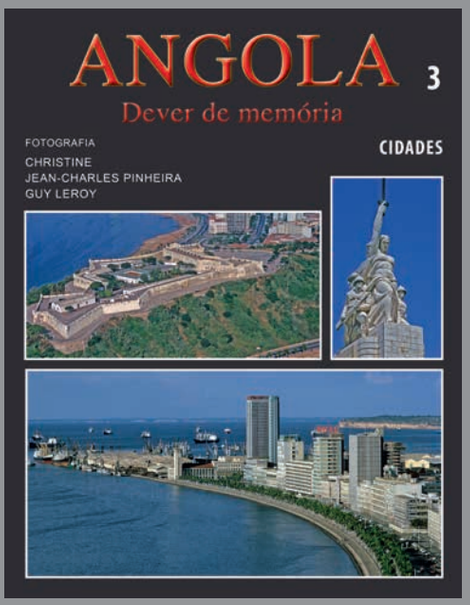
Jean Charles Pinheira

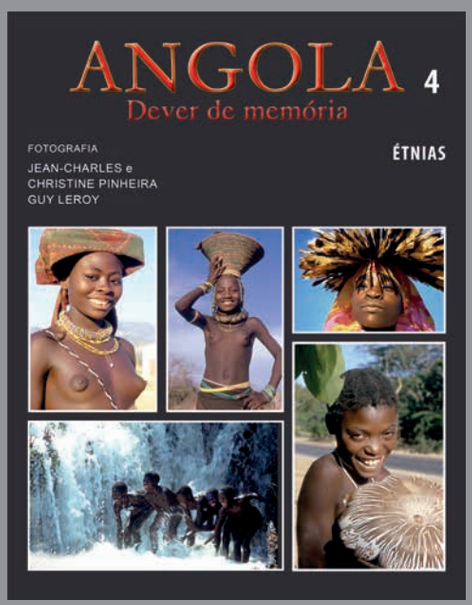
jean.pinheira@gmail.com

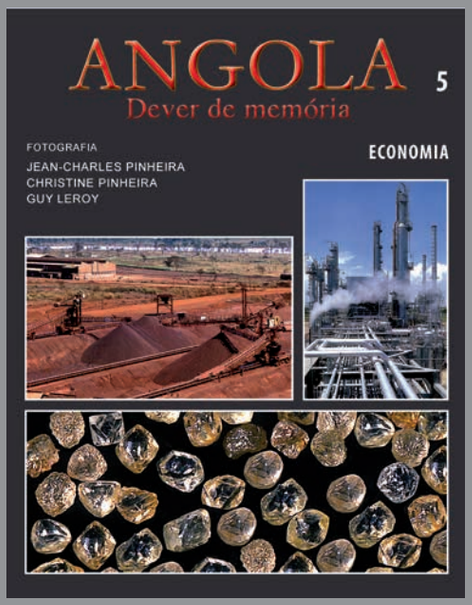
LIVROS JÁ EDITADOS

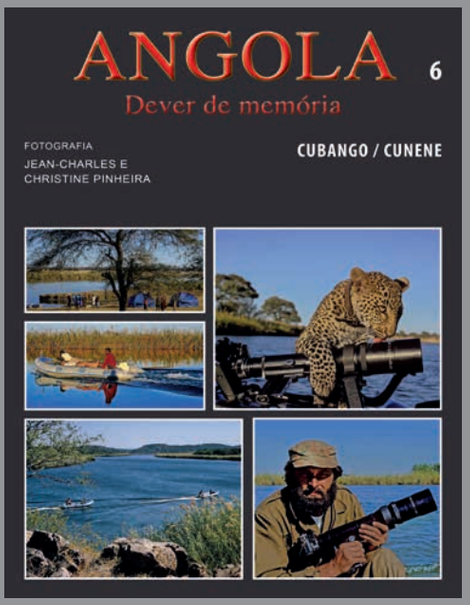




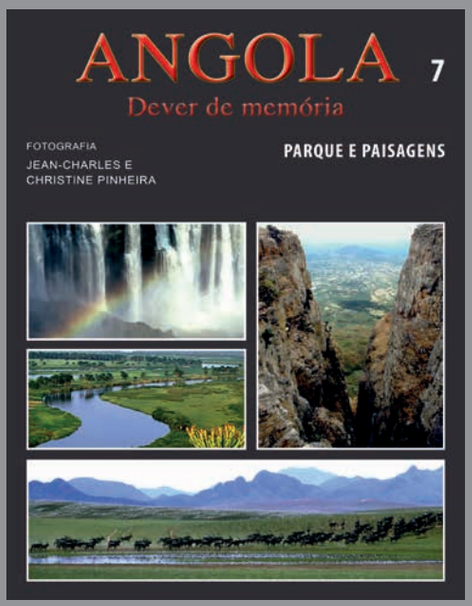


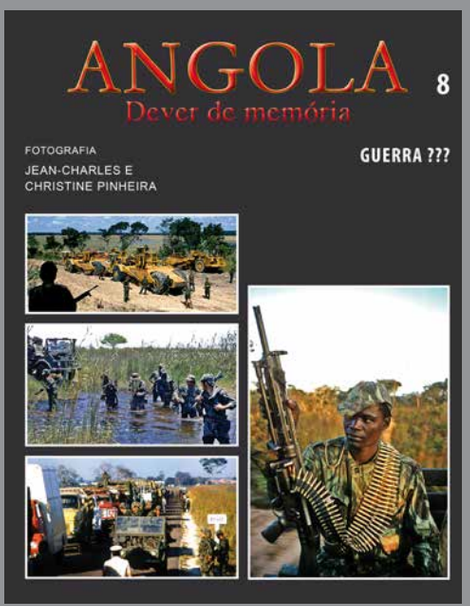






CAPA DOS FUTUROS LIVROS





ANGOLA 6
CUBANGO / CUNENE

Edição
Palancanegra

Direcção
J. C. Pinheira
00332 47574615
jean.pinheira@gmail.com

Textos e legendas
Jean Charles Pinheira
Helder Freire

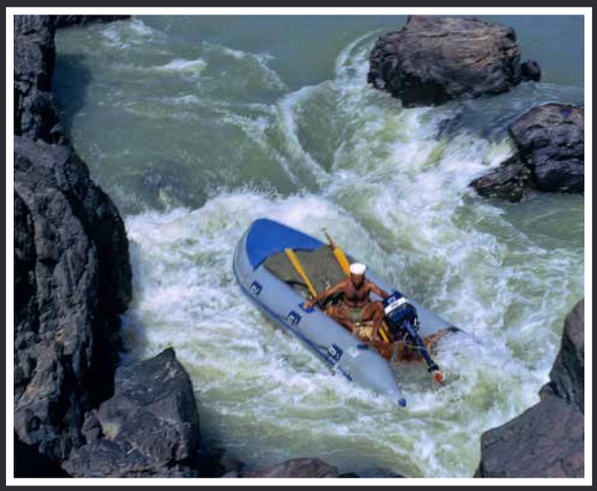
Paginação
Jean Charles e Sophie Pinheira

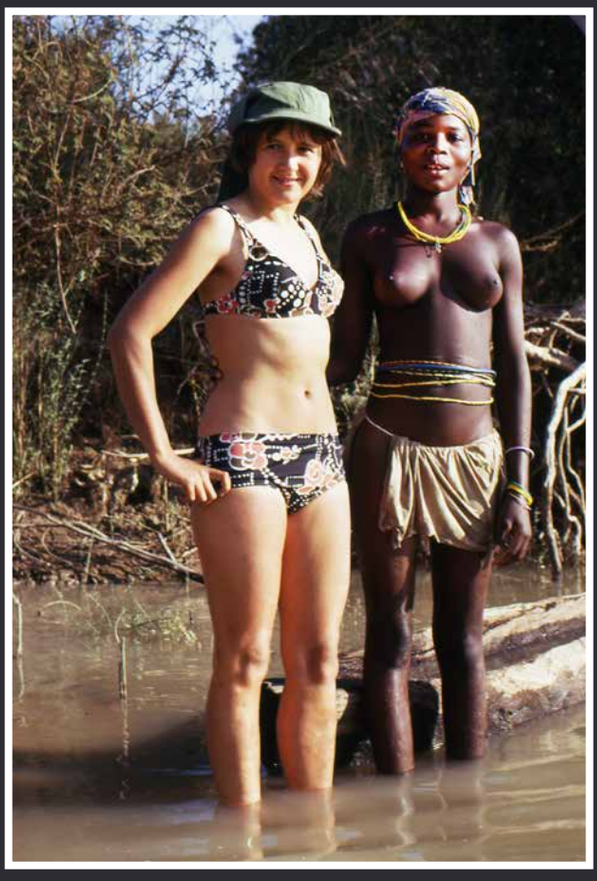
Correção de textos e legendas
Maria Augusta Barradas Guedes

Fotografia
Olivier e Jean Charles Pinheira
Cubango
Olivier, Christine e Jean Charles Pinheira
Cunene

Outubro 2017

JC&MC PINHEIRA
REPORTERS PHOTOGRAPHES
EDITORA PALANCANEGRA





Proclamai sempre bem alto por forma que todo o Mundo vos ouça, que nunca consentireis que os Territórios de Além-mar, onde há cinco séculos trabalhamos e sofremos, sejam considerados terra de ninguém, onde outros Povos se possam estabelecer livremente, ou onde se queiram fazer ensaios utopicos de quaisquer Internacionalizações.

NORTON DE MATOS